

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

ROMANCE ENTRE UMA CONCEPÇÃO INCLUSIVA E UM
CURRÍCULO (QUE DEVERIA SER) INTEGRADO

MEIRIVAN BATISTA DE OLIVEIRA

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**ROMANCE ENTRE UMA CONCEPÇÃO INCLUSIVA E UM
CURRÍCULO (QUE DEVERIA SER) INTEGRADO**

MEIRIVAN BATISTA DE OLIVEIRA

Sob a Orientação da Professora
Dra. Amparo Villa Cupolillo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Setembro de 2011**

375

O48r

Oliveira, Meirivan Batista de, 1975-

T

Romance entre uma concepção inclusiva e um currículo (que deveria ser) integrado / Meirivan Batista de Oliveira - 2011.

148 f.: il.

Orientador: Amparo Villa Cupolillo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 82-87.

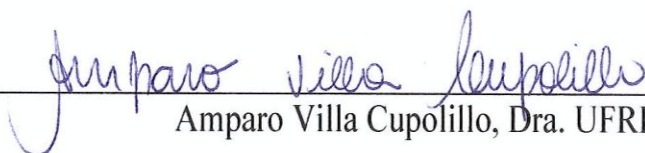
1. Currículos - Teses. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação - Teses. 3. Integração social - Teses. 4. Ensino profissional - Teses. 5. Pesquisa educacional - Teses. 6. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (Campus Salinas) - Pesquisa - Teses. I. Cupolillo, Amparo Villa, 1963-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

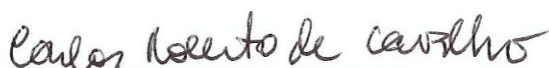
MEIRIVAN BATISTA DE OLIVEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/12/2011.


Amparo Villa Cupolillo, Dra. UFRRJ


Maria Teresa Esteban do Valle, Dra. UFF


Carlos Roberto de Carvalho, Dr. UFRRJ

Aos atores educacionais: alunos, professores, famílias e servidores. Eles que, às vezes, de maneira contraditória ou não, tiveram e têm suas vidas transformadas pela ação ou pela inércia da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiríssimo lugar, a Deus, principalmente, por ter tantas pessoas a quem tanto agradecer. Elas significam o quantitativo e qualitativo de amizades, companheirismo, motivação, torcidas, orações e amor, muito amor, de que fui alvo durante toda a minha vida, como também neste período dedicado aos estudos. Jamais poderei retribuir a não ser pedindo a Deus que lhes abençoe.

Aos Gestores, Professores, Servidores e Alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Falaram-me da “magia da RURAL”, posso atestar, ela existe e vocês fazem parte dela.

Aos professores, servidores técnicos administrativos, alunos, gestores, pais e mães do IFNMG- Campus Salinas e Januária, do CEFFA Rei Alberto I, do IFC - Campus Sombrio, e tantos outros anônimos, pela confiança, pelos relatos e pelo respeito ao meu estudo.

À turma de Mestrados PPGEA/RURAL 2-2009, pelo envolvimento, pela alegria incondicional, e principalmente porque, ter feito parte dela é currículo inestimável; À minha orientadora, Profª Drª. Amparo Villa Cupollilo, “Minha Flor”, pela competência e dedicação despretensiosa ao ensinar, digna dos Verdadeiros Mestres, agradeço;

Às “Minhas Meninas”, Maria Cecília e Celina, é preciso reconhecer que, vocês, assim, pequeninas como são, me ajudam muitíssimo!!!

A Meu Fábio Filho (*in memoriam*), cuja passagem rápida, não ofuscará jamais sua permanência eterna em meu coração;

A Fábio-Pai, meu eterno companheiro, um Grande Homem, dado por Deus de presente a mim;

A Meus Pais, Santos Coelho e D. Maria, um exemplo de Caráter e Amor aos Filhos;

Aos meus irmãos, Rôxo e Van, especialmente, Jandim, meu segundo Pai;

A Amiga Wanúcia, cujo amor pelas pessoas e pela educação admiro e procuro imitar;

Às Solidárias, Sirleide, Jane, D. Selma e Mara, pelo escalda-pés e pelo carinho enorme...

A colaboradores quase imperceptíveis, pela hospedagem em suas casas e corações;

Aos anônimos colaboradores: digitadores, revisores e motivadores, obrigada.

RESUMO

OLIVEIRA, Meirivan Batista. **Romance entre uma Concepção Inclusiva e um Currículo (que deveria ser) Integrado**, 2011.148f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

Fruto do desejo de que o Currículo Escolar seja porta de inclusão para o maior número possível de estudantes, este trabalho intentou compreender as concepções de integração curricular dos atores da educação: professores, gestores e demais servidores do IFNMG/Campus Salinas. Para tanto, buscamos fundamentação nas teorias curriculares de autores como Silva (2009), Macedo (2009), Sacristán (2007, 2008), principalmente, destacando o peso de contextos e influências históricas sobre o Currículo e a Educação Profissional. Neste intuito colocamos tais concepções em diálogo com as práticas curriculares de nossos professores, imersos na complexa realidade social e escolar, tal como pressupõem (Morin, 2009). Em termos filosóficos fizemos uso da concepção de trabalho dada por Hanna Arendt (2010) para construir uma concepção de Currículo Integrado que articulasse trabalho e estudo, teoria e prática, o que a nosso ver o faria mais útil e significativo e por isso, verdadeiramente integrado. Como principal estratégia de pesquisa, buscamos observar a vivência e convivência destes atores nos espaços escolares, entendidos como redes encharcadas de diversidade (FERRAÇO, 2003). Sob tal concepção epistemológica, a da pesquisa com os cotidianos, procuramos compreender as supostas amarras conceituais da educação sob as quais são fragilizados os atos de currículo, como também a resistência de seus atores a tais forças. Tal opção ainda se deu como uma transição conceitual, distanciando-se das verdades absolutas do cientificismo, enquanto se deslumbra a possibilidade de reconstrução conceitual e reinvenção didática constantes, o que nos pareceu mais adequado para as pesquisas educacionais. (ALVES, 2001). Por isso, para tal estudo fizemos uso de instrumentos como questionários e entrevistas, ao mesmo tempo em que os aproximávamos das informações e pistas colhidas e acolhidas por meio de observações, relatos e conversas informais, oportunizadas por ocasião de visitas aos setores do IFNMG/Campus Salinas. Nestas oportunidades, elencamos concepções e experiências de integração curricular que destacam, ao mesmo tempo, a absorção de concepções clássicas sobre o currículo, como também, a resistência dos atores educacionais ao elaborar novas ações e alternativas de *ensinoaprendizagem*. De nossa observação foi possível perceber importantes estratégias de ensino, criadas pelos atores educacionais, como também a necessidade de *espaçostempos* de estudo, reflexão e orientação pedagógica sobre o tema e seus desdobramentos, a saber, gestão, participação na vida escolar, democracia, inclusão e diversidade, a serem amplamente discutidos sob a expectativa de uma educação emancipatória. Por meio dos questionários e entrevistas, intentamos conhecer as concepções, práticas e alternativas de integração curricular, predominantes entre docentes, gestores e demais servidores, envolvidos direta ou indiretamente, no processo de ensino do referido campus. Por fim, aproximando tais informações às considerações de estudiosos e pesquisadores do tema da integração curricular a exemplo do autor Jurjo Torres Santomé (1998), buscamos configurar uma concepção de integração curricular, enquanto identidade dos atores e instituição pesquisados, incluídas suas necessidades, perspectivas e expectativas.

Palavras-chave: Educação, Currículo Integrado, Cotidiano Escolar.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Meirivan Baptist. **Romance between a design and an Inclusive Curriculum (what should be) Integrated**, 2011.148p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy, University Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

Fruit of the desire of the School Curriculum port is included for the largest possible number of students, this work brought to understand the conceptions of curriculum integration of the actors of education: teachers, managers and other servers IFNMG / Campus Salinas. To this end, we seek grounding in theories of curriculum writers like Silva (2009), Macedo (2009), Sacristan (2007, 2008), mainly highlighting the weight of contexts and historical influences on the Curriculum and Professional Education. To this end we put these concepts into dialogue with the curricular practices of our teachers, immersed in complex social reality and school as assume (Morin, 2009). In philosophical terms we use the concept of work given by Hanna Arendt (2010) to construct a concept of integrated curriculum that articulates work and study, theory and practice, which in our view would more useful and meaningful and therefore truly integrated. As the main research strategy, we seek to experience and observe the coexistence of these actors in school spaces, defined as networks soaked diversity (Ferraço, 2003). Under such epistemological concept, the research with everyday, we understand the supposed conceptual moorings of education under which the acts are fragile curriculum, but also the strength of its actors to those forces. This option also occurred as a conceptual transition, moving away from absolute truths of scientism, as he dazzles the possibility of conceptual reconstruction and reinvention didactic constant, which seemed more suitable for educational research. (ALVES, 2001). Therefore, for this study we made use of instruments such as questionnaires and interviews, while the approaching information and clues collected and received through observations, reports and informal conversations, nurtured during visits to sectors IFNMG / Campus Salinas. These opportunities, we list conceptions and experiences that highlight curriculum integration, while absorbing classical conceptions about the curriculum, but also the strength of the actors to develop new educational alternatives and actions of teaching and learning. From our observation it was possible to realize important teaching strategies, created by educational actors, but also the need for spacetimes of study, reflection and mentoring on the subject and its consequences, namely, management, participation in school life, democracy, inclusion and diversity, are widely discussed in the expectation of emancipatory education. Through questionnaires and interviews, intend to identify the concepts, practices and alternative curriculum integration, prevalent among teachers, administrators and other staff involved directly or indirectly, in the teaching of this campus. Finally, bringing such information to considerations of scholars and researchers on the theme of curriculum integration like the author Jurjo Santomé Torres (1998), we seek to set up a conception of curriculum integration, while the identity of the actors and institutions surveyed, including their needs, perspectives and expectations.

Keywords: Education, Integrated Curriculum, The School Routine.

LISTA DE SIGLAS

CEFET – Centro Federal de Educação Ciência e Tecnologia
CGE - Coordenação Geral de Ensino
DDE - Departamento de Desenvolvimento Educacional- DDE
DE - Diretoria de Ensino
DES - Departamentos de Ensino Superior
DET - Departamentos de Ensino Técnico
DG - Direção Geral
EAFSAL - Escola Agrotécnica Federal de Salinas
EB – Educação Básica
EPT – Educação Profissional e Tecnológica
IFNMG – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
NSE – Nova Sociologia da Educação
RG – Regimento Geral
RI – Regimento Interno
MRI – Minuta do Regimento Interno
PABAE - Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar
PROEJA – Programa da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos
PROEN - Pró-Reitoria de Ensino
SSP - Seção de Supervisão Pedagógica
NAPNE – Núcleo de Atendimento à Pessoas com Necessidades Específicas
RFE - Rede Federal de Ensino

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Projeção de Oferta de Cursos Integrados no IFNMG/Campus Salinas	45
---	----

*Sou parte inalienável deste universo.
Mas quando me for,
devo deixar que algo me represente a passagem,
que seja a esperança, a resistência.*

*Aquela, que segundo Freire, por ser
“uma de nossas brigas como seres humanos
Dev[e] ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas
para a desesperança que nos imobiliza”.*

SUMÁRIO

PARA COMPREENDER O TRAJETO... MEMÓRIAS	1
NO MEIO DO CAMINHO, PROPOMOS, E NELE... ..	4
1 CURRÍCULO DO CURRÍCULO	11
1.1 Vamos à História.....	14
1.2 Por que este Conhecimento e não Outro?.....	17
1.3 Currículos Excluídos	19
1.4 ...Ao Brasil, ao Histórico das Teorias Curriculares	22
1.5 Por que e para quê um Currículo Integrado?.....	25
1.6 Consideremos, portanto, a lei	27
1.7 Sobre nossa Concepção de Integração Curricular	30
2 PARA SE ANALISAR ALGUNS DADOS... E A VIVÊNCIA.....	33
2.1 Analisando os Questionários, Percebemos.....	35
2.2 Dicotomias: Distinções e Associações	38
2.3 Interdisciplinaridade - Estratégia de Integração e de Ressignificação	40
2.4 Documentos Institucionais: a Integração Planejada	44
3 3. ATORES DO CURRÍCULO (que deveria ser) INTEGRADO.....	48
3.1 Histórico e Influências dos Atores Educacionais	48
3.2 Sobre Gestões	49
3.3 Gestores do IFNMG e Campus Salinas	51
3.4 Atores Educacionais Excluídos: pais, alunos e servidores	54
3.5 Para os Professores: o Currículo Integrado é.....	57
4 ATOS DE CURRÍCULO... RELATOS E APROXIMAÇÕES	62
4.1 No cotidiano: alguns atos de currículo	63
4.2 Outros Atos de Currículo - Experiências Integradoras	69
4.3 Experiências de Tradução e Transposição Didática no IFNMG - Campus Salinas 71	
5 MAS AFINAL, QUEM ENSINA E QUEM APRENDE?	75
6 REFERÊNCIAIS	82
7 ANEXOS	88
Anexo A – Roteiros de Entrevistas	89
Anexo B - Questionários	92
Anexo C - Catalogação dos Questionários.....	99
Anexo D - Termo de Consentimento	100
Anexo E - Transcrição de Entrevistas	101

PARA COMPREENDER O TRAJETO... *MEMÓRIAS*

*Poetas niversitário, poetas de Cademia,
De rico vocabulário cheio de mitologia;
se a gente canta o que pensa,
eu quero pedir licença,[..].
Depois que os dois livros eu li,
fiquei me sintindo bem,
e ôtras coisinha aprendi
sem tê lição de ninguém...*

Patativa do Assaré

Sou filha de um casal semi-analfabeto, neta de um semi-analfabeto-professor. Influenciada, talvez, entre outras coisas, pela figura materna da professora, vi na educação um colo quente de mãe. Embora, na conjuntura atual, alguns sejam entregues à madrasta repetência. Mas há os que a driblam... e ganham no mundo a escola da vida.

Já no segundo ano de vida, minhas lágrimas imploravam pelas letras. Que força política tem uma criança! A escola era imensa, Instituto Nossa Senhora Aparecida – “Santa Casa das Aventuras”, como a “tia” tornaram-se meu conto de fadas. Seus cheiros fazem parte da minha infância, como sua doçura e de seus presentes: doces, balas, histórias, valores... que, sem dúvida, compõem minha percepção de educação e liberdade. Mas não foi sempre assim...

Atingi a maioridade no maior e mesmo colégio, os 18 saborosos anos, e tantos outros de tantas saudades. Para aprender a ensinar e de tanto ficar naquele chão, tornei-me Professora! Desde então a escola tem sido meu lugar de rir... e chorar.

A educação é faca, de dois gumes, liberta, com a mesma intensidade que pode aprisionar e excluir. A diferença pode, talvez, estar na diversidade do caminho e seus componentes, espécie de trilha, escolhida entre mil outras, na qual se experimenta a cada passo uma parte daquilo que é o destino final, a chegada. Por isso a ela não se chega, mas por ela se passa, levando e deixando marcas, educando-se e uns aos outros... Como cabe a nós educadores importante responsabilidade na escolha deste caminho, via de regra, o aplicamos de formas diversas, para os também diversos públicos, e por isso, não raras vezes, “matamos”. Noutras ocasiões isolamos o saber do fazer, e do ser, e com isso aprisionamos no conhecimento de um lado, apenas, da questão.

Experimentei pela primeira vez o golpe da educação madrasta na aprendizagem de língua estrangeira. A partir de então, como “órfã”, migrei para o ensino noturno, e para manter-me trabalhava mais que estudava. Como eu, os órfãos, não eram, necessariamente, os desestimulados para a continuidade dos estudos. Faltava-nos, mesmo, estímulo para encarar o funil-vestibular e a forte probabilidade de não ser aprovado. Depois, trabalhar e estudar, isso já estávamos acostumados.

Outro golpe, o da predestinação dos órfãos, deu-se na escolha profissional. Aspirei ao Curso Normal de Magistério, pois já acreditava na utopia transformadora da educação, conquanto limitada e tendenciosa. Mas o “mercado”, concorrido, não privilegiava iniciantes. Recorri ao Curso Técnico em Contabilidade, sob a proteção do irmão mais velho, que sonhava com a possibilidade de ingressar no mundo dos prestadores de serviços. Embarquei com ele na busca pela sobrevivência. Trabalhei dos treze aos vinte e seis anos, como contabilista. Durante tanto tempo, jamais deixei de pensar em um dia participar de um dos

chamados cursos superiores. Sabia da inviabilidade de estudar fora. E como dizia minha mãe: “Isso não é coisa pra pobre.”

Por algum tempo dei ouvidos a ela. No entanto, o meu íntimo, entre o desejo e a frustração, intuía-me de que, um dia, seriam possíveis as ditas letras superiores. E através delas eu leria o mundo, como também escreveria o valor que eu e outros órfãos a ele agregávamos.

Já na década de 90, ouvia falar nos cursos de férias, os emergenciais para professores e aspirantes. Mas o meu caso era um tanto mais complicado. Tais cursos eram destinados a professores já atuantes. A esta altura 1992, já era “formada” pela segunda vez, no Ensino Médio Integrado ao Curso Normal de Magistério. Mas e a faculdade? Era preciso ter tempo de serviço no estado para ser admitido no vestibular do curso de férias. Por estas e outras, sobretudo pela indiferença nas Políticas Públicas Educacionais, as chamadas designações eram batalhas vergonhosas para os cidadãos, humilhantes para os educadores. Mesmo assim, foi preciso enfrentá-las e como “em terra de cego quem tem um olho é Rei” um projeto menos incoerente, em que se vislumbrava a formação para a atuação futura, em tese apenas, é claro, permitiu meu ingresso. Uma vez matriculada, na Universidade Estadual de Montes Claros, no curso de “final de semana”, pagando cada centavo por minha graduação numa instituição pública, iniciei minha atuação pré-formação acadêmica, paralelamente, entre o estudo e o trabalho de professora. A escolha pelo curso de letras pareceu-me favorecer a compreensão do discurso político, econômico e educacional, normalmente, postos à prova pela complexidade das relações entre professor/aluno, cidadão/trabalhador, instrumento/teoria, conteúdo/linguagem, inevitavelmente, influenciados pelas políticas públicas, muitas vezes deliberadas. No ensino de línguas, preocupava-me a marginalização provocada pelo não domínio da língua padrão. Afinal o preconceito lingüístico sempre fora rota para outras formas de exclusão. E meus alunos eram prováveis alvos dele. No ensino de literatura, propunha garimpar a história oficiosa, a quebra de formatações, gostos, conhecimentos cristalizados.

Como estudante e professora, vivi as controvérsias da educação, na pele. Mas, de certa forma burlei o sistema.

Enquanto durante o dia, trabalhando como contabilista eu enxergava a extorsão oficializada, na forma de impostos e imposições absurdas. À noite, nos finais de semana, constatava que aquela arrecadação não se destinava a mim, à educação a que eu tinha direito. Paradoxalmente, naquele momento, indignava menos não compreender completamente, o meu processo de exclusão. Em lugar de conscientizar-me, plenamente, acerca dos fatos, importava mais saber o que fazer deles.

Em 2004, fui admitida como professora substituta na, Escola Agrotécnica Federal de Salinas – hoje, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG - Campus Salinas. Nesse principal laboratório de minhas proposições e questionamentos acerca da educação, foi possível captar ‘in loco’ os anseios e recorrências emergentes da educação básica integrada à profissionalizante. Constatei naqueles alunos alguns dos meus dramas educacionais e profissionais.

Certa vez, ouvi de um rapazinho bravo do Curso Técnico em Agropecuária: “- ... e essa língua me serve pra quê?” Questionava a aplicação dos conhecimentos lingüísticos no seu futuro trabalho. Eu me via nele, enquanto argumentava: “no meio do mato... cortando eucalipto... lá não precisa de filosofia, não.” Incomodou-me, deveras, seu desabafo, sobretudo por estar convicta das necessidades do jovem, que iam, como dizia ele, muito além da “filosofia”.

Atualmente, estou afastada da sala-de-aula, do que sinto extrema falta, pois já não presencio o confronto vivificante que é aprender e ensinar. Deixei, em 2007, um cargo efetivo numa escola pública estadual, para ingressar-me no então Centro Federal de Educação

Tecnológica- CEFET, hoje IFNMG - Campus Januária. Em 2009 retornei, a minha cidade, onde, na função de Técnica em Assuntos Educacionais, em parceria com a equipe pedagógica do IFNMG – Campus Salinas, minhas leituras tomam novo rumo.

É meu desejo contribuir na construção de alternativas para a educação, às quais nem sempre tive acesso. Assim, passei por várias escolas, estaduais e federais, como também estou na escola da vida, inseparável de quaisquer escolas formais ou do eu, sujeito de mim e do mundo.

Minha formação enquanto educadora, portanto, tem mesclado o estudo teórico e a vivência, sobretudo por meio de experiências em instituições e modalidades diversas. Entre elas a Coordenação de cursos PROEJA, no Campus Salinas, na qual se dá o enfrentamento de dificuldades em como lidar com a evasão, heterogeneidade e complexidade.

Paralelamente ao mestrado, explorei uma segunda graduação como cursista de Pedagogia, pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF através do Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, na modalidade de Educação a Distância - EAD, como também, uma especialização PROEJA, ofertada pelo Ministério da Educação – MEC, ambas gratuitas. A concomitância, claro, não foi opção. Nesta trajetória, contínua, apesar de instável e incerta; mas concreta, porque real e intensa, claramente, não esperava pela oportunidade num curso de Mestrado, quicá mantido pelo recurso público. Pagar por uma graduação (Letras) e uma pós-graduação (Literatura Luso -Brasileira) numa universidade pública, deixa traumas. Contudo... Oxalá! Deus permitiu novos rumos para o ‘strito sensu’ pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, a ‘Rural’.

Revivendo estas memórias, devo confessar que me intrigou algumas vezes, a afirmação questionadora da minha pobre mãe. Grandiosa e sábia, mesmo sendo semi-analfabeta; jamais imaginou sua figuração de madrastra, nestas ocasiões. Contudo, mais que em palavras, mais do que nos estudos, sempre me apoiou. Além do mais, ela tem alguma razão, quando diz: - “Esse estudo... não acaba mais nunca?!... vai morrer de tanto estudo.” No limite do meu universo de trabalhar, desde bem cedo, tenho me consumido nos estudos e introspectiva, lhe respondo:

- Queira Deus que nunca, mãe.

Gostaria que ela pudesse compreender que... até aqui, entre muitos combatentes, eu sobrevivi. Como?... é o que agora, percorrendo o caminho da pesquisa, dialogando com meus pares, visitando e revisitando leis, teorias e práticas, como também me debruçando nestas memórias, experiências e reflexões, talvez eu compreenda....

NO MEIO DO CAMINHO, PROPOMOS, E NELE...

[...] tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Carlos Drummond de Andrade (p.267, 2008)

Todos passam por caminhos e por isso carregam em si currículos. As pedras, invariáveis presenças nos caminhos, mais que obstáculos são imposições para novos percursos. De fato, o caminho do docente se principia como trilha de estudante (TARDIF e RAYMOND, 2000) e, por isso, todas as questões, respondidas ou não ao aluno, se deságuam no futuro, sobre a tumultuada existência do professor, que pode dar-lhes vazão de resposta, ou ainda, ampliar suas indagações.

Não foram poucas às vezes em que, na pele de aluna, fui pedra, para alguns. Mas se para o professor aqueles questionamentos representavam empecilhos, hoje para esta pesquisa são pontos de partida rumo a um caminho promissor, o da reflexão científica que favorece a compreensão da prática pedagógica e suas consequências.

Neste sentido, a dinâmica de sala-de-aula, sempre me pareceu ampla e complexa. Como descrevera um jovem poeta, meu conterrâneo, têm-se na “Sala de aula”: “*Gente sorrindo/Gente falando/Gente brincando/Gente correndo/Gente sem gente/Gente cantando*”. E as estratégias usadas nem sempre correspondem às intenções. *De repente todos calaram-se /diante de um grito.../e o silêncio veio à tona.*” (BARBOSA e COSTA, P. 16,1996)

Foi em meio à complexidade da vida e do ambiente escolar que surgiu a ideia desta pesquisa junto aos atores educacionais do *campus*: os professores, gestores e demais servidores da instituição que, direta ou indiretamente, constituem o que fazem acontecer um currículo, um saber, o ensino. Assim, este estudo pretendeu aprofundar a concepção de currículo integrado enquanto métodos, práticas, conceitos e valores que se incorporam ao conteúdo proposto para o ensino, como também enquanto proposta de ressignificação e qualificação dos conteúdos e processo de ensino-aprendizagem. O lugar definido para a coleta de dados foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFMG/ Campus Salinas, localizado ao norte de Minas, e principal instituição ofertante da Educação Básica- EB e Educação Profissional Tecnológica - EPT da região a mais de 50 anos, cuja relevância social e educacional, nos motivou a esta pesquisa. Hoje a instituição, localizada ao norte de Minas Gerais, atende nos três turnos, a cerca de 840 alunos, distribuídos entre cursos de nível médio e superior.

Considerando ainda, as dificuldades desta escola, como também da escola pública e em geral da educação, sob constante exigência social de se fazer eficiente, além da áspera responsabilidade, mediante o Decreto 5.154/2004, em reintegrar os currículos como um conhecimento inteiro e significativo; vemos, então, esta pesquisa, como uma ação justificável, mais pela iniciativa de fomento do debate, que pelos resultados, que ainda assim, poderão ser úteis. Quanto aos possíveis impactos da pesquisa sobre as dificuldades sociais e educacionais, próprias da região Norte de Minas Gerais, onde se desenvolveu este estudo, quaisquer repercussões positivas ou não, poderão surgir sem que sejam esperadas, mesmo porque sabemos que “*esperar não é fazer*”.

Enquanto ‘mestre’, mais aprendi que ensinei, e todas as experiências a partir de meus alunos são, neste momento de estudo, contexto e palco para minhas reflexões. Considero, ainda, outros atores e autores desta Dissertação, já que minha orientadora, os teóricos com os

quais dialoguei, meus professores, meus alunos, os professores pesquisados, meus colegas pedagogos e demais sujeitos escolares fazem parte da reflexão que originou e estruturou o presente texto.

Assim, fruto desta rede complexa e rica que enreda a própria vida, como sujeito e ao mesmo tempo objeto desta pesquisa (GARCIA, 2003), busquei retratar os componentes deste *caminhocurrículo*, que se dá em meio à diversidade de caminheiros, estratégias, dificuldades, expectativas e influências, objetivando o conhecimento e a compreensão das práticas e concepções de Currículo Integrado, proposto e executado pelo IFNMG/Campus Salinas, por essa razão foram também observados e analisados atentamente, momentos de orientação, conselhos de classes, elaboração de projetos e intervenções pedagógicas.

Nesta pesquisa percorremos um caminho de transição entre uma pesquisa tradicional e a possibilidade de pesquisa do cotidiano, por isso a opção inicial por questionários foi acrescida por observações de campo e entrevistas com sujeitos que vivenciam o cotidiano escolar da instituição pesquisada. Isto porque, a limitação de um questionário, no entanto, mostrou-nos que, algumas contradições poderiam ser revelantes oportunidades de debate, na medida em que pudéssemos confrontar dialogicamente, concepções declaradas e práticas emergentes do cotidiano. Assim, fugimos das categorizações estanques que, para Ferrazo (2003), negam o pesquisador como parte integrante da pesquisa. Neste sentido a análise isolada dos questionários, sem que fossem associados às vivências e contextos experimentados no cotidiano do IFNMG – Campus Salinas como em outras escolas, seria o registro limitado das respostas escritas, frente as quais se priorizadas como únicas, fariam com que perdêssemos o rico debate suscitado pelas conversas e discussões sobre a pesquisa realizada com a maioria dos respondentes, ou ainda com as respostas inscritas em suas rotinas.

Temos compreendido que o questionário constitui parte da diversidade de instrumentos de que dispomos para a pesquisa educacional, que poderá ter seus resultados aproximados às informações obtidas através de formas menos tradicionais como a entrevista, e a observação. Obviamente, que por ampliar assim nossa pesquisa poderíamos comprometer sua construção e eficiência. Entretanto, era preciso no cotidiano escolar, “*Chega[r] mais perto e contempla[r] as palavras*”, sabendo-se, que nelas há “*mil faces secretas sob a face neutra*”. Para nós como para Atlan citado por Mello (p.85, 2003), “não basta constatar a diversidade das racionalidades; é preciso distingui-las, configurá-las, situá-las e refletir sobre as possibilidades do diálogo, entre elas.”

Nossa pretensão neste estudo foi esta, extrair destes instrumentos temas para o debate, por serem os relatos, “microinstâncias da cultura mais ampla” onde, segundo Mello (2003) ocorrem os contextos específicos. Entendemos que nesta “fertilização cruzada”, que por ser cruzada potencializa-se como fertilização, há importante possibilidade de tecermos ricos e complexos conhecimentos sobre a problemática em questão. (Mello, 2003).

Neste intuito, para a pesquisa com os professores, foram distribuídos cerca de 60 (sessenta) questionários, alcançando a totalidade de professores atuantes no período de aplicação do instrumento, sendo que tais profissionais atuavam nos vários níveis de ensino. Optamos por enviar o instrumento, via e-mail, escolhido como estratégia inicial de pesquisa, tendo em vista a rapidez, a praticidade e a acessibilidade. Destes, tivemos o retorno de 42 questionários respondidos, sendo que poucos retornaram com respostas incompletas. Também foram entrevistados 4 (quatro) professores que descreveram, mais detalhadamente, suas concepções de Currículo Integrado, bem como algumas de suas práticas consideradas integradoras de currículos.

Quanto aos gestores, foram enviados e respondidos um total de 5 questionários específicos que buscavam a concepção da gestão sobre a Integração Curricular. A seleção desses atores deu-se em função de serem os responsáveis diretos pela programação e

execução curricular através da construção e coordenação das ações didático-pedagógicas no âmbito da Reitoria e do Campus, a saber, a Direção Geral – DG, Departamento de Desenvolvimento de Ensino – DDE e Coordenação Geral de Ensino – CGE, como também para Pró-reitor de Ensino – PROEN e Direção de Ensino – DE.

Quanto aos demais servidores, conversamos com 34 servidores, embora tenhamos realizado entrevista gravada com apenas 15 deles. Destes, selecionamos 5 entrevistas que transcritas tem seus trechos aqui citados, e referem-se as entrevistas com profissionais que atuam mais proximamente à alunos e professores, intermediando as ações de ensino. As visitas, aos servidores da educação, técnicos administrativos, foram feitas inesperadamente, após autorização da direção geral da escola; quando paralelamente, se traçava um bate papo entre os servidores responsáveis pelos setores. Como convivemos indiretamente com tais atores educacionais buscamos sua participação por entender que a “força e a densidade humana das ações cotidianas, só é possível de ser sentida quando vivida junto a seus protagonistas”. (FERRAÇO, p. 102, 2001). Nestes ambientes, foram tecidos valorosos debates, sabendo-se que conforme Silva (2009) nestas relações, entre alunos, professores e servidores é que se dão as fontes do chamado currículo oculto, como também de grandes conhecimentos.

Tais profissionais são chamados Técnicos Administrativos, e atuam em setores que variam desde o atendimento psico-pedagógico e assistência social ao aluno, além de servidores que trabalham na assistência e acompanhamento técnico da produção de gêneros voltados para práticas de ensino nos cursos agroindustriais, com formação de nível superior, até setores como o de registros escolares, biblioteca, serviços de refeitório e produção de alimentos, como também nos laboratórios e serviços gerais, cuja escolaridade gira em torno do nível fundamental ao médio técnico, embora muitos tenham graduação ou pós-graduação realizada em serviço. Foram, portanto, escolhidos, sobretudo pela relevância e atuação junto aos alunos, uma vez que contribuem mais diretamente para o processo de ensino.

Como o IFNMG – Campus Salinas, antes Escola Agrotécnica Federal de Salinas – EAFSAL, surgiu da reorganização de antigas instituições da Rede Federal de Ensino, em conformidade com a Lei nº 11.892/2008, conduzimos a análise, considerando a transição de EAFSAL para IFNMG/Campus Salinas. Nestes moldes buscamos também analisar os documentos institucionais (Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, Projeto Pedagógico Institucional – PPI, Projetos de Cursos, Planos de ensino, etc), sempre em comparação e aproximação entre si. Também fez parte deste estudo, a leitura e análise de parte da legislação sobre a Integração Curricular (Leis nº 2.208/1997 e nº 5.154/2004, entre outras) e o Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, enquanto documento formal que sinaliza sobre as concepções, princípios e diretrizes da integração curricular.

Em algumas pesquisas sobre o tema da Integração Curricular, os estudos de caso intentaram esboçar a limitação e indefinição das ações de implantação, mediante políticas públicas, evidenciando ou não sua implementação local. (MOREIRA DA SILVA, 2009). Noutras: “Observou-se o desconhecimento [...] a respeito dos pressupostos da educação integrada.” (CARRIELO, 2009). Tais evidências, no entanto, nos motivaram ainda mais para a pesquisa e reflexões sobre o fazer curricular integrado, a partir da observação e análise dos cotidianos educacionais.

A partir da sondagem das concepções de currículo integrado, cientes de sua submissão às tantas influências bem como da fragilidade pedagógica da ação de ensinar, e por isso mesmo, buscamos refletir acerca de algumas questões que apenas indicam as primeiras pistas para a trajetória desta pesquisa. Assim, inicialmente nos perguntávamos: A integração curricular é uma realidade? O que evidencia ou não sua implementação? E quais os princípios básicos para a integração de currículos? Sob quais teorias educacionais se estruturam? Estarão

associados à integração de currículos atividades como projetos, monitorias, estágios, transposição didática, além de questões como: autonomia, disciplinaridade e seus desdobramentos?

Além dessas questões acrescentamos outras abordando e evidenciando a prática pedagógica como principal subsídio de pesquisa. Assim nos questionamos: Que concepções emanam do cotidiano dos atores da educação, em relação à integração curricular? Como os atores da educação se sentem frente à responsabilidade de integração curricular imposta pela legislação? Que ações são próprias da gestão escolar e governamental, dos pais, dos alunos, dos docentes e dos demais servidores da educação, na construção do currículo integrado? Quais as dificuldades encontradas na prática de integração por tais segmentos? Que ideologias permeiam as concepções de integração traduzidas a partir da prática e da legislação? Na prática, que estratégias são usadas pelos atores educacionais, para se concretizar a integração de currículos? Por último, considerando a implantação do currículo integrado, conforme Decreto 5.154/04, que enfatiza a aproximação entre os currículos básico e profissionalizante, buscamos discutir as concepções de trabalho e conhecimento, que a nosso ver estruturam as escolhas curriculares e suas ênfases, sobretudo, na proposta de Integração Curricular brasileira. Consideradas estas questões, percebemos a necessidade de interlocutores, tanto teóricos estudiosos do currículo, como agentes da educação, cujas vozes foram ouvidas e, na medida do possível, trazidas para o debate.

Nesse sentido, uma metodologia é sempre um olhar, um foco específico e parcial que revela ainda uma concepção, um lugar político, frente ao que se estuda. Em contrapartida a pesquisa, o ato de buscar respostas, é uma ação nata do ser humano, e nessa direção os sentidos perceptivos são aliados das observações e caminhos percorridos na busca por respostas. Ocorre que no interior de um determinado paradigma científico, os sentidos são considerados impeditivos para o acesso às verdades científicas, limitando-se a pesquisa apenas aos resultados comprováveis matematicamente. Na transposição do instinto de busca e curiosidade humana natural, o anseio pelo registro e pela comprovação, descaracterizou as formas de captação do mundo, e em consequência disso configuramos um mundo a parte, moldado e falso. Assim, a sensibilidade, a percepção e a intuição deram lugar à restrição da prova material, como preconizam as pesquisas tradicionais.

Para a sistematização deste estudo, numa das primeiras versões de alternativa metodológica, buscou-se a comprovação acerca da efetivação ou não da integração curricular, e ainda a elaboração de certo parâmetro científico em torno da integração de currículos. De fato, tal condução para a pesquisa, incidiria prescrição e arbitrariedade na medida em que se imporiam ações de integração dissociadas da complexidade educacional e pedagógica, marcada pela diversidade nas ações didáticas e cognitivas, sob as quais se poderiam admitir uma integração mais ou menos ampla. Da mesma forma sob tal orientação, fatalmente se fragmentaria o contexto escolar e seus envolvidos, desmerecendo a atuação individual que não raras vezes, move o coletivo. Evidentemente, que o estudo e as leituras contínuas fizeram evidenciar que,

[...] a pesquisa neste modelo, prima pela captura de um objeto que existe fora do sujeito. [...] O cientista moderno, porque se vê separado do objeto, busca uma teoria (a sua, sujeito) e uma metodologia (a dele, objeto) e, em vão, forja uma união que lhe revele a ‘verdade objetiva’.
(FERRAÇO, p. 91, 2001)

Nestes moldes, nosso suposto objeto de estudo, o currículo integrado, se limitaria à listagem de conteúdos, estanques e dissociados entre si e da própria vida humana, contexto em que, em tese deveria ser aplicado tal currículo. Neste sentido, ciente das configurações em torno de paradigmas tão distintos, as estratégias de pesquisa e coleta de dados, deram-se de

modo a utilizarmos elementos e instrumentos de metodologias qualitativas, seja da pesquisa educacional mais usual, como também a partir de elementos da metodologia de pesquisa com os cotidianos.

Assim, se como professora e aluna, sempre nos coube a criação, seja para ensinar ou aprender, a pesquisa científica se mostrou também viva e carente de criatividade. Em meio às leituras, ao se pensar numa composição metodológica, através da qual se poderia alcançar possibilidades de respostas sempre parciais, decidimos por acolher, literalmente, as pistas indicadas pela observação e estudo de pequenos casos presenciados ao longo de nossa trajetória escolar, seja como aluna, professora ou orientadora.

Por reconhecer a complexidade do dia-a-dia escolar, optamos por analisar acontecimentos do cotidiano escolar, confrontando-os ao vasto referencial teórico disponível, considerando ainda, o contexto histórico e social que os cercam, sem se furtar de imprimir uma identidade e concepção própria à pesquisa, que não nos leva a omitir compreensões divergentes, que pelo contrário, nos serão útil para o debate.

Na tentativa de compreender o fenômeno da construção curricular no IFMG – Campus Salinas, percebendo o esforço e os limites de torná-lo ou não integrado, a estratégia metodológica, intentada nesta pesquisa, procurou ser adequada ao problema a ser investigado. Assim, buscamos fazer uso dos sentidos perceptivos da pesquisadora, que é também a observadora e em alguma medida objeto de pesquisa. (GARCIA, 2003) Assim, nossa percepção esteve voltada para os momentos, os gestos e as concepções integradoras ou não que ocorrem no chão da escola. No mesmo intuito, por que esta opção metodológica constitui uma estratégia de transição entre uma concepção de traços ainda tradicionais e a ampliação desta rumo ao registro do cotidiano como fonte científica, paralelamente, foram utilizados instrumentos comuns às pesquisas educacionais tidas como tradicionais: questionários, entrevistas além do estudo de documentos, que buscamos colocar em diálogo com fontes diversificadas de informação, a saber, memórias, relatos, observações e sensações vivenciadas pela pesquisadora ao longo de sua formação e atuação educacional. (ALVES, 2001). Quisemos que esta opção por instrumentos e registros diversificados pudesse também compor uma rede de malhas ajustáveis às necessidades do percurso, sem que fosse criada artificialmente uma armadilha para cada informação a ser observada e selecionada. Ao contrário, através dos fios em comum que emergiam de tais instrumentos (questionário, vivências, memórias, entrevistas, conversas, etc.), pensamos em compor a teia de informações que nos permite fazer as nossas considerações teóricas acerca do problema pesquisado.

O “método escrito e comprovado” próprio das pesquisas laboratoriais, aqui, deu lugar ao inscrito na rotina, e por essa razão, buscamos uma pesquisa que atendesse às normas acadêmicas, sem deixar de atender às necessidades e urgências do objeto estudado, tão próximo e ao mesmo tempo distante do pesquisador.

Alguns dirão sobre a dificuldade de generalização imposta por uma pesquisa nesta configuração. Como não nos apegamos a um percentual estatístico, convém, porém, argumentarmos sobre a representatividade deste “extrato”, levando em conta o pesquisador Vitor Paro, quando considera que:

O que torna relevante um estudo não é, certamente, a representatividade, estatística dos fenômenos considerados. Assim, por menor que seja a representatividade de uma parcela do conjunto em relação a esse todo, o importante é que valha pela “exemplaridade”. (PARO, p.257, 1992).

A nosso ver, enquanto a representatividade¹ encerra a confirmação de uma hipótese, uma vez que, alcançado certo percentual, sem maior aprofundamento a idéia é considerada representativa ou não, em relação ao fato; em sentido inverso e progressivo a exemplaridade² é o que favorece a discussão, porque exemplificando, ou seja, dando exemplo de uma realidade, é possível discutir e configurar outras tantas que divergem ou se assemelham ao exemplo. Como nosso interesse neste estudo é o debate, a reflexão, em oposição à invenção de verdades absolutas, buscamos contribuir com verdades provisórias.

Contudo, já se sabe que, nenhuma escola, sociedade ou quaisquer de seus componentes podem ser generalizadas, mesmo a partir de categorias, principalmente, porque a dinâmica da vida, a qualquer momento pode reorganizá-los de forma única e contraditória, sobretudo em épocas tão modernas em que a distância geográfica ou cultural pode estar a um lance apenas.

E é justamente, neste movimento de captura e entrelaçamento de informações e percepções que pretendemos configurar uma concepção ampliada de currículo, de integração e de currículo integrado. É nesse sentido que se tem chamado a esta face metodológica de estratégia de transição, já que o parâmetro metodológico cartesiano não mais atende aos anseios que, inicialmente, intuíram esta pesquisa. Da mesma forma, não seria coerente que como uma receita prescritiva se adotasse outra dinâmica para esta reflexão.

Nesse sentido, no uso dos instrumentos disponíveis, acessíveis e dialógicos, a saber, a percepção, o registro de concepções dos professores, gestores e servidores e no confronto desses registros com os dados emergentes dos questionários e documentos, buscamos favorecer a trama do que aqui chamamos um esboço de uma concepção de integração curricular construída a partir de sua própria lógica, a do cotidiano, das ações mínimas e subjacentes às pretensões científicas.

Assim, para registro escrito dessa pesquisa, sob pena de noutra escolha terem logradas as percepções alcançadas, optamos pelo uso de uma linguagem que traduzisse a inclusão e o diálogo reflexivo da prática cotidiana, presente nas conversas e vivências. Por essa razão, buscamos configurar uma linguagem leve próxima dos relatos literários, que tendo o mesmo compromisso com a clareza, favorecem o surgimento de várias e independentes leituras, desvinculando-se do cientificismo doutrinário e favorecendo a compreensão, o redimensionamento e a continuidade do que aqui se teceu como conhecimento.

Mas... Que pode ter em comum tão contrastantes eventos: a ciência e a literatura ou a poesia? Alguém que pensa estas últimas, como inspiração ignóbil e ingênua, não saberá. Da mesma forma aquele que vendo a ciência nua e crua, jamais se aterá ao seu contexto, ao estágio problemático e emblemático que o inspirou à pesquisa. Qual deles pensaria na beleza de uma máquina? Quem preveria as possibilidades de uma célula? Pecam um e outro, por apartar vida e sonho, realidade e ficção. Poeta e pesquisador se entrecruzam na medida em que tecem saberes e recompõem fatos e verdades a partir de um olhar de curiosidade e questionamento, em direção ao cotidiano, rotineiro e real.

Os dois fazem uso de uma linguagem especial, que entre si dividem a necessidade e dificuldade em ser clara, atrativa, envolvente e esclarecedora, além de instigante o bastante para despertar novas criações, e dar continuidade ao conhecimento ou sentimento. Assim, seria por acaso que se batiza de estado da arte ao conhecimento científico que aguarda sua

¹**representativo**

re.pre.sen.ta.ti.vo

adj (representar+ivo) 1 Que representa ou serve para representar.

²**exemplaridade**

e.xem.pla.ri.da.de

sf (exemplar+i+dade) Qualidade do que é exemplar, do que serve para exemplo.

continuidade? Na poesia também é assim, alguém ao ler o texto composto, dá sentido e continuidade à arte de relevar uma nova e diferente visão da realidade. Não seria a poesia um conhecimento reservado aos mais sensíveis e imaginativos, tal como são ou foram os cientistas mais gloriosos?

Isto, portanto, vem em sintonia ao que também percebemos como necessário: “re-imaginar uma metodologia de pesquisa” para os fenômenos educacionais fugidios e complexos como são, ou seja, “para a pesquisa com os cotidianos”. (FERRAÇO, p. 99, 2001). Por tantas razões, a linguagem como uma legítima condutora de currículos, aqui foi pensada também para ser condutora de prazer e informação, ao mesmo tempo, que de inquietação e busca, e se na sua veste científica e acadêmica ela era algumas vezes compreensível, aqui talvez, também o seja.

Sobre nosso título, pouco científico, para que fiquem claras nossas intenções ao adotá-lo é imprescindível que consideremos alguns aspectos. A exemplo do que tem sido as propostas curriculares, acreditamos ser necessário que se promova certo “Romance entre uma concepção inclusiva e um currículo (que deveria ser) integrado”. Isto porque, convencidos de que a relação afetiva na escola é uma potencialidade, para as questões de aprendizagem e inclusão, compreendemos que obrigatoriamente o currículo integrado passa por tais relações, que se estruturam na possibilidade de aceitação e reconhecimento do outro, de sua cultura, de suas propostas e concepções, como indispensável e válido, justamente porque diferente. Diante disso, sendo o romance o que, de alguma maneira, precede as uniões e constitui um estado de espírito que nos põem propensos a aceitar o outro percebendo muito mais suas qualidades que defeitos, nos propomos, e aos colaboradores, como aos possíveis leitores deste trabalho, o diálogo da interação e da integração, certos de que celebraremos, muito mais a convivência com os conflitos, que a ausência deles.

Buscamos, ainda, o chamado “Círculo Dialético”, proposto por Garcia (2003), através da diversificação de instrumentos e colaboradores como também em diálogos e debates informais, com nossos pares da área de estudo. E, talvez se possa esperar que seja possível a ressignificação metodológica, material, conceitual, política e prática o que, constitui efetivamente, as transformações educacionais. Obviamente, que isso não se dará no restrito tempo e espaço desta pesquisa. Antes, tal ressignificação curricular trata-se de um objetivo maior, que, no entanto, não pode ser controlado, tal como sugere Garcia (2003).

Nesse sentido estaremos gradativamente alcançando tal objetivo, o de tornar significativo para os alunos o currículo proposto, na medida em que abriremos caminhos para leituras e releituras das teorias de currículo, como também das propostas legais de integração curricular, sem nos omitirmos de fazerem vistas e evidenciadas as práticas pedagógicas, concepções, dificuldades e alternativas de integração propostas pelos autores da educação, eles os professores, alunos, gestores, servidores e pais. Pensamos nós que, este sim, deve ser o objetivo desta pesquisa.

Como em nada tem sido cômoda esta empreitada, antes difícil e traiçoeira, perigosa, sob o ponto de vista da aceitação, e avantajada no que se refere à complexidade e importância do tema, é um momento de conflito, e por isso de aprendizagem imprevisível. Contudo, a julgar pela sugestão do poeta português Fernando Pessoa, tudo há de valer a pena se ampliada a alma que já não quer ser pequena.

1 CURRÍCULO DO CURRÍCULO

*Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...*
Nemo Nox³

Efetivamente, há dificuldades para a conceituação de currículo. Mesmo os envolvidos e estudiosos do campo curricular as reconhecem ao mesmo tempo em que enfatizam a necessidade de se exercitar a construção de noções sobre currículo como forma inclusive de reflexão. (MACEDO, p.13 e 15, 2009). Durante nossa pesquisa, observando e registrando as concepções de educadores, professores, pedagogos e servidores, em geral, nelas tal complexidade ficou evidente.

Essa pergunta é meio difícil. Currículo lembra talvez caminhos, que a gente tenha que... no caso da escola...tenha que trilhar [...] aspectos mínimos da educação que a gente quer dar pra os meninos...isso tem que ser visto com bons olhos não como algo que está nos...como agente fala aqui bitolando, mas algo que nos direciona... (Professor da EB)

Sabemos que, em se tratando de educação e conforme demonstra a história, uma definição restrita de quaisquer dos seus temas, incluída a definição de currículo, acarreta um risco iminente de falsear sua prática. Portanto, apenas um conceito ou uma definição única para currículo, é um equívoco. Reconhecida esta complexidade do termo, procuramos vivenciá-la para compreendê-la. Diante destas questões, privilegiamos uma concepção, o que não implica necessariamente em excluir outras, uma vez que nos pareceu contemplar significativamente as definições dadas pelos sujeitos educacionais, como também nos pareceu aludir a experiências percebidas no cotidiano da escola pesquisada. Por estas razões, em conformidade com o estudioso J. Gimeno Sacristán (2008):

[...] argumentamos que o currículo faz parte, na realidade, de múltiplos tipos de práticas que não podem reduzir-se unicamente à prática pedagógica de ensino; ações que são de ordem política, administrativa, de supervisão, de produção de meios, de criação intelectual, de avaliação, etc.[...] que gera forças que incidem na ação pedagógica. [...] Todos estes usos geram mecanismos de decisão, tradições, crenças, conceitualizações, etc., que [...] vão penetrando nos usos pedagógicos [...] Trata-se de um fenômeno escolar que expressa determinações não estritamente escolares, algo que se situa entre as experiências pessoais e culturais dos sujeitos[...] (p. 22)

A partir de tal definição é possível compreender que o currículo é fruto de uma complexa rede de formação sendo que há, nesta trama de construções conceptivas, a influência e subjetividade de cada indivíduo, suas escolhas e reações frente ao contexto em que vive. No entanto, este contexto, espécie de caminho traçado coletivamente a múltiplas vezes por grupos e indivíduos, se desdobra em vários outros caminhos, que se aproximam e se

³Acessado em 06/10/2011 Disponível em http://www.nemonox.com/ppp/archives/2006_03.html

influenciam mutuamente, a partir das histórias individuais e coletivas, das opções e condições concretas de atuação, configurando novas ideias, novas práticas, ou apenas novas formas de se ver as velhas concepções. Disso, surge o currículo, que carrega em si todas as intenções do ato de ensinar, que através destas redes está, intimamente, interligado ao contexto educacional, mas também aos contextos sociais, políticos, etc. E isso está ligado a conteúdos e formas de ensinar, como também está em profunda associação a valores e fatos extraescolares.

Por isso entendemos ser importante dar visibilidade aos fatos históricos, atuais e passados, que estruturam os atores e as teorias curriculares, uma vez que imersos nestas tramas é que são tecidos os currículos que nos constituem a todos, sejam quais forem as dimensões e esferas em que atuarmos, de caráter teórico ou legislativo, institucional ou individual, conceitual ou prático. Acreditamos que, quando esquecemos tais influências, a forma ímpar como cada fato histórico alcança cada ator, bem como a reação deste frente às propostas e imposições, incorremos no risco de homogeneização, seja na construção de estudos, teorias, práticas, na idealização das instituições ou ainda da legislação curricular. Afinal,

todas as recomendações propostas pela tradição para que o homem possa superar a condição de não soberania e atingir uma integridade intocável da pessoa humana equivalem a compensações para a intrínseca “fraqueza da pluralidade”. [...] sucedida essa tentativa de superar as consequências da pluralidade, o resultado não seria tanto o domínio soberano de alguém sobre si mesmo, mas antes o domínio arbitrário de todos os outros [...] (ARENDT, 2010, p. 292).

Ao longo desta pesquisa temos nos vigiado para não fabricarmos “a” concepção acerca do currículo integrado, mas, sim, para a partir do estudo das teorias e experiências, observarmos as ações curriculares que efetivamente nos indiquem as reais concepções de seus atores que estruturam as variadas formas de realização do currículo, já que entendemos, tal como sugere Arendt (2010), que

ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir. [...] A fabricação é circundada pelo mundo e está em permanente contato com ele; a ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela. (ARENDT, 2010, p. 235 e 236).

Como acreditamos na ação como resultado das interações que por serem naturalmente democráticas representa a realidade, entendemos e defendemos o currículo integrado como o resultado da ação e prática de todos os atores educacionais que, por que encontram canais de participação onde discutem, discordam e transformam, tonam mais significativo o que ensinam e/ou aprendem. Assim, para que um currículo torne-se integrado deve advir da participação. É a participação de todos que o fará integrado, ou seja, inteiro, porque trás em si a representação das várias opiniões e questionamentos. Da mesma forma a participação ainda o fará integrado, no sentido de significativo, porque carrega em si os valores e as compreensões de cada um que compõem aquele currículo. É nesse sentido que, por exemplo, uma comunidade rural não pode em hipótese nenhuma, abrir mão do tema terra em detrimento do tema trânsito de vivência urbana. Antes, porque se discutiu sobre a necessidade de conhecer o não conhecido, é indispensável que, a partir do conhecimento da terra, enquanto sua realidade se possa alcançar e conhecer outras realidades, inclusive a urbana, portanto, o

tema trânsito seria estudado enquanto ampliação do currículo. É nesse sentido que damos significado a um currículo. Sendo que “significar, em última análise é fazer valer significados particulares, próprios de um grupo social, sobre os significados de outros grupos, o que pressupõe um gradiente, um diferencial de poder entre eles.” (SILVA, P. 23, 2010). Incluir no currículo temas e estratégias que valorizem a participação de todos os sujeitos é definitivamente, uma forma de torná-lo significativo, seja no sentido de sua completude, sempre interminável, seja no sentido de sua autoridade de valor a ser reconhecida.

Em suma, mais que uma concepção didática de integração curricular, partiremos neste estudo de uma visão político-pedagógica que pressupõe a participação e a gestão democrática na escola como forma de significação e consequente inclusão de quaisquer dos sujeitos educacionais, em especial o aluno.

Obviamente que não abdicamos de nos alicerçarmos teoricamente, no que tange ao conhecimento científico-acadêmico, mas a ideia é inversamente proporcional, na medida em que ao contrário de validarmos a prática via teoria, numa ação de julgamento e inquisição dos atores educacionais e suas concepções e práticas, comumente exercidas sob a influência de valores histórico-sociais-políticos, propomos antes, dar visibilidade às práticas do cotidiano, exercitando-lhes a crítica e a reflexão. Isto porque conforme Silva (p.13, 2009) “supostas asserções sobre a realidade acabam funcionando como se fossem asserções sobre como a realidade deveria ser.” Assim, para evitar que criássemos uma concepção própria em nome dos atores educacionais aqui citados, propomos, o debate e numa atitude coletiva de vigília epistemológica, decidimos, dentro dos limites de uma pesquisa, dar visibilidade aos tais envolvidos com o currículo, ainda que indiretamente, endossando:

[...] a necessidade de que os atores educativos e a sociedade organizada passem a falar bem sobre o currículo e dos currículos [...] e, neste sentido, exerçam nos seus âmbitos o poder-com; cerne do currículo percebido e edificado como concepção e prática intercíticas. (MACEDO, p. 30, 2009).

Poderíamos ser questionados por aproximar aqui o saber sensorial da experiência e o saber racional da ciência, reconhecidos equivocadamente como antagônicos. Não temos isso por verdade, ao contrário os entendemos como importantes fontes de conhecimento, complementares, embora diferentemente valorizados no discurso acadêmico. Nestes termos esta é uma tentativa modesta de se “criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social” tão fecunda e desperdiçada no contexto escolar. (SANTOS, p.3,2002).

Como aqui estes sujeitos (os atores sociais já citados), não serão incorporados a um índice apenas, antes pretendemos que se manifestem nas suas subjetividades, nossa proposta é a de mostrar a diversidade de concepções curriculares revelada por eles e não inaugurar mais uma “teoria geral”. Não haverá, pois, generalizações ou globalizações, neste estudo. Mas a exemplo da forma descrente como tem sido vista a possibilidade de integração curricular, haverá proposições para “transformar objetos impossíveis em possíveis”, transformando-os em presenças, tal como sugere Boaventura de Sousa Santos. (SANTOS, p.12, 2002). Por isso a necessidade de compreendermos a história do currículo, a ação de seus sujeitos e mediante isto, atestarmos quem não estava lá, e por que. Nestes termos, sem perder de vista a realidade cotidiana...

1.1 Vamos à História

Já na chamada Antiguidade Grega, a instituição de um currículo, ou seja, a seleção e organização de saberes específicos para ensinar, culminando na disciplinarização do conhecimento, parece ter obedecido a uma necessidade didático-pedagógica mediante a vastidão de conhecimentos. (MACEDO, p.34, 2009). Alguns estudiosos (RICCI, 2002) associam ao filósofo grego Protágoras (século 480 a.c) certa seleção de conteúdos o *trivium* (gramática, retórica e filosofia) ampliado mais tarde ao *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). Entendemos que estas propostas já carregavam em si certa teoria curricular, uma vez que previam uma formação específica para a época, baseada nos “altos ideais do espírito humano” (SILVA, p.26, 2009) conforme as disciplinas mais clássicas. Os filósofos gregos parecem tentar traçar certo currículo na medida em que indicavam os conhecimentos a serem priorizados. (VASCONCELOS, 2010).

Do século XIII ao início do século XVI, os questionamentos entre a concepção de conhecimento defendida pela igreja e a concepção racional de conhecimento inspirada nas ciências, se ampliaram de tal modo a não mais sustentar a divisão de poder entre grupos políticos e religiosos. (Século XIV ao XVI). (VASCOSELHOS, 2010).

Durante a Idade Média, em que o ensino formal se vinculava ao poder religioso, a seleção do currículo previa a proibição de certos temas como forma de se assegurar o poder político da igreja, no continente europeu. Obras cinematográficas como O nome da Rosa, baseada no livro de mesmo título de Umberto Eco, parecem retratar tal tendência.

Quanto à organização do conhecimento já por volta do século XVII, Silva (2009) menciona a Didactia Magna de Comenius, como um exemplo da preocupação com o currículo, ou seja, do que ensinar e como ensinar. Numa análise rápida da obra clássica da didática, é possível encontrar indicações de uma concepção de currículo bastante precursora por suscitar as ações metodológicas como componente curricular, embora ainda voltadas para a composição de método fechado, conforme o capítulo XVI nos seus “requisitos gerais para ensinar e para aprender, isto é, como se deve ensinar e aprender com segurança de modo que seja impossível não obter bons resultados.” (COMENIUS, século XVII).

No século XIV, iniciadas as invasões e os domínios de terras distantes, que resultaram na colonização de nossos povos, iniciava-se também uma profunda alteração na organização e valorização do conhecimento.

A partir do século XV, com a invenção da Imprensa, foram sendo disseminados segredos artesanais. Em Amsterdam, no século XVII, surgem versões acadêmicas sob a forma de livros de bolso. É o período de efervescência das academias, que dariam lugar ao surgimento de inventores e de homens práticos. Os conteúdos curriculares começam a sofrer uma radical transformação em que a ênfase na filosofia é substituída pelos conhecimentos técnicos, pragmáticos e matemáticos. (RICCI, 2002, p.7).

Até o século XVIII, entre vários acontecimentos históricos, a Reforma Protestante, a Expansão Marítima, a descoberta de teorias e novas considerações como a cisão entre teologia e filosofia, a supervalorização da matemática e surgimento do método experimental e da objetividade como critérios do conhecimento, encaminham o conhecimento e por extensão o currículo a uma visão antropocêntrica. Assim, o conhecimento, enquanto conteúdo curricular se manteve, sob a influência Iluminista, endossando a razão e a ciência. Também sobre tal influência deu-se o pensamento moderno que deu origem ao conhecimento científico e absolutista de verdades e descobertas definitivas, além de significativa mudança nos meios

de produção. (VASCONSELOS, 2010, P. 137) Neste sentido, também a concepção positivista de Augusto Comte, em certa medida transposta para a educação gerou importantes influências para esta, imprimindo-lhe características de ordem, progresso e uniformização, e enrijecendo o currículo através de certo enrijecimento do próprio conhecimento.

Fatalmente, o currículo, na época, enquanto seleção de conteúdos e saberes se constituiria também em um instrumento de divulgação de tal filosofia moderna, sendo considerado “uma invenção moderna, baseado em certezas estáveis, com características linear, seqüencial, estática, binária, onde se valoriza fundamentalmente a estabilidade e a ordem das coisas e das pessoas” (MACEDO, 2009,p. 64) . Nestes termos, Silva (2009) também afirma:

Nossas noções de educação, pedagogia e currículo estão solidamente fincadas na Modernidade e nas idéias modernas. Seu objetivo consiste em transmitir o conhecimento científico, em formar um ser humano supostamente racional e autônomo e em moldar o cidadão e a cidadã da moderna democracia representativa. (SILVA, 2009, p. 111 e 112).

A julgar o histórico da Revolução Francesa que, muito embora apregoasse a democracia, a liberdade e o progresso, tais conquistas enquanto direito civil e obrigação do estado, se limitavam à emergente classe burguesa, dona e articuladora do monopólio comercial da época e desejosa aspirante da realeza, como também do poder político, advindo do domínio econômico. Destas influências certamente, viriam uma concepção de democracia apenas figurativa amplamente divulgada na Idade Moderna, entre os séculos XV e XVIII e que influenciaria na construção do conhecimento e na sua divulgação via escola e currículo.

Também imersas neste período histórico da modernidade, é importante destacarmos algumas correntes filosóficas e sociológicas que influenciariam as teorias curriculares, entre elas o Iluminismo, o Positivismo, também o Marxismo, enquanto correntes epistemológicas, que influenciariam as concepções curriculares, inspirando teorias e a própria organização educacional. (VASCONSELOS, 2010).

A partir do século XIX, o surgimento do tema curricular como campo de estudo, nos Estados Unidos da América estaria ligado ao progresso industrial-tecnológico, à nova ordem econômico-social sob o domínio da burguesia mercantil e ao crescimento da população mundial, mais especificamente a norte-americana cuja principal preocupação era a de “educar-ocupar” tal população, ao que se acresce a necessidade dos Estados Unidos da América, já nacionalista, proteger sua identidade enquanto nação investida por imigrantes. (PARASKEVA, 2005).

Conforme SILVA (2009) é este contexto o berço para uma composição mecanicista de educação voltada para a exatidão de objetivos e programação de resultados, a contento da indústria crescente da época, que configurava uma reação ao currículo da educação secundária de características clássica e humanista, iniciando uma tendência vocacionista. O que nos parece razoável é compreender que afora a educação se desenvolvesse ganhando espaço para a inserção das massas populares, a necessidade de ainda maior número de escolas além da qualidade de sua educação se arrematava a uma questão político-econômica. Que fim teria tal massa escolarizada? O que lhes ensinar? A resposta dada por Bobbit, precursor da teoria curricular tradicional, foi, de modo geral “uma abordagem simplista para um fenômeno complexo”. (PARASKEVA, 2005). Ou seja, Bobbit queria que, através do currículo “o sistema educacional fosse capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa e formas de mensuração que permitissem saber com precisão se eles foram realmente alcançados. (SILVA, p. 23,2009). Seus objetivos eram, precisamente, o ajustamento e adequação destas massas ao mercado de

trabalho e à estrutura social já excludente da época, tal como esclarece o próprio Bobbit em suas concepções de educação e currículo: “A educação que prepara para a vida é aquela que prepara definitiva e adequadamente para tais actividades específicas. Isto requer apenas que só um se imiscua⁴ nas questões do mundo e descubra as particularidades que consubstanciam tais questões.” (BOBBIT, citado por, PARAKEVA, 2005, p.14). Acrescentou-se a isso o rigor organizacional e desenvolvimentista de Ralph Tyler espécie de seguidor de Bobbit, que preconizou em sua obra, *Princípios Básicos do Currículo e do Ensino* (1949), a definição específica de objetivos, conteúdos, métodos e avaliação, escolares de modo a “garantir” o “sucesso escolar”. Em uma de suas publicações Bobbit chega a listar “mais de 800 objectivos e actividades relacionadas de acordo com as necessidades dos estudantes” (PARAKEVA, p. 12, 2005).

Analizando a teoria tradicional iniciada por Bobbit, à educação, mediada por um currículo, caberia o preparo de grupos específicos para atividades também específicas, mais precisamente para a atividade de conhecer e decidir. Nisto percebe-se a negligência de uma educação voltada apenas para a produção e qualificação técnica, que distancia o indivíduo de sua própria subjetividade. Neste sentido, Arendt diferencia do trabalho a ação enquanto atividade relacional que exige identidade, e reconhecimento de si e do mundo. Embora entendemos que também nas relações de trabalho seja possível construir identidade e consciência de si e do mundo. Assim,

A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas e da matéria, corresponde a condição humana da pluralidade (...) é especificamente a condição de toda a vida política. [E] (...) seria um luxo desnecessário, (...) se os homens fossem repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo. (ARENDT, 2010, p. 8, 9).

Arendt (2010) destaca três atividades fundamentais que correspondem às “condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra, a existência biológica, a capacidade de criar e a vivência em grupo. O trabalho enquanto processo criativo que possibilita a sobrevivência do corpo; a obra, que “proporciona um mundo artificial de coisas” que criamos e usamos, e a ação que nos pareceu conferir e reconhecer a pluralidade e subjetividade humana, na medida em que lhe proporciona a interação com o outro. Tais atividades, respectivamente, parecem contemplar três aspectos humanos inseparáveis, que garantem sua sobrevivência: a materialidade, que nos possibilita viver; a artificialidade que nos permite artifícios supostamente necessários para a vida, e a pluralidade que nos permite distinção e convivência com o social. (ARENDT, 2010, P. 9 E 10).

Ora sabemos que à educação cabe atender às necessidades humanas, sem o que não há sentido em educar. E por isso entendemos, portanto, que um currículo que pretenda favorecer o humano, oportunizando-lhe a sobrevivência digna, deve portanto, contemplar tais condições, privilegiando não apenas o ensino de uma habilidade artificial de produzir algo (sua obra), mas a necessidade de reconhecer-se enquanto ser individual capaz de trabalho e convivência social, através do qual emerge sua ação consciente e distinta de todos os outros seres humanos. É nesse sentido que um currículo inteiro, significativo e por isso eficiente, a nosso ver deve contemplar trabalho (enquanto força humana), obra (enquanto capacidade humana) e ação enquanto expressão da subjetividade humana, frente ao mundo e aos outros

4imiscuir
i.mis.cu.ir

(lat *immiscuere*) vpr Ingerir-se, intrometer-se, misturar-se em

humanos, tornando a vida ativa e transcendental. Isto porque, entendemos, como para Arendt, que tanto o trabalho manual (de produção material) quanto o intelectual (de produção filosófico científica) são inerentes ao homem e fazem parte de sua condição humana que o faz perpétuo enquanto espécie. Por isso, a necessidade de desconstruir dicotomias, a exemplo da ilusória incompatibilidade entre o currículo básico e o currículo profissionalizante que, tratados de forma não complementar, demarcam implicitamente, os espaços sociais predestinando-os a grupos distintos, dificultando a possibilidade de transformação pela educação.

Nestes termos, negligenciando a complexidade e diversidade humanas, no passado como hoje, a teoria curricular tradicional de John Franklin Bobbit se deparou com sérias críticas quanto à seleção dos conhecimentos dos quais extraía os conteúdos curriculares, sobre os quais se questionava:

1.2 Por que este Conhecimento e não Outro?

A partir de então, no início da década de 70, na Inglaterra, o debate curricular, mais crítico, passou a girar em torno da seleção de conteúdos, e se iniciaria pela proposição difundida por Michael Young, a chamada Nova Sociologia da Educação (NSE) ou Sociologia do Currículo. (SILVA, 2009). O contexto de surgimento da NSE é o de uma sociologia voltada para a construção de políticas públicas, a partir de pesquisas que revelavam a ineficiência e a desigualdade na educação, sem, no entanto, discutir suas fragilidades. Para estes novos sociólogos “a análise das questões de acesso e distribuição da Educação não podia ser separada da análise da forma e do conteúdo do currículo”, o que fazia a NSE “relevante para o professor” tornando-o “mais consciente dos pressupostos éticos e epistemológicos de sua prática”. (MOREIRA, 1990, p.74). Nesta nova concepção sociológica o currículo é visto como “uma seleção de conhecimentos socialmente valorizados que correspondem aos interesses e crenças dos grupos dominantes em dado momento” (MOREIRA, 1990).

Assim, se inicia a discussão quanto ao que define o sucesso ou o fracasso escolar, e não apenas sua constatação. Contudo, mediante as críticas da época o mesmo autor é duramente rejeitado dada a fragilidade da teoria curricular proposta, nos seus aspectos conceituais para termos como ideologia, classes de poder e definições quanto à complexidade, estrutura das relações em torno do currículo, além do papel do Estado na produção de conhecimentos. (MOREIRA, p.79, 1990). Os conceitos estruturais da NSE pareciam ainda frágeis para indicar como ocorria a estratificação curricular. (SILVA, p.69, 2009). A discussão de Young, porém, já principiava indícios da dicotomização entre o currículo acadêmico e o de vocação para o trabalho, estabelecendo um diálogo entre as disciplinas acadêmicas e o trabalho. (MOREIRA, 1990). Contudo, nas palavras de Moreira (1990) o próprio Young afirma “a NSE atacou o problema correto, mas fracassou na apresentação de propostas, que carecem de apoio popular tanto por causa de uma linguagem desnecessariamente complexa, como porque lhe faltavam estratégias e alternativas práticas viáveis. (MOREIRA, 1990, p. 81).

Na mesma década de 80, o inglês Basil Bernstein introduz o conceito de código na educação. Para ele os códigos seriam ainda usados pelo aprendiz como estratégia de inserção social, através do que, em interação social, criam-se significados. O sucesso ou o fracasso escolar estariam, nesta visão, associados ao nível de disponibilização, elaboração ou não elaboração de tais códigos, que contextualizariam a compreensão fazendo-a mais ou menos significativa para o aprendiz. Bernstein cita ainda o termo integrado para indicar um currículo que apresenta pouca distinção entre as áreas do conhecimento e a articulação destas entre si. Posteriormente, Bernstein desenvolveria um conceito de contextualização e

recontextualização, que favoreceria a construção de códigos significativos de aprendizagem frente aos currículos. (SILVA, p. 72)

Algumas teorias, vistas como deterministas, a exemplo dos estudiosos Althusser (1992) e Bourdieu (2010), neste período apresentam, respectivamente, duas proposições importantes, em que reconhecem a escola como um dos chamados Aparelhos Ideológicos do Estado, e seus conteúdos como Capitais Culturais, reproduzidos ou não pelas classes que se perpetuam a partir da prática escolar.

Em oposição a tal determinismo despontaram ainda outros estudiosos, entre eles Michael Apple, cuja inquietação epistemológica foca, sobretudo, na necessidade de se apresentar alternativas que motivem e articulem os atores sócio-educacionais convencendo-os da necessidade de subverter a reprodução. (SILVA2009).

Ainda numa linha “crítico-determinista” outros estudiosos do tema, Samuel Bowles e Herbert Gintis, ampliam o campo de ação da ideologia na escola, quando identificam a verossimilhança entre as relações sociais da escola e do trabalho, na medida em que conforme Silva (2009) “ao praticar papéis subordinados, os estudantes aprendem a subordinação”. (p.33).

Também Henri Giroux, desponta com séria preocupação com o determinismo imanente da compreensão de que a escola reproduzia as relações econômicas, proposto por Gintis e Bowles, como também do empoderamento da cultura dominante, forma como é vista a teoria de Bourdieu. Nas palavras de Silva (2009), em resposta a tal poder do currículo, Giroux sugere que “existem mediações e ações no nível da escola e do currículo que podem trabalhar contra os desígnios do poder e do controle. Deve haver um lugar para a oposição e a resistência, para a rebelião e a subversão.” (SILVA, 2009. P.53).

Inicialmente, talvez pareça ser uma proposta utópica, resistir à reprodução dos comportamentos sociais e sua transposição da economia para a educação, bem como desconstruir o empoderamento da cultura dominante como uma ação imediata e simultânea em todo o macro contexto educacional, uma vez que é para muitos uma falácia, encarado por tantos outros como, uma missão surreal. Percebemos, contudo que, a descrença de alguns frente ao debate teórico, ou ainda o determinismo como alguns encaram as teorias curriculares, mais que uma visão realista pode funcionar como uma estratégia de manutenção do poder, na medida em que tais concepções contribuem para que se entenda ser impossível uma reação às mazelas educacionais. Sabemos que a possibilidade desta construção está no cotidiano, no dia-a-dia da escola, de todas as escolas, onde residem as ações individuais que se incorporam às ações coletivas. E estas por sua vez, podem, sim, instituir uma legislação, no mínimo, mais democrática. Por isso acreditamos nesta “utopia” e a temos como estratégia real e possível. E, embora compreendamos, conforme definição dada por Fernando Birri que, ela constitui uma condição sempre futura, também estamos convictos de que é possível sair do lugar estipulado. Por isso, acreditamos, embora saibamos que:

[...] a utopia está no horizonte e se está no horizonte eu nunca vou alcançá-la porque, se caminho dez passos a utopia vai se distanciar dez passos, e se caminho vinte passos, a utopia vai se colocar vinte passos mais além, ou seja que eu sei que jamais, nunca, vou alcançá-la. Para que serve? Para isso, para caminhar. (BIRRI⁵).

5 Fernando Birri, cineasta argentino. Conforme declaração de Eduardo Galenano em <http://maisqueousual.wordpress.com/2011/03/29/entrevista-eduardo-galeano/>

É nesta *utopia estímulo*, que apostamos como forma de vivenciar o currículo e *desconstruir* construir suas possibilidades, pois é como caminho, vivido e vivenciado que entendemos ser possível ressignificar o currículo e as teorias curriculares.

Na sequência histórica, despontado o século XIX, está configurada a teoria crítica do currículo que o considera uma construção social e resultado dos conflitos sociais, econômicos e políticos, cujas representações estão na escola, e por isso, por extensão, escola e currículo são “espaços de poder” reproduzidos, mantidos ou transformados “através da formação da consciência”. Contudo, “as perspectivas críticas sobre currículo tornaram-se crescentemente questionadas por ignorarem outras dimensões da desigualdade que não fossem aquelas ligadas à classe social.” (SILVA, 2009, p.91). Já neste estágio da história curricular, estão claras as influências político-econômicas como forças de definição do currículo. Contudo, novas reflexões foram necessárias para que se concedesse espaço para a discussão sobre outras possíveis formas de influência e dominação curricular além das formas político-econômicas. Para tanto, como foi, é indispensável compreendermos por que e quais foram os...

1.3 Currículos Excluídos

As principais contribuições das teorias críticas do currículo são, conforme alguns autores, o esclarecimento de que o currículo prescrito para o trabalho escolar é resultado dos conflitos de interesses, sendo que tais interesses ultrapassaram as disputas sócio-econômicas, manifestando-se através de outros conflitos envolvendo outras relações, como por exemplo, as de gênero, as culturais, as raciais e étnicas, as religiosas, etc. Assim, o currículo tornou-se resultado do enfrentamento entre uma cultura dominante e várias outras culturas, algumas negligenciadas, mas todas, de modo geral em franca disputa de poder entre si. Nesse sentido a cultura é todo conhecimento e expressão própria de um grupo, cuja expressão é em alguma medida dominada e dominadora. Santomé (1998) destaca uma série de grupos sociais que a julgar pelos temas e conteúdos curriculares, não tem suas culturas e, portanto, seus conhecimentos, crenças, valores e tradições, representados de forma coerente nos currículos oficiais. Entre elas estão as expressões culturais das mulheres, dos homossexuais, dos idosos, dos pobres e trabalhadores, dos camponeses e ribeirinhos, ao que acrescentamos os indígenas, entre tantas outras nações étnicas, religiões e comunidades, etc.

Devemos esclarecer, no entanto, que tais culturas não são extirpadas definitivamente do currículo ou da comunidade educacional. Antes, são omitidas ou ainda deturpadas na sua essência, o que exige maior participação de seus representantes, no enfrentamento pelo espaço de reconhecimento. Assim, a exemplo da cultura negra, dominada no período colonial brasileiro, mesmo as culturas tidas como dominadas, impõem suas contribuições, frente aos dominadores, o que marca profundamente as mudanças culturais e ascensão cultural de um grupo mediante sua representação na sociedade oficializada. Ao contrário do que se pensa, quando se “espera” algo como a concessão de espaço curricular para culturas e saberes não dominantes, devemos entender que sua inclusão, no entanto, dá-se pela resistência destes grupos, ao inserir-se nos espaços sociais, que pode garantir sua representação e ascensão.

Assim, as teorias pós-críticas do currículo ampliaram os conceitos de poder e ideologia, dando-lhes caráter relacional e representacional.

Sob uma concepção pós-crítica o currículo tornou-se alvo de vários grupos sociais (mulheres, indígenas, afrodescendentes, homossexuais, etc.) que reclamam por um espaço para sua manifestação cultural e ideológica na formação e efetivação dos currículos escolares, configurando o chamado currículo multiculturalista onde “a diferença mais que tolerada ou respeitada, é colocada em permanente questão”. (SILVA, p. 89, 2009).

Obviamente que são muitas as resistências à inserção de temas provenientes das múltiplas culturas, sob a alegação de pretextos morais, familiares, religiosos, que implicam no

enfrentamento de grupos sociais em alguns momentos bastante radicais, a exemplo dos movimentos nazistas, racistas, homofóbicos, entre outros, o que exige ainda mais densa e urgente discussão. Neste sentido algumas legislações têm obrigado a inserção de temas curriculares inspirados nas chamadas minorias culturais a exemplo da Lei nº 11.645 de 10/03/08, a qual prevê “Art.26 - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (BRASIL, MEC.2008)

Outros movimentos de reivindicação e proposição curricular surgiram também como forma de desequilibrar as concepções estagnadas, a exemplo da teoria *queer*, que em alguma medida se contrapunha a teoria feminista ao repudiar dicotomia, entre o masculino e feminino, emergente do feminismo. Neste sentido foi associada, pejorativamente, aos homossexuais embora apenas propusessem na sua essência o questionamento, a contestação, nos obrigando a desconsiderar o já pensado e nos aventurar no impensável, no proibido. (SILVA, 2009). Nas palavras de Silva (2009) um currículo inspirado na teoria *queer* “força os limites das epistemes dominantes: um currículo que não se limita a questionar o conhecimento como socialmente construído, mas que se aventura a explorar aquilo que ainda não foi construído.” (p. 109)

Todos estes movimentos como outros de dimensão mais localizada no mundo, compunham uma grande tendência curricular denominada currículo multiculturalista, para quem “as diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os vários grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum de todo o ser humano.” (SILVA, 2009, p. 87). Assim, evidenciava a partir das relações de poder o domínio e a extirpação de culturas não representadas, oficialmente, na construção dos conhecimentos, num ato de exclusão.

A partir de tal histórico, nos permitimos elaborar algumas considerações que se seguem. Neste contexto, compreendemos que o currículo integrado estaria no propósito de que todas as culturas e saberes pudessem fazer parte da educação formal enquanto conhecimento humano. No entanto, ressaltamos que não se trata de incluir quantitativamente a diversidade cultural e as representações como temas a serem repassados nas escolas. Antes, faz-se necessário que estes temas culturais, estejam sim, em transversal foco curricular, compondo as discussões que tecem o conhecimento humano, de forma interdisciplinar, ética e democrática. Num falso currículo integrado, poderíamos elencar cada cultura, numa chamada escola burocrática. De forma mais ética, no entanto, para além do reconhecimento seria fundamental a problematização da hegemonia de culturas como a branca, a europeia, a patriarcal, a ocidental em contraste com culturas excluídas como as de origem negra, indígena, latina, matriarcal, reconhecendo estas últimas em suas diferenças como culturas de equivalente importância, o que, entre outras coisas, implica, na visão de Santomé (1998) em:

[...] deixar de pensar que os que contribuíram e continuam contribuindo com acontecimentos para a história da cultura são os países europeus e os Estados Unidos, isto é, aquelas nações com processos de industrialização mais consolidados e com total controle das grandes redes de telecomunicações (p. 93)

Isto, porém, nos remete, considerando a séria importação das teorias educacionais norte-americanas pelo Brasil, a consolidarmos com urgência a participação democrática no planejamento e gestão escolar, de modo que sejamos donos de nossos próprios projetos educacionais.

A partir do século XX, a teoria curricular se vê entre dois paradigmas político-sociais, a modernidade e a pós-modernidade, que marcariam a concepção curricular, sobretudo por

superar as críticas iniciais em relação ao currículo. Devemos ter em mente que, o pensamento moderno, originado de movimentos como o Renascimento e o Iluminismo fortemente influenciadores das teorias curriculares, defende o cânone, a racionalidade e a ordem. Nesta perspectiva, como reza a história, impunha-se à educação um viés redentor e homogeneizador da sociedade, a ser alcançada através de um currículo universal, único e inquestionável, estruturalmente racional e científico. Sob tal pensamento, quaisquer conhecimentos e valores que não se estruturassem na razão e na ciência, eram invalidados. E por isso, as diferenças eram/são aniquiladas pela razão impregnada da ciência incontestável. Por consequência, a diversidade cultural e social, que “não pode ser explicada adequadamente por uma teoria geral” tendem a ser reduzidas a uma concepção única e totalizante que desperdiça a riqueza social do mundo. (SANTOS, 2010, p.4). Para o pensamento moderno, chamado por Santos (2010) de “razão metonímia”, a diversidade e sua valorização é um risco para a ordem social e econômica, por isso a investida contra currículos mais flexíveis, no que se insere uma organização social e escolar mais democrática. Em contrapartida, o pensamento pós-moderno, duvida e questiona a razão e a ciência como únicas formas de conhecimento e por isso questiona o pensamento moderno. Da mesma forma, paradoxalmente, embora aposte nas resistências, questiona o sujeito livre, racional e autônomo, pregado pela modernidade, por entender que todos estão sob a influência da racionalidade.

Ainda como herança do pensamento moderno surgiram vários enfrentamentos duais, (teoria x prática, educação x trabalho, conhecimento científico e senso comum), que limitavam a reflexão e a criticidade sobre o tema, acentuando a falsa necessidade de homogeneização. (SANTOS, 2010).

A partir de uma visão cultural ampliada Silva (2009) sugere que, em relação à cultura dominante também “as outras instâncias culturais”, no que incluímos as várias etnias e grupos sociais, “tem uma ‘pedagogia’ por que carregam em si saberes a serem ensinados.” Paradoxalmente, isso também nos alerta para o currículo de culturas contemporâneas como a televisiva, midiática e publicitária, nas suas formas de entretenimento, informação e/ou convencimento, uma vez que:

Sem ter o objetivo explícito de ensinar, entretanto, é óbvio que elas ensinam alguma coisa, que transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação de identidade e da subjetividade. (SILVA, 2009, p. 140).

A preocupação é ainda crescente quando se constata que na contemporaneidade as formas de domínio, mais do que através dos meios de produção, hoje, avançam para o uso dos meios de produção de informações, cuja influência e “currículo”, ainda que disfarçados, tem inspiração, no consumismo e na exploração ilimitada da natureza, como também são dotados de “imensos recursos econômicos e tecnológicos que mobilizam, por seus objetivos – em geral – comerciais [...] uma forma sedutora e irresistível” de aprender que incutem, implicitamente, o saber pronto, e a ação individualizada. (SILVA, 2009, p. 140).

Tanto mais se agravava a influência de tais culturas/currículos, quanto se constata a influência de teorias econômicas voltadas neste momento para o chamado Toyotismo⁶, que

⁶ **Toyotismo** - Dois conceitos inovadores que surgiram na Toyota merecem destaque: equipe de trabalho (team work) e qualidade total. Em uma fábrica "enxuta" todo o trabalho é feito por equipes. Quando um problema aparece, toda a equipe é responsável. Quando ocorre um defeito na montagem de uma peça, a equipe de montagem se organiza na busca de maneiras de resolver o problema. Há uma cobrança entre os pares para que cada membro atue de uma maneira que não prejudique os companheiros. Algumas fábricas delegam à equipe a função de demitir ou aceitar novos funcionários. Disponível em <http://www.geomundo.com.br/geografia-30108.htm> Acessado em 07/09/2011.

tende a mascarar as reais intenções do mercado de trabalho, apresentando, relativa flexibilidade e valorização da subjetividade do trabalhador para então explorar sua capacidade criativa, a exemplo da exploração da força de trabalho, sob tendências econômicas como o Fordismo e Tylorismo, entre as décadas de 50 a 70, já inspiradoras do currículo tradicional, num passado ainda recente a ser constantemente revisitado e compreendido.

Neste sentido, de ressignificação e consciência histórica acerca de nossas influências curriculares e educacionais, fazendo uso da reflexão de Veiga-Neto⁷ (2011), nos aludindo à sua comparação entre a casa; enquanto nossa história e nossa raiz, a ser visitada e conhecida, inteiramente, por seus habitantes; cabe-nos, portanto, uma reflexão a parte, que, no uso da metáfora nos permita uma “visita aos porões” da Educação em nossa *CasaBrasil*, e nos favoreça a reencontrarmos nossas raízes, certos de que “Com esses esforços de irmos aos porões, ativamos nossas indagações e atiçamos nossas indignações.” (Veiga-Neto, 2011, p. 12). Por esta razão nos encaminhamos...

1.4 ...Ao Brasil, ao Histórico das Teorias Curriculares

Ainda sob a influência e comando religioso, conquanto não se pudessem compreender tais escolhas educacionais nominalmente como curriculares, já no primeiro século de colonização portuguesa, no Brasil, a seleção de temas e conteúdos seguia um padrão classista a serviço de interesses dominantes na época, conforme atesta Veiga(2007).

Ensinar, para os jesuítas, admitia diferentes modalidades: as práticas de pregação e alfabetização de indígenas, o ensino de artes e ofícios, que incluía os escravos africanos, e a educação dos filhos dos colonizadores brancos. [...] ensino de gramática latina para filhos de colonizadores e pretendentes ao clero, [...] (p.60).

A concepção curricular brasileira por volta da década de 20, ainda mantinha traços jesuítas, caracterizando-se pela disciplinarização literária e acadêmica, a julgar a supervalorização e o cuidado dispensado ao ensino superior, contra o descabido abandono da educação básica, ao relento de um poder municipal limitado. Assim, de tal política da EB, até hoje sem financiamento significativo, já surtiem certos ares dicotômicos, distinguindo a preparação para o trabalho manual da preparação para o trabalho intelectual. (CURY, 2000).

Entre as décadas de 20 e 30, imperava como teoria curricular a concepção norte-americana. Tal influência, no Brasil, deparou-se com os movimentos progressistas dos Pioneiros da Educação, cujas principais ações foram as tentativas de reformulação do ensino, a definição de princípios para os currículos e programas, e por último, a interação entre escola e sociedade. (MOREIRA, 2011)

Nestes primeiros 30 anos do século XX, fatos históricos como a industrialização, o crescimento populacional, e as ideias liberais parecem ressoar de forma lenta e ainda seletiva, se considerados como os primeiros passos para a democratização da educação voltada para cidadãos ainda selecionados. Na mesma década, já em um regime autoritário do estado

Fordismo - Henry Ford, na primeira metade do século XX, em Detroit, coloca em prática as teorias de Taylor, lançando a produção em série, depois seguida por Alfred Sloan da General Motors. Ao contrário da produção artesanal, nessa concepção o cliente não tem escolha. Os fabricantes elaboram produtos para suprirem o gosto do maior número de pessoas possíveis.

Tylorismo – Teoria administrativa desenvolvida por Frederick Winslow Taylor acreditava que o aperfeiçoamento se conquista com a especialização. Pensando assim, ele propõe a divisão do trabalho em tarefas específicas, com execução repetitiva e contínua, no ritmo da máquina - motivo que o levou a receber críticas de robotizar o operário, limitar drasticamente sua expressão, impedi-lo de criar e participar do processo de produção.

⁷ VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. 2011. Apresentado recentemente, no GR13 – ANPED, na cidade de NATAL – RN.

brasileiro (o Estado Novo), “currículos e programas foram rigidamente prescritos” com razoável número de instrumentos controladores”, inclusive, “inspetores federais [...] encarregados de visitar escolas e inspecionar e controlar diretores, professores e alunos. “Quando Vargas tomou o poder, em 1937, os debates sobre questões educacionais foram encerrados.” (MOREIRA, 2011, p. 81e 82). Contudo, a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, como também o surgimento da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos inicia a teorização curricular no Brasil, sob os ditames norte-americanos. (MOREIRA, 2011).

Entre os anos 50 a 70, a preocupação com a autenticidade do pensamento curricular brasileiro dividia o palco educacional mediante a necessidade de se contribuir no processo industrial, ao mesmo tempo em que se clamava por uma educação crítica, e pelo eficientismo, encaminhando o processo aos modelos norte-americanos. (MOREIRA, 2011).

Em termos de educadores brasileiros, nesta época o pensamento de Paulo Freire indica uma concepção educacional e curricular que prevê a emancipação a partir da participação do educando na construção do currículo da escola. (Moreira, 2011). A nosso ver, pela importância pedagógica e coerente configuração curricular, não podemos nos furtar de citar ainda que rapidamente, uma de suas obras mais completas sobre a educação, o livro Pedagogia da Autonomia. Nele, Freire ataca com destreza e convicção os grandes gargalos da educação tecnicista e seus argumentos.

Assim, se por um lado as teorias curriculares enfatizavam a ciência enquanto único conhecimento válido, Freire contra-argumentava propondo a interação dialógica, o respeito aos saberes individuais e coletivos, sem se desvincular da indispensável competência profissional (p. 91). Livre das amarras, tecnicistas e cientificistas, a pedagogia freiriana equilibra-se entre a “rigoriedade metódica”, “a criticidade” e o “respeito aos saberes dos educandos” sem condená-los à ingenuidade. (p. 31). Da mesma forma, sem ser contraditório, salienta a necessidade de que para ser significativo um currículo deveria se construir sobre conhecimentos já estruturados, a serem apresentados aos educandos, embora reconheça que “ensinar não é transferir conhecimento” (p.47). Envolvido, principalmente, com a alfabetização proposta pela Igreja Católica e pelos movimentos populares no “[...] governo de João Goulart, Paulo Freire recebeu do Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, um novo e mais amplo desafio: o de criar, implantar e coordenar o Programa Nacional de Alfabetização.” (p.63). Porém, “quando o Programa Nacional de Alfabetização estava quase pronto para ser posto em marcha, aconteceu no Brasil o golpe militar de 1964. Criado por decreto-lei em janeiro desse ano, o “Programa” foi extinto em abril.” (BRANDÃO, 2005, p.67), como também os focos de discussão educacional, ou ainda mais frágeis, os de reflexão teórico-pedagógica sobre o currículo, que procuravam, verdadeiramente, inspirar-se no contexto brasileiro e suas necessidades.

A partir de então, “a influência norte americana aumentou significativamente no período” através da ação do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAEI implantado desde 1956. (MOREIRA, 2011)

Obviamente que, associadas ao regime ditatorial as tendências tecnicistas eram sim, um forte recuso de homogeneização via educação, só contestada a partir da década de 80. Nestes mesmos anos 80, o cenário era caótico. A crise econômica desencadeava as desigualdades, os problemas sociais além da desqualificação e desvalorização da escola pública. (MOREIRA, 2011). A crise, contudo, encaminhou a reorganização popular e a participação nas decisões educacionais, a exemplo da construção da nova LDB, embora restrita, no entanto, à decisão dos representantes políticos. Questões importantes como a adequação curricular para a classe menos favorecida, e ainda os desdobramentos provenientes da discussão curricular, a saber, a urgência de recursos materiais, formação de professores (até então considerados meros executores do currículo), neste momento parecem emergentes.

Na mesma década, outros autores deram importantes contribuições ao pensamento curricular, por enfocarem uma teoria pedagógica mais democrática (SILVA, 2009) que funcionaria como resistência à influência norte americana. Entre eles, Freire e sua visão antecipadamente multiculturalista como fonte curricular (FREIRE, 2008), além de Saviani, para quem o conhecimento poderia ser uma forma de subverter a ordem social imposta pelo poder econômico, o que contribui para a teoria do currículo, ao enfatizar a necessidade de disponibilizar o conhecimento na forma de conteúdos significativos de modo a equilibrar as potencialidades entre as classes sociais mais e menos favorecidas. (SAVIANI, 2009). Conquanto, tenham linhas de articulação teórico-epistemológicas distintas, ambos parecem conduzir suas concepções curriculares rumo a uma compreensão de currículo que prioriza a significação e ressignificação dos conteúdos pelo aluno. Assim, nos parece que, enquanto o primeiro (Freire, 2008) estimula e endossa a subjetividade e autonomia discente, pela ação de ensino politizada, contextualizada, coerente e amorosa do docente, cujo currículo é o aluno e sua vivência; é pela formação intelectual com vistas nos conteúdos reconhecidos como conhecimentos básicos, pela ação política e sua especificidade que Saviani, (2009) extrai da própria ação política uma ação educativa. (p. 72). Ambos por aproximação parecem defender um currículo que, pragmático ou não, seja verdadeiramente significativo para o aprendiz. Neste sentido, entendemos que defendem: o primeiro, que as reais situações da vivência pragmática do aluno sejam consideradas para a elaboração e condução do ensino de um currículo, enquanto seleção de conteúdos e prática metodologia, a exemplo do Método Freire de Alfabetização. Ou seja, na construção de um currículo cabe:

à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, (...) chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2008, p. 30).

Em contrapartida, o segundo, Saviani (2009), endossa que, o currículo ensinado faça sentido frente aos usos e necessidades pragmáticas, oportunizando acessibilidade, não apenas na forma de contato com os conteúdos enquanto conhecimentos produzidos e reconhecidos historicamente pela humanidade e por isso básicos, como também seja acessível a sua compreensão de forma significativa para o aprendiz. Assim, o acesso à educação extrapola a frequência escolar, dando espaço a ressignificação do que se presencia como conhecimento na escola oportunizando que “a transformação da igualdade formal em igualdade real [esteja] associada à transformação dos conteúdos formais, fixos e abstratos, em conteúdos reais, dinâmicos e concretos”. (SAVIANI, 2009, p. 58).

Entendemos que, este é, pois, o ponto de interseção entre os autores e suas concepções, embora para cada um a educação tenha finalidade distinta em relação à ação de ressignificação curricular, seja a transformação social (SAVIANI, 2009) ou a formação/transformação libertária do próprio indivíduo, no contexto social. (FREIRE, 2008).

Para alguns, Freire e Saviani representam a disputa entre educadores da cultura popular e os intelectuais da pedagogia dos conteúdos, que surgem como uma alternativa teórico-curricular genuinamente brasileira. Como Moreira (2011), entendemos as disputas entre as tendências da educação popular e da pedagogia por conteúdos como representações de “esforços concretos de analisar as questões curriculares e instrucionais da escola brasileira contemporânea, bem como de interpretar teorias estrangeiras levando em conta as especificidades das circunstâncias de nosso país.” (p. 148). Em outras palavras, trata-se de discutir e compor um currículo democrático o bastante para que, seja na forma de

acessibilidade ao conhecimento enquanto frequência à escola, ou ainda, enquanto compreensão e ressignificação daquilo que se presenciou, todos possam dele usufruir.

Sobretudo, a partir da década de 90 o pensamento curricular brasileiro é marcado pelo hibridismo, como salienta Lopes (2005), em que são discutidos temas e enfoques em torno do currículo que variam, desde a concepção de conhecimento (ciência e pragmática), sua organização escolar (conhecimentos em rede, disciplinarização, globalização), ou ainda metodologias para as pesquisas educacionais a exemplo das pesquisas com o cotidiano, como também, a análise das políticas públicas educacionais e enquanto instrumentos oficiais de controle e propostas curriculares. (LOPES, 2005).

Muitas e diversificadas são as vertentes, multiculturalismo, pós-colonialismo, estudos culturais que influenciam o currículo, etc. Na perspectiva de Lopes (2005) tanta diversificação tem sido motivo de preocupação quando acolhem tantos e tão diferentes campos (incluídos pesquisadores de variada formação) na discussão curricular, sendo que alguns “por vezes desconsideram a especificidade da educação e dos processos curriculares.” Contudo a pesquisadora reconhece a “importância dos fluxos de significados que se estabelecem entre diferentes campos e sujeitos.”, quanto ao que enfatiza:

A relação com os demais campos precisa, portanto, se fazer na interação entre domínio e subordinação na qual o pesquisador em currículo apropria-se daquilo que lhe é útil em outros campos, tendo, no entanto, a idéia de confrontação criativa como norteadora dessa apropriação. (LOPES, 2005, p. 49 e 50).

Neste momento, contemporâneo, vários campos de estudo discutem sobre currículo. Por isso, temos nos esforçado para não transferir conceitos e concepções de outros campos do conhecimento, embora acreditemos que tal conhecimento se dá inevitavelmente em rede, sob pena de, a exemplo das teorias tradicionais, reduzirmos a educação a instâncias e ações mecânicas ou demasiadamente abstratas. Contudo, não nos furtamos ao debate, através do qual procuramos compreender...

1.5 Por que e para quê um Currículo Integrado?

Nos dias atuais, percebemos que mediante a velocidade e pulverização de conhecimentos e informações da vida contemporânea, reconhecidamente globalizada, é preciso, por meio do currículo escolar, que se intente desenvolver em nossos educandos capacidade crítica e reflexiva frente às informações que circulam na sociedade. Isto, porém, só nos parece plausível, mediante uma formação humana, intelectual e cívica não fragmentadas, que se conecte às experiências cotidianas, como às várias dimensões de realização e desenvolvimento humano e organização social. Mas como desenvolver tais capacidades via educação, sendo que esta tem se submetido tão facilmente às influências das teorias econômicas? Para Santos (2010), há duas formas de globalização. A primeira neoliberal e hegemônica pretende a suplantação da diversidade, da participação e do pensamento inteiro. Contudo, uma globalização contra-hegemônica parece estar associada a uma intensa resistência, mais comum em culturas negligenciadas, tendo no multiculturalismo, uma possível alternativa curricular. Neste sentido, acreditamos no alerta de Santomé (1998), quando afirma que “entender o significado das propostas curriculares integradas obriga-nos também a levar em conta as dimensões globais da sociedade e do mundo em que vivemos, estar atentos à revolução informativa e social na qual estamos imersos.” (p.83).

Se esta é a era da globalização conforme alerta Santomé (1998), do “mundo global, no qual tudo está relacionado, [...] um mundo onde as dimensões financeiras, culturais, políticas,

ambientais, científicas, são interdependentes, e onde nenhum de tais aspectos pode ser compreendido de maneira adequada à margem dos demais” (p. 27); então, é igualmente verdade que, o ser humano global como seu mundo, seu tempo e sua organização social; também carece de ter reconhecida a indissociabilidade de suas próprias dimensões, o que exige a adoção de uma concepção de educação e currículo de configuração verdadeiramente ontológica, enquanto instrumento de formação e informação que contemple o humano por inteiro, nas suas dimensões intelectual, afetiva, laboral, social, política, indiscutivelmente, humanas e humanizadoras. Nisto sim, reside a capacidade transformadora e emancipadora da educação, em favor da qual tentamos desenvolver esta reflexão na forma de estudo.

Por isso, a necessidade crucial de se integrar ações, currículos e conhecimentos, inter-relacionando seus significados, através da participação dos vários grupos sociais, sendo que mediante suas lutas, apenas tal estado de participação democrática poderá, viabilizar novas formas de organização sociais mais equitativas. Este é verdadeiramente, um projeto audacioso porque grande, integrado porque inteiro, a ser realizado coletivamente, e por isso como fazemos parte da coletividade, nos convencemos de que na nossa pequenez devemos...

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim como em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

(Ricardo Reis, 1933, Odes 14).

Num dicionário comum, o verbo integrar⁸ guarda o significado de tornar-se inteiro, completar-se, sem que nenhuma das dimensões do objeto a integrar-se seja omitida ou excluída, de modo que tendo sido contemplado inteiramente, este objeto é inteiramente reconhecido e aceito. Já o currículo, embora não se resuma exclusivamente a isso, é também a seleção de objetivos, conhecimentos e práticas, gerados nas mais variadas culturas, a serem consideradas no processo de *ensinaraprender*. Ocorre que tendo em vista a infinidade de saberes, conceitos e práticas, pedagógicas e metodológicas, possíveis, além das várias culturas geradoras de saberes, objetivos e formas de ensino, poderíamos pensar que um currículo integrado fosse uma gigantesca lista de conteúdos com seus objetivos todos, à moda da teoria tradicional, onde, por que teriam sido contemplados todos os conteúdos, culturas e objetivos de ensino, estaríamos a salvo da suposta “ineficiência” da educação ou de suas fragilidades. Pensando assim, repetiríamos o equívoco tradicional tecnicista.

Assim são os termos integrado e global, cujos conceitos polissêmicos, podem em alguns casos se associarem à homogeneização; à acumulação, apenas, do conhecimento ou ainda à exclusão de grupos que compõem uma diversidade prejulgada. Em razão disso, cautelosos em evitar novos equívocos pedagógicos, entendemos que um currículo integrado deve obrigatoriamente, atender e, por inteiro, ao:

⁸**integrar**

in.te.grar

(lat *integrare*) vtd e vpr 1 Tornar(-se) inteiro, completar(-se): *Pouco falta para integrarmos US\$ 7.000,00. "...integra-se, lentamente, a América"* (Euclides da Cunha). vtd 2 Mat Determinar a integral de quantidade diferencial. Var: *integralizar*.

[...] interesse em obter uma integração de campos de conhecimento e experiência que facilitem uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, ressaltado não só dimensões centradas em conteúdos culturais, mas também o domínio dos processos necessários para conseguir alcançar conhecimentos concretos e, ao mesmo tempo, a compreensão de como se elabora, produz e transforma o conhecimento, bem como as dimensões éticas inerentes a essa tarefa. Tudo isso reflete um objetivo educacional tão definitivo como é o “aprender a aprender”. (SANTOMÉ, 1998, p. 27).

Sabemos que em termos de aprendizagem humana a quantidade se distancia da qualidade se não for possível o estabelecimento de ligações significativas, alcançadas através da experiência do aprendiz. E tais elos podem, e são criados, justamente, quando os conhecimentos se aproximam, para em interação construir significados, tal como defende Santomé (1998) “O ensino de uma ciência integrada serve para que alunos e alunas analisem os problemas, não só da perspectiva de uma única e concreta disciplina, mas também do ponto de vista de outras áreas do conhecimento diferentes.” (p.113). Daí a necessidade de que os conhecimentos, hoje isolados em disciplinas, se relacionem em práticas interdisciplinares que conectam os saberes tornando-se múltiplos e férteis. O currículo integrado estaria, portanto, associado a esta interação, e inter-relação entre os conhecimentos e os grupos sociais que produzem tais conhecimentos. E acreditamos que seja consequência de um planejamento educacional (curricular, metodológico e gestor) participativo e democrático, voltado para atender as necessidades humanas e valorizar suas especificidades nas suas várias dimensões, o que torna tal ação, inevitavelmente, mais significativa. Portanto, acreditamos que a integração curricular, não se trata apenas, de aproximar conteúdos, mas aproximar ações educacionais que tornam os conteúdos mais significativos, seja pela proximidade com os saberes pragmáticos dos saberes dos educandos, pela capacidade de se estabelecer conexões significativas entre eles, ou ainda por oportunizar ações político-educacionais que reverberam na qualidade do ensino, a saber, uma gestão democrática, metodologias flexíveis, acompanhamento contínuo, infraestrutura adequada, participação da comunidade, etc.

Nesta concepção, a educação é de uma complexidade esplendorosa, tecida a múltiplas mãos, no que se inserem malhas e fios que envolvem ações da gestão, das políticas públicas, e das práticas pedagógicas, da comunidade escolar e dos seus envolvidos de modo que, como insiste Santomé(1988, p. 28) seja possível “ ‘fincar pé’ nas dimensões processuais e não exclusivamente na vigilância e controle dos objetivos predeterminados” como fora na teoria curricular de Bobbit, nos anos 20, em que a lei não previa a diversidade social.

1.6 Consideremos, portanto, a lei

Brasil - 1992 - 3ª série do curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio sob a legalidade da lei Nº 5.692 de 1971.

Enquanto a professora explicava que se alternaria entre uma aula de gramática e uma de texto... ‘a sem luz’, aluna do último ano, esbravejava questionando:

- “depois vai querer que junte tudo... e aí fica mais complicado...

-Tô absurdada, fêssora... Tô besta de ver!!!! Se é pra juntar Por que se tem que separar?

-Não existe o termo ‘absurdada’.” Interpelava a professora tentando conter a ‘verborragia’ da estudante.

- “Como não existe?!... acabei de inventar?!!!

- Você não pode inventar palavras.

-?????????

-Porque não? (?!?!?!?!?!)

Carlos, já fazia, antes de ser Drumond. João, também, antes mesmo de ser Guimarães ou Rosa...

Mas ... estas eram épocas de obediência e disciplina. Todos haveriam de fazer como propunha o currículo.

Como já vimos anteriormente, a influência de um currículo para as classes menos favorecidas, em oposição a um outro, para os dominantes da época, foi sempre um marco na política educacional brasileira de forte influência na distribuição das riquezas e na organização das classes sociais. Assim, durante algum tempo mesmo frequentando um curso secundário, o cidadão profissionalizado, em curso técnico não usufruía o direito ao ingresso no nível superior, o que apenas na década de 50 é que fora corrigido. (RAMOS, 2004).

Considerando tal histórico, em concordância com vários autores entre eles Lopes (2004), enquanto indivíduo, devo confirmar que, indiscutivelmente, as políticas públicas da educação surgem e recaem sobre seu público com conotações bastante específicas. Na década de 90, por exemplo, as razões que me encaminharam ao curso Técnico em Contabilidade, eram, exclusivamente, demandadas pela necessidade de formação profissional que garantisse a sobrevivência. Muito embora a legislação educacional da época, ainda, a Lei 5.692 de 1971, circulasse como uma alternativa de neutralizar a dualidade educacional, em vistas de se impedir a negligência do direito a educação propedêutica às classes menos favorecidas. Sobre tal expectativa legal a oferta obrigatória de cursos profissionalizantes hipoteticamente, “integrados”, era o que se reservava a classe trabalhadora sob os moldes do aligeiramento. Nesse sentido, o problema não fora atacado como também sequer fora reconhecido, uma vez que:

Menos que as imposições da legislação, são as exigências da divisão social e técnica do trabalho que determinavam a existência de diversos ensinos de 2º grau, que distribuirão o saber de forma diferenciada, segundo as necessidades de instrumentalizar os alunos para ocupar distintas funções na hierarquia do trabalhador coletivo. (Kuenzer, 1989, p. 23).

Sem contar que, através de tal normatização a EB haveria de se submeter a chamada “parte de formação especial” de modo que teria ainda por objetivo a sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, e de habilitação profissional, no ensino de 2º grau;” sob as regras e moldes “do mercado de trabalho local ou regional, à vista de levantamentos periodicamente renovados.” (Lei nº 5.692/71 art.5º). Tal legislação conforme RAMOS(2004), provinha de:

Acordos assinados pelo governo brasileiro com a USAID (United States Aid International Development) demonstravam a intenção de se ampliar ao máximo as matrículas nos cursos técnicos e de promover uma formação de mão-de-obra acelerada e nos moldes exigidos pela divisão internacional do trabalho. (p. 33).

Ao que tudo indicava era também objetivo da compulsória EPT da época, a contenção de demanda para o ensino superior, facultando a profissão em detrimento da formação especializada mais crítica, na graduação, destinada a elite. (RAMOS, 2004). Tivemos neste momento, a prescrição que estipulava a integração e na prática mantinha-se uma concepção de instrumentalização para o trabalho. Obviamente que isto não se restringia apenas a uma questão de decreto, mas inclusive de mínima implementação, a exemplo da reduzidíssima

carga horária do curso dito integrado, 600 horas, menor que a dos cursos atuais estipulados pelo decreto 5.154/2004.

A partir da Lei nº 7.044/82, extinta a oferta compulsória, a dicotomia deu-se em função de um ensino técnico esvaziado de uma formação básica reflexiva, uma vez que, dividida a EB antes vinculada ao EPT não mais se poderia contar com uma formação humana e filosófica, através dos conteúdos do currículo básico. Nesta conjuntura, certamente desenvolveu-se amplamente as concepções mecânicas, voltadas exclusivamente para a formação técnica, que, a grosso modo, consistia na plena atuação tecnicista. (RAMOS, 2004).

Conforme atesta a história (RAMOS, 2004) embora já se viesse alimentando, (desde 1987) volumosa discussão contra uma formação profissionalizante adestradora, que negligenciava as origens científicas dos processos produtivos; passaríamos ainda, por um período de proibição da integração curricular entre EB e EPT, a partir do decreto 2.208/97, que estabelecia em seu “Art 5º A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e **independente** [grifo nosso] do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este.”

Surpreendentemente, a implantação do decreto deu-se mediante a controversa composição da LDB Nº 9.394/96 que, conforme Ramos (2004) em um projeto original defendia e previa a integração curricular sem a supressão da educação básica de direito. Em tal projeto, substituído sem maiores debates, em meio a proposições políticas obscuras, certificava-se de que “Estava explícito que a formação técnico-profissional seria acessível a todos e não substituiria a educação regular.” (p.36), como também se propunha assegurar que:

[...] o ideário da politécnica [que] buscava e busca romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade; em termos epistemológicos e pedagógicos, esse ideário defendia um ensino que integrasse ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. (RAMOS, 2004, p. 35 e 36).

Em termos sociais a implantação de lei, a exemplo do Decreto 2.208/97, que contraria tal concepção, foi a nosso ver uma forma de abrir caminho irrevogável para as políticas neoliberais que, fatalmente, reduziriam uma vasta geração de trabalhadores à “mão-de-obra barata”.

Somente em 2004, já no Governo Lula, e ainda enfrentando as forças de oposição a uma educação emancipadora é que foi revogado o Decreto 2.208/97, substituído pelo Decreto 5.154/04, incorporado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a LBDEN/96. Nesta nova perspectiva no Art.39 consta que “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.” Desta forma, após importante tempo de dicotomia legalizada, tem-se para a educação uma chance legal de se fazer libertária, podendo inaugurar uma nova ordem social, essencialmente, inclusiva, embora a integração e o fim da dicotomia exija bem mais que um decreto dadas as concepções, ideologias e facetas da prática pedagógica.

Neste longo e complexo contexto, ora como uma luta política, desde a Lei nº 5.692/71 até o atual Decreto nº 5.154/2004 (já incorporado a LDB); ora como embate teórico a partir das tendências tradicionais até as atuais tendências multiculturalistas de currículo e suas nuances inclusivas, é que tem se dado a trajetória da Integração Curricular, alternado-se entre conquistas e derrotas, através da disputa de concepções e do poder legislador da EB e EPT. Contudo, tal movimento de aproximação e distanciamento das conquistas legais e teóricas frente aos ideais integradores, foi ou pode ser, um importante processo de amadurecimento

teórico e conceitual, para os atores da educação. Hoje, porém, não se pode dizer que a integração é uma realidade concreta e visível, embora se deva reconhecer que muitas são as iniciativas de uma atuação prática de cunho integrador, como veremos aqui relatadas. Contudo, cremos poder, no uso das palavras de Ramos (2004) entender que:

Daqui pra frente, dependendo do sentido em que se desenvolva a disputa política e teórica, o “desempate” entre as forças progressistas e conservadoras [*e isso inclui tais forças também no âmbito do cotidiano das instituições escolares, pois elas mesmas nos*] poderá conduzir para a superação do dualismo na educação brasileira ou consolidá-la definitivamente. (p. 38).

Em termos legais, devemos compreender que avançamos na construção de um currículo integrado para o ensino médio profissionalizante no Brasil. Contudo a integração, agora garantida em lei, pressupõem um esforço pedagógico de efetiva implementação. É neste sentido, que tentamos esta reflexão, pois:

Sabemos que a lei não é a realidade, mas a expressão de uma correlação de forças no plano estrutural e conjuntural da sociedade. Ou interpretamos o decreto como um ganho político e, também, como sinalização de mudanças pelos que não querem se identificar com o *status quo*, ou será apropriado pelo conservadorismo, pelos interesses definidos pelo mercado. (RAMOS, 2004, p. 27).

Sabemos que as investidas hegemônicas, voltadas para a uniformização de práticas pedagógicas, são uma realidade e apresentam-se de forma suscita e mascarada, o que realça a importância do debate, da análise e da compreensão das atuais propostas curriculares, sem que sejam dadas como receitas infalíveis.

1.7 Sobre nossa Concepção de Integração Curricular

Partindo de uma compreensão simplista e ingênua da realidade e do fenômeno educativo, poderíamos entender que a simples oferta da EB e EPT, já garantiria os pressupostos profissionais para os trabalhadores e conseqüentemente, sua profissionalização.

Conquanto a simples adoção e aprovação de Decreto nº 5.154/2004 não aprovassem a integração curricular em termos práticos, a necessidade de diretrizes e orientações que proporcionassem tal compreensão e ação, encaminharia a construção de Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, estruturado conforme nele indicado sobre as principais dimensões da vida humana a saber: o trabalho, a ciência e a cultura. (Doc, Base, 2007). Para tanto, o pressuposto histórico-social e uma concepção complexa do mundo e de suas relações orientariam o currículo integrado, permitindo que se mantivesse sua atualização e significação para o educando.

Assim, contextualizados, histórica e socialmente, do trabalho, da ciência e da cultura, seriam extraídos os temas e conteúdos para um ensino que não negligenciaria a necessidade de assegurar ao educando os conhecimentos já construídos pela humanidade, na forma de suas ciências e tecnologias, como também de suas culturas. Nesse sentido, respectivamente, os autores Saviani e Freire, enfatizam:

Os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, **conteúdos significativos**, [*grifo nosso*] a aprendizagem deixa de

existir, ela transforma-se num arremendo, ela transforma-se numa farsa. [...] Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. SAVIANI (2009, p. 50)

tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.” (FREIRE, 2009, p. 28).

Embora nos vejamos numa polêmica, continuamos a problematização perguntando: a exemplo da filosofia, sociologia, literatura, artes, não seria **também** por intermédio destes conhecimentos, adquiridos via conteúdos e áreas do saber, que o trabalhador poderá pensar, sua existência, seu trabalho e sua condição social? Intentamos não falar a partir de um viés conteudista, embora também nos preocupe um discurso romanceado de educação que não considere os instrumentos e estratégias de luta entre as classes sociais, permanentemente, em conflito. Aliás, frisamos, são necessários **conteúdos significativos**, e sua significação é muitas vezes comprometida, em função de uma ação descontextualizada que para nós constitui o conteudismo, e contra o qual a integração curricular se opõe.

Por isso talvez, haveríamos de pensar que a integração curricular são ações que preveem a articulação entre o conhecimento científico e mais as experiências e saberes culturais e sociais, que selecionados em ampla e democrática participação, possibilitam uma compreensão mais ampla e real do mundo, de si e das coisas. Um currículo que por meio das ações dos vários atores educacionais, (professores, alunos, pais, gestores, etc) ofertasse a formação intelectual, possível através do conhecimento já existente, sem se descuidar de uma formação político-social e cultural que favoreça a subjetividade, a reflexão e a consciência de si e do mundo, a nosso ver seria um currículo integrado, significativo e transformador, sendo que os conhecimentos já existentes, no que se inclui a ciência, também constituem em alguma medida em cultura.

Por esta razão entendemos que o conteudismo estaria associado ao isolamento dos conhecimentos científicos frente ao conhecimento de vida e de mundo, ou seja, tratam-se de conteúdos puramente descontextualizados da cultura de quem os estuda e portanto, trata-se de conhecimentos promotores de homogeneização. Por extensão, os conteúdos só se tornam conteudismo se são isolados dos saberes pragmáticos, e independente de quaisquer autores e concepções, o que se propõe enquanto integração curricular é justamente a superação deste isolamento. Também me parece ser esta a característica principal da pesquisa com os cotidianos que, ao invés de focar apenas os dados cientificamente registrados avança sobre o cotidiano para compreendê-los a partir das experiências do dia-a-dia compondo uma alternativa epistemológica.

Neste sentido, Bernstein e Chevalard (LEITE, 2007) defendem a transposição e contextualização dos conhecimentos como uma forma de torná-los significativos aos alunos. Pensamos que tais conhecimentos, experimentados na vida, e sistematizados, na escola, a partir de conhecimentos de outros seres humanos, estão intimamente ligados ao trabalho e a reflexão sobre este, enquanto construção e autoconstrução dos homens permitindo-lhes que se apropriem de suas capacidades não como mercadorias, mas como sua própria identidade humana e cidadã.

Também entendemos que, quando Freire em seu método de alfabetização indicou que textos e palavras originados da cultura popular seriam importantes, não sugeriu que outros termos de outras culturas fossem extirpados daquele processo de ensinoaprendizagem. Antes entendemos que a orientação refere-se ao fato desses conhecimentos, termos e significados

serem conteúdos significativos para os alunos. Nestes termos, estamos certos de que a pedagogia freiriana também defende o ensino de um conteúdo, que seja significativo para o educando. Não acreditamos, que na defesa de conteúdos inspirados na cultura dos trabalhadores, Freire os quisesse alheios à outros saberes, antes pensamos que, a partir da ampliação destes conhecimentos inseridos como tema de ensino e aprendizagem, Freire nos ajuda a entender a integração de conhecimentos diversos, para compor um currículo inteiro, aquele a que chamamos de integrado.

É, portanto, na medida em que damos a conhecer os valores e saberes já existentes que evidenciamos a diversidade cultural, porque da cultura fazem parte os saberes, pragmáticos, intelectuais, científicos, etc. Assim, quando via currículo e escola integrados, não negligenciamos culturas e saberes, ensinamos e praticamos a tolerância e o respeito a diversidade, mediante a aceitação das várias culturas e saberes, neste momento estamos abertos à produção de novos conhecimentos, justamente porque permitimos a interação e, conseqüentemente o surgimento de novas culturas. Assim, damos sequencia e trama a rede das culturas, dos saberes, da vida, sem que sejam excluídos quaisquer deles.

Tal concepção de educação, terminantemente complexa e ampla, tem como principal característica a indissociabilidade entre as dimensões humanas, como as dimensões sociais e existenciais, de que compõem a vida. Delas, contudo, não se pode excluir as contradições e paradoxos, como desafios da complexidade.

Ainda na tentativa de podermos traçar mais adequadamente um esboço em alguma medida mais elucidativo do que entendemos por Currículo Integrado talvez devêssemos considerar o que nos faz humanos, o que nos distingue para vivência e sobrevivência enquanto humanos. Entendemos por Currículo Integrado uma ação de ensino formal, inteira e inter-relacionada que pode atender as necessidades e condições humanas. E neste sentido Arendt (2010) reconhece três atividades humanas que parecem estruturar a vida do homem. Tais atividades: o trabalho, a obra e a ação, compreendem, respectivamente, o caráter individual, material e político-coletivo do ser humano de modo que, se se deseja que um currículo escolar contemple as necessidades do homem, é indispensável que se possa desenvolver nele a aptidão para o trabalho no sentido de buscar sua sobrevivência, sendo tal trabalho, braçal ou não. Da mesma forma, é preciso que ele o ser humano, de forma efetiva, seja capaz de criar e produzir algo, de maneira subjetiva e criativa. Por isso a necessidade de reconhecê-lo como ser individual através de sua obra, daquilo que é produzido por ele mesmo. Por último a ação, impar nos homens, atenta para a necessidade de se possibilitar que os homens ajam frente aos demais homens, distinguindo-se por sua compreensão própria e única, o que requer mais que o simples preparo para o trabalho, mas, também a condição de pensar sobre si, sobre o outro e sobre tudo o que estes homens criam e produzem.

É neste sentido que nossa compreensão de currículo integrado, prevê participação democrática, ressignificação e ação em conjunto de todos os atores educacionais, frente a toda necessidade e representatividade deles mesmos, o que faria jus ao termo integrado enquanto ação de tornar-se inteiro, por acatar culturas e grupos diversos, como também a concepção de significativo por fazer-se acessível a todos os grupos.

2 PARA SE ANALISAR ALGUNS DADOS... E A VIVÊNCIA

(fragmentos)
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
[...] Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade, Procura de Poesia, p.185, 1991.

Como já indicamos, esta pesquisa tem se construído de forma vivencial. Pesquisando, procuramos encontrar vivências e experiências, como Drummond escrevendo, procurou encontrar a poesia. Por isso, é que comungamos com a noção de pesquisa como sendo “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente” (MINAYO, 1994, p.23), “pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta ‘uma carga histórica’ e reflete posições frente à realidade.” (MIOTO & SILVA, 2007, p.38).

Para esta pesquisa foram necessárias ainda, outras oportunidades de leituras interpretativas, reflexivas, mais críticas (SALVADOR, 1986). E, até aqui, tais leituras constituem um momento de se “penetra[r] surdamente no reino das palavras” buscando compreender uma das...

... mil faces do Currículo Integrado

No cotidiano estão as múltiplas versões e concepções de currículo e por extensão, de currículo Integrado. Por isso a busca pelo diálogo com os sujeitos da educação em seu local de ação, comparando tais diálogos com, “observações sistemáticas” da escola, de documentos e posturas, de modo a configurar o que Esteban (2003, p.208) define como uma espécie de “triangulação” epistemológica, a partir do que se poderá filtrar excessos ou alguma negligência.

Uma destas experiências, uma Jornada Pedagógica, como momento de debate e estudo do tema “Currículo, Avaliação e Integração – Confluências de práticas” levantou questões como: a influência positivista no ensino, e nas relações escolares, dualidades do ensino, orientações legais, a avaliação, a integração, gestão e participação da comunidade. A jornada, contou com a presença, participação e colaboração de aproximadamente professores do IFNMG – Campus Salinas e configurou uma tentativa de inserção do tema “Integração Curricular” na rotina de discussões da escola, a partir do que se iniciaram as observações e estudos procurando identificar uma possível associação entre a gestão e a prática de integração de currículos.

Outra oportunidade de busca de informações deu-se em Seminário sobre Diretrizes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em 5 e 6/05/2010, que mediante a proposta de atualização das Diretrizes Curriculares da EPT, oportunizou o debate em fase de

consulta pública. Na oportunidade, foram discutidos conceitos como integração, competências, objetivos dos cursos, currículo, educação e trabalho, etc.

Entre os objetivos e pontos de vista implícitos nesta pesquisa, não vamos aqui nos furtar da condição política de uma pesquisa que, por formação da pesquisadora jamais se daria de forma neutra. Temos, sim, um objetivo político. Nesta pesquisa que estuda um fenômeno da educação, o currículo, podemos declarar abertamente, temos sim, um objetivo político que se resume em, mediante as dificuldades de significação dos conhecimentos escolares, combater a ideia de que “não há o que fazer” (FREIRE, p.67, 2008), ou de que o que quer que se faça em termos de reflexão será inútil e descontextualizado.

Neste sentido, talvez possamos presenciar o surgimento de uma nova cultura escolar, definida por Certeau, e citada por Mello (p. 91, 2003) como sendo:

uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco,
invisíveis, encerradas nas práticas -, mas pirilampos, e por vezes
grandes pássaros noturnos, [que] atravessam-na aparecimentos e
criações que delineiam a chance de um outro dia.

Este é, contudo, um caminho que fazemos ao caminhar, e por isso a imagem emergente nesta empreitada é próxima à de um naufrago em sua frágil jangada que, por que naufrago só lhe é certo e vital o remar, mesmo sem saber se valerá a pena. Contudo, não estamos desolados, antes, o naufrago sem a certeza do porto, se esforça para manter-se sóbrio e ativo, de modo a compreender e explorar o mar, a fim de usufruir de quaisquer sinais de socorro o que lhe poderá garantir a sobrevivência. Aliás, tal qual deve ser no plano da educação, onde certezas muitas vezes correspondem a grandes falhas, e a necessidade de reflexão, como a do naufrago em remar, é uma questão de sobrevivência. Por esta razão, temos convicção de que não estamos à mercê do acaso, mas conduzimos a pesquisa a partir dos fatos emergentes no dia-a-dia, os quais se estruturam ou não nas teorias estudadas, e por isso nos oportuniza a discussão sobre elas e sobre a prática. A ausência de certeza seja do resgate a exemplo do naufrago, ou dos resultados da pesquisa, nos deixa mais atentos e nos faz compreender que uma pesquisa não se fundamenta como discussão se ao iniciá-la já temos sua resposta. Aliás, isso sim, é tendencioso. Portanto,

*'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...
Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?*

Castro Alves, O Navio Negroiro, 1977, p. 169.

E o “mar” guarda surpresas...

Em uma das várias conversas realizadas em função desta pesquisa, indagamos certa professora sobre as suas práticas voltadas para a integração curricular. Com um olhar espantado, sorrindo, nos respondeu: “como assim práticas integradas?” Explicamos que como na escola trabalhávamos com duas matrizes curriculares (EB e EPT), observando alguns alunos, nos pareceu que tais currículos se distanciavam de tal forma que pareciam sem qualquer significado para os estudantes, e para isso era preciso utilizar-se de estratégias que aproximassem os conhecimentos gerais dos específicos da formação profissional, ao que me respondeu, ainda sorridente: “eu pensei que era um conhecimento, só. Nunca pensei em dividi-los. Sou professora do curso.” Sua fala soou como um “acontecimento” que, na contra

mão do esperado, resistia a uma onda dicotômica. Não era comum ouvir isso. Na maioria das conversas a este respeito, se estabelecia um cabo de guerra, entre concepções que defendiam ora a formação profissionalizante ora a formação básica para que o aluno pudesse “ter emprego ou crescer mais na universidade.”

Para Morin(2007) o acontecimento extrapola o previsível ao mesmo tempo em que se dá de forma não definitiva. “O acontecimento é inesperado, imprevisto, novo. A importância do acontecimento é muito grande [...], nas iniciativas humanas que perturbam ou modificam o curso da História (p. 206).” Naquele momento, ficou mais claro o objetivo desta pesquisa, na medida em que percebemos a necessidade de se vislumbrar o que estava no cotidiano da escola. Em função disto, nos colocamos mais atentos às pequenas incursões que despontavam na contramão das nossas expectativas.

2.1 Analisando os Questionários, Percebemos...

Conforme os questionários foram pouquíssimos os professores que apresentaram uma experiência inferior a um ano na docência, e sua formação acadêmica é no mínimo de especialização, fato que não pode ser considerado uma generalização se comparada às escolas de outras redes educacionais. Pelo menos a metade, dos respondentes apresenta mestrado, enquanto, aproximadamente 30% deles já passaram pelo doutorado ou estão em curso. O que, para alguns representa uma forma de se preparar para “melhor atender as necessidades dos alunos e também para [se] capacitar à altura para exercer a carreira de professor” (Professor da EPT), muito embora, a maior parte de suas pesquisas parece focar estudos específicos da área técnica e tecnológica de suas especialidades, provavelmente, sem um enfoque pedagógico maior.

Numa das várias leituras dos questionários aplicados para esta pesquisa nos foi revelada uma questão que consideramos pertinente de ser tratada. Trata-se do questionamento de um professor que indicou como dificuldades para a integração a falta de recursos financeiros. Em nossas análises, ampliamos a argumentação do professor para compreendermos outras questões fundamentais do debate. Segue abaixo a transcrição da pergunta e da resposta.

2.1) Para você existem dificuldades para o desenvolvimento de ações de integração curricular? Quais? Por quê?

Se é que eu entendi direito o que é integração curricular sim. Acho que a tal integração não é de responsabilidade apenas da escola. É uma questão política. Ao meu entender, para se fazer / implementar uma proposta como essa, em larga escala em todo território brasileiro, envolve muitos recursos financeiros, capacitações, produção de novos livros didáticos, etc. Na educação, as coisas tendem a não funcionarem muito bem, porque os políticos simplesmente fazem as leis, mas não pensam como e quais recursos serão utilizados para concretização das mesmas. Tá certo que lei não se discute, obedece. Mas, na educação, o ‘obedecer’ envolve outros fatores, pois lidamos com seres humanos. (Professor da EB)

Lamentavelmente, não há, conforme os documentos oficiais que tratam sobre o tema, um financiamento específico para Integração Curricular. Como a Integração Curricular, constitui e incorpora-se como diretriz para a EB e EPT, seu financiamento se dá na medida em que se dá o financiamento do chamado ensino médio. Sem dúvida que isso é uma

contradição e uma dificuldade na medida em que, para tanto, é necessário uma nova concepção que inove também as práticas e, portanto, os materiais, livros e recursos, tal como sugeriu o respondente.

Neste sentido, endossamos mais uma vez a necessidade de discussão e produção alternativas de práticas de integração, que nos estimulem e nos embasem teoricamente, como também legalmente, para novos embates, talvez em busca de recursos. Enquanto isso, é preciso que haja estudo e discussão.

Quando perguntados sobre a escolha da profissão de professor, a maior parte dos professores alega certa identificação/vocação na escolha pela docência, o que não lhes faz omitir a desvalorização, os baixos salários, “os ossos do ofício que são muitos!!!” (Professor da EB). Contudo, também admitem terem sido influenciados por outros aspectos como a oportunidade de trabalhar com pesquisa e ensino profissionalizante e a remuneração, (especificamente no caso da rede federal de ensino). Ou ainda a motivação de antigos professores e da família, como também o desejo íntimo de poder transformar, em alguma medida, a realidade social com que se deparam.

Quando mencionado o Decreto nº 5.154 de 23/07/2004, embora não seja comum algum preparo mais específico para o trabalho na EPT (curso aperfeiçoamento, formação continuada, etc) que vá além de uma orientação pedagógica à pinceladas, poucos foram os que alegaram não conhecê-lo. Conquanto, sua grande maioria já observe a necessidade de uma discussão mais profunda do tema, além de acompanhamento pedagógico para sua implementação, alguns parecem acatar a integração como uma proposta de qualificação da educação.

Leva a formação do cidadão de maneira mais completa e integrada, não fragmentando o aspecto crítico-reflexivo mais pertinente do núcleo comum [do currículo] com a parte técnica profissionalizante fugindo assim da formação tecnicista. (Professor da EB).

Percebemos, contudo, que, o currículo integrado é visto pela maioria, sob a visão dicotômica entre a EB e EPT, uma instrumentalização dos saberes a serviço do conhecimento para o trabalho, embora esta perspectiva, a do trabalho, também seja apenas uma das necessidades humanas. Assim, a principal preocupação tem sido justamente a articulação entre os dois currículos básico e profissionalizante. Por esta razão talvez, outros temas dicotômicos foram indicados nas respostas, apontadas como dificuldades para a integração como se seguem: disciplina e interdisciplinaridade, teoria e prática, EB e EPT, currículo prescrito e currículo vivido, etc. De modo geral, tais temas (dicotômicos e polêmicos como são) tendem a nos exigir uma posição de escolha excludente e por isso acabam por comprometer uma concepção curricular integrada.

Podemos dizer que, paradoxalmente, a aprendizagem e o trabalho fazem parte das necessidades humanas. Ora aprendemos com o trabalho, ora aprendemos para ele. Ocorre que, na atualidade a oportunidade de trabalho e de estudo, pertencem a realidades sociais diferentes e contraditórias que alimentam a dicotomia entre tais atividades humanas, sobretudo quando é negligenciada a subjetividade e auto-realização que pode proporcionar ao homem. Por isso a necessidade de se compreender e atender às necessidades humanas de forma integrada. Neste sentido analisaremos uma questão que emergiu de uma resposta ao questionário, quando perguntamos:

2.3)- Considerando sua experiência de ex-aluno e atual professor, quais ganhos ou perdas pedagógicas você observa ao utilizar instrumentos que objetivam a integração curricular?

A tal questão nos foi respondido:

Entendo que o conhecimento escolar organizado em disciplinas são vistas ainda como indispensáveis instrumentos de sistematização de saberes e habilidades, portanto, acredito que a integração curricular que está sendo proposta e justificada por mudanças dos processos de trabalho e de organização do conhecimento no mundo globalizado pode se tornar perigosa, pois podemos incorrer em erros ou danos irreparáveis à sociedade. Foi [n]o currículo que temos hoje que se formaram os atuais cientistas e todo conhecimento [grifo nosso] que se tem hoje e, o currículo integrado, ainda não formou nenhum. Agora eu pergunto. Será que realmente o tal currículo integrado, visto sobre os diversos olhares e expectativas sobre o mesmo será realmente bom para o nosso futuro? (Professor da EB).

Como não pretendemos dar respostas acabadas, que finalizem o debate, cuidamos aqui de problematizar o questionamento desmembrando-o em outros tantos, como forma de ampliarmos quaisquer respostas. Assim, principiamos, questionando o conceito de currículo integrado, visto que como fora exposto por alguns dos atores da educação, o currículo vai além dos conteúdos estendendo-se como suas partes integrantes as práticas e valores, concepções e posturas, objetivos e experiências, que não se limitam à definição de seu decreto de imposição (Nº 5.154/2004), ou ainda a sua definição conceitual. Devemos esclarecer também que "A perspectiva interdisciplinar não é contrária à perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela. (LENOIR, In. Fazenda, p. 46, 2010). Portanto, uma concepção verdadeiramente integradora, prevê a aproximação e o diálogo entre as disciplinas e seus saberes, não sua extinção. Contudo, não se trata de uma aproximação apenas de conteúdos, mas de saberes (saber pragmático, saber científico, saber popular). Em tal concepção também se aproximam práticas e ações (pedagógicas, gestoras, cognitivas) e ainda as diversas culturas. Devemos esclarecer ainda que tal aproximação dá-se não no sentido de sua seleção, classificação ou eleição, mas de maneira a darem-se a conhecer umas pelas outras.

Na sequência, cabe perguntarmos, qual o currículo que temos hoje, o imposto pela legislação? A considerarmos que para tal currículo prescrito temos uma vastidão de currículos vividos efetivamente, configurados a partir das concepções, crenças e convicções dos atores educacionais, que raramente coincidem com as dos legisladores, talvez já tenhamos em alguma medida um "currículo integrado", em franca execução. Mas ainda, qual é o currículo praticado pelos autores da educação hoje? Em que pese a resposta a tal pergunta, uma vez que não há homogeneidade nas práticas pedagógicas, podemos esclarecer que pode nos interessar mais o resultado (não estatístico) de uma educação que se diz não reprodutivista.

Da mesma forma é preciso definir: qual o perfil dos cientistas formados por este currículo? Seriam eles "gênios" da ciência positivista, filósofos progressistas, ou apenas grandes *expert* em ganhar dinheiro e poder político? Arriscamo-nos a dizer que, certamente, entre eles também há uma corrente de valorosos *professoreseducadores*. E afinal, todos os egressos da escola se tornaram ou se tornarão "cientistas", produtores de conhecimento? Haveria, em meio aos jogos de interesses (políticos, econômicos sociais, intelectuais etc) espaço para tanta gente "pensante"? Ou na atual conjunta, apenas um restritíssimo grupo privilegiado e dominante, é que detém ou deteria o poder que emana da ciência, e portanto a produção do conhecimento considerado "válido"?

Se entendermos que um currículo gerador de cientistas é a mais adequada opção, estaremos sinalizando a formação científica, como único objetivo da educação, como também

negligenciando as várias dimensões e objetivos da educação, a saber, a sociabilização, a formação ética, crítica, humana, afetiva e profissional. E neste caso, fazendo uso das palavras de nosso respondente, haveremos de reconhecer que “no mundo globalizado [isso] pode se tornar perigoso, pois podemos incorrer em erros ou danos irreparáveis à sociedade”, como por exemplo, o monopólio científico, o uso indiscriminado da ciência, a reprodução das diferenças econômico-sociais, os sistemas autoritários, todos advindos de uma formação educacional acrítica e politicamente estéril.

Em contrapartida, se entendermos que a educação pode e deve em alguma medida transformar a organização sócio-econômica, então deveremos também entender que uma autêntica integração curricular prevê a significação dos conhecimentos, em sintonia com o bem estar e a ética humanas, e não se dá apenas em função de uma qualificação técnica ou científica, embora tais qualificações colaborem inegavelmente, na inteireza do conhecimento e evolução humanas.

Podemos afirmar que na perspectiva de integração não se pretende a exclusão dos conhecimentos científicos, ou quaisquer outros, antes o que se pretende é “um tipo de ensino médio que garanta a integralidade da educação básica, ou seja, que contemple o aprofundamento dos conhecimentos científicos produzidos e acumulados historicamente pela sociedade”, (Doc.Base, 2007, p. 24) que, aliás constitui o mesmo conhecimento científico, indicado por nosso respondente, do que se iniciou esta discussão. E neste sentido a perspectiva politécnica para a integração curricular diz respeito justamente “ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho [...]” (RAMOS, 2005, p. 42). Sabemos e reconhecemos a importância de tal conhecimento para a humanidade, o que, no entanto, questionamos é a distribuição deste de forma significativa.

O que atualmente se vê são as classes populares optarem por um currículo profissionalizante, por que “não podem ‘se dar ao luxo’ de esperar até os 20 anos ou mais para iniciar a trabalhar”. Também nesta dinâmica estão grupos e culturas não reconhecidos no currículo escolar, (a exemplo das mulheres, homossexuais, ribeirinhos, índios, etc) Assim, independentemente do currículo e/ou de sua configuração, tais classes tendem a se encaminhar para o trabalho ou para a marginalização social. Ocorre que um currículo adequadamente integrado, não apenas o qualificaria para a profissão, como também lhes disponibilizaria, através de uma formação científica sólida a utilizar e produzir novos conhecimentos científicos, de forma crítica e reflexiva, através dos quais novas perspectivas se abririam, sem que fossem violadas suas culturas e saberes. Por isso, vemos no currículo integrado uma alternativa para que “deixe de ser um luxo o fato dos jovens das classes populares poderem optar por uma profissão após os 18 anos de idade” (Doc.Base, 2007, p. 24). Também por isso, a necessidade de um currículo significativo para todos os alunos e não para um grupo social apenas. Também por isso, a necessidade de se oportunizar na escola uma *teoriapedagogia* curricular, inclusiva, que rompa com a dicotomia entre a preparação para pensar (construir teorias e conhecimentos) e a preparação para agir (trabalhar, construir objetos e coisas), visto que constituem a nosso ver os dois lados que validam a mesma moeda, ou seja, a educação.

2.2 Dicotomias: Distinções e Associações

Para Freire (2008) “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.” (p.38). E o pensar sobre o fazer, é, para nós, justamente, o pensar sobre a prática, o pensar teoricamente, sobre as dificuldades, experiências e possibilidades, sem perder de vista a prática, a dimensão onde se realizam pensamento e ação. Assim, entendemos que a teoria consiste na reflexão sobre a prática como princípio e continuidade do pensamento sobre um tema tal, incidindo que para a

prática, e antes de sua concretização, seja necessário uma ação reflexiva de análise, planejamento e aproximação ao real. Neste sentido,

o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigurosidade.(FREIRE, 2008, P. 39).

Talvez por isso Silva, (2009) observe que “a teoria” não se limitaria, pois a descobrir, a descrever, a explicar a realidade: a teoria estaria irremediavelmente implicada na sua produção.”(p. 11), porque através do pensamento teórico novas possibilidades práticas surgem, como resultado de sua análise crítica.

Para alguns, sobretudo pelo desconhecimento e imposição teórica de que são alvos, a teoria seria uma farsa, por criar uma expectativa de trabalho e sucesso impossíveis, mediante os fatos diários da vida escolar. No cotidiano, no chão da escola é muitíssimo comum, este embate, uma vez que, se considera “teoria” a grande distância entre a legislação imposta pelas políticas educacionais e seus desdobramentos efetivos.

Tal pensamento ao longo dos anos gerou grande distanciamento, por exemplo, entre os educadores, a saber professores e pedagogos, que são a nosso ver *teóricospráticos*, entre os quais paira a justa dificuldade de compreender uma teoria dissociada da prática, ou uma prática que se exima do exercício reflexivo.

Ocorre que, em nossa opinião, em termos de integração curricular, há inúmeras possibilidades reais de se executá-la com significativos ganhos pedagógicos. Tanto assim o é que, muitos profissionais já desenvolvem formas de integração, que correspondem, na prática, a sua visão teórica, ou seja, sua reflexão e ação planejada sobre o tema. Neste sentido, teoria e prática são componentes indissociáveis, a serem desenvolvidos via estudo, reflexão e debate, além de algumas experiências práticas.

De modo geral as respostas dadas a esta pesquisa deixam emergir como exercício ou tentativa de integração, a aproximação entre o que chamam “prática e teoria”, como também a troca de conceitos e aproximações entre as disciplinas de um e outro currículo. Assim, afirmam através do instrumento que: “[...] os conteúdos de cálculo de adubação [...] dependem muito de conhecimentos de matemática[...] (professor da EPT)”, ou ainda “[...] preciso de conceitos das outras áreas para trabalhar os meus[...]”.(professor da EPT).

O esforço dos educadores são ainda no sentido de, através dos conteúdos básicos, instrumentalizar os alunos para seu uso nas situações da profissão, como indicam:

Faço link entre várias situações interdisciplinares [...] os conceitos adquiridos em outras disciplinas [...] levam o aluno a compreender melhor as minhas disciplinas [...] procuro desenvolver nos mesmos atitudes de mudança e transformação para que este possa interferir na sociedade [...] (professor da EPT).

Busco abordar as atividades da disciplina [profissionalizante] relacionadas as disciplinas do médio. (Professor da EPT).

Acredito ter alcançado a integração curricular em atividades práticas onde o aluno pode perceber um pouco quais as tarefas terá que desempenhar como um futuro profissional. (Professor da EPT).

Embora nem todos tenham mencionado a interdisciplinaridade, e sendo que também não fora tratado tal tema nas discussões por ocasião da implementação do currículo Integrado (Decreto nº 5.154/2004) esta parece ser a primeira indicação rumo à construção de currículos integrados. Da mesma forma, a aproximação entre disciplinas parece ser um princípio de interdisciplinaridade, na concepção dos professores, o que, até certo ponto, é endossado pelo estudioso Yves Lenoir, mediante a leitura de outros estudiosos da área, e sua própria leitura em que afirma: “Todos reconhecem - e as definições que dão de interdisciplinaridade legitimam esse reconhecimento – a necessidade de uma interação.” (LENOIR, In. FAZENDA, p.46, 2010).

Ocorre que, estudando cada questionário com cuidado, observamos que as atividades descritas nos encaminhavam para dois tipos de ações específicas, que também nos remetem a um formato de interdisciplinaridade. As ações apresentavam um caráter, ora de aproximação para a instrumentalização do conhecimento, ora de aproximação para a reflexão e ampliação dos conhecimentos, o que nos levou a necessidade de compreender melhor o tema.

2.3 Interdisciplinaridade - Estratégia de Integração e de Ressignificação

Para fins de Integração Curricular, conforme o Documento Base da Educação Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio temos que:

[...] a interdisciplinaridade aparece [...] como necessidade e, portanto, como princípio organizador do currículo e como método de ensino-aprendizagem, pois os conceitos de diversas disciplinas seriam relacionados à luz das questões concretas que pretende compreender. (DOC. BASE, 2007, p.52).

Diante do disposto, entendemos que a prática interdisciplinar é fundamental para a ação de integração efetiva de currículos. Sendo um conceito surgido da necessidade de compreender a complexidade que nos cerca, a interdisciplinaridade está associada a capacidade e esforço em aproximar e destacar interseções entre as experiências, e parece ter surgido, em contraponto à especialização e limitação da disciplina, evidenciando tendências educacionais pós-modernas que, já não se contentavam com respostas prontas e limitadas de apenas uma área de conhecimento, um ponto de vista.(SANTOMÉ, 1998)

Também nos pareceu que a interdisciplinaridade está associada a uma forma complexa de compreender os fenômenos sem o isolamento, promovido pela ciência moderna, que embora fracionasse o conhecimento, manteve a concepção flagrada ainda hoje de que “Ter cultura era ter conhecimentos sobre todas as especialidades do saber, frente ao mundo do trabalho que exigia domínios muito específicos”. (SANTOMÉ, 1998, p. 48). Neste sentido Santomé (1998) compara a compartimentalização das matérias ao sistema fragmentado de produção capitalista, que como é sabido aniquila do trabalhador sua subjetividade e sua capacidade de criação. Assim, o conhecimento sob influência moderna da especialização, de certa forma aniquilaria o pensamento crítico, por reduzir seu campo de visão, contextualização e abrangência.

Por sua vez, a profundidade no processo de aproximação entre as disciplinas gerou uma série de classificações do fenômeno interdisciplinar. No entanto, considerando que a integração de currículos se dá a partir das disciplinas escolares, e por consequências da

interação e enriquecimento entre elas, adotamos o conceito de interdisciplinaridade proposto por Jean Piaget e citado por Santomé (1998), salientando que a interdisciplinaridade constitui:

Segundo nível de associação entre disciplinas, em que a cooperação entre várias disciplinas provoca intercâmbios reais; Isto é, existe verdadeira reciprocidade nos intercâmbios e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos. (SANTOMÉ, 1998, p. 70).

Nestes termos, na tentativa de compreender as concepções implícitas nas práticas dos atores da educação aqui pesquisados, selecionamos alguns relatos organizados em grupos de experiências, citadas pelos professores como práticas nas quais “acredit[am] ter[em] alcançado a integração curricular”⁹.

Quando eu trabalho com os alunos sobre a importância das bactérias, consigo mostrar a relação delas na produtividade agrícola, fixação de nitrogênio, produção de alimentos, degradação de alimentos, que são temas relacionados e complementares à área técnica [do curso]. (Professor da EB).

[...] no momento em que discuto com os meus colegas da área técnica sobre as contribuições que a disciplina que leciono poderia oferecer à disciplina deles e acato as suas sugestões, o faço com a intenção de integrar o currículo. (Professor da EB).

Em algumas aulas do ensino profissionalizante, como por exemplo, a de Agropecuária, é necessário fazer a ligação e buscar o conhecimento dos alunos em determinadas áreas básicas do conhecimento como a Biologia, a Química, a Geografia, entre outras, que se fazem necessárias e fundamentais para se compreender a informação técnico-profissionalizante que se deseja alcançar. (Professor da EPT).

O primeiro grupo, em termos de prática pedagógica, parece articular um saber, normalmente do currículo básico, como instrumento para o desenvolvimento de saberes e fazeres propostos pelas disciplinas do currículo profissionalizante, e é visto como uma perspectiva instrumental de interdisciplinaridade. Nesse sentido, Lenoir (2010) observa que, “A perspectiva instrumental refere-se, pois, menos a uma categoria de conhecimento do que a uma categoria de ação.” (In. FAZENDA, p. 48, 2010).

O segundo grupo de descrição de práticas, porém, que tem como elemento integrante a discussão dialógica, nos pareceu conduzir suas características filosóficas como estímulo e proposta de um trabalho subjetivo de aprendizagem paralelo à aprendizagem laboral, para a profissão:

Durante minhas aulas eu costumo apresentar várias situações interdisciplinares onde os conceitos de Matemática são aplicados na Física, na Química e na Engenharia. Em todas estas situações eu procuro citar exemplos dentro da realidade social do meu aluno como também procuro desenvolver nos mesmos atitudes de mudança e

⁹ Termos usados nos questionários em anexos.

transformação para que este possa interferir na sociedade. (Professor da EB).

[...] seminários que unem as perspectivas de mais de uma abordagem, produções textuais que rompem com a barreira entre os conteúdos, projetos científicos e posterior debate em sala, feira de ciências, são exemplos de iniciativas que já realizei/participei [...] que contribuem para atingir esse horizonte da integração[...] (Professor da EB).

Procurei trabalhar com eles baseada numa concepção de ensino e currículo em que o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia constituíssem os fundamentos das minhas aulas. Acredito que nenhum aluno deve ser privado de ter acesso a nenhum tipo de conhecimento ou discussão mesmo que aparentemente, aquilo não faça parte do seu universo. **Posso negar conhecimentos imprescindíveis de redação a um aluno que só quer formar-se em técnico e voltar para a propriedade dos pais? Será que a escrita não é importante para ele também? Será que não devo discutir a questão do trabalho com um aluno que tem toda condição financeira para fazer uma boa faculdade?** [grifo nosso] Quando se trabalha numa perspectiva unitária, todos tem acesso a essas discussões e fazem uso delas à medida que forem necessárias em algum momento da sua vida. (Professora da EB).

Um terceiro grupo que intenta o debate sobre integração curricular prevendo que as ações de instrumentalização e associação dos conhecimentos se aglutinem, contudo, dá a entender que apenas a instrumentalização, talvez, não seja suficiente.

Infelizmente não creio que tenha havido efetivamente este momento. Em um momento ou outro procuro fazer um breve link com a área profissionalizante, porém, não julgo suficiente para se tratar de integração de currículo. (Professora EB).

Poderíamos entender como suficiente a perspectiva instrumental se considerássemos a lógica profissionalizante, cujo objetivo é a formação e habilitação para o desenvolvimento de ações laborais. Contudo, é preciso compreender que tais ações não se desmembram de uma reflexão cognitiva e intelectual, de previsão e programação de sua ação seja no trabalho braçal ou intelectual, para o que indistintamente “é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo. (MAX. P.37, 1983). Nestes termos não há dúvida de que é indispensável a ampliação e potencialização do debate filosófico e dialógico em sala de aula, mesmo mediante a formação profissionalizante.

Nesta perspectiva de integração, os procedimentos apresentam, a nosso ver, quatro outras características, decisivas para uma educação que se diz libertária e significativa. São elas: a troca de informações entre as outras disciplinas, contextualização conforme realidade social do aluno, estímulo aos questionamentos críticos e intenção transformadora. Neste contexto, talvez não seja inadequado dizer, que resguardadas as devidas proporções, tal perspectiva “[...] tem como propósito a edificação de uma síntese conceitual ou acadêmica do fato, que é um jogo social e epistemológico, antes de tudo universitário, isto é, a unidade do saber.” (LENOIR, in: FAZENDA, p. 48, 2010).

Nesse sentido concordamos com Lenoir, (in: FAZENDA, p. 48, 2010) que atesta: “Fundamentalmente, as preocupações de ordem filosófica e epistemológica [que] têm por objetivo a constituição de um quadro conceitual global que poderá numa óptica de integração, unificar todo o saber científico.” A isso acrescentamos que a ampliação de uma interdisciplinaridade instrumental para uma interdisciplinaridade científica, voltada para a pesquisa e para a reflexão, poderá ainda, contribuir para a ressignificação do ensino escolar, isto por que:

Falando de interdisciplinaridade escolar, é conveniente manter intimamente ligada essa dupla visão de interdisciplinaridade, epistemológica e prática, de maneira a evitar divagações tanto do tipo idealista, que negligencia toda ancoragem na realidade escolar, como do tipo técnico-instrumentalista, em que a finalidade, a pertinência e o valor serão medidos pelo sucesso imediato. (LENOIR, in:FAZENDA, P. 49, 2010).

Considerando a convivência cotidiana com os professores, observamos algumas questões que julgamos imprescindível para compreender a prática de integração. São elas a preocupação com a aproximação e discussão entre disciplinas, a contextualização como cenário para o ensino, como também a problematização crítica estimulando os alunos para ações de transformação. Tais questões são, nestes segundo e terceiro grupos, uma característica marcante dos professores, que articulam estas posturas mesmo fora da sala de aula. Mediante esta vivência, nos parece óbvio que tais educadores articulam em sua prática pedagógica as duas perspectivas interdisciplinares, de modo a alcançar aprendizagem na subjetividade. Neste sentido talvez, Lenoir nos alerta que embora:

Essas duas tendências exprimem uma tensão que percorre a questão interdisciplinar desde o seu nascimento concordamos que [...] essas duas visões, que parecem contraditórias à primeira vista, devem ser preservadas e mantidas, [e] sobretudo, é importante recorrer [a elas] de maneira complementar, porque elas ‘não são mutuamente excludentes’ (LENOIR, in:FAZENDA, P. 49, 2010).

Neste sentido, a interdisciplinaridade escolar, cujos fins são instrumentais, “tem por finalidade a difusão do conhecimento (favorecer a integração de aprendizagens e conhecimentos) e a formação de atores sociais”. Enquanto isso, “a interdisciplinaridade científica tem por finalidade a produção de novos conhecimentos e a resposta às necessidades sociais”. (LENOIR, in: Fazenda, p. 52, 2010.). Disto depreendemos que, se constitui objetivo da escola que seus egressos sejam capazes de utilizar-se dos conhecimentos inclusive para a produção de outros novos, então é preciso que eles sejam apenas instrumentalizados com saberes estruturais (a julgar o currículo básico), mas, também de maneira flexível e reflexiva, o que favorecerá sua subjetividade, na forma de capacidade de criação.

Por ora, entendemos que, tais relatos, manifestados via questionários, são importantes pistas para a construção de um currículo integrado que favoreça a qualidade da educação. Contudo, salientamos que, é preciso mais indicações, como também novas ações de integração que predisponham alunos e professores a perfazerem juntos os caminhos da aprendizagem. Também reconhecemos que, por não haver receita que contemple toda a complexidade da escola e do currículo, é preciso que haja desprendimento e flexibilidade em evidenciar o que os atores da educação criam ou podem ainda criar. Assim, se isto depende de uma formação, debate e interação entre os profissionais de diferentes áreas e disciplinas, é

também verdade, que a organização e encaminhamento de tais ações, sua valorização e estímulo, provém, sem dúvida de atitudes dos gestores.

A exemplo da proposta de um currículo nos moldes globalizados sob uma prática interdisciplinar, no Brasil, conforme Documento Base/2007, denominado Currículo Integrado que tem surgido em função da necessidade de se superar a dicotomia entre uma educação popular e a educação para a classe abastada da sociedade, podemos perceber os limites de uma aproximação de conteúdos apenas. Semelhantemente, a necessidade de tornar o currículo e seus saberes mais significativos para o aluno tem estimulado a possibilidade de integração. O que nos força reconhecer que uma prática interdisciplinar é sem duvidar uma boa estratégia de ressignificação curricular, contudo ela não é o suficiente para a integração de currículos, justamente, porque um currículo não se limita aos conteúdos como também sua integração não se limita a associação entre seus conteúdos, apenas. É também necessário que as ações sejam elas, gestoras, didáticas ou ainda cognitivas no que se refere aos educandos, tenham ligação e significação com os objetivos da escola e seus educadores, como também com as necessidades de seus educandos e da própria sociedade. E isso deve se apresentar também nos documentos institucionais.

2.4 Documentos Institucionais: a Integração Planejada

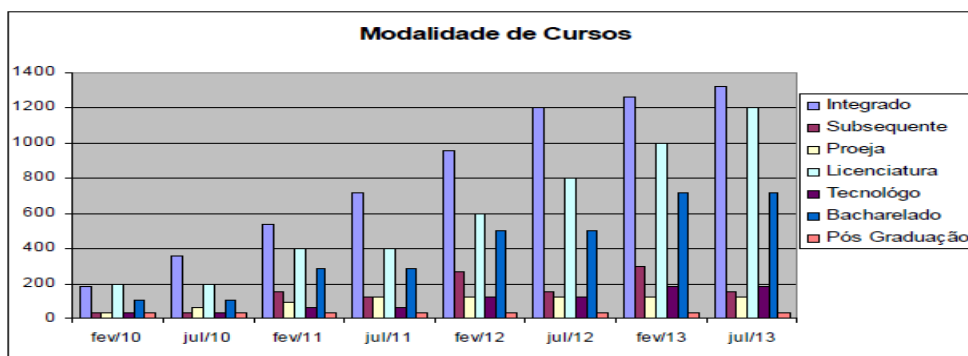
Devemos reconhecer que uma política educacional, especialmente aquela relacionada às questões curriculares, não se concretiza na mesma instância em que é proposta. Disto decorrem outras ações e proposições, as quais, efetivamente, relacionam-se com a sua implementação. Assim, para a efetivação de uma política educacional faz-se necessário que os atores educacionais, perfaçam o itinerário teórico-reflexivo, político-dialógico e finalmente, que sejam motivados e estimulados a ação pedagógica, na escola e em sala de aula. Neste sentido Lopes (2004) afirma que “toda política curricular é, assim, uma política de constituição do conhecimento escolar: um conhecimento construído simultaneamente para a escola (em ações externas à escola) e pela escola (em suas práticas institucionais cotidianas)” (LOPES, 2004, p. 111).

São vários os documentos institucionais que configuram a identidade da instituição, sua concepção, sua atuação, seu planejamento e sua prática. Como, enquanto instituição, ainda nos encontramos em transição, entre a configuração de Escola Agrotécnica Federal de Salinas – EAFSAL, e o IFNMG/Campus Salinas, alguns destes documentos, estão em franca construção, a exemplo, o Regimento Interno – RI e Projeto Pedagógico da Instituição – PPI. Quanto a este último, por ocasião desta pesquisa, eram considerados PPI da EAFSAL e Minuta do PPI- IFNMG.

Analizamos inicialmente, o Estatuto do IFNMG, que indica suas finalidades e características. Uma delas (também indicada no Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI), conforme Art. 4º propõe “promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e à educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;”.

Tal item é ainda indicado no PDI, como objetivo/meta a ser alcançada no período de 2009/2013, como parte do planejamento de uma “Promoção da Integração”. O mesmo documento especifica o importante compromisso do instituto em “garantir o mínimo de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio,” o que faz da integração curricular um debate vital para a instituição visando o seu sucesso. O gráfico abaixo, extraído do PDI, nos dá uma visão da ampliação pretendida.

Quadro 1 - Projeção de Oferta de Cursos Integrados no IFNMG/Campus Salinas



Fonte: www.ifnmg.edu.br/

A expectativa, portanto, é de um gigantesco crescimento na oferta dos cursos integrados, o que pressupõem a necessidade de estrutura material, conceptual e prática de tal modalidade, ou a perda de um importantíssimo canal de formação plena do cidadão.

Ao associar a demanda por práticas integradas, à crescente oferta de Licenciaturas, considerando o fato de que, boa parte dos professores de nível médio estão também em atuação na graduação, de onde sairá novo fluxo de professores, e ainda ao analisarmos as respostas aos questionários que interrogam junto aos professores sobre suas concepções de integração curricular, ao que respondem mais com dúvidas que com certezas como veremos adiante, entendemos que a demanda por uma *formação* mais complexa e significativa, em termos do currículo e de sua integração é urgentíssima.

Enquanto instituição educacional, a concepção curricular do IFNMG/Campus Salinas, apresentada em seu Estatuto e PDI está fundamentada, conforme Art.24 em:

[...] bases filosóficas, epistemológicas, metodológicas, socioculturais e legais, expressas no seu Projeto Político Institucional, sendo norteado pelos princípios da estética, da sensibilidade, da política da igualdade, da ética, da identidade, da interdisciplinaridade, da contextualização, da flexibilidade e da educação como processo de formação na vida e para a vida, a partir de uma concepção de sociedade, trabalho, cultura, educação, tecnologia e ser humano. (IFNMG,2009)

Em contrapartida, em item intitulado Proposta Pedagógica Institucional, contido no texto do PDI, admite-se que “A atual concepção de educação profissional adota a noção de competências e habilidades como parâmetro da organização curricular e do fazer pedagógico dos docentes.” (p.96), o que em nossa opinião, deve ser alvo de reflexão, tendo em vistas os entendimentos de vários autores do campo curricular, a fim de que se possa romper com projetos educacionais cujos objetivos baseados no alcance de competências e habilidades tendem a priorizar o atendimento ao mercado de trabalho apenas. E neste sentido, vale a pena compreender sobre nossas próprias expectativas.

Por último, embora alguns ainda se encontrem em construção, foram analisados os projetos dos seguintes cursos: Técnico em Agroindústria, Técnico em Agropecuária, Técnico em Informática e Técnico em Manutenção e Suporte em Informática na Modalidade PROEJA, todos de nível médio e integrados ao Ensino Médio. Ao longo dos Projetos, há de modo geral uma menção indicando que “A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele.” Contudo, não constam estratégias para se inserir na prática tal perspectiva, na forma de metodologias, ações em grupo, etc.

Entre os objetivos dois deles chamou-nos a atenção, por constarem em todos os cursos de modalidade regular.

Oferecer a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se **adaptar** com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

Aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e do **pensamento crítico**; *[grifo nosso]*

Analisando as relações disciplinares na rotina diária do campus em questão, enquanto aspectos também analisados nesta pesquisa, em que até o presente momento as representações dos diversos atores educacionais (grêmios estudantis, diretórios acadêmicos, conselhos de pais, etc) com exceção dos gestores e professores, não são expressivas, entendemos que em alguma medida os itens destacados se chocam contraditoriamente, na medida em que a adaptação prevê certa anulação de si ou de suas ideias, o que, obviamente, não é compatível com um “pensamento crítico” caracterizado pela inadaptação às imposições. Também nos pareceu que um foco conteudista permanece fortemente impregnado nos objetivos, ao considerarmos flagrantes cotidianos como os casos aqui relatados, que indicam significativa disparidade entre os objetivos da escola e as funções práticas na vida, a exemplo o relato sobre a estudante que embora aceita no mercado de trabalho, como gerente financeira de uma loja, para a escola estava reprovada em matemática.

Em especial no curso de modalidade PROEJA, foram previstas Ações Integrativas que, inspiradas nos princípios da transversalidade e interdisciplinaridade, buscam discutir temas sociais, éticos, ambientais, etc, em interação com os conteúdos. E nesse caso a realidade social dos alunos, já trabalhadores é um importante desafio, ao mesmo tempo em que meta a ser alcançada por uma ação de integração curricular que, sem desconsiderar o aspecto laboral, conduza tais alunos à outras realizações, sociais, intelectuais, políticas, estéticas, afetivas, etc.

Outra incoerência identificada nos projetos dos cursos integrados, nos chamou atenção por significar, em nossa opinião, a redução de oportunidades de aprendizagem escolar. Entre os cursos ditos de modalidade regular e os de modalidade PROEJA, a diferença de carga horária chega, em média, a 1000 horas, a exemplo da antiga integração compulsória imposta pela lei nº 5.692/71. Considerando as fragilidades no percurso e histórico de exclusão dos jovens e adultos estudantes, tal diferencial pode ser bastante prejudicial, caso as estratégias pedagógicas de ensino e avaliação, se deem sem maiores critérios. Outra questão contraditória ocorre com a carga horária da EB quando oferecida em cursos integrados conforme analisamos a seguir.

Considerando a LDBEN nº 9.394/96 em seu “Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver;”. Considerada a duração do curso de em média 3 anos, totalizaríamos uma carga horária de 2400h destinadas a EB. Ocorre que, em conformidade com a Res. CNE/CEB de 25/02/2005, isso é facultado como indica o art. 5º:

Os cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio realizados de forma integrada com o Ensino Médio, terão suas cargas horárias totais ampliadas para um mínimo de 3.000 horas para as habilitações profissionais que exigem mínimo de 800 horas; de 3.100 horas para

aquelas que exigem mínimo de 1.000 horas e 3.200 horas para aquelas que exigem mínimo de 1.200 horas.

Nestes termos, ao contrário do que pressupõe a lei (ao citar o termo “terão suas cargas horárias totais ampliadas”), os cursos integrados têm reduzidas suas cargas horárias da EB, o que implica em um prejuízo de em média 300 horas de aulas, sendo que no caso do PROEJA isso se eleva para 800 horas. Isto, no entanto, tem pouco impacto se na prática as ações pedagógicas promoverem ampla integração, resgatando a totalidade do conhecimento. Contudo, este ainda é um ponto obscuro na integração curricular, que depende de uma concepção complexa e inclusiva. Também em consequência disso, é comum, termos a drástica redução de número de aulas de disciplinas como Artes, Filosofia e Sociologia, justamente aquelas em que são oportunizados o desenvolvimento crítico, a capacidade de análise, comparação e contemplação ética e estética, o que, certamente, tem sério impacto no desenvolvimento crítico dos alunos. Também nesta conjuntura observamos os pressupostos para a hierarquização das disciplinas e a exclusão de saberes considerados, equivocadamente, como inferiores.

Quanto aos planos de ensino, estes não detalham a ação pedagógica. Embora estejam discriminadas no projeto, nos planos, e nos cadernos de Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico, não consta a descrição das competências a serem trabalhadas embora a descrição de objetivos indiquem a valorização dos conteúdos como geradores de habilidades e competências para o mundo do trabalho.

Por último, devemos reconhecer que há constante preocupação dos professores em relação ao currículo proposto para o curso, tendo em vista a carga horária reduzida, e realidade social dos alunos-trabalhadores. As orientações quanto a isso giram em torno do aproveitamento de saberes práticos dos alunos na construção do conhecimento sistematizado. Assim, a concepção de currículo, prevê que este:

deve-se pautar pela construção coletiva a partir das demandas sinalizadas pelos próprios alunos sem que sejam negligenciados os conhecimentos historicamente instituídos e reconhecidos cientificamente. O mesmo deve expressar a pluralidade cultural existente na sociedade e as atividades curriculares devem proporcionar a análise interpretativa e crítica das práticas sociais, da mesma forma que devem contemplar as demandas do mercado de trabalho, sem se submeter passivamente a suas imposições.” (PDI, 2009, p. 31).

Para que se tenha uma noção mais ampliada das concepções subjacentes nos documentos da instituição, consideraremos ainda as informações oferecidas pelas vivências presenciadas na rotina da escola, entendendo-as como pistas abstratas, um esboço do caminho a ser trilhado e analisado. Então, adiante com o estudo.

3 3. ATORES DO CURRÍCULO (que deveria ser) INTEGRADO

Para tecer novos dias, haveremos de contar com educadores que saibam que...

*"Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
[...] que com muitos outros galos se cruzam
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma tela tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

MELO NETO, *Tecendo a manhã*, 1975, p. 19

Por isso, em se tratando de educação somos como fios plurais e complexos que tecem o ensino e o sustentam. Da mesma forma em se tratando de pesquisa com os cotidianos somos todos pesquisadores e pesquisados, e “em essência, somos parte do próprio tema estudado. Com tudo que ele tem de bom e de ruim.” (FERRAÇO, p.104, 2001).

Com vistas ao panorama da educação no qual se inserem a escola observada nesta pesquisa, não seria exagero dizer que nela encontra-se licenciados, bacharéis como também servidores técnicos e tecnólogos, pedagogos, além de alunos cujas experiências, acadêmicas, profissionais e pessoais não podem ser desconsideradas no trajeto do *ensinaraprender*, ainda que este seja o processo sistematizado pela escola.

Acreditamos que todas as contribuições, amadurecem o tema, fortalecem as ações. E neste sentido, “a voz da escola, do professor, do aluno, dos técnicos e dos gestores vão dizer das verdades e dos poderes que configuram a ação pedagógica. (MACEDO, 2009, p. 134.) Ainda, no intuito de alcançarmos uma concepção inclusiva acerca da integração, percebemos a ausência de alguns vozes, a exemplo dos pais e alunos, como legítimos representantes da comunidade escolar, enquanto debatemos as razões de sua exclusão.

Por ora, no entanto, como todos estes atores educacionais se inserem em um contexto nacional, amplo e histórico, analisaremos tal contexto e suas influências sobre estes sujeitos.

3.1 Histórico e Influências dos Atores Educacionais

Hoje de modo geral a Rede Federal de Ensino é vista como “referência” entre a comunidade.

Contudo, a origem das instituições ofertantes da EB e EPT, que compõem a Rede Federal de Ensino - RFE, principiou-se em torno do assistencialismo, senão de uma política de purificação social frente à marginalização de jovens no século XIX e o incômodo por ele causado. Segundo o Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, por ocasião da fundação da RFE:

O que existia até então era a educação propedêutica para as elites, voltadas para a formação de futuros dirigentes” enquanto para “as crianças pobres, os órfãos e os abandonados, [...] foram criadas várias instituições [...] voltadas para o ensino das primeiras letras e a iniciação em ofícios, [...] (MEC. P.10)

Sabemos que estas influências se estendem como a influência tecnicista sobre os professores entranhada nas experiências individuais destes profissionais, como alunos que foram e neste sentido Tardif e Raymond (2000) atestam:

Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. Ora, o que se sabe até hoje é que esse legado da socialização escolar permanece forte e estável através do tempo. (Tardif e Raymond, p.217, 2000).

É, pois, desta maneira silenciosa que acreditamos serem herdadas, ainda que minimamente, algumas concepções acerca do currículo e da educação, sobretudo se não problematizadas via formação continuada, tão precária nas políticas educacionais brasileiras. Isso se mostrou claramente quando, na tentativa de compreender o que para os atores da educação é o currículo, nos deparamos com definições como: “Currículo é o norteador do estudo”, “é a organização sistemática dos conteúdos”, “uma linha de disciplinas a serem ensinadas”, “é que ele é simplesmente um instrumento de perfil profissional de uma pessoa”, etc.

Até aqui, mediante um julgamento menos cuidadoso, mas comum na relação conflituosa que se tem entre professores e estudiosos da educação, já teríamos, equivocadamente, argumentos e dados suficientes para inferir que se trata de uma “concepção fabril” transplantada dos modelos industriais de educação da década de 20. Cumpre-nos, porém, uma tarefa mais nobre que a equivocada inquisição de nossos *professoreseducadores*. Contudo, combater e evitar a condenação dos profissionais da educação, talvez seja possível, apenas, a partir da problematização da formação docente, como também das várias instâncias de gestão e políticas públicas, considerando, antes de tudo, o poder de ação destes atores e sua formação, sem desconsiderar os fatores que fragilizam suas ações dentro da escola, a organização institucional, o tempo, o espaço, os recursos, etc.

Assim, se, em termos oficiais, obviamente, não acatamos uma concepção de ensino mecânico e de fins exclusivamente laborais, inspirado na organização e administração fabril, não podemos, contudo, fugir da responsabilidade em reconhecer uma herança conceptual historicamente tecnicista e assistencialista. Embora nem todos tenham frequentado a escola profissionalizante, somos todos frutos da educação colonialista luso-brasileira onde se tinha uma definição curricular em conformidade à sua posição socioeconômica. A escola observada para este estudo, de uma maneira ou de outra, compõe um grupo de instituições públicas que ofertam a Educação Básica - EB ou a Educação Profissional e Tecnológica – EPT, quando não ambas, e, portanto, tem na sua raiz histórica uma influência tecnicista.

3.2 Sobre Gestões

Imaginamos que também a gestão tem sua responsabilidade e contribuição na composição do currículo, isto por que, conforme Sacristán (2008):

[...] sua construção não pode ser entendida separadamente das condições reais de seu desenvolvimento e, por isso mesmo, entender o currículo num sistema educativo requer prestar atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento,

às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, às bagagens de idéias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação. (P. 21).

Mesmo os gestores da educação formal, cremos, têm hoje em dia, suas funções deturpadas. Podemos dizer que de modo geral a gestão escolar reduziu-se, a “gestão administrativa de uma escola”. E a afirmação não é leviana, uma vez que, enquanto profissional da educação, em funções e escolas de redes diversas, algumas vezes fomos solicitados para análises e respostas a questionários, fichas, entrevistas, que embora tenham sido encaminhados à gestão, eram reencaminhados aos servidores mais envolvidos nos temas pedagógicos, por natureza mais subjetivos, em função das urgentes demandas burocráticas e administrativas, que em geral recaem sobre os gestores. Não devemos nos esquecer, no entanto, de que o esforço de alguns, por estudar e compreender as questões pedagógicas, mais aprofundadamente, é louvável. Muito embora, a cultura puramente administrativa que predomina, tenha sido de longa data, construída hierarquicamente, desde os mais altos níveis de gestão, e é ela a força que desvaloriza o esforço pedagógico específico de alguns diretores. Da mesma forma, uma gestão democrática e participativa é indispensável, como seu oposto é também didático, embora trágico.

Neste sentido, Santomé (1998) analisa a influência das teorias econômicas, comumente transplantadas para a educação, sendo que na forma de modelos para as escolas, elas:

[...] as filosofias taylorista e fordista conseguiram reforçar os sistemas piramidais e hierárquicos de autoridade, nos quais os máximos poder e prestígio encontram-se no ápice e, à medida que descemos, aparece um maior contingente de pessoas sem possibilidade de iniciativa e de apresentar propostas. Estas estratégias destinam-se também a privar a classe trabalhadora [*seja das fábricas ou das escolas **inserção e grifo nossos***] de sua capacidade de decisão sobre o próprio processo de trabalho, sobre o produto, as condições e o ambiente de trabalho. (SANTOMÉ, 1998, p. 12)

Ao que descreve Santomé (2008, p. 13) nos pareceu que este era e é o “processo de desqualificação e atomização de tarefas, ocorrido nas fábricas na década de 80, e nesta ocasião, senão ainda hoje, transplantado e “reproduzido no interior dos sistemas educacionais.” Isto, porém, não se dá sem resistências:

Este processo de “despersonalização” e de preparação da juventude para incorporar-se e assumir as regras do jogo de um modelo de sociedade, de produção e relações de trabalho no qual se pretende que a maioria das pessoas não possa intervir e decidir, é contestado não só pelos movimentos sindicais e partidos políticos progressistas, mas também pela própria classe docente e estudantil. (Santomé, p. 14, 1998).

Obviamente, que a busca por participação na escola e na sociedade, pressupõem como “tendências mundiais de globalização” a “descentralização do poder, democratização do ensino, mobilização social pela educação, [...] interdisciplinaridade na solução de problemas,” etc.(LÜCK, 2000, p. 19) E tais conceitos e estratégias, de gestão democrática, aceitação da diversidade, conhecimento útil e em rede, são a nosso ver, os mesmos deflagradores de uma visão integrada do currículo, que se aproxima dos chamados currículos em rede, currículo

integrado, globalizado, etc. Por isso, é indispensável que se compreenda a gestão educacional como instrumento e canal de integração e ressignificação curricular.

3.3 Gestores do IFNMG e Campus Salinas

Embora a gestão institucional esteja ligada e na prática se dê com o auxílio de vários outros conselhos, diretorias e coordenações locais e específicas aos setores da escola, buscamos informações por meio de questionário específico encaminhado no âmbito da Reitoria, à Pró-Reitoria de Ensino e Diretoria de Ensino - PROEN, como também à Direção Geral - DG do Campus Salinas, seu Departamento de Desenvolvimento Educacional- DDE e Coordenação Geral de Ensino - CGE, por entender que tais grupos têm atuações muito específicas com o ensino e por extensão com o currículo. Sob esta expectativa, procuramos descrever as atribuições dos gestores, docentes e servidores da educação, enquanto grupos pesquisados. Entendemos que aos gestores cabe a “gestação” de uma instituição, o que concerne na sua idealização, no planejamento, na elaboração e na execução de suas ações, no caso de uma escola com e para a comunidade, e por isso também lhes cabe a coordenação de grupos e pessoas, que diretamente executam as tarefas. Neste sentido, Lück (2000), define:

A responsabilidade maior do dirigente é a articulação sinérgica do talento, competência e energia humana, pela mobilização contínua para promover uma cultura organizacional orientada para resultados e desenvolvimento. (LÜCK, 2000, p. 15)

De modo geral as atribuições indicadas em Regimento Geral – RG para os cargos de PROEN, DG, DDE, CGE, (respectivamente, artigos 40, 64, 74, 80 e 81) se resumem na definição, planejamento, organização, administração e financiamento dos atos a serem realizados através da delegação de tarefas aos subordinados. Contudo, suas ações têm decisiva repercussão na prática pedagógica e nos resultados desta.

Apesar de ser um cargo comum a todos os campi, a Coordenação Geral de Ensino – CGE, a quem enviamos questionário, tem suas atribuições definidas conforme art.81 do RG, enquanto no Regimento Interno - RI, ainda em construção, são definidas as atribuições de seus integrantes. Subordinada a CGE tem-se, hoje, a Seção de Supervisão Pedagógica - SSP, que junto a tal coordenação, ao que tudo indica será desmembrada em dois Departamentos de Ensino Técnico – DET e de Ensino Superior – DES. Também juntas responderão, conforme Minuta do Regimento Interno – MRI, pelas atribuições que se seguem, entre outras:

Art. 51. Compete ao Departamento de Ensino Técnico:

- I - assessorar na elaboração de projetos de cursos, programas e planos de ensino e organização do calendário escolar;
- II - orientar o corpo discente para a participação na vida social, política e cultural da instituição;
- III - propor eventos, reuniões, encontros e cursos com vistas ao aprimoramento docente e discente; [...]
- IV - fomentar discussões sobre políticas afirmativas garantindo a implementação de ações inclusivas no *Campus*;

Assim, podemos dizer que a CGE ou DET, é um dos setores que diretamente responde e lida com os alunos e professores, encaminhando os atos de estudo, planejamento e execução pedagógica, a partir das orientações dos setores superiores, os DDE, DG e PROEN. Daí, entendermos que a concepção e orientação destes órgãos é fato determinante na execução

curricular, embora não limitante para o currículo, frente às influências da prática local e interação entre professor, aluno, técnico-administrativo e comunidade em geral. Quanto à SSP, desenvolvemos entrevista com servidor responsável, incluída, neste texto sob as considerações dos demais servidores, através dos quais buscamos uma discussão democrática sobre a integração curricular.

A partir da criação dos Institutos Federais de Educação, conforme a Lei ° 11.892/08, novos cargos de gestão foram criados através da Reitoria, como também cresceu a necessidade de interação entre gestores e demais atores da educação, em função da centralização das decisões naquela instância institucional. Pareceu-nos, que o Campus Salinas, como os demais, ainda passa por um momento de adaptação à configuração e identidade institucional de Instituto Federal, e por isso a maior parte de seus documentos encontrava-se em construção o que, contudo, não foi impedimento para este estudo.

No quadro de gestores pesquisados apenas um não tem como função efetiva a docência. Sendo que todos possuem experiência de em média mais de 15 anos de atuação na EB e EPT, além de importante formação acadêmica, de no mínimo mestrado, sendo ainda, alguns doutorandos, e todos licenciados em áreas específicas. São, portanto, um grupo experiente, que goza dos benefícios de terem presenciado importantes transformações nas políticas públicas da educação, entre elas a Integração Curricular mediante Decreto nº 5.154/04 e a criação dos Institutos Federais de Educação, os IF's. De posse desta bagagem, os gestores apresentaram considerações que a nosso ver, se traduzem em uma ação de implementação de integração de currículo que, como fora dito por um deles, privilegiava o “diálogo, muito diálogo”, o que, obviamente constitui um ganho pedagógico.

Em resposta, a nosso questionário na questão “2.1) De acordo com sua experiência como gestor descreva uma ação gerencial (sua ou de seus colegas gestores) que, em sua opinião, tenha contribuído para a integração curricular”, tivemos de nossos gestores importante tendência a discussão e ao debate, como surgem nas respostas a seguir:

Construção coletiva do Projeto Pedagógico (Experiência de Integração Curricular descrita por Gestor do IFNMG/Campus Salinas)

Toda contribuição que já dei às propostas de integração se deu através do trabalho coletivo, em reuniões com professores e equipe pedagógica lemos a legislação e discutimos a construção de projetos pedagógicos. Nunca efetuei uma ação direta com os cursos de ensino médio, mas sempre fui convidada para participar das discussões. (Gestor do IFNMG/Campus Salinas)

[promoção de] momentos estes que permitem um trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento do fazer pedagógico. (Gestor do IFNMG/Campus Salinas).

Quando perguntados, (item 3.1) sobre as ações práticas de integração implementadas em suas gestões, em função do Decreto 5.154/04, as respostas dos gestores indicam a promoção de eventos para a divulgação da “função social da Instituição”, “discussão-reflexão acerca dos documentos norteadores para a oferta de cursos integrados”, além do trabalho na “construção coletiva do projeto pedagógico” e “busca de melhor participação e envolvimento dos pais, docentes e equipe pedagógica no fazer pedagógico da instituição”, a exemplo da descrição que segue:

Foram oportunizadas a realização de várias reuniões com amplas discussões visando à implementação do Decreto 5154/2004, que estabeleceu as diretrizes para o Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissionalizante, o que veio de encontro às mudanças pretendidas pela Instituição. As discussões partiram da análise e avaliação dos cursos existentes na escola, na forma do decreto 2208/97 e dos cursos extintos em 1997, os quais eram integrados. Foram avaliadas, pelos professores, as falhas na formação dos alunos ocasionadas por esse decreto e ressaltada a ocorrência de uma melhor formação do técnico quando os cursos eram integrados.

Considerando que o corpo docente acreditava que a integração possibilitaria a formação de um técnico com melhor formação humana e científica, foram reestruturados, com a participação efetiva dos professores, para a modalidade integrada os cursos que antes eram ofertados na modalidade de concomitância interna (Técnico em Agropecuária e Técnico em Agroindústria). Além disso, foram implantados novos cursos, à luz do Decreto 5.154/04.

Embora entendamos tais ações como contribuições importantes para a integração curricular, destacamos contudo, que na prática do dia-a-dia da escola não são oportunizados momentos de criação e elaboração de atividades práticas que enriqueçam as estratégias dos professores, a partir da troca de experiências com seus pares. Antes, sobretudo, após a implantação do terceiro turno, o isolamento entre os educadores, tem sido uma dificuldade, enfrentada por alguns via recursos de comunicação, e-mails, chats, etc. Contudo, até então, não há estratégias gestoras que visem superar este obstáculo, o que para os professores, constitui, como veremos mais adiante, uma importante dificuldade para as ações docentes na integração de currículos, que obviamente não pode se estabelecer no isolamento e deve ser estimulada, sobretudo pelos gestores.

Embora, seja promissora a evidência inscrita nos questionários dos gestores, que não apresenta visões tecnicistas ou receituárias, nos pareceu que importantes temas e dimensões curriculares como as teorias de currículo, ideologias, ações metodológicas e práticas interdisciplinares, que encaminhariam a execução da integração rumo às ações práticas, não foram evidenciadas como temas das discussões nos relatos dos gestores nem dos professores. Também consideramos a hipótese de que os profissionais participantes de tais reuniões, sobretudo os professores, não fossem os mesmos respondentes uma vez que é significativa a rotatividade através de processos de transferências e redistribuições. Isso, no entanto, também nos leva a crer que haveria a necessidade de abordagem e discussão contínua dos temas tal como sugere um dos professores respondentes.

Importante que os fundamentos que embasam a legislação sobre integração seja discutido com os atores da educação. Importante que a defesa de uma ensino integrado seja incorporada ao discurso dos atores que, a partir daí, surjam novas práticas educativas fundadas no princípio da integração. (Professor da EB)

Embora, de modo geral, seja evidente o esforço em incorporar à gestão escolar uma condução democrática para as escolas, a seguir problematizamos a questão por entender que esta ainda é uma tendência recente. Assim, buscamos identificar, na escola os...

3.4 Atores Educacionais Excluídos: pais, alunos e servidores

Ao longo da história da educação, sobretudo na transição entre os séculos XVIII e XIX, a partir da cientificização e consequente especialização da escola, a própria família, embora principal interessada na educação de seus filhos foi excluída de intervir no processo escolar. Cunha (2000) salienta, que “pais e mães eram retirados do patamar de educadores exclusivos [...] e que não ousassem intrometer-se demais, pois podiam atrapalhar [...]”. Outros autores, citados por Cunha (2000), dispunham-se inclusive para combater tal participação, ao declarar:

[...] exprime-se o temor de que, ao conceder-lhes uma intervenção, restrita embora, na vida da escola e ao traçar-lhe uma orientação que regule e efetive essa ação cooperadora, possam os pais exercer, ou quando menos tentar fazê-lo, uma fiscalização do trabalho dos professores, que lhes subtraia autoridade ante seus discípulos e ante os demais pais e que chegue até ao perigo máximo de querer influir na própria orientação e no espírito do ensino.” (BALLESTEROS, citado por CUNHA, 2000, p. 458).

Obviamente, que, sobretudo nos dias de hoje, poucos educadores declarariam tão aberta repulsa a participação familiar nas decisões da escola. Contudo, numa rápida observação do cotidiano das escolas, percebemos que não apenas isso é a realidade atual, como os próprios pais introjetaram esta suposta verdade, de modo a não participarem das decisões pedagógico-administrativas da escola, senão quando isso significa acatar e executar suas decisões ou solicitações.

Tanto é assim que, retornando a visitar nosso cotidiano, poucos de nós, encontraríamos uma cena em que um aluno, pai ou mãe, estivesse junto aos educadores decidindo os rumos da escola. Mediante, esta proposta muitos, ao lê-la exclamarão: “Mas nós é que entendemos disso!!!” Isso obviamente, afasta as pessoas, inibi sua participação.

Embora por razões cronológicas não tenha sido possível a pesquisa direta com pais e alunos, ressaltamos a importância de se valorizar a participação destes atores, como também a nossa obrigação ética em oferecer espaço para suas manifestações. Isso revelará nossa concepção de participação e democrática, afinal,

se estamos interessados na participação da comunidade na escola, é preciso levar em conta a dimensão em que o modo de pensar e agir das pessoas que aí atuam facilita/incentiva ou dificulta/impede a participação dos usuários. (PARO, 1992, p.264)

Não se pode conceber, que uma concepção educacional destitua do professor sua competência, habilidade e autoridade ao ensinar, para o que se pressupõe que ele esteja preparado. Contudo, uma visão tradicionalista que ainda considera o aluno uma folha branca e nula, a ser preenchida pela cultura inquestionável dos mestres, é um retrocesso. Por que nos opomos a tal monopólio do conhecimento e do poder que dele emana, buscamos o cotidiano como fonte de novos saberes.

Quanto à família, aos pais mais especificamente, reconhecemos:

A responsabilidade institucional de construir conhecimento é da escola e a responsabilidade de educar na plenitude é da família. Entretanto, família e

escola dissociadas podem comprometer substancialmente a formação de nossos bens mais preciosos: nossos filhos, nossos alunos.” (Jair Cestari)

Quanto à participação dos pais e alunos nas decisões da escola, nos reportamos à ocasião de construção do Regulamento dos Cursos Técnicos, em que como coordenadora de uma das comissões registrei em ata a dificuldade de participação de pais e alunos, no caso em função do tempo limitado. Contudo, em conversas informais, alguns dos envolvidos em outras comissões declararam “aquele trabalho foi rápido, o coordenador acrescentou alguns ponto e aí agente só assinou tudo”. Considerando tal possibilidade e a rotina da escola, endossamos que tal participação é restrita às solicitações em que recebem informações sobre o comportamento e desempenho do aluno.

A nós, considerando também a rotina cotidiana da escola, pareceu que há uma forte tradição limitante da participação da comunidade e isso obviamente que tem impacto do currículo.

Ao longo deste estudo temos afirmado que o currículo integrado pode ser resultado, como proposta democrática de ensino, que visa atender a algumas necessidades humanas através da educação formal, por isso a necessidade de trazer via colegiados institucionais a participação dos pais como também de toda a comunidade que integra, ou deveria integrar o mundo educacional, de forma ativa. Neste sentido, a participação e crítica da comunidade é sem dúvida o grande termômetro para as ações gestoras, além de ser uma forte ação de integração que articula a crítica em favor da construção coletiva.

Da mesma forma quanto aos alunos, por compreender conforme Freire (2008), que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.(p.23), entendemos que sua participação é imprescindível, e portanto, considerando as falas democráticas, declaradas pelos demais autores nesta pesquisa, é preciso inseri-los no debate cotidiano, quando em verdade é que poderá se dá a participação.

Servidores da Educação

Entendemos ao longo da pesquisa que, numa escola existem mais educadores que seus responsáveis oficiais, os professores. Estes, conquanto sejam extremamente importantes, recebem uma ajuda quase despercebida, como, aliás, passam despercebidos outros sujeitos educacionais, (ESTEBAN, *In*: Garcia, 2003), os técnicos administrativos.

Tal grupo de trabalhadores na escola são responsáveis por várias práticas como: o cuidado com laboratórios e criações animais, produção agrícola para fins pedagógicos, venda de seu excedente, preparo e distribuição de refeições para os alunos, participação em pesquisas, projetos educacionais e de extensão, além de considerável cuidado na preparação de equipamentos, experimentos e ambientes de aula, para o que, em alguns casos e momentos atuam diretamente com os alunos, fazendo seu acompanhamento e orientação, pedagógica, psicológica e educacional, ou ainda como espécie de “conselheiro”, que acolhe e educa pela convivência.

Suas atribuições são definidas também em MRI conforme “Art. 104. Cabem ao corpo técnico administrativo as seguintes atividades: I – atividades relacionadas com a permanente manutenção e adequado apoio técnico, administrativo e operacional necessário ao cumprimento dos objetivos do *Campus* [...]”.

De modo geral os servidores, mesmo os com função mais educativa, ainda não tem uma concepção curricular que extrapole a condução dos conteúdos: “o currículo são todas as matérias que são trabalhadas no período de tempo.” No dia-a-dia presenciam algumas situações práticas que interferem no currículo, mas não deixam sua percepção evidente na sua

fala, talvez pelo limitado espaço de discussão. Alguns reconhecem que o currículo é algo complexo e assim deve contemplar o aluno por inteiro, afinal seu objetivo não deve ser apenas: “conseguir uma boa colocação profissional porque não basta só isso agente tem que ser um cidadão completo” para eles não é só “ dá aula indiferente ao que esse aluno tá passando”, e é preciso “orientação de respeito ao outro, ao diferente, da desigualdade do gênero, de cor,”. (Servidores da Educação EPT).

Em conversas informais, como também em entrevista, a própria Equipe Pedagógica, em sintonia com as solicitações/sugestões dos pais e professores, reconhece “não é possível trabalhar com o Currículo Integrado, sem que os professores sentem e discutam com a equipe técnico-pedagógica então não é possível um currículo integrado sem essa discussão e um planejamento em conjunto.” (Servidor da EPT). Contudo, no cotidiano, percebemos que as ações práticas não abrem um espaço contínuo para tal evento, falta ainda alguma autonomia entre os servidores além de um planejamento conjunto que torne a interação uma parte do trabalho de cada um.

Alguns servidores também percebem certo distanciamento entre o aluno, os servidores e a gestão. Segundo um dos entrevistados “Não é possível identificar essa aproximação não, muito pelo contrario, percebe-se um distanciamento, um afastamento. (Servidor da EPT).

Em alguns setores a função dos técnicos é muito próxima da de educador e eles acabam encaminhando a preparação das aulas de modo que o “professor ele vai me passar o que eu devo fazer, por exemplo, cada tipo de produto que é processado no laticínio” além de “dinâmicas tudo pronto pro aluno”. No entanto, solicitam a atenção da escola e valorização de suas funções de modo que sugere que todos devam “procurar conhecer mais os setores o que ele produz sua potencialidade”. Também reclamam maior participação nas decisões e valorização de suas funções e pedem “saíam da sala venham para os setores, venham conhecer os setores”. (Servidor da EPT).

Considerando o currículo como ações que envolvem a seleção de materiais, condições de organização e estrutura; nem sempre conhecidas por especialistas, então nos parece incoerente que estes profissionais se mantenham a distância, como parece sugerir a declaração de um servidor da educação, que nas suas palavras gostaria que:

dinamizasse essa coordenadoria todo mundo queria ta mais integrado porque se você tem conhecimento eles também iriam administrar de uma forma mais colegiada mais participativa então teria que ter mais envolvimento dos outros ate mesmo pra ajudar porque não e tão simples assim. Nós conhecemos hoje comunidades de produção e as vezes quando agente pede o material chega lá no setor de compras fala ai mais isso aqui tem que comprar o mais barato e não atende o que agente ta pedindo se eles conhecesse eles iam saber e tal produto assim e assado e esse que atende a necessidade. (Servidor da EPT).

Como fazemos uma pesquisa de cunho educacional cujo foco é o cotidiano escolar devemos salientar nossa percepção em relação ao que vimos no momento da execução de nossa própria metodologia de pesquisa. E o que vimos foi: as pessoas se sentem valorizadas ao serem ouvidas, também querem discutir e compreender melhor os ambientes, as relações e os impactos de seu trabalho, por isso a necessidade de se proporcionar a estes servidores, maior interação, formação continuada e uma participação efetiva. Ao final, nos ambientes de trabalho dos técnicos administrativos, paralelamente à sala de aula, se organiza um discreto laboratório de ensinar, que também têm, a nós pesquisadores, muito a dizer. Assim, sem nenhum risco de omitir o justo reconhecimento dos professores, gostaríamos de reafirmar a necessidade de tornar visíveis estes férteis ambientes, na sua diversidade e especificidade. Isto

porque nas palavras de um dos servidores “vale lembrar nessa escola o respeito à diversidade.”

3.5 Para os Professores: o Currículo Integrado é...

Para compreender a concepção curricular dos professores, fizemos uso de um questionário aberto, embora algumas de suas questões limitavam-se a informações sobre formação e área e tempo de atuação. A maior parte de suas questões, no entanto, buscou identificar através da prática, as concepções dos respondentes quanto ao currículo, a integração e suas atribuições no processo educacional integrado como de seus colegas servidores.

Através de 42 questionários respondidos quase completamente, os professores indicam uma concepção dicotômica da integração curricular, que se foca na articulação entre os currículos básico e profissionalizante, como uma função específica da escola na qualificação do trabalhador frente ao mercado de trabalho. Também pareceu-nos presente na concepção docente que, embora os professores associem à integração curricular a prática interdisciplinar, várias falas indicam a necessidade de algo mais, que transcenda a prática didática da sala-de-aula, buscando a integração curricular com saberes e valores extraescolares como também ações não apenas didáticas.

Quanto à atuação docente, consta na Minuta do Regimento Interno em seu “**Art. 4.** Cabe aos professores o exercício das seguintes atividades inerentes ao Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico”:

I - atividades acadêmicas, que compreendem ensino, pesquisa e extensão, enfocando o pleno desenvolvimento do discente e seu aperfeiçoamento, a partir da sua preparação para compreender e exercer sua cidadania no mundo do trabalho, participação política, bem como a valorização e a promoção da vida; [...]

Parágrafo único. Entende-se por atividades acadêmicas do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico aquelas pertinentes ao ensino técnico, de ensino superior ou de pós-graduação, que visem à produção, ampliação e transmissão do saber, bem como a pesquisa e a extensão, sendo estas indissociáveis entre si.

Além é claro de outros compromissos, implícitos e subjetivos, de condução e abordagem moral, ética e muitas vezes afetivas. Também ao professor cabe a adaptação e identificação de fragilidades educacionais, frente às mudanças e propostas, uma vez que tem direta relação com o aluno.

Nas entrevistas com 4 dos professores do instituto uma reivindicação, quanto a orientação pedagógica destinada a mediar as relações entre pais, alunos e professores, como também à adequação metodológica, pareceu reverberar enquanto indicação também de pais e alunos. Nestes termos, alguns professores questionaram enfaticamente a atuação da equipe pedagógica ao analisar:

eu acho e entendo que as áreas da escola deveriam ser distintas separadas com uma pedagoga acompanhado cada aula eu acho que essa pessoa que esta ligada a esta área tinha que ter conhecimento das matrizes conhecimento das ementas participar das falas e participar de aula pratica pra poder discutir com os professores pra ajudar com a melhoria da pratica da aula pedagógica. Não dá conta do jeito que está

hoje. Hoje tem um grupo que trabalha tudo que trabalha com todo mundo que tem idéia noção de todas as áreas mas não conhece profundamente... a fundo do que cada um professor faz e preciso que ele venha pra perto da gente...dos professores acho q isso vai causar uma aproximação entre professores e alunos e também pedagogos consequentemente uma melhoria pro ensino. (Professora da EPT)

Através dos questionários aplicados aos professores, como também nos pareceu ressaltar nas indicações feitas pelos próprios gestores, quanto às dificuldades no desenvolvimento de ações de Integração Curricular, solicitadas no item 2.3) os professores citam:

Falta de esclarecimentos, discussões e às vezes comprometimento; dificuldades em romper com a disciplinaridade; o tempo como fator limitante [dadas] as atribuições no cotidiano escolar [mediante a necessidade] de planejamento conjunto; falta de investimento na formação continuada dos envolvidos; falta de uma equipe de docentes e equipe pedagógica estável que possa dar continuidade e consistência a uma profícua discussão... (Professores da EB e EPT)

Entre as dificuldades apontadas pelos professores, em relação à integração curricular uma delas era a falta de *tempoespaço* para a interação, sobre o que se queixavam dizendo:

ainda não temos um espaço de diálogo instituído, institucional, institucionalizado em que você sente periodicamente, [...]reuni os professores com essa finalidade e direcionar isso... agente tem as pedagogas [...] da área do setor pedagógico... direcionar ou induzir pelo menos a princípio acho que essa seria a palavra pra induzir pra que acontecesse essa integração, ela é positiva, benéfica, interessante mas se ela não for provocada pelo menos a princípio... acho que é o caso... (Professor da EB)

Entendemos que tais *espaçostempos* são cada vez mais raros mediante as diversas tarefas, a grande quantidade de trabalho. Outro dia, conversávamos com outro colega, no ônibus de volta pra casa, e ele dizia que nestes intervalos “interstícios” através da troca de experiências, às vezes apenas relatadas, interagimos. Procurei entender aquele novo termo, inicialmente, no dicionário, quando percebi que o colega falava exatamente dos espaços de tempo, onde interagimos, espécies de fendas, intervalos, como aquele em que conversamos. Entendemos que estes *espaçostempos* interstícios, são ainda momentos do cotidiano em que os atores se encontram e interagem. Obviamente que outros *espaçostempos* também podem ser explorados pelas ações de integração curricular, como momento de discussão e planejamento. E neste sentido a tecnologia pode dar significativa ajuda, na medida em que leva e trás informações que aproximam os atores educacionais.

As dificuldades manifestadas pelos gestores são semelhantes às indicadas pelos professores. Alguns citam questões pontuais que, no entanto, sem dúvida envolvem a seleção curricular, a formação profissional e a gestão escolar, como corresponsáveis pela integração e significação curricular. Em resposta à questão sobre as dificuldades de integrar currículos, os professores, indicam, respectivamente, “Carga horária curta para algumas disciplinas”, “Falta de interação entre os docentes”, “[Falta de] conhecimento mais ampliado teórico e prático”, “Falta um articulador” entre outros. E neste sentido, enfatizam:

Jamais fui contratado por alguém que me oferecesse um treinamento para tal. (Professor da EB)

Muitos professores nem sabem o que é “integração curricular” (Professor da EB)

[...] as dificuldades estão assentadas no desconhecimento, falta de formação dos atores dentro da Escola, a respeito do que é de fato a integração curricular. Outro ponto, a ser elencado é a própria cultura escolar que formou o professor e os demais sujeitos que pertencem ao espaço escolar. Essa foi sempre baseada em currículos estanques em disciplinas isoladas em ilhas incomunicáveis de saber, em processos avaliativos punitivos, em ausência de um processo sistematizado debate e reflexão, a respeito da prática pedagógica. Sendo assim, essa é uma dificuldade conhecer o que propõe a mudança e perceber nela o quão é positiva para aos poucos romper com esses fatores que a dificultam. (Professor da EB)

Quando solicitados a avaliar as transformações organizacionais, ocorridas a partir da criação do IF, mesmo usando termos distintos a resposta foi unanime entre os gestores, que salientam:

A nova dinâmica dos Institutos tem favorecido a integração curricular no sentido de tal alteração organizacional ter proporcionado maior discussão do fazer pedagógico da instituição e com novos servidores nos campi [...] e com a implantação de novos campi é natural a necessidade de construção coletiva dos documentos e do repensar e da reflexão acerca da função social do Instituto e de que tipo de educação profissional e tecnológica a sociedade espera dos Institutos. (Gestor da EB e EPT).

No entanto, embora devamos reconhecer que tal transformação tem provocado maiores espaços de debate e oportunidades de opinar, a unanimidade entre os gestores, parece esbarrar na opinião oposta de alguns servidores quando afirmam que:

Em relação a fazer compras a escola ficou dependendo muito de Montes Claros (reitoria)[...] tínhamos mais poder de compra poder de decidir (Servidor da EPT)

Os supostos pontos negativos a perda de autonomia do campus e dificuldades de articulação, aquisição de materiais, definição de metas e prioridades, que com advento do instituto, atualmente, passa, segundo entrevistados, pela reitoria, a nosso ver tem impacto na educação e currículo. Contudo, tais dificuldades nos pareceram associadas ao âmbito orçamentário, ou ainda quanto à unificação de projetos de cursos, calendários e certa concepção educacional que após a transformação haverá de ser ampliada. Por isso, entendemos que tal aspecto deva ser alvo minucioso de outras pesquisas, o que poderá definir o grau de participação e decisão dos servidores em relação a instituição e seu campus.

Na tentativa de identificar algumas diretrizes práticas para a integração curricular bem como seus responsáveis diretos, perguntamos, aos gestores e aos professores, “quais seriam

as incumbências reais da integração curricular para os atores da educação, sejam eles alunos, professores e gestores?”

Apesar de uma parte das respostas não apresentarem clareza quanto a compreensão da função de cada um dentro do processo de integração, a maioria explora a necessidade de se compreender fundamentos, diretrizes e estratégias de integração, para o que deveremos estabelecer franco diálogo e troca de experiências tal como sugerem, “É necessário que se inteire das atividades desenvolvidas por todos”, “valorizar o trabalho em equipe”, “Abrirmos mão de nossas idéias infundadas e preconceituosas” “Os professores teriam que partir de uma visão mais totalitária, menos fragmentada da realidade”, etc.(Professores da EB e EPT).

Algumas menções, dos professores, parecem bastante tradicionais e fazem emergir as noções de fórmulas precisas e indiscutíveis, voltadas quase exclusivamente, para o desenvolvimento de competências práticas a serem ensinadas:

[...]o professor tem que transmitir conhecimentos e o aluno captá-los e não ficar preso ao professor [...] estar sempre pesquisando (Professor da EB)

A principal incumbência é a aceitação da proposta e lembrar que ela é o ponto inicial para a formação de pessoas com o novo perfil exigido pelo mercado. (Professor da EB)

[...] professores: preparação de aulas mais contextualizadas com o mundo profissional, gestores: incentivo para a realização de visitas técnicas e trabalhos de campo. (Professor da EPT)

Outros professores, nos pareceram sugerir “um plano gestor educacional elaborado de maneira democrática e participativa [...]”, como também a necessidade de “implementar esse processo” através do qual talvez se pudesse identificar as atribuições de cada um. Outras indicações foram: “Manter o diálogo e o debate constantes, no sentido de buscar diretrizes precisas [...]” , “Faz-se necessário buscar, conjuntamente, discutir ações efetivas, novas práticas pedagógicas compatíveis com essa nova perspectiva curricular.” (Professor da EB)

Duas outras importantes indicações quanto às atribuições de cada ator para a integração curricular, parecem indicar respectivamente, a necessidade de suporte aos professores e interação da gestão, como se segue:

Acredito que os gestores devem incentivar essa prática, dando o suporte para a integração e servindo como meio de ligação entre as diferentes áreas. Os professores, como educadores, devem transparecer essa integração, sendo a peça chave para a integração curricular. Os alunos são o alvo, logo devem abraçar esse ideal integrador no seu dia a dia de estudo.” (Professor da EB)

Não tenho muita clareza dessas incumbências. Mas para os professores acredito que além da busca pelo conhecimento acerca do tema outro passo importante seria a própria construção dos currículos e o planejamento do ensino dentro dessa visão de integração. Aos gestores caberia a articulação com os demais segmentos dos estabelecimentos de ensino para que os currículos sejam construídos e

implementados, além de uma avaliação periódica e sistemática dessa implementação. (Professor da EB)

A última questão proposta na pesquisa escrita, destinada a gestores e professores, indagou se os profissionais se sentem preparados para, nas suas atuais funções específicas (de gestores ou professores) atuarem sob uma perspectiva integrada. Para os gestores o entendimento pareceu ser consensual:

A preparação para a integração curricular passa pelo resgate da capacitação, participação, autonomia e criatividade de todos os envolvidos no processo [...].Qualquer gestor se sentirá preparado para tal ação se entender que é um processo dinâmico, aberto e formativo com estratégia de concepção e implementação bastante participativa” (Gestor da EB e EPT)

Quanto aos professores, se apresentam abertos à proposta. Suas respostas sem serem pretensiosas, foram de modo geral positivas quanto a sua preparação, embora muitos enfatizem a necessidade de estudo, debate e reflexão, contínuos, como também, “material didático, laboratórios, etc”. Pareceu-nos que entre os docentes, o que predomina é o desejo de ser útil.

Neste caso, encerramos este capítulo, com esta bela demonstração de compromisso, responsabilidade e disponibilidade de nossos docentes, ao responderem a questão: “Você se sente preparado para desempenhar a função docente promovendo a integração curricular?” A isto, declararam com franqueza que:

Acredito que posso contribuir, sou docente e não posso estacionar. (Professor da EB)

Por ousadia e criatividade, quem sabe. Mas, falando em competência, [...] (Professor da EB)

Bom, prefiro dizer que estarei empenhado e entusiasmado a realizar tal trabalho.

A preparação é uma construção contínua que advém da experiência[...] (Professor da EB)

Me sinto preparado para poder aprender. Cada vez mais [...](Professor da EB)

[Me vejo] à disposição para adquirir ferramentas [...] A vida é dinâmica e nós também temos que ser (Professor da EPT)

Penso, por fim, que todos estamos prontos, e todos estamos incompletos, e para isso as reflexões, debates [...](Professor da EB)

4 ATOS DE CURRÍCULO... RELATOS E APROXIMAÇÕES

*Somos donos de nossos atos,
mas não donos de nossos sentimentos;
Somos culpados pelo que fazemos,
mas não somos culpados pelo que sentimos;
Podemos prometer atos,
mas não podemos prometer sentimentos...
Atos são pássaros engaiolados,
sentimentos são pássaros em vôo.
Rubem Alves, 2004, p. 74.*

Nossos atos surgem de nossas convicções, daquilo que acreditamos e defendemos como verdade. Neste sentido, talvez possamos afirmar que, nossa concepção de educação ou de ensino é uma percepção, uma crença de como eles, a educação e o ensino se dão. E por isso os atos de ensino, como também os atos que praticamos em nome do currículo, são nossa percepção de como eles, ensino e currículo, podem se dar.

Por que os currículos não se encerram em conteúdos apenas, mas são também ativos, fortes e movidos ideologicamente, obviamente em função dos sujeitos que o executam, é possível dizer que através de determinadas ações pedagógicas compõem-se os “atos de currículo”, em conformidade com concepções e crenças, valores e sentimentos. São, conforme Macedo (2009), “o trabalho pedagógico diferenciado com as diferenças, visando uma educação de condições e oportunidades iguais.” (p. 113).

Entendemos que tais atos são provenientes de uma formação e concepção educacional específica, por isso a necessidade de formação continuada dos atores educacionais. Assim, os “atos de currículo” seriam, portanto, cada aula, cada escolha metodológica, curricular e de recursos, cada instrumento avaliativo ou regra institucional, ou regras na convivência dos atores da educação.

Por isso, entendemos que em alguns momentos, independente de plena consciência do ator educacional, a concepção de educação emerge, e o currículo se concretiza em ações. Por isso a necessidade da problematização permanente e de estudo constantes, porque “Às vezes, também, à margem das intenções, a prática reflete pressupostos e valores muito diversos.” (SACRISTÁN, 2008, p. 201) E neste sentido,

[...] o currículo, ao se expressar através de uma práxis, adquire significado definitivo para os alunos e para os professores nas atividades que uns e outros realizam e será na realidade aquilo que essa depuração, permite que seja. (SACRISTÁN, 2008, p. 201).

Observar os “atos do currículo” consiste na prática sinestésica da vivência cotidiana, de onde se extraem experiências que, embora se constituam de fatos, pela especificidade (que se dão não se revelam como dados, menos ainda como dados de relevância numérica estatisticamente representativos).

Algumas vezes, de tão justificados que são pelas concepções que os legitimam, os atos de currículo tornam-se critérios de educação, a exemplo da avaliação escrita, na qual a prova escrita, para muitos, constitui critério de comprovação da qualidade, sem que se possa conceber outra forma, outros instrumentos, outra cara e outra atitude para o currículo. Por isso acreditamos ser necessário:

desreificar a burocracia e as formas de relação estabelecidas pelos atos de currículo nas sociedades capitalistas, (MACEDO, P. 39).

4.1 No cotidiano: alguns atos de currículo

Daqui pra frente analisamos algumas situações presenciadas e/ou relatadas pelos atores da educação. Como já foram indicadas, tais experiências pertencem ao cotidiano da escola pesquisada. Às vezes criamos nomes e apelidos para os envolvidos, que devem manter seu anonimato. Não entendemos que estas sejam situações isoladas. A proposta é de análise e estudo das situações visibilizadas, embora saibamos que muitas outras poderiam ser trazidas. No entanto, estas descritas foram aquelas com as quais buscamos dialogar. Vejamos nossa primeira história.

O caso do gigante Hércules

Hércules, um verdadeiro gigante, entrou na sala ofegante. Algumas lágrimas insistiam em cair enquanto repetia trêmulo: “É perseguição... é perseguição”.

Quando se solicitou que falasse ficou ainda mais nervoso: “Eu fui aprovado em tudo, menos nela, e eu me esforcei, todo mundo sabe disso. E por três pontos... logo nela.” Mais choro. Depois de um tempo foi possível entender. Anteriormente, o aluno já havia sido reprovado, “nela mesma”, a mesma disciplina, segundo ele. Por isso foi obrigado, pela circunstância do currículo, a repetir todas as outras disciplinas, no ano letivo seguinte. Agora, sob a possibilidade de frequentar a recuperação, já se sentia reprovado e isso o consumia. O fato era que ele que cursava Técnico em Agropecuária, seria reprovado, pela segunda vez, em informática. Como esta seria provavelmente sua segunda reprovação, se preocupava também em ter que sair da escola. Iniciou-se uma conversa de estímulo, que pontuava para o aluno, a possibilidade de ele recuperar sua aprendizagem, nas provas finais. Dizia que seria novamente, “humilhado”, creio que por ela “a disciplina”. Ela parecia também um gigante, e sua supervalorização fazia parecer que todas as outras disciplinas nada significavam frente a tal.

Durante todo o tempo, procurou-se acalmar o jovem, pensando que assim ele pudesse se preparar para as novas oportunidades de recuperação de aprendizagem e notas. Em vão. Resolveu-se que, sem que o rapaz soubesse, se tentaria uma conversa com o professor, afim de que ele mesmo intentasse restabelecer a paz emocional do estudante. Contudo, o próprio professor se mostrava avesso, chateado e desrespeitado pelo comportamento do aluno durante todo o ano letivo, que segundo o mestre “brincou à vontade”. Tudo muito comum nas relações entre professor e aluno. Para o professor, sua disciplina não era “menos importante que as outras” embora, implícita nesta negativa, estivesse a ideia de que não sendo menos, por comprometer outras tantas disciplinas, mediante a reprovação integral do aluno, a sua disciplina talvez fosse ainda mais importante que as outras.

Consultada sobre o caso a própria equipe pedagógica da escola reconheceu que, a sua função intermediadora na condução de dificuldades relacionais e de aprendizagem, é muitas vezes substituída pela prioridade no cumprimento da burocracia escolar, em razão disso a construção e acompanhamento curricular periódico e reflexiva dá lugar a uma “supervisão” fiscalizadora apenas, que em nada acrescenta à aula, ou à qualidade do ensino.

Poderíamos discutir sobre a importância da disciplina em questão, a informática, para o Curso de Agropecuária. E não faltariam argumentos para firmar que seria sim necessária uma formação básica para o Técnico em Agropecuária, que lhe permitisse manipular e utilizar-se da informática a favor de sua ação profissional. Contudo, é recente a implantação da disciplina informática nas matrizes de cursos técnicos não específicos da área. Isto porque a própria informática, enquanto ciência da informação automatizada é recente. Assim, perguntamos os Técnicos em Agropecuária formados há pelo menos 15 anos atrás, estão hoje excluídos de sua profissão? Sim, se a este não for possível uma formação continuada,

complementar e rápida, a exemplo dos cursos de escrita, caligrafia, informática, digitação, uso da internet, a que certamente recorreria o gigante Hércules, caso seus 47 pontos alcançados no ensino básico, não fossem suficientes para a utilização da informática na rotina da agropecuária. Isto porque a utilização instrumental da informática aplicada às necessidades de outras áreas é um conhecimento suplementar que, se não pode ou deve ser excluído do currículo profissionalizante, tampouco deve ou pode, neutralizá-lo submetendo-o a supervalorização a de uma disciplina apenas. Em outras palavras, o peso de uma disciplina suplementar não pode superar o de disciplinas básicas que definem o perfil do curso, tal como ocorreria no caso de Hércules.

Uma formação que, mediante a diversidade de situações capacidades e experiências, limita a aprendizagem à uma nota ou disciplina específicas, ou ainda à situação exclusivamente escolar, fragmenta o processo de aprender, e elege prioridades disciplinares onde deveria prevalecer a significação do conteúdo integrado à realidade. Por isso, qualquer forma de valorização disciplinar que, a exemplo do caso exposto, implique na desvalorização de outra disciplina deve ser vista e revista com critério e cautela, porque esta nos parece uma forma de exaltar a disciplina, seus condutores, e não de valorizar o conhecimento que ela deveria divulgar.

Não tivemos mais notícias do caso, mas entendemos que conforme preconiza Sacristán (2007) “A evolução dos valores sociais, a mudança de prioridades entre certos objetivos [...] originam a valorização de alguns conhecimentos mais do que outros [...]”. (p. 156). E por isso, entendemos e concordávamos com o professor, ao reconhecer que não seria coerente anular uma disciplina mesmo que em benefício do aluno, evitando sua reprovação. Em contrapartida, não nos pareceu que se dispunha de instrumentos avaliadores de aprendizagem, ou ainda que na avaliação desta fosse possível tamanha precisão que nos indicasse exatamente, o quantitativo de pontos válidos para se dizer que um conhecimento fora ou não aprendido, sobretudo nestas circunstâncias. A nota do aluno poderia não revelar tudo que precisávamos saber sobre ele. Esta, obviamente fora a lógica das teorias tradicionais do ensino, da influência tecnicista e da concepção bancária de educação, que atribuía e atribui a um quantitativo de notas, o sucesso ou o fracasso escolar. Não se trata de desconstituir a autonomia e autoridade do professor, na experiência em discussão, ele mesmo sabe que não se trata disso. Mas é preciso preservá-los, a ele e aos alunos, inclusive da armadilha tecnicista que supervaloriza alguns conhecimentos. Tal exagero sob a pretensão de formar “qualificados profissionais”, muitas vezes aniquilam o gosto e a dignidade de aprender, e assim reduzem-se ao fracasso, gigantes promissores. Obviamente não estamos afirmando que a qualificação profissional é desnecessária, em absoluto. Contudo, devemos reconhecer que a formação profissional não se dá de forma isolada das demais áreas e etapas de formação: humana, afetiva, social, tão pouco é resultado do rebaixamento de disciplinas ou do esforço cognitivo do aluno.

O caso de “Linda”, a formiguinha

Lindaaura lembrava uma índia, daquelas bem brasileiras, por que já apresentava certa mistura das nossas mais belas raças de origem, o negro, o índio, o latino. Era aluna do ensino médio profissionalizante. Reunia em si, um jeito firme e ligeiro, que parecia traduzir sua dinâmica de trabalho, estudo e esforço, por isso lembrava uma formiguinha, ágil e determinada. E foi preciso muita determinação para se manter na escola, uma vez que teve seus documentos desviados. Da mesma forma mudanças na rotina de trabalho, na vida familiar como também, novos endereços e perspectivas (ou a falta delas), também foram percalços na sua vida escolar. Mas manteve-se, bravamente. Segundo relatos informais, uma de suas experiências com os traumas curriculares, deu-se assim:

“A aluna, de repente, empalideceu. Embora com delicadeza, pediu licença, sem esconder a tensão, e saiu.” A reação teria sido mediante a possibilidade de uma avaliação, na qual, supostamente, não seria aceito o uso de calculadora. Alguns dias antes a aluna já havia manifestado sua apreensão quanto à disciplina.

Entendemos que, a aversão e traumas escolares, históricas a certos conteúdos são causa de sério sofrimento estudantil, quando não, razão de reprovação, e tal desconforto psicológico. Em tal aluna, marcada pela pesada carga horária de trabalho, isso era agravado pela ausência de instrumento que a desse suporte e segurança.

Mediante a aflição da aluna, o professor foi procurado, este por sua vez, se mantinha firme na decisão de negar o uso do equipamento para a avaliação, por considerar que naquele nível de ensino, isto já deveria estar superado. Embora entendêssemos suas razões, pensávamos ainda numa forma de resgatar o conhecimento e/ou a estabilidade emocional da aluna, perdidos em algum lugar de sua tumultuada vida estudantil. Enquanto isso, o professor preocupava-se, sobretudo, com a possibilidade de aprovar um profissional que não pudesse desenvolver plenamente sua habilitação e função no mercado de trabalho. Aliás, sempre “o mercado de trabalho”.

Como esta pesquisadora fazia parte da convivência dos envolvidos, (eu e Linda) algumas vezes conversamos, sobre o peso do trabalho, a ausência na família, etc. Lembramos também de desafios passados e dos que ainda poderiam vir, até o fim do curso. Numa destas oportunidades, Linda me revelou com merecido orgulho que fora convidada novamente, por uma antiga patroa para trabalhar, no escritório da loja de roupas. Seria responsável pelas compras, pagamentos e contabilização dos valores. A revelação me angustiou ainda mais, afinal, o convite nos indicava claramente que Linda, realizava trabalhos com notoriedade e reconhecimento, o que parecia se apresentar como uma situação antagônica à percepção oficial da escola, ao reprová-la. Percebi que estava estabelecido certo impasse pedagógico entre a necessidade de se ensinar, a necessidade de se saber como ensinar, como também a necessidade de se saber para quê ensinar. (?????).

Entendíamos como entendemos que a preocupação com uma formação profissional de qualidade é responsabilidade da educação escolar, contudo, os critérios de qualificação profissional emergentes no caso, sobretudo mediante o impasse entre a avaliação escolar e a avaliação profissional da aluna, não pareciam ser os da funcionalidade, mas do domínio e exposição acadêmica exigida pela escola, o que nos leva a admitir que:

Nesta situação ocorre um “conhecimento acadêmico” [apenas], no qual a realidade cotidiana aparece desfigurada, com base em informações e saberes aparentemente sem qualquer ideologia e descontextualizados da realidade, percebidos pelos alunos e alunas com uma única finalidade, a de servir para superar as barreiras necessárias para passar de ano ou para a etapa posterior. (SACRISTÁN, p.104, 1998).

Considerando que esta pesquisadora, se incluía enquanto equipe pedagógica responsável, talvez, como tal tenha falhado. Como passei por várias escolas, tenho pensado que a função de uma equipe pedagógica, normalmente, composta por pedagogos e licenciados, tem sido um tanto deturpada, ainda, em função da lógica positivista, e das concepções mais técnicas e mecânicas de educação. Em um número razoável de ocorrências, temos nos limitado à “supervisão escolar” digna da época dos inspetores, da fila silenciosa e da palmatória, agora subjetiva, implícita nos atos de currículo.

Para este caso, no entanto, a sensibilidade de uma das pedagogas, aliada a sua concepção libertária e humanista, fez a diferença. A proposta era que através de uma monitoria entre alunos (graduandos e da EB), se tentasse recuperar a confiança e auto-estima

de Linda agora, prestes a fazer uma última avaliação que lhe poderia comprometer todo o esforço de um ano. Uma das profissionais da equipe pedagógica, com maior experiência e traquejo, dispôs-se a acompanhar o caso doando ainda, algumas horas extras em pequenas atividades matemáticas.

Todo o processo gerou importante tensão, e alguma reflexão pedagógica, em reuniões e conselhos de classes extras, uma vez que flagrávamos naquele momento um ato de currículo dos mais comuns que, no entanto, não poucas vezes, passa despercebido. Nestas ocasiões as opiniões se dividiam entre a necessidade de se sanar e desmistificar a dificuldade da aluna, como também a preocupação de se omitir sua dificuldade o que, noutra oportunidade, poderia conduzi-la a novo e ainda maior dissabor. Entendíamos que era preciso nos certificarmos de que alguns conteúdos básicos haviam sido absorvidos cognitivamente. Muito embora, uma concepção conteudista, poderia condená-la à exclusão, na forma de reprovação, por mais uma vez, considerado seu histórico de evasão e descompasso idade-escola.

Durante uma das reuniões para discussão do caso, à medida que se anunciava as funções profissionais da aluna, conforme informações, desenvolvidas a contento dos padrões; todos se perguntavam intrigados: que “matemática” estaria sendo ofertada no currículo do curso? E a quem serviria tal currículo? No dia-a-dia as pessoas fazem quaisquer contas “de cabeça”? Já não usam mais as máquinas de calcular? Que função teria um curso nos moldes do PROEJA, que não facultasse a sua estudante, a recuperação do conhecimento escolar, na falta do qual a própria escola a penalizava?

Durante os quinze dias de estudo que antecederam a prova, a ansiedade não era apenas de Lindaura. Outros dois estudantes fariam tal avaliação, embora estivessem mais confiantes. Os momentos de avaliação foram bastante nervosos e merecem um parágrafo a parte. Como uma das pedagogas acompanhava as alunas, ainda em estudo, ouvimos dela o seguinte relato:

Quando ouvimos o barulho do carro, Linda estremeceu:

-Chegou! - Respondi que era mesmo o professor e que ela ia fazer muito bonito. Pedi que tentasse se manter calma e que se lembrasse das relações que fazíamos entre os números, os objetos e suas formas de representação nas contas. O professor entrou cumprimentando. Distribuiu as provas desejando boa sorte e propôs que, a medida em que fossem fazendo, ele corrigiria mentalmente, de modo que tão logo reunissem média suficiente para serem aprovadas, seriam avisadas. As alunas concordaram. [...] Lindaura ficou por último, o rosto ansioso, mãos úmidas e respiração profunda. Às vezes alguém olhava o relógio. A certa altura, o professor interrompeu a aluna, dizendo: Linda, você já foi aprovada, parabéns! Aquele era um momento importante, não apenas para Linda, mas para todo o curso, uma oportunidade de sua edificação. Mediante a boa notícia, agora firme e ativa, segurando a prova, Lindaura respondeu: - Mas eu vou até o final, professor. Eu vou até o final.

Pelo telefone, recebi a voz de minha colega de trabalho que, emocionada noticiava: “Linda, passou... Linda passou!!!!!!”. Eu também me emocionei, muito!!!!

Na oportunidade da aprovação de Linda, muitas e importantes “aprovações ou reprovações”, estavam em jogo. Como também a aprendizagem de quem lá estava para aprender, a de quem lá estava para ensinar, além da nossa, dos pedagogos, que deveriam apoiar tal processo de *ensinoaprendizagem*. Fato é que cremos, todos aprendemos.

O caso de Lúcio, um menino no escuro

Desde que chegara Lúcio era alvo de comentários entre colegas. Para eles era “esquisito”, “boiola”, “sonso”. Para os professores, parecia “avoadado”, “desatento”, “pouco interessado”. A família dizia que era um menino esforçado mas, “fraco”, “gostava muito do curso” e “em casa tentava colocar em prática as coisas que aprendia na escola”, mas achavam que tinha nascido “fraco, com problema.” “As vezes ele fica me olhando... mas parece estar no escuro... parece que não me vê nem me escuta” - dizia a mãe.

De si mesmo Lúcio falava pouco, prometia que ia se esforçar mais. Seu olhar é que falava bastante, como quem dissesse “do que eles falam?”, “eu não fiz nada?!”, “eu prestei atenção... me esforcei”. E tinha feito sim, tudo isso com as poucas energias com as quais podia contar.

Após a reprovação, a família apareceu novamente, profundamente triste!!!! Clamavam por entender o que acontecia com o menino, que apesar de “fraco” queria “fazer um curso desses, assim difícil”. Falavam como se isso fosse um atrevimento do aluno.

Uma professora havia sugerido “pode haver algo de errado com a cabecinha dele”, “uma queda de memória talvez”. “Às vezes ele parece presente no corpo mas... viaja em pensamentos profundos e não é fácil trazê-lo de volta”. A família acenava positivamente, enquanto o olhar, tão revelador naquele grupo social perguntava: “como? O que é?”, “onde? E por quê?”. A mãe já havia tentado levar Lúcio num especialista há alguns meses, mas não havia vagas e sequer sabiam onde encontrar outro.

Quanto à escola, ela bem que avisou a família. “É preciso examinar Lúcio, verificar se ele está bem de saúde”. “Ele pode ter necessidades especiais que atrapalham um pouco sua vida escolar.” Mas isso, apenas, não era o suficiente. A própria família de Lúcio precisava de ajuda para poder ajudá-lo. E a escola parecia não perceber isso. Quando percebeu, através de um servidor, viabilizou-se o médico e exame para o garoto. Analisou-se seu histórico de vida, seu relato do que sentia e ainda sua trajetória escolar.

O médico diagnosticou: “Lúcio em dado momento se ‘desliga’, sem querer”. Claro que havia um nome científico para a dificuldade de Lúcio, mas isso era apenas um detalhe. Conforme o médico, “Vai tomar uns remedinhas, sempre. E vai precisar de acompanhamento da família, da escola... com cuidado. Mas vai ficar bom. Terminar os estudos, não se chatear mais com suas dificuldades...”.

Tomadas todas estas providências, que mais se poderia fazer por Lúcio?! Acompanhar seus estudos? Ouvi-lo... orientá-lo e aos seus professores e familiares....??? Apontar caminhos e estratégias, mais quais? Traçar um planejamento em conjunto, motivá-lo....?????!!!!!!

Lúcio é um aluno especial, daqueles que fogem a regra desejada e estimulada pela escola. Vem de uma família simples de cultura não-letrada, não tem as mesmas e mais eficientes habilidades cognitivas desejadas pela escola e quanto a isso há sim, sério risco de que, sem dispor de habilidades e conhecimentos culturalmente supervalorizados, tal aluno seja excluído do ambiente acadêmico, em que tem se transformado, de modo geral a escola. Há, conforme o médico, dificuldades neurológicas para a aprendizagem do garoto e isso exige uma escola mais atenta que atenda às necessidades psicológicas, pedagógicas, afetivas e sociais de Lúcio. Isso não significa apenas que ele seja atendido por um profissional da psicologia e pedagogia, mas que estes profissionais estejam atuando de forma integrada, tecendo informações e orientações práticas destinadas ao aluno, à sua família e aos professores, de como conduzir a vida escolar do estudante.

Tal como o currículo, que não se limita ao ensino de conteúdos apenas, às ações pedagógicas enquanto acompanhamento, planejamento, e orientação docente e discente, por profissionais especializados, devem abranger mais que as práticas burocráticas de cumprimento e adequação de documentos, cargas horárias, ou conteúdos, literalmente,

disciplinarizados e disciplinarizantes, o que talvez equivalha às palavras de Sacristán (1998) quando afirma:

Ante estas e outras críticas [...] enquanto são destacadas as vantagens da pesquisa e do estudo interdisciplinar e a necessidade de adequação às peculiaridades psicológicas dos alunos e alunas (especialmente aos requisitos de globalização e significatividade dos conteúdos), adquire força a alternativa de um currículo integrado. (SACRISTÁN, p. 111, 1998).

Lúcio anda sumido. Considerando a estrutura escolar pública de hoje, rígida, precária, isolada e homogeneizante, talvez, como tentamos, só se possa efetivamente, refletir sobre sua história.

O caso de Maria, “a professorinha”

Ouvimos de um professor da EPT, atuante também em cursos de Licenciaturas, a história de Maria. Moradora de uma região tipicamente rural, onde os níveis escolares são bastante restritos. Conforme o professor, Maria reunia em si um paradoxo. Era a aluna mais interessada no curso, com dedicação e gosto por todas as disciplinas, mas, apresentava dificuldades bastante importantes que a distanciava do sonho de ser professora.

Uma das suas dificuldades se dava na disciplina Introdução a Informática. Longe do centro urbano, sem os recursos tecnológicos, sequer poderia enfrentá-las. Poderíamos imaginar que a informática não é tão imprescindível assim para um professor, mas o currículo proposto precisava ser vencido, sob pena de ela não se tornar professora.

Durante nossa conversa com o professor, sua urgência em sanar as dificuldades da aluna esbarrava na ausência de um planejamento de curso que previsse as dificuldades de Maria e seu sonho, sob pena de tal aluna ser destinada a reprovação. Disposto a ajudar, o professor se empenhava em disponibilizar-lhe orientações e momentos de interação com os recursos da informática. Mas esta era apenas uma de suas dificuldades. Conforme o professor “poderia simplesmente dar a aula e o aluno com dificuldades, passaria batido... estou tentando, mas durante a aula é difícil dar a atenção de que ela precisa... e as políticas públicas não compreendem isso... O número de alunos por turmas, o número insuficiente de máquinas dificulta a possibilidade de mudar as coisas, mesmo na graduação... e o que eu posso fazer?”.

Como mantemos a compreensão de que o currículo extrapola as práticas pedagógicas para também se influenciar pelas decisões administrativas e na disponibilidade de recursos materiais, por isso é que também reconhecemos como: “importante ver o plano curricular, como uma função compartilhada por diferentes agentes dentro do sistema educativo. O professor/a é apenas o último elo da cadeia de determinações.” (SACRISTÁN, 2007, p. 207).

E nesse sentido, mesmo os planos organizacionais das instituições de modo geral talvez careçam de mais flexibilidade, democratização e interação. Mais uma vez reiteramos nosso entendimento quanto ao acompanhamento pedagógico oferecido de modo geral, e muitas vezes superficial. Também entendemos que, embora sob a especificidade de cada nível de ensino, é indispensável um atendimento pedagógico que identifique dificuldades e possibilidades, sendo que mediante a dinâmica frenética da sala de aula, muitas vezes, o professor pouco pode fazer. Não se trata de paternalismo, mas de ação educativa em conjunto, uma ação integrada, tramada e executada a múltiplas mãos, por diversos educadores.

4.2 Outros Atos de Currículo - Experiências Integradoras

Bons professores, como a aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio. Elas precisam de fundamentos. Os fios, por mais leves e finos que sejam, têm de estar amarrados a coisas sólidas: árvores, paredes, caibros. [...]. Professores sabem que isso vale também para as palavras: separadas das coisas, elas perdem seu sentido.

Rubem Alves, 1995, p. 10.

Embora sejamos, muitas vezes traídos pelas palavras ou pelas influências de uma educação dual e dicotomizada a que estivemos sujeitos ao longo de nossa formação escolar, entendemos que prática e teoria são lados de uma mesma moeda. E por isso ao nos atermos ao chão, complexo e concreto da sala de aula, onde fincamos ou não as idéias discutidas, não deixamos de refletir, antes buscamos uma reflexão significativa e concreta que não se distancie da vivência. Mesmo considerando a dinâmica complexa da sala de aula, entendemos que a construção de alternativas didático pedagógicas não deve se dar de forma simplista, selecionando o que é fácil de se executar como desculpa para não testarmos “teorias” que nos deslocam dos lugares de conforto. Sabemos que uma concepção de *teoriaprática*, indissociada e indissociável, como amarras para as propostas tecidas, é o que previne, simultaneamente, o delírio e a estagnação pedagógica, por que funciona como uma edificação, uma amarra estrutural para as proposições inovadoras. E, embora, se conte com tais “amarras” inovar é sempre algo desafiante, sobretudo na educação, que requer teias fortes e professores, como aranhas, audaciosos, isso, na proporção de seu tamanho e de seus objetivos é o que faz do seu trabalho uma prática tão ímpar. Outras “aranhas” no chão de nossas escolas, também tecem trabalhos esplêndidos. Enquanto educadores, já dizia Freire, nossa prática também deve ser autêntica e revolucionária. Afinal, “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.” (FREIRE, 2008, p. 35).

Revisitando a pesquisa de Moreira (1990) talvez se possa dizer que o apego às teorias tradicionais está, na segurança, ainda que falsa que promovem. Ao contrário, as teorias críticas, e as práticas delas decorrentes são sempre instáveis e, talvez por isso, menos homogeneizantes. Também nesse sentido, poderíamos ser acusados de promover uma discussão vazia, que ao final não oferece respostas definitivas para as questões que iniciaram nossa inquietação, nossa pesquisa. (In)felizmente, este é o melhor rótulo. Mas é preciso ainda explicar por que.

Temos visto que embora as pessoas reconheçam as fragilidades, (por exemplo a homogeneização,) de um pensamento curricular moldado, fechado e inflexível, recorrem constantemente às suas práticas, sob a alegação de que um pensamento mais complexo, ou seja, “a teoria” como costumam chamar as discussões mais profundas, não apresentam soluções práticas. Para refletir sobre a necessidade de se conhecer profundamente as proposições teóricas e práticas que, no Brasil, comumente anunciam a salvação da Educação Nacional, Veiga-Neto (2011) utiliza-se da metáfora da casa. Aproximando os conhecimentos educacionais à casa enquanto legado histórico e futuro de quem nela vive, concordamos com ele quando explica:

Se nos deixarmos prender nos andares intermediários, sem habitar-mos o sótão e o porão, perderemos boa parte de nossa própria condição humana pois, lá no sótão se dão as experiências da imaginação e da sublimação, é lá no porão que estão as raízes e a sustentação racional da própria casa. (VEIGA-NETO, 2011, p. 2).

Ora, se, uma teoria educacional-curricular, sem considerar a vasta história de suas tendências e transformações, e por isso se assim se apresenta limitando-se a configurar e reconfigurar práticas mirabolantes seria, portanto, uma teoria contemplativa, surreal, que, dificilmente poderia contribuir para discussões e transformações educacionais e sociais. Em contrapartida, uma teoria cujas respostas práticas subestimam a necessidade e possibilidade de criação e inventividade para as questões educacionais, é uma teoria estanque, morta para as diversidades sociais e culturais, tal como foram as tendências tradicionais e, embora apresentem soluções práticas e “seguras”, não poderão (como não puderam) apresentar de fato os resultados tão positivos que apregoaram.

Assim, nas palavras de Veiga-Neto (2011), ao abrirmos mão da discussão e da configuração prática no nosso dia-a-dia escolar, continuamos sem visitar nossos porões e por isso habitamos apenas “entre o piso intermediário e o devaneio do sótão” de nossa pedagogia educacional e curricular. (2011, p. 5). Tais ações pedagógicas assim, são visões periféricas que não se aprofundam na teia educacional, e talvez por isso a surpresa ao percebermos que se associam por empréstimos a teorias econômico-administrativas, pouco coerentes com a condição humana. Portanto, não é exagero, afirmar que, de tantas tendências pedagógicas poucas:

[...] descem aos fundamentos onde se enraízam suas opções epistemológicas e, conseqüentemente, poucos conhecem o subsolo de onde se alimentam suas convicções acerca da salvação por obra da educação. [...] “O que nos parece fazer falta é saber de onde vieram e como se engendraram tais opções e convicções.” (Veiga-Neto, 2011, p. 8).

Por isso, neste estudo nossa tentativa de compreender as origens, concepções e agora, visualizarmos algumas práticas de Integração Curricular que, embora não sejam definitivas, nos poderão exercitar frente a necessidade de criação. Não temos medo de dizer que não possuímos respostas prontas, ao contrário nos vemos ainda com muitas perguntas a fazer e, principalmente, nos fazer.

De modo geral, a teoria crítica sobre o currículo é bastante criticada por não apresentar orientações concretas para a execução de um currículo que se pretende emancipatório (MOREIRA, 1990). A teoria da integração curricular passa pela mesma dificuldade. Enquanto isso, a teoria tradicional acaba por alcançar importante gama de adeptos, porque são apresentadas supostas “soluções práticas”. Pensamos, porém, que, mais do que com soluções práticas a maior “contribuição” das “receitas de ensinar” tem sido, tragicamente, a de nos acomodar frente as dificuldades e fragilidades da educação.

Por outro lado a pouca divulgação de material didático, de orientações práticas sobre como integrar currículos, conhecimentos e saberes, que entendemos serem parte das políticas públicas, tem levado os atores da educação a compreender a integração fragmentadamente, sob o viés limitante das dicotomias, teoria x prática, EB x EPT, formação profissional e acadêmica, ciência x senso comum, etc, ou ainda como sendo uma prática fantasiosa, possível apenas na teoria. Por estas razões, embora reconheçamos que, a adoção destes recursos práticos, como estratégias de Integração Curricular, exige uma ação governamental mais ampla, entendemos como uma possibilidade de contribuir, quando divulgamos e discutimos algumas possíveis experiências de integração nos espaços adequados e também no interior das próprias escolas.

Sobre tais experiências, algumas foram relatadas por educadores com os quais convivemos, tendo sido submetidas a outros estudos e análises de que surgiram artigos e monografias, ligados ao tema da Integração Curricular. Os relatos não são receitas educacionais. E nós mesmos não haveríamos de prescrevê-las pretensiosamente, aos atores

educacionais cuja capacidade profissional é evidente, sobretudo os com quem convivemos. Contudo, tais experiências podem para todos nós ser “sótão”, sobretudo se antes, através de nossa modesta reflexão teórica, mesmo que minimamente, pudemos visitar nossos “porões”.

Entendendo que, fizemos uma crítica e, fazer críticas é tornar complexos e promissores os gestos simplistas e limitadores. Pensamos nas possíveis alternativas práticas e no que alguns já fizeram, e por isso suas experiências nos poderão ser úteis.

4.3 Experiências de Tradução e Transposição Didática no IFNMG - Campus Salinas

Como vimos indicando a partir dos questionários respondidos pelos professores do IFNMG/Campus Salinas, a concepção de integração destes tem focado a dicotomia entre o currículo da EB e o da EPT. Porém, nos pareceu que isso tem sido considerado justamente na intenção de desconstruir os limites curriculares estabelecendo conexões e interseções entre os dois currículos de modo a torná-los mais significativos para os alunos. As experiências relatadas abaixo chegaram até nós através de relatos, por ocasião de conselhos de classes periodicamente realizados na instituição para avaliação de rendimento dos alunos. Como percebemos o cunho integrador destas ações propomos uma conversa com seus idealizadores em que pudemos registrar e discutir suas práticas pedagógicas, além de objetivos, concepções, crenças e valores nela implícitos. Tais experiências são, como se poderá ver, o esforço particular de cada professor rumo à qualidade da educação que oferecem, embora o empenho principal seja no sentido de se estabelecer conexões, entre os conteúdos, entre os conhecimentos, como também entre as pessoas, unindo suas ações. São, portanto, experiências de dedicação ao ensino, que buscam romper os excludentes laços tecnicistas.

Na tentativa de se identificar práticas integradoras do currículo, via questionário, solicitamos aos docentes que nos fosse compartilhada uma experiência prática de ações de integração curricular desenvolvida por eles, no dia-a-dia. Tal questão, no entanto, acabou nos revelando um pouco da concepção de educação.

Experiência V

IFNMG/Campus Salinas

Profº. Roberto Marques

Tema: Pesquisa de Aplicação Matemática

Um dos professores, Profº Roberto Marques, há dois anos, vem tentando a diversificação de suas práticas pedagógicas e como ex-aluno do curso Técnico em Agropecuária nesta mesma instituição acumulou uma importante bagagem que influencia sua ação docente. Quando solicitado a relatar sua experiência de integração curricular o professor explicou que trabalha com dois cursos técnicos (Agropecuária e Agroindústria) ambos integrados e que para:

esse ano tínhamos previsto para trabalhar com duas matérias que são bastante abstratas para os alunos do ensino médio, porque elas não tem aplicação imediata. Questão de Função exponencial e função logarítima, não é? não faz parte daquela matemática elementar que você usa no dia a dia. (Professor da EB)

Conforme sua fala tais conteúdos indicados nos referenciais curriculares da 3ª série, e nos livros, trazem exemplos de aplicação para cálculos de escalas de terremotos, densidade de som sendo que nosso “aluno [...] não trabalha isso no cotidiano.” Considerando a necessidade de integração curricular em função de uma mais eficiente significação/ressignificação dos

conhecimentos ensinados pela escola nos pareceu que a estratégia do professor vem de encontro a necessidade de “criar situações de ensino e aprendizagem nas quais a relevância dos conteúdos culturais selecionados no projeto curricular possa interagir e propiciar processos de reconstrução junto com o que já existe nas estruturas cognitivas dos alunos.” (SANTOMÉ, 1998, p. 42 e 43). Mergulhado nesta concepção de ensino, o professor na sequência relata:

Depois de explicar isso eu propus pra eles [os alunos] que eles buscassem no curso de formação deles [currículo profissionalizante] aonde estes conteúdos se encaixariam, como ex-aluno eu sabia que existiam aplicações práticas então eu propus um trabalho em grupo de no máximo quatro integrantes... eles teriam a responsabilidade de pesquisar aplicações para função exponencial e funções logarítmicas. A base da pesquisa seria os próprios professores dos cursos deles... pedi mesmo vai atrás de seu professor da área técnica pergunta lá [...] pra que [...] eu uso logarítimo? E eles foram. (Professor da EB)

Por considerar a realidade escolar e social dos alunos, sabemos que muitos deles se seduzem, principalmente, pelo currículo profissionalizante, como uma forma de alcançar autonomia financeira com o trabalho. Da mesma forma, o próprio professor conhece e reconhece a necessidade de se estabelecer vínculo entre os conhecimentos básicos e os de formação para o trabalho, como forma de tornar o ensino escolar, significativo, crítico e atraente para o aluno, sendo que, do contrário:

[...] tudo o que se distanciar de suas preocupações e interesses, que não estiver relacionado de alguma maneira com a satisfação de uma necessidade, de um desejo ou buscando evitar algum perigo, dificilmente pode chegar a converter-se em relevante e significativo para quem deve aprender. (SANTOMÉ, 1998, p, 43)

Quanto aos resultados indicam que foram “trabalhos muito interessantes que os alunos apresentaram, se empenharam” e explica a participação dos colegas professores:

Professor de irrigação deu uma contribuição, professor de zoo III que é bovinocultura deu uma base pra eles em outro projeto... prof. Zoo I mostrou ... a qualidade de ovos nas granjas segue uma escala logarítima coisas que até eu mesmo não sabia que existia, surgiram lá. Hora de ligar ou desligar os espessores numa irrigação é movido...por um ... pode ser feito com um cálculo logarítimo, volume de florestas... hoje o instituo tem até um ...tá crescendo esta área de engenharia florestal e técnico em florestas. Com os engenheiros florestais aqui os meninos conseguiram...um dos trabalhos foi esse volume de madeira numa floresta de eucalipto por exemplo tendo a área e algumas informações através de um cálculo exponencial, eles conseguiram o volume de madeira. [...] E uma outra característica do trabalho é que teriam que pesquisar, teriam uma parte escrita pra mim entregar e o grupo iria apresentar para o restante da turma. Já pensando num pouco de extencionismo que estes meninos próximos a se formar como futuros técnicos... uma das coisas que os técnicos fazem demais é isso... (Professor da EB)

Sem muito esforço podemos perceber uma concepção de educação mais complexa proposta pelo professor, que não se limita às preocupações de sua disciplina apenas. Sua preocupação em interagir com outros conteúdos é uma importante indicação de uma prática docente integradora, que visa o atendimento integral das necessidades do aluno, sejam elas cognitivas, psicológicas, ou econômico-profissionais. Por fim o professor avalia a experiência e conclui:

...aquele conteúdo muito abstrato não fazia sentido, não tinha aplicação e aquilo que não tem sentido...aplicação é a coisa mais fácil de esquecer pois não te serve pra nada ...a mente deleta se existe alguma coisa que não tem aplicação que não tem necessidade de tá lá. E vários depoimentos nos trabalhos os alunos falavam que: realmente, nós vimos que logarítimo e exponencial tem uma aplicação no nosso curso técnico. (Professor da EB)

Entendemos que embora seja uma ação simples, a iniciativa do professor é uma iniciativa de inclusão e qualificação educacional. Sua ação pedagógica como também o conhecimento matemático que ensina constitui um conhecimento ativo e dialógico a ser posto em prática nas várias atividades humanas, na medida em que contribui com seu saber para o alcance de outros saberes. Neste sentido, sem a arrogância de pensar, por exemplo, um saber matemático academicista e elitista, apartado dos tantos outros conhecimentos, que se considere supremo e autônomo. Assim, como Santos (2010), entendemos que, “o que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma ignorância. (SANTOS, 2010, p. 16).

Experiência VI

IFNMG/Campus Salinas

Profº Marco Aurélio Fonseca

Tema: Projeto de Monitorias

Uma das dicotomias criadas a partir da modernidade de respostas definitivas está na idéia de que também para ensinar e educar há uma forma (ou fórmula) apenas, certa e infalível. Assim, se faria certo, ou errado, conforme os métodos e os resultados do ensino. Ledo engano. A diversidade humana transgride com facilidade tal arranjo.

Se bem observamos a proposta da teoria tradicional do currículo, que preconizava a adoção de procedimentos bem definidos para o ensino, visava uma única e hegemônica forma de ensinar e de aprender, o que por sua vez homogeneizava também as classes sociais e por extensão as pessoas, seus pensamentos, crenças e valores. Também sabemos que um povo homogeneizado no seu conhecimento e cultura é um povo propenso a dominação, senão já dominado. Em oposição a isso a educação deveria ser canal de diversificação de saberes e diversidade de conhecimentos, para o que também faria uso de linguagens diversas para ensinar. Nesta tentativa é que identificamos a prática do Profº Marco Aurélio Fonseca, cujo esforço tem sido justamente o de evidenciar a diversidade de maneiras pelas quais os alunos aprendem, na tentativa de se encontrar também diversas formas de ensinar, e por isso de bem ensinar.

Conforme seu relato, ao iniciar o projeto, o Professor buscava preencher uma lacuna comunicacional, uma vez que, em alguns momentos era taxado pelos alunos como alguém que, em suas aulas expressava-se “tecnicamente”, num vocabulário difícil. Embora sua fala revele uma constante busca pelo nivelamento dos conhecimentos dos alunos, sua tentativa foi a de criar através da monitoria *espaçostempos* para a tradução dos conteúdos matemáticos

para seus alunos, uma vez que a tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo” (SANTOS, 2010, p. 26). cremos que nesse sentido é que surge a afirmação do professor de que:

As vezes agente... eu falo muito assim na sala de aula quando você dá aula as vezes você usa muitos termos técnicos e o aluno e certos alunos tem dificuldade e as vezes eles aprendem até mais fácil com outro aluno do que propriamente com o professor porque o outro tem a mesma linguagem ... e aliando as duas coisas fica fácil porque você vem dá a matéria vc mostra aí o monitor vem trabalha aquela matérias da maneira deles e eles consolidam a matéria e vc percebe que ele está numa situação melhor ... (Professor da EB)

Entendemos que tal tradução, nos termos de Santos (2010) não se reduza aos componentes técnicos, de simplificação da linguagem, mas, no nosso exemplo, o empregamos para indicar a aproximação entre culturas, dos alunos e do professor. E neste sentido não há a cultura inferiorizada do aluno em contraponto à cultura superior do professor, a ser absorvida. Há sim, saberes de um e outro que em interação comporão juntos a possibilidade de construção de novos conhecimentos. A experiência do professor foi simples, um grupo de monitoria apenas, que, orientado e conduzido ao estudo diário e em grupo, também encontrou a ajuda mútua.

Fatalmente, tal iniciativa se opõe ao “ensino-receita” porque o “trabalho de tradução reside em que só através da inteligibilidade recíproca e conseqüente possibilidade de agregação entre saberes não-hegemônicos é possível construir a contra-hegemonia.” (SANTOS, 2010, p. 29), e sua prática é, obviamente, uma ação contra-hegemônica, na medida em que respeita a diversidade e se põem a seu serviço, favorecendo a possibilidade de que todos possam a seu tempo aprender e ensinar.

5 MAS AFINAL, QUEM ENSINA E QUEM APRENDE?

Iniciamos nossa pesquisa, sobre o Currículo Integrado, incomodados por um “grilo” pedagógico que nos impelia, a saber, como despertar o interesse e a compreensão de nossos alunos da EB e EPT, frente ao currículo a ser trabalho sob o pressuposto da integração curricular. Considerando nosso próprio histórico pessoal, escolar e profissional, nosso questionamento partiu do desejo de contribuir para uma educação mais justa, menos seletiva, mais eficiente e prazerosa. Obviamente, nos dispomos a aprender mais que ensinar e por isso a necessidade de um grande debate, para o que convidamos parte da comunidade: professores, gestores e servidores, enquanto atores da educação. Uma primeira lição indicou a necessidade de se abrir espaço para atores, pouco partícipes, os pais, os alunos, a comunidade externa à escola.

Podemos dizer que nossa estratégia metodológica, voltada para a busca e observação cotidiana, nos ensinou bastante e deu-se na medida em que, a cada experiência educacional vivida ou adquirida de outros profissionais através de relatos, atividades e memórias, associou-se a um traço do tema Currículo Integrado de modo a levantarmos um razoável material, na forma de relatos. (ESTEBAN, 2003), (FERRAÇO, 2003). Aliado a um significativo repertório teórico acerca do currículo, buscamos informações de várias maneiras: questionamos, observamos, conversamos, entrevistamos. (GARCIA, 2003).

Certos de que nenhuma resposta coerente se naturaliza pela ausência de um contexto, buscamos na história da educação as históricas teorias curriculares, desde sua possível origem até sua configuração brasileira, sob influências das épocas modernas e pós-modernas. Perpassamos o histórico de nossa instituição, enquanto Rede Federal de Ensino (DOC. BASE, 2007) e percebemos as heranças e influências conceituais, como também econômicas, políticas, além do jogo de interesses em meio às quais estão enredadas as concepções e objetivos educacionais, em geral, a exemplo da ação e concepção das Teorias Tradicionais do Currículo a serviço da economia e lucro. (MACEDO, 2009). Neste sentido, constatamos o currículo-conteúdo prescritivo, receituário, limitado e excludente, como uma forte tendência educacional histórica, no Brasil e no mundo.

Contudo, não há como negar que a história do currículo é também uma história de resistência, reinvenção conceitual e subjetividade, a exemplo das proposições das teorias críticas e pós-críticas. (SILVA, 2009). Sabemos que quaisquer teorias ou prescrições curriculares passarão irremediavelmente pelo crivo da seleção e concepção destes decisivos atores, e isso nos exige que se reconheça e propicie sua participação no planejamento e teorização do currículo. Tal detalhe, a nosso ver, é o grande trunfo da autonomia do professor, e porque não dizer, do ser humano, através do qual nada passa imaculadamente.

A partir da compreensão desta história, foi possível ampliar a ótica sobre o currículo que oportunizou a distinção e o reconhecimento das forças incidentes sobre ele. Em termos educacionais tal ampliação é decisiva, na medida em que intercepta a possibilidade de reprodução de valores e crenças, como também a crítica a eles. De uma concepção mais tradicional, foi possível ampliar o conceito de currículo, enfocando os aspectos políticos, gestores, afetivos, culturais e sociais que também o compõem.

Por outro lado, cientes de tais influências é preciso agir e reagir, seja pedagógica, administrativa ou politicamente, às imposições e equívocos que fazem do currículo um possível instrumento de domesticação, em potencial. (SACRISTÁN, 2008).

Consideramos os interesses econômicos que influenciaram significativamente as concepções de currículo, e por extensão de educação, a história das teorias curriculares nos revelou ideologias outras, sob as quais, hoje se estruturam algumas concepções de Integração Curricular. Por isso, talvez, o foco indicado pelos atores educacionais, através desta pesquisa, voltado para as dicotomias entre EB e EPT, teoria e prática, orientações práticas específicas

ao invés de uma busca constante por alternativas, que, no entanto, também compõem as ações, sobretudo dos professores. Entendemos que tal postura dos atores educacionais, em geral, é fruto das influências históricas nas quais todos nós fomos formados como também da ausência de uma formação continuada sólida, dialógica e contextualizada que se constitui verdadeiramente, em ações desconstrutoras de alguns equivocados atos de currículo, também flagrados e discutidos nesta pesquisa.

Tais atos, contudo, não se deram como única prática ou ainda como resultados de determinantes absolutos do perfil e da ação dos educadores. Haja vista, importantes iniciativas de professores que relevam a resistência e criatividade de profissionais que rompem com o ciclo de influências tradicionais na educação, driblando não apenas suas próprias tendências, mas os limites legais e materiais da educação formal. Após tal estudo teórico-bibliográfico acerca do currículo, suas concepções e interesses históricos como parte de sua construção, sem dúvida, ampliamos nossa compreensão de Integração Curricular, tensionando a dicotomia e dualidade entre trabalho e estudo, prática e teoria, deslumbrando a possibilidade de uma concepção inclusiva, na medida em que essa corresponde ao atendimento aos diferentes grupos sociais e culturais para os quais são necessárias ações didáticas, gestoras, e políticas também diversificadas. Ao final deste estudo, entendemos que um currículo integrado é, ao mesmo tempo, a proposta e o resultado da ação conjunta de todos os atores educacionais que, num esforço uníssono, embora diversificado e ímpar, proporcionam aos educandos e à comunidade escolar, significação e compreensão, não apenas dos conteúdos mas, das condutas e relações que favorecem o respeito e a tolerância para com os valores, saberes e experiências de que compõem as diversas culturas e atividades humanas.

Mediante tal experiência entendemos que a integração de currículos está amplamente associada ao atendimento e reconhecimento das dimensões humanas, sejam elas, o trabalho, a afetividade, a sociabilidade, intelectualidade, todas indissociáveis entre si cuja discussão e evolução faz parte também do trabalho educacional. Assim entendemos que o Currículo Integrado constitui a seleção, organização e prática de ensino significativo que, por assim se apresentarem ao educando colaboram e proporcionam desenvolvimento pleno e livre.

Ao longo de nossa pesquisa, não prescindimos da leitura da legislação pertinente e orientações pedagógicas sobre o assunto, como também o conhecimento das diretrizes de cursos ofertados na modalidade integrada, sendo que são raras as orientações práticas institucionais, como também são raros os espaçotempos de integração organizados e efetivados, periodicamente, na prática escolar, limitando a legislação a um caráter impositivo.

Paralelamente, deu-se a leitura dos fatos cotidianos e “atos do currículo” flagrados no dia-a-dia da instituição pesquisada, onde as concepções tornam-se visíveis embora, implícitas. Nesta ocasião os atos do currículo analisados, revelaram-nos sérios vícios curriculares como: a supervalorização de uma disciplina em detrimento de outras, como também importante dificuldade na construção e execução que se considere as reais condições e saberes do educando frente ao exercício de aprendizagem, enquanto ação cognitiva de significação e ressignificação de conteúdos e conhecimentos.

Neste sentido, a integração curricular é iniciativa de poucos diluídos entre os vários segmentos (gestores, professores e orientadores) sendo que, enquanto prática planejada, orientada e incentivada, ainda não constitui uma prática concreta entre tais segmentos, sobretudo por falta de uma política educacional, nos seus vários níveis, que implemente a proposta implantada mediante o Decreto nº 5.154/2004. Neste sentido, reafirmamos que, as iniciativas de integração curricular expressas no IFNMG/Campus Salinas constituem uma espécie de “romance” motivado pela concepção inclusiva de educação que emerge de alguns dos sujeitos educacionais, quando aproximada das necessidades práticas advindas do currículo imposto pelo decreto que, na prática deveria ser integrado. Ou seja, embora esteja presente, na prática são poucas as iniciativas didático-pedagógicas, ou ainda gestoras que

proporcionem articulação entre o currículo e as necessidades, aptidões e experiências dos educandos enquanto seres humanos nas suas dimensões individuais e sociais. Os próprios atores da educação, aqui pesquisados, denunciam a ausência de um acompanhamento pedagógico mais efetivo junto a alunos e professores, de modo a promover uma ampliação de suas concepções acerca do currículo e de sua integração, como também para auxiliá-los na construção de tais práticas integradas e integradoras de currículos.

Sobre os atores da educação, os professores e gestores, além dos muitos servidores questionados sobre o tema, suas concepções evidenciam um viés tecnicista, ao mesmo tempo em que revelam algumas iniciativas que ampliam tal visão rumo a uma espécie de diálogo entre disciplinas e culturas.

Neste sentido, as estratégias identificadas entre os professores para implementação da integração de currículos giram em torno de ações que sinalizam em favor dos seguintes aspectos:

- Maior valorização da autonomia e experiência discente;
- Estímulo e iniciativa em relação à construção interdisciplinar do conhecimento;
- Ressignificação e transposição didática dos conhecimentos científicos aos alunos;
- Busca de estímulos e construção da subjetividade discente;
- Maior participação e envolvimento dos servidores da educação quanto às decisões e ações educacionais ou administrativas que fatalmente interferem nas condições do trabalho pedagógico, etc.

Ainda assim, talvez em consequência de uma ação gestora (em todos os níveis) ainda pouco democrática, a julgar as imposições das políticas públicas, o isolamento dos servidores entre si, e o tímido estímulo às práticas pedagógicas coletivas, são ainda pouco considerados na prática docente, ações como:

- Reconhecimento e atendimento às necessidades de outras dimensões humanas, afetiva, social, religiosa, etc, enquanto são supervalorizadas a intelectualidade, a capacidade de trabalho, etc.
- O princípio educativo do trabalho;
- Distinção entre politécnica e polivalência;
- Condução crítica dos conteúdos a partir de eixos temáticos, etc.

Contudo, antes de qualquer coisa, é preciso destacar que a concepção destes atores, aqui relatadas, não se construiu arbitrariamente, mas a partir de suas vivências, experiências e oportunidades. Isto nos remete à forte probabilidade de que tais construções conceituais como, possivelmente, a prática destes autores que, aliás, não se apartam de seus valores e interesses, dependam obviamente de novas oportunidades de debate, análise e reflexão, vivências e experiências sobre o tema.

Via questionários, os professores nos pareceram esperançosos e dispostos, embora enfadados de teorias pouco funcionais. Da mesma forma, também ficou evidente um esforço reflexivo destes educadores, no sentido de ampliarem sua concepção, exercitando certa complexidade no exercício, às vezes, intuitivo de construção de instrumentos para a resignificação curricular a que aproximamos o conceito de currículo integrado. Mais que uma iniciativa, isso nos pareceu ser um gesto de compromisso dos próprios docentes com sua formação e auto-formação.

Em meio aos estudos, concordamos que cabe ao aluno o “trabalho” cognitivo de integração, contudo salientamos que, isto se dá a partir do estímulo e provocações didático-pedagógicas presentes na prática docente que, neste sentido requer intencionalidade e planejamento técnico-pedagógico assessorado. (LENOIR, In: FAZENDA, 2010). Também neste sentido, indispensável uma boa equipe pedagógica, de modo geral crescente e

emergente enquanto prioridade de profissionais nos IF em expansão tem papel fundamental, se considerarmos a necessidade e possibilidade de que tal segmento contribua para a discussão, criação e articulação de práticas integradoras.

Assim, os resultados da pesquisa reforçaram nosso entendimento de que a integração consiste numa prática diária, a ser permanentemente feita e refeita, em meio às redes educacionais, o que demanda incondicionalmente, orientação técnica, administrativa e pedagógica na condução de espaços de reflexão debate, construção de práticas, troca de experiências, discussões teóricas, etc. Sem tal articulação, a exemplo das indicações levantadas pelos docentes através da pesquisa, a integração é frustrada pela emergência dos paradoxos próprios da educação, a saber, teoria/prática, EB/EPT, que no contexto da modernidade, revestem-se como dicotomias contrárias e excludentes.

Nestes termos, dadas as suas perspectivas de significação, associamos à integração curricular, aos princípios: da interdisciplinaridade, da complexidade e respeito à diversidade, enquanto conceitos amplos e democráticos (SANTOS, 2010) a partir dos quais conhecimentos, povos e culturas diversos poderiam compor uma versão de currículo integrado.

Também o sentido de politecnia enquanto domínio e conhecimento científico a ser disponibilizado e utilizado nas várias dimensões da vida, constituem, a nosso ver, princípios para a integração curricular enquanto instrumento de democratização do saber e inserção social (RAMOS, 2005).

Considerando o empréstimo dos princípios econômico-administrativos à organização escolar ao longo das teorias curriculares já discutidas aqui, fatalmente identificamos, respectivamente, três importantes consequências de tal transferência para a educação, a saber, a drástica redução da subjetividade nas ações de aprendizagem substituída pela ação repetitiva e mecânica; a expectativa de padronização dos resultados educacionais e ainda, a disciplinarização radical no ambiente de aprendizagem, que culminam no desinteresse e esvaziamento do sentido da aprendizagem na escola. Entendemos que, no intuito de capitalizar cada vez mais os resultados, como na indústria, a disciplina imposta na escola, viola a essência humana de subjetividade e diversidade. Estas foram, portanto, fortes influências da teoria curricular tradicional, cuja predominância, ao longo da história tem se revestido de novas denominações, a exemplo do currículo por competências, embora sua essência continue a disseminar os mesmos conceitos de educação mecânica, fragmentada e reprodutivista, que em nada se aproxima de um Currículo, verdadeiramente, Integrado. (SACRISTÁN, 1997).

Também como uma dicotomia, há séria discrepância entre o currículo prescrito e o vivido, que nos parece ser resultado da prescrição teórica na forma de políticas públicas, sobre as quais recai toda a subjetividade das redes de conhecimento e dos atores educacionais envolvidos no processo de produção do conhecimento. Nelas, as redes de conhecimentos, que constituem as interações cotidianas e se estabelecem independentemente da normatização teórica ou legal, emergem inevitavelmente, as reais concepções dos atores da educação sobre infinitas influências, e estes atores (em especial alunos e professores) no direito e na dinâmica de sua prática, na sua leitura particular e específica modificam os pressupostos teóricos ou legais do currículo, fazendo emergir o que chamamos currículo vivido.

Como já reconhecemos, o currículo também tem valores e pressupostos implícitos nas práticas e propostas gestoras, através das quais também se ensina e se aprende. Assim entendemos a organização e atendimento pedagógico-administrativo de apoio e orientação aos professores e alunos, também como uma ação de integração curricular. Isto porque, a ação mediadora entre estes atores educacionais, pode trazer importantes contribuições para a significação e ressignificação curricular, na medida em estabelece o diálogo e a interação entre os envolvidos.

Também não seria coerente pensar que apenas na sala de aula é que a educação e o ensino se concretizam, por isso discutimos a gestão, as políticas públicas em sua macro e micro dimensão, a necessidades de participação do educando, de seus pais ou responsáveis, da comunidade, além dos coadjuvantes da educação, dos setores administrativos, de apoio e manutenção. É o conjunto destas ações, no seu plano *prácticoteórico*, partilhado e compartilhado entre os atores, o que desencadeia o que compreendemos como currículo integrado. Afinal, uma gestão pedagógica ou administrativa, que se pautar na participação democrática será seguramente, uma alternativa de rompimento com a homogeneização e conformização, seja ela oculta ou explícita.

Então, é preciso não perder de vista os *espaçotempos* para a integração curricular, que se configuram para além de um momento cronológico (a organização curricular em séries e tempos) ou um espaço material (a escola, a sala de aula, exclusivamente). Tais oportunidades de aprendizagem devem ser ampliadas tornando-se momentos extra cronológicos e extra materiais. Por isso, o resgate dos saberes pragmáticos, culturais e afetivos dos docentes, que constituem sua história individual, como também o alargamento dos espaços de aprender ampliados para os espaços sociais, trazidos, através de uma gestão participativa, para dentro da escola, ou visitados por ela mesma. E se tais estratégias, podem se concretizar no uso de tecnologias e ferramentas práticas, também é possível que se concretize numa prática inclusiva e democrática, na qual as iniciativas e os conhecimentos não sejam classificados e hierarquizados, limitando sua execução.

Em suma, no passo da pesquisa, seguimos pistas, intuímos novas oportunidades de compreensão e acolhemos muitas possibilidades. E finalmente, mais que conclusões, tentamos fazer emergir ao final deste registro as interseções, como fios coincidentes na trama, para configurar um esboço acerca dos princípios, concepções, ações e ideologias, que permeiam a compreensão dos atores educacionais, sejam eles teóricos intelectuais, teóricos professores, alunos, gestores e demais envolvidos com a ação de ensinar, na complexa perspectiva de um currículo integrado. Talvez em termos de ações úteis, um planejamento a múltiplas mãos pode ser o mais coerente, e isto depende de uma gestão democrática e participativa, como também de uma participação qualificada e comprometida que priorize os interesses educacionais.

Por isso a compreensão de que o currículo escolar se estrutura na articulação entre as ações de todos os atores que habitam e agem na instituição e na comunidade onde se insere a escola, sejam eles alunos, pais, professores, servidores e gestores. A formação, os valores e concepções destes atores, constituem uma espécie de currículo usado para desenvolver um esboço de integração curricular, praticada por eles quase que intuitivamente. Quando isso não ocorre desfacelamos o currículo, desintegramos os significados, e desvalorizamos a cultura e o saber dos grupos sociais que deveriam compô-lo.

Assim, os flagrantes do cotidiano nos levaram a reconhecer outro grupo de atores da educação, que embora centrais no desenvolvimento do ensino, são comumente relegados ao lugar passivo de receptores da educação construída na escola. Assim, inserimos em nossa pesquisa, pequenas entrevistas com servidores dos demais setores (produtivo, administrativo e de manutenção da escola), através dos quais pudemos compreender melhor suas concepções e ações, que integradas ou não, repercutem nas práticas de ensino.

Devemos entender que os projetos, estágios, transposições e recontextualizações, monitorias, ou ações gestoras, são apenas algumas das infinitas possibilidades de integração que, invariavelmente devem partir da realidade de cada espaço escolar e educacional. Por isso definitivamente, não há fórmulas, apenas possibilidades. Neste sentido, entendemos que a aplicação ou criação de uma ou outra metodologia é fruto da observação e reflexão docente sobre sua prática. Portanto, vale salientar, mais uma vez, que não há receitas que se adéqüem à necessidade de cada momento e público. O que existe é a dedicação e empenho em

identificar através do *feedback* dos alunos, as questões, os tempos, as formas e os conteúdos a se trabalhar em sala de aula, e que perfazem ações como a observação, o registro, a avaliação e o planejamento no trabalho do professor, a serem permanentemente discutidos e reinventados.

E, também neste sentido, para que, no cotidiano, haja espaço para o diálogo, é preciso enfatizarmos que não demos ou daríamos conta das respostas definitivas, mas porque pensamos na inteireza do currículo enquanto caminho, temos a grata satisfação de pensar poder contribuir na parte do todo que nos coube percorrer.

Por isso o desejo de que este trabalho meu, fosse nosso, pela participação dos atores educacionais, os professores, gestores, e servidores, como também tantos colaboradores. Houve enorme esforço para fazê-lo inteiro e íntegro, mas só a participação constante de seus componentes poderia complementá-lo, e ao mesmo tempo vigiar com respeito e compromisso sua boa intenção.

Como já dissemos, intentou-se elucidar, trazer luz para a discussão sobre o currículo. Mas não uma *luzfórmula*, restrita e restritiva, antes a tentativa foi a de iluminar num fio, fazendo rede com outras luzes.

Como não há pergunta sem interesse pela resposta, intentamos que esta pesquisa ensinasse sobre as nossas histórias e as dos outros, sobre as expectativas e sonhos de todos nós, e isso tem sido uma satisfação, ora amarga, ora doce e motivadora, ora desconcertante. E por isso, propomos a reflexão e o estudo, a interação e a invenção, porque sabemos: “É somente quando o trabalho acadêmico crítico é ampliado para propor alternativas reais que ele pode ganhar apoio popular e ser a base para a mudança democrática” (YOUNG, apud MOREIRA, 1990).

Ao final disposta ao espaço individual, creio, há ainda muito a fazer. Aprendi muito, muitas coisas importantes, embora a mais importante das coisas que aprendi seja a constatação de que na vida e para a educação aprender a aprender, sempre, é indispensável. Por isso o nosso desejo de, mais que angariar títulos, inaugurar teorias, foi sempre o de incorporar-nos a figura do Mestre, que assim se constitui, sabendo-se que:

*Cabe ao Mestre:
Ensinar a esperança
Pelo que não se praticou de justiça.
Ensinar a beleza das raças
Quando não se aprendeu o respeito às diferenças.
Como também, ensinar e promover o valor do trabalho
Mesmo se sua escassez ou austeridade oprimem.
Por isso ensinemos a luta
Que, não raras vezes,
Dá lugar à guerra entre irmãos
E haveremos de ensinar coisas mil:
O valor da palavra,
Ainda que tenha sido enganosa e vil;
A distinção da sabedoria
Nas tantas vezes em que o capaz se distanciou da humildade.
Ainda ensinaremos:
A transparência das lágrimas,
Porque elas também brotam na alegria e
Acima de tudo, não acobertam as culpas.

Ensinaremos o compromisso firme,*

*Caráter reto
E como se perde perdão.*

*Ensinares, sim, o sabor do fruto
Nos momentos em que
Transformado em lucro
Não se transformou em pão;*

*E ainda ensinares para os dias frios e pouco estimulantes
O sonho, a persistência,
O compromisso com o dever.
Porque a parte que faz falta
É justamente a que só eu (ou só você) pode fazer.
E repassaremos cada lição lúcida e renovada
Na expectativa de que afinal, culpado,
Não há de ser quem se emende
E como dizia o Rosa:
"Mestre é aquele que de repente aprende".¹⁰*

¹⁰ Profª Meirivan Batista de Oliveira – Repasse Currículo Básico Comum – CBC/2005. E.E. Cel. Idlino Ribeiro.

6 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelho Ideológicos do estado – Nota sobre aparelhos ideológicos do estado. Univ. do Texas, Graal, 1992.

ALVES, Castro. O Navio Negreiro. *in:Os Escravos (Tragédia no Mar)*. Itatiaia, Belo Horizonte, 1977.

ALVES, Nilda. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. *In:LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. Currículo: Debates Contemporâneos*. Cortes, São Paulo, 2005.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In:OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Et alli. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2001.

ALVES, Rubem. O poeta, o guerreiro, o profeta. ed. Vozes, 1995

ANDRADE, Carlos Drummond. Antologia Poética. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2008

ANDRADE, Carlos Drummond. Procura de Poesia. *In.Antologia Poética*. Editora Record.Rio de Janeiro,1991.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Trd.Roberto Raposo. Ed. Forense Universitária, RJ, 2010.

ASSARÉ, Patativa do. Aos Poetas Clássicos. Acessado em 07/03/2011. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/poesias/363005>.

CUNHA, Marcus Vinicius. A escola contra a Família. In. 500 anos de Educação no Brasil. (Org) LOPES, Eliane Marta Teixeira et alii. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

BARBOSA, Valdiney. COSTA, Maria Helena. Somos Dois. R&S Arte Gráfica, Salinas,1996.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON. Jean-claude.Trd. Reynaldo Bairão. A Reprodução. Editora Vozes, Petrópolis, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. 2008. Acessado em 03/09/2011. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

CARIELLO, Laura Izabel de Lucena. Implementação do currículo Integrado do curso Técnico de Eletrotécnica no CEFET – PA/ Uned Tucuruí. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

COMENIUS, Didática Magna. Disponível em <http://rizomas.net/educacao/metodos-de-ensino/313-comenius-didatica-magna-livro-completo.html#16> Acessado em 17/08/2011.

CUPOLILLO, Amparo Villa. Sobre Sujeitos, Redes e Tessitura do Conhecimento no Cotidiano Escolar –A corporeidade em Foco. Acessado em 11/03/2011. Disponível em www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/.../Sobre_sujeitos.pdf

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação como Desafio na Ordem Jurídica. In. 500 anos de Educação no Brasil.(Org) LOPES, Eliane Marta Teixeira et alii. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ECO, Umberto. *Trd.* Pérola Carvalho. Os limites da Interpretação. São Paulo, Perspectiva, 2004.

ENGUITA, Mariano Fernández. A Face Oculta da Escola. Educação e Trabalho no Capitalismo. Trd: Tomaz Tadeu da Silva. Artes Médicas, porto Alegre, 1989.

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: Escola Currículo e avaliação, São Paulo, Cortez, 2003.

CARVALHO. Carlos Roberto de. PASSOS. Mailsa Carla. Maria Teresa Esteban (org). Templos construídos sobre templos: a história da América Latina e o cotidiano da escola. In: Escola Currículo e avaliação, São Paulo, Cortez, 2003.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Et alii. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. Disponível em www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a04v2170.pdf. Acesso em 18 ago. 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. A Política de Educação Profissional No Governo Lula: Um Percorso Histórico Controvertido. Educação e Sociedade, Campinas, vol.26,n92,p.1087-113, Especial – Out.2005 Acessado em 23/10/2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FOUCAULT, Micheal. Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão. Trd: Raquel Ramallete, Petrópolis, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GARCIA, Regina Leite. (org). A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: Método Métodos Contramétodo, Cortez, Rio de Janeiro, 2003.

GARCIA, Regina Leite. (org). Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: Método: pesquisa com o cotidiano. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2003.

MELLO, Marisol Barenco de, Espaço e tempo na escola: o cotidiano e o transbordamento do racional GARCIA, Regina Leite. (org). In: Método: pesquisa com o cotidiano. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2003.

IFNMG. Estatuto do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Diário Oficial da União – Seção 1, p. 17, 2009.

IFNMG. Plano de Desenvolvimento Institucional. 2009. Disponível em www.ifnmg.edu.br/ Acessado em 17/10/2011.

IFNMG. Regimento Geral - 2011. Disponível em www.ifnmg.edu.br/ Acessado em 17/10/2011.

IFNMG. Campus Salinas. Minuta do Regimento Interno do IFNMG/ Campus Salinas, 2011. Não publicado

IFNMG. Campus Salinas. Projeto Pedagógico Institucional - PPI . Não publicado. Fornecido pela Cordenação Geral de Ensino – CGE em 21/09/2009.

KUENZER, Acácia Zeneida. O trabalho como princípio Educativo. Cad. Pesq., São Paulo: 1998.

LENOIR, Yves. Didática e Interdisciplinaridade: Uma Complementariedade Necessária e Incontornável. In: Didática e Interdisciplinaridade. FAZENDA, Ivani.(org), Papirus, Campinas, SP, 2010.

LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. Currículo: Debates Contemporâneos. Cortes, São Paulo, 2005.

LÜCK, Heloísa. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à formação de seus Gestores, Em Aberto, Brasília, v.17, p. 11-33, fev/jun.2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. Currículo: campo, conceito e pesquisa. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAX, Karl. O capital – Crítica da Economia Política, vol.1, livro primeiro, Ed. Abril, 1983.

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BRASIL. Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec> Acesso em 23 de outubro de 2008.

MEC. BRASIL. Lei Nº 5.692/71. Acessado em 27/10/2011.
Disponível em www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/.../ldb%20n%205692-1971.pdf

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BRASIL. Institutos Federais. Lei Nº 11.892, de 29/12/2008. Disponível em www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task
Acessado em 19/10/2011.

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BRASIL. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec> Acesso em 23 DE OUTUBRO DE 2008.

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao ensino médio. Acesso em 08/09/2011 Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução ceb nº 3, de 26 de junho de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. BRASIL. Acessado em 08/09/2011. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEB nº1 de 03 de fevereiro de 2005. Acessado em 27/10/2011. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos. Disponível em <http://catalogonct.mec.gov.br/> Acessado em 27/10/2011.

MEC. Ministério da Educação. Brasil. 2007. Documento Base do PROEJA. Disponível em http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs_docbaseproeja.pdf. Acesso em 4 set. 2010.

MEC. Ministério da Educação. Brasil. Cadernos Metodológicos da EJA. Vol. I, II, III, IV e V. 2006.

MELO NETO, João Cabral. Tecendo o amanhã. Poesias Completas. Ed. José Olympio, RJ, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa. In: Pesquisa Social – Teoria, técnica e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio Bardos. Sociologia do Currículo: Origens, Desenvolvimento e Contribuições. REVISTA Em Aberto. Brasília. Ano9.n.46.abrjun,1990.

MOREIRA, Antônio Flávio Bardos. Currículos e Programas no Brasil. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MORIN, Edgar. ALMEIDA, Trd (orgs). Maria da Conceição de. CARVALHO, Edgar de Assis. Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios. Ed.5, São Paulo, Cortez: 2009.

MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. 4° Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. Disponível em <http://historica.me/profiles/blogs/edgar-morin-historiador> Acessado em 26/10/2011.

NUNES, Clarice. (Des) Encantos da Modernidade Pedagógica. In. 500 anos de Educação no Brasil. (Org) LOPES, Eliane Marta Teixeira et alii. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo. FTD, 1992.

RAMOS. Marise (Orgs.) FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: Ensino Médio Integrado – Concepções e contradições, São Paulo, Cortez, 2005.

RAYMOND, Danielle. TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 73, dez/00, 2000.

RICCI, Cláudia Sapag. Currículo: considerações históricas. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=30298&tipo=ob&cp=003366&cb=&n1=&n2=Biblioteca%20Virtual&n3=Temas%20Educacionais&n4=&b=s Acessado em 10/08/2011.

RONCA, Paulo Afonso Caruso. TERZI, Cleide do Amaral. A Prova Operatória – Contribuições da Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: Edesplan, 1991

SACRISTÁN, Gimeno J. PÉREZ GÓMEZ, A . I. Compreender e transformar o Ensino. Artmed. 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed. 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. La Pedagogia por Objetivos: Onsesión por la eficiencia. Madrid, Morata, 1997.

SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e Técnicas de pesquisa Bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SANTOMÉ, Jurjo Torres Santomé. Globalização e Interdisciplinaridade – O Currículo Integrado. Artmed, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma Sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63 (2002) 237-280. Disponível em Registro <http://hdl.handle.net/10316/10810> Acessado em 10/08/2010.

SAVELI, Esméria de Lourdes. A Proposta Pedagógica do M.S.T. para as Escolas dos Assentamentos – A construção da Escola Necessária. Publicatio UEPG – Ciências Humanas, 8 (1):19-30, 2000.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Autores Associados. Campinas, 2009.

MOREIRA DA SILVA, Estácio Moreira da. A implementação do Currículo integrado no curso técnico em Agropecuária: o caso de Guanambi- Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

TADEU SILVA, Tomaz. Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do Currículo. Autêntica, 3ed. Belo Horizonte, 2009.

TADEU SILVA, Tomaz. Teoria do Currículo: Uma introdução Crítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. O Currículo como Fetiche – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TONUCIL. La maquina de la escuela. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Hz-2BDSPvls> Acessado em maio/2011.

VASCONSELOS, Ana. Manual Compacto de Filosofia. Ed. Rideel, SP. 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. História da Educação. São Paulo, Ática, 2007.

ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas.
In: Método: pesquisa com o cotidiano. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2003.

7 ANEXOS

Anexo A – Roteiros de Entrevistas

Roteiro para entrevistas com servidores dos setores da instituição

Função:

Formação:

Tempo de trabalho na escola:

PERGUNTAS:

1-O tema da nossa pesquisa é currículo Integrado, pra vocês do que se trata?

2- Fale sobre sua função e qual a relação que ela tem com o ensino ofertado na instituição.

3-Você se sente envolvido com a atividade de ensino?

4- Você acha que o envolvimento dos diferentes setores no processo de ensino aprendizagem pode ajudar na qualidade do ensino? Como?

5- Na sua função, como você acha que pode contribuir para o ensino de qualidade na escola?

6-Tem sugestões para a organização institucional visando o envolvimento de todos os setores visando a qualificação do ensino. Quais?

7-A escola, desde a transformação para Instituto Federal, tem passado por grandes mudanças. Quais destas mudanças você entende que beneficiaram ou prejudicaram o andamento do processo ensino aprendizagem na escola? Por quê?

Roteiro para entrevistas com pais

- 1- Explicar sobre a pesquisa, objetivos e condições.
- 2- O senhor (a) participa dos conselhos, reuniões, encontros ou visitas espontâneas à escola de seu filho?
- 3- Participando ou não, explique por quê? Quais as suas dificuldades em participar?
- 4- Quais os conselhos, reuniões e encontros da escola de seu filho, nos quais o senhor participa?
- 5- Em que horários os senhores como pais tem mais disponibilidade para visitar a escola ou mesmo para participar de reuniões, conselhos, etc.? indique.
- 6- Quais critérios o senhor considerou para escolher o IFNMG/ Campus Salinas como escola para seu filho?
- 7- Para você o que é currículo? Fale com suas palavras.
- 8- Que conhecimentos o senhor acredita que seu filho aprende na escola?
- 9- Que sugestões você dá considerando a estrutura da escola e a possibilidade de se melhor sempre?
- 10- Deixe sua mensagem a todos os envolvidos da escola (pais, alunos, professores e servidores).

Roteiro para entrevistas com alunos

- 1- Explicar sobre a pesquisa, objetivos e condições.
- 2- Você participa dos conselhos, reuniões, encontros, grêmios e organizações dos estudantes na sua escola?
- 3- Participando ou não, explique por quê? Quais as suas dificuldades em participar?
- 4- Exceto nos horários de aulas, quando mais você está na escola e o que faz nestes horários?
- 5- Que mudanças você percebe após a transformação da escola em Instituto Federal?
- 6- Como você avalia a organização da sua escola? E o que sugere para inová-la?
- 7- Para você o que é currículo? Fale com suas palavras.
- 8- Indique três disciplinas que você considera importantíssimas. Associe tais disciplinas e diga que conhecimentos você já aprendeu através delas.
- 9- Descreva uma aula em que você tenha aprendido bastante e de maneira interessante?
- 10- Para você uma boa aula deve reunir as seguintes qualidades, cite-as. Pensando nas suas aulas.
- 11- Deixe sua mensagem a todos os envolvidos da escola (pais, alunos, professores e servidores).

Anexo B - Questionários

Olá, meus caros colegas da educação!

Salinas, 10 de janeiro de 2011.

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, [...] é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços.
PAULO FREIRE (Pedagogia da Autonomia, p. 67, 2008).

Como muitos de vocês fizeram, fazem ou farão, desenvolvo pesquisa em pós-graduação (mestrado) através da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRRJ. Também fui professora (inclusive na antiga Escola Agrotécnica de Salinas, atual IFNMG – Campus Salinas). Hoje, como integrante da equipe Técnico-pedagógica do Campus Salinas, tenho certeza, de que pela atuação e importância para a educação, são vocês, **professores**, os meus fundamentais colaboradores, nesta empreitada. Assim, reconheço o incômodo que causo, mas espero ser compreendida, perdoada e em consequência disso, atendida.

Como é do conhecimento de vocês a pesquisa é instrumento de luta pela valorização docente e acerto das políticas educacionais. Nesta perspectiva, meu principal objetivo é dar voz a você professor, acolhendo sua experiência e compreensão sobre o tema Currículo Integrado.

A concepção de integração dos conhecimentos tem se mostrado, no debate acadêmico, como uma tendência para todos os níveis de ensino. Entretanto, somente a partir do decreto 5.154 de 23/07/2004, tornou-se obrigatória a oferta de cursos integrados de nível médio. A medida foi imposta, sobretudo, aos professores. Por essa razão, recorro a vocês, como um dos principais atores da educação para compreender o currículo integrado na prática escolar.

Peço sua adesão espontânea e facultativa, se assim merecer esta aprendiz de “pesquisadora”. Para tanto, após sua leitura, apenas responda ao questionário anexo, e reenvie-o. Sua participação é simples, mas, extremamente, valiosa.

Receba ainda, meu desejo de Saúde, Sucesso e Reconhecimento em 2011.

Um abraço agradecido,
Meirivan

Questionário – Professores

1.) Dados profissionais e acadêmicos:

1.1) Formação acadêmica:

- () Bacharel em: _____
() Licenciado em: _____
() Tecnólogo em: _____

1.2) Pós-graduação

- () Especialização em: _____
() Mestrado em: _____
() Doutorado em: _____
() Cursando: _____

1.3) Experiência como docente:

Período de ____/____/ a ____/____

Em:

- () Educação Básica: _____ anos.
() Educação Superior: _____ anos.
() Educação Profissional: _____ anos.

1.4) Antes de atuar como professor você:

- () trabalhava em: _____
() não trabalhava

1.5) O que o levou a atuar como docente?

2.) Dados sobre concepções e conhecimento teórico

A lei 5.154 de 23/07/2004 restabeleceu oficialmente a integração dos currículos dos ensinos médio e profissionalizante. Em sua opinião quais consequências pedagógicas podem ser atribuídas à implantação (introdução) e à implementação (execução prática) de tal legislação? _____

2.1) De acordo com sua prática de professor descreva um momento de seu trabalho (atividade prática ou teórica, aula, projeto, etc.) em que você acredita ter alcançado a integração curricular.

2.2) Considerando sua experiência de ex-aluno e atual professor, quais ganhos ou perdas pedagógicas você observa ao utilizar instrumentos que objetivam a integração curricular? _____

2.3) Para você existem dificuldades para o desenvolvimento de ações de integração curricular? Quais? Por quê? _____

2.4) Conforme seu conhecimento sobre o tema, na prática, quais seriam as incumbências reais da integração curricular para os atores da educação sejam eles alunos, professores e gestores? _____

2.5) Observe as frases abaixo e procure fazer uma auto-avaliação. Para sua atuação como professor integrador de currículos como você se sente quanto a:

- Relação professor e aluno
- Domínio dos conteúdos escolares
- Desenvolvimento metodológico
- Planejamento de atividades
- Avaliação do processo ensino aprendizagem
- Embasamento teórico
- Políticas educacionais
- Gestão da sala de aula
- Relação com colegas de trabalho
- Relação com a equipe técnico-pedagógica gestora

2.6) Qual a sua percepção sobre os itens abaixo ou outros não mencionados que você julga que contribuíram ou contribuem para sua atuação nos cursos integrados, promovendo a integração curricular.

Espaço ou circunstâncias	Ajudou-me muito	Ajudou-me pouco	Não me ajudou	Não sei dizer	Não participei
1. No curso de graduação.					
2. No curso de pós-graduação					
3. No estágio curricular por ocasião da graduação					
4. Nas reuniões pedagógicas.					
5. No trabalho em sala de aula.					
6. Conversando com colegas de trabalho.					
7. Vendo planos de aula de outros colegas.					
8. Em atividades de estudo individuais.					
9. Em atividades de estudo em grupo.					
10. Em cursos de curta duração.					
11. Com seus antigos professores					
12. Seguindo as orientações legais					
13. Outros: _____					

- Dos itens mencionados acima sobre qual ou quais você gostaria de pontuar observações para justificar sua resposta. _____

2.7) Você se sente preparado para desempenhar a função docente promovendo a integração curricular? _____

Obrigada pela contribuição!

Olá, meus caros colegas da educação!

Salinas, 10 de janeiro de 2011.

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, [...] é o e
fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela
educação pública, existencialmente
cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva
ao cruzamento dos braços.

PAULO FREIRE (Pedagogia da Autonomia, p. 67, 2008).

Como muitos de vocês fizeram, fazem ou farão, desenvolvo pesquisa em pós-graduação (mestrado) através da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRRJ. Também fui professora (inclusive na antiga Escola Agrotécnica de Salinas, atual IFNMG – Campus Salinas). Hoje, como integrante da equipe Técnico-pedagógica do Campus Salinas, tenho a oportunidade de compreender melhor a importância e dinâmica da ação **gestora**, frente à imposição de ações da política educacional através do governo federal, a exemplo da Lei 5.154 de 23/07/2004. Ampliar esta compreensão é um dos meus objetivos nesta pesquisa sobre Currículo Integrado. Para tanto recorro a vocês gestores como indispensáveis colaboradores para esta empreitada, bem como, para a organização escolar.

Assim, reconheço o incômodo que causo, mas espero ser compreendida, perdoada e em consequência disso, atendida.

Peço sua adesão espontânea e facultativa, se assim merecer esta aprendiz de “pesquisadora”. Para tanto, após sua leitura, apenas responda ao questionário anexo, e reenvie-o. Sua participação é simples, mas, extremamente, valiosa.

Recebam ainda, meu desejo de Saúde, Sucesso e Reconhecimento em 2011.

Um abraço agradecido,

Meirivan

Questionário – Gestores

3.) Dados profissionais e acadêmicos:

1.5) Formação acadêmica:

- () Bacharel em: _____
- () Licenciado em: _____
- () Tecnólogo em: _____
- () Outros: _____

1.6) Pós-graduação:

- () Especialização em: _____
- () Mestrado em: _____
- () Doutorado em: _____
- () Cursando: _____

4.) Sobre sua experiência atuando como gestor em instituição educacional:

Período de ____/____/ a ____/____.

Em escolas de educação:

- () Educação Básica: _____ anos.
- () Educação Superior: _____ anos.
- () Educação Profissional: _____ anos.

2.4) De acordo com sua experiência como gestor descreva uma ação gerencial (sua ou de seus colegas gestores) que, em sua opinião, tenha contribuído para a integração curricular. _____

2.5) Atua ou atuou como professor nesta ou em outra instituição? _____

- () Educação Básica: _____ anos.
- () Educação Superior: _____ anos.
- () Educação Profissional: _____ anos.

2.8) Para você existem dificuldades para o desenvolvimento de ações de integração curricular? Quais? Por quê?

2. Sobre as ações de integração Curricular

2.1) Considerando a obrigatoriedade de oferta de cursos integrados instituída pelo Decreto 5.154 de 23/07/2004, quais ações práticas foram orientadas pela legislação ou criadas por esta gestão

local no intuito de promover a integração curricular?

- 2.2) Conforme artigo 6º da lei 11.892 de 28/12/2008 que criou os Institutos Federais de Educação é sua finalidade “III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, [...]”. Até então, a organização dos campi tem sofrido alterações organizacionais significativas propostas pela reitoria ou direção geral de cada campus. Na sua opinião esta nova dinâmica tem favorecido ou prejudicado a integração curricular? Sobre quais aspectos? Por quê?

- 2.9) Conforme seu conhecimento sobre o tema, na prática, quais seriam as incumbências reais da integração curricular para os atores da educação sejam eles alunos, professores e gestores? _____

- 2.10) Como gestor você se sente preparado para atuar na organização escolar numa perspectiva de integração curricular? Por quê? _____

Obrigada pela colaboração!

Anexo C - Catalogação dos Questionários

ESPAÇOS E CIRCUNSTÂNCIAS QUE MAIS CONTRIBUEM PARA A CONCEPÇÃO E PRÁTICA INTEGRADORAS

Respondentes: professores da instituição atuantes e não-atuantes nos cursos integrados.

Questionários distribuídos - 60

Questionários respondentes- 42

Questionários em branco – 3

2.11) Qual a sua percepção sobre os itens abaixo ou outros não mencionados que você julga que contribuíram ou contribuem para sua atuação nos cursos integrados, promovendo a integração curricular?

Espaço ou circunstâncias	Ajudou-me muito	Ajudou-me pouco	Não me ajudou	Não sei dizer	Não participei	Não responderam ao item
1. No curso de graduação.	19	12	6	2	1	2
2. No curso de pós-graduação	21	11	5	1	2	2
3. No estágio curricular por ocasião da graduação	13	9	7	1	6	6
4. Nas reuniões pedagógicas.	16	16	3	2	2	3
5. No trabalho em sala de aula.	29	6	2	-	1	4
6. Conversando com colegas de trabalho.	23	12	2	-	1	4
7. Vendo planos de aula de outros colegas.	9	15	6	2	6	4
8. Em atividades de estudo individuais.	22	13	1	-	1	5
9. Em atividades de estudo em grupo.	18	4	2	2	5	4
10. Em cursos de curta duração.	16	7	2	2	11	4
11. Com seus antigos professores	17	9	8	1	1	6
12. Seguindo as orientações legais	12	14	4	5	4	3
13. Outros: _____						

Anexo D - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na Pesquisa sobre *Currículo Integrado*, que tem como objetivo coletar dados para serem avaliados na dissertação de mestrado da Técnica em Assuntos Educacionais Meirivan Batista de Oliveira. Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa. Através deste termo autorizo a gravação de minha entrevista e “Declaro estar ciente das informações constantes deste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que este termo permanecerá arquivado com o pesquisador responsável por esta Pesquisa.”

Salinas (MG), ____ de _____ de 2011.

Participante: _____ RG: _____

Endereço: _____

Assinatura participante¹¹: _____

Dados do responsável (em caso de participante menor)

Nome completo: _____ RG _____

Parentesco: _____ Fone: _____

Endereço: _____ Cidade: _____

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

¹¹ Caso o participante seja menor de idade recolher informações e assinatura de responsável.

Anexo E - Transcrição de Entrevistas

PROFESSOR 1

PESQUISADOR A professora vai falar um pouquinho sobre o que ela entende e com ela sugere que seria essa organização pedagógica para alcançar uma integração curricular como pressuponha

ENTREVISTADO eu acho e entendo que as áreas da escola deveriam ser distintas separadas com uma pedagoga acompanhado cada aula eu acho que essa pessoa que esta ligada a esta área tinha que ter conhecimento das matrizes conhecimento das ementas participar das falas e participar de aula pratica pra poder discutir com os professores pra ajudar com a melhoria da pratica da aula pedagógica. Não dá conta do jeito que está hoje. Hoje tem um grupo que trabalha tudo que trabalha com todo mundo que tem idéia noção de todas as áreas mas não conhece profundamente... a fundo do que cada um professor faz e preciso que ele venha pra perto da gente...dos professores acho q isso vai causar uma aproximação entre professores e alunos e também pedagogos consequentemente uma melhoria pro ensino

PESQUISADOR você mim falou também que dificuldade pra esta integração quais seriam essa dificuldades você colocou uns pontos

ENTREVISTADO dificuldades que ate a integração a primeira eu acho é gesto de pessoas a vaidade pessoal eu acho precisa gerir melhor as pessoas agrupá-las vê com ela trabalha em grupo pra extrair o que ela tem de melhor porque muito complicado pra chegar você em uma pessoa de outra área e falar com ele que você precisa da quilo e algum tempo e gera uma mexidas na estrutura do que ele acha que ele tem q trabalhar e nisso gera conflito entre equipe então agente precisa de ter um mediador pra isso seria um serviço pedagogo poderia de tudo como é que o que você precisa esta precisa nesse estante como fazer para ajuda-lo como fazer que todo o conhecimento integrado seja identificado numa boa.

PESQUISADOR o serviço pedagogo então seria como você falou que mediador e pra isso teria que conhecer um pouco mais essa estrutura que a gente tem hoje, na sua opinião ?

ENTREVISTADO não passou muito longe disso o que eu vejo hoje é isso uma critica construtiva no setor ão criticando pessoas estou criticando idéias discutindo idéias eu acho q hoje agente tem uma falta de identidade dentro do setor dentro da minha área eu não sei quem e procurado eu procuro a primeira pessoa q eu vejo então sinto q as vezes eu recebo respostas desconexas cada um tem entende pra um lado porque sege um linha pedagógica então eu descobrir com um tempo que é melhor eu fazer aquilo que eu acho q é certo.

PESQUISADOR então você esta falando quando você procura o setor pedagógico...

ENTREVISTADO eu tenho resposta desconexas cada pessoa q eu procuro com a mesma pergunta vai mim dar um resposta de acordo com aquilo que ela consegue como certo que ela acredita como certo não uma resposta de acordo com a pratica que deveria esta relacionado a minha área por isso eu acho q alguém tem q ta responsável por responder aquele grupo de prof acompanhar um grupo de prof porque se ã, eu tenho cinco pedagogo e tenho cinco respostas diferentes e que uma só vai bater poder bater o martelo.

PESQUISADOR e as vezes esse o bater o martelo é por uma opção também uma opção particular...

ENTREVISTADO uma opção uma opção particular ou uma opção pela concepção da escola do jeito do ensinamento da escola q nem sempre ta de encontro a taxa pedagógica

PESQUISADOR sobre tudo a interdisciplinaridade

ENTREVISTADO sobre tudo a interdisciplinaridade eu já tive problemas com setores pedagógicos porque eu recebo email dizendo q vai fazer coisas que eu acredito que ta errado mas a escola ã tem com sair fora disso ã tem como passa então eu sou obrigado aceita e eu ã aceito eu acho q é errado eu acho q com isso agente esta perdendo a qualidade de ensino e ã ganhando qualidade de ensino eu vejo isso todos os dias que a própria maquina administrativa força o prof a reduzir a qualidade de aula.

PESQUISADOR Bom agora esta professora vai falar um pouquinho sobre o que ela entende sobre o que ela entende como ela sugere que seria essa organização pedagógica pra alcançar uma integracao curricular como pressupõe, você repete pra gente?

ENTREVISTADO Eu acho pelo que as áreas da escola deveriam ser distintas separadas com um pedagogo acompanhando cada área eu acho que essa pessoa que tá ligada a essa área tinha que ter conhecimento das matrizes conhecimento das ementas participar das salas participar das aulas praticas pra poder ter poder de discussão com os professores que vão ajudar na melhoria da pratica pedagógica não da forma que esta hoje de ter um grupo que trabalha tudo trabalha todo mundo que tem idéia noção de todas as áreas mas não conhece realmente a fundo o que cada um faz e preciso que eles vem pra perto da gente eu acho que isso vai causar uma aproximação entre professores e a área pedagógica consequentemente a melhoria do ensino

PESQUISADOR Você me falou também de dificuldades pra essa integração quais seriam essas dificuldades?

ENTREVISTADO Dificuldade de integrar a primeira eu acho gestão de pessoas que a vaidade pessoal eu acho que precisa agente gerir melhor as pessoas agrupá-las fazer que elas trabalhem em grupo para extrair o que elas tem de melhor porque é muito complicado chegar com um professor de outra área e fala com ele que você precisa daquilo em algum tempo isso vai gerar uma mexida na estrutura do que ele acha que ele tem que trabalhar e isso gera conflito dentro da equipe agente precisaria de ter um mediador pra isso. O serviço do pedagogo bem que poderia de tudo como que e o que e que você precisa neste instante como fazer para ajudá-lo como que todo o conhecimento de forma geral seja de integrar.

PESQUISADOR Bom, o serviço do pedagogo então seria como você falou um mediador e pra isso eu teria que conhecer um pouco mais essa estrutura que agente tem hoje, é isso?

ENTREVISTADO Não agente tá longe nos estamos muito longe disso o que eu vejo hoje e isso e uma critica construtiva pro setor não estou criticando pessoas primeira coisa que eu quero falar e isso porque quando você critica um setor vocês acham que estão falando diretamente com elas não to criticando pessoas to criticando idéias discutindo idéias eu acho que hoje agente tem uma falta de identidade dentro do setor dentro da minha área eu não sei quem procurar eu procuro a primeira pessoa que eu vejo eu sinto que as vezes eu recebo resposta dos colegas cada um tem que pular porque segue uma linha pedagógica então eu descobri com o tempo que e melhor fazer aquilo que eu acho que e certo

PESQUISADOR Então você tá falando quando você procura um setor pedagógico ...

ENTREVISTADO Eu pego as respostas dos colegas cada pessoa que eu procurar com a mesma pergunta vai me dar uma resposta de acordo com aquilo que ela consegue que ela acredita não uma resposta de acordo com a pratica que deveria esta relacionado a minha área por isso eu acho que alguém tem que esta responsável por responder um grupo de professores acompanhar um grupo de professores por que sinão eu tenho 5 pedagogos eu tenho 5 respostas diferentes em que um a só vai poder bate o martelo

PESQUISADOR E às vezes esse bate o martelo e como uma opção particular

ENTREVISTADO Concepção particular ou uma opção pela concepção da escola do gerenciamento da escola que nem sempre ta de encontro a pratica pedagógica

PESQUISADOR Sobre tudo a interdisciplinaridade?!

ENTREVISTADO Sobre tudo a interdisciplinaridade eu já tive problemas com o setor pedagógico porque eu recebo E-mail mandando eu fazer coisas que eu acredito que esta errado mais a escola não tem como sair fora disso não tem como passar então eu só obrigada a aceitar e eu não aceito eu acho que e errado eu acho que com isso agente esta perdendo pra idade do ensino e não ganhando com a idade de ensino eu vejo isso todos os dias a própria maquina administrativa forca o professor a reduzir qualidade de aula

PESQUISADOR E como você acha que poderia ser diferente

ENTREVISTADO Primeira coisa mudança de estrutura e outra coisa e o conhecimento da escola não so de fala que o objeto da escola e o aluno que quando a escola parar de pensar nas dificuldades a escola eu falo eu os professores a parte incluindo pedagógica a parte da diretoria todo mundo a perceber que tudo pode falar menos a parte de aula para o aluno tem que ser o centro se o foco da escola e aumentar a qualidade de ensino ela tem que investir nessa capacitação de professores na capacitação pedagógica empobrer bens matérias para aula isso tudo e pra que aja melhoria se não vejo como

PESQUISADOR Bom agora vendo você fala pensando na sua experiência que também e longa porque agente tem um tempo grande na sala de aula uma experiência como aluna e como professora o que você entende como um ganho pensando nessas duas experiências o que você que e um ganho com relação a integração curricular e

ganho utilizar os instrumentos de integração curricular e eu constatei isso na pratica de professora e como aluna também o que você entende disso também

ENTREVISTADO Eu acho que ganho sim

PESQUISADOR E quais seriam eles

ENTREVISTADO Eu acho que o primeiro ganho que o aluno tem e que consegue perceber um mesmo conhecimento uma mesma disciplina uma mesma área de supervisão de professores e com isso ele consegue abstrair q que não aprendeu com um ele aprende com outro eu acho que isso e um grande ganho por exemplo ele tem que aprender La na biologia sobre as células o que ele não aprendeu La na biologia com as células inevitavelmente ele vai aprender na punição porque ele vai ver que aquela célula aquela célula é responsável para aquele mecanismo institucional ai ele vai ter que aprender se ele não aprendeu La que os micro bacilos são divididos em temperaturas diferentes por exemplo La na tecnologia abscissa ele vai ter que aprender por que se ele trocar o tipo de micro organismos colocar temperatura errada ele não consegue um produto final então eu acho que isso e um grande ganho então ele tem a possibilidade de reafirmar o conhecimento sobre varias praticas diferentes ele tem aplicabilidade de conhecimento então o conhecimento ele não fica só no conhecimento ele consegue aplicar sobre varias óticas ele começa a ver que aquele mesmo conhecimento ele vai aplicar em vários locais eu acho que isso é um ganho.

PESQUISADOR Deixa ver se agente consegue sistematizar isso e em termos práticos como que os professores podem fazer isso eles vão usar o que um instrumento?...

ENTREVISTADO Nas aulas práticas, ele consegue fazer isso dentro das aulas praticas porque ele faz por exemplo a aula de biologia aprende La que os micro organismos são classificados de acordo com a temperatura quando ele chega na pratica aqui na tecnologia ele vai ter que aplicar esse conhecimento então se ele troca a temperatura ou micro organismos ele não tem um produto final ai na avaliação do produto final ele vê onde ele errou

PESQUISADOR Mas olha só você falou comigo antes que as vezes você precisa de conceitos que os professores do ensino médio trabalham e que no momento em que você precisa você não tem. Como que agente ia fazer que instrumento que forma agente ia fazer pra articular isso no momento certo na medida certa

ENTREVISTADO Integrando professores conhecimento a matriz

PESQUISADOR E como na pratica como e que eu vou integrar esses professores

ENTREVISTADO Pegando essas pessoas que são responsáveis por isso colocando elas em reuniões permanentes e vendo que níveis de conhecimento precisa construir se a sequencia que esta La sequencia de do planejamento do professor ta ligado no planejamento do outro

PESQUISADOR digamos que e um planejamento participativo todo mundo?

ENTREVISTADO Deveria ser porque se eu do aula com base na química na biologia basicamente eu uso matemática ela precisa ser instrumento pra que eu ajude o professor de La praticar o conhecimento ele vai me ajudar porque o aluno já tem a base e eu ajudo o conhecimento então ele aplica exercício pratico daquilo que ele aprendeu na sala de aula deveria ser

PESQUISADOR Ai isso seria a mediação da equipe pedagógica na sua opinião

ENTREVISTADO Na mediação da equipe pedagógica deveria estar ai também eu acho que a equipe pedagógica tem ir muito alem do que discutir planos de aula eu acho que a equipe pedagógica tem que discutir metodologia tem discutir praticas pedagógicas tem que discutir sala de aula a vivencia avaliação do professor coisas que são muito difíceis pro professor no dia a dia e pro aluno também porque o aluno acha que o professor bonzinho tem que ser exemplo pra que todos professores aja igual a ele e nem sempre o que e bonzinho e bom pro aluno então eu acho que a equipe pedagógica tem que ficar muito mais atenta do que ela esta

PESQUISADOR Agora olha so pra gente conseguir isso ai que você mesma propôs o que seria uma ação feita especificamente pelos gestores

ENTREVISTADO Primeira ação do gestor é querer ele tem que acreditar ele tem que motivar as pessoas pra isso se ele quiser realmente se ele se empenhar se ele tiver conhecimento se ele conseguir encender as pessoas pra isso elas vão fazer se não ninguém vai fazer nada ele mesmo tem que conhecer primeiro depois ele tem que criticar se ele não acredita como ele vai dar as respostas como ele vai aprovar aquilo se ele não acredita naquilo então ele tem que conhecer

PESQUISADOR Dos professores o que seria incumbência encoberta específica dos professores?

ENTREVISTADO Dos professores?

PESQUISADOR O que seria o trabalho deles nessa integração?

ENTREVISTADO Eu acho que o professor tem que tá desde o primeiro instante eu acho que ele tem que tá presente em tudo porque ele também tem que conhecer ele tem que comprar a ideia pra ele poder aplicar se ele não comprar a ideia ele não aplica

PESQUISADOR Pra você o setor pedagógico é uma coisa mais você entende também Dani que os seus pares seus colegas professores tem uma visão do setor pedagógico na sua opinião que visão é essa

ENTREVISTADO Eu acho que o setor pedagógico devia ser um ponto de apoio pra gente apoio quando eu falo apoio de forma geral na ajuda o preparo de aula inovações de técnicos e eu vejo entro e converso com os professores que o setor os professores tem trauma do setor pedagógico o setor pedagógico é um setor só de cobrança então o setor vai falar você tem um diário certo você não deu aula você tem que trocar de aula a conta você pingou no lugar errado só isso que eles falam você tem reunião tal dia você tem que fazer você tem tantas aulas pra dar só isso que o setor pedagógico passa pra gente eu acho que o setor pedagógico ele tá deixando de exercer a grande função que a pedagogia tem na educação pra ser instrumento de cobrança sabe então eu vejo isso o tempo inteiro eles conversam com a gente a maioria dos professores falam eu não gosto de pedagogo eu não gosto das pessoas que fazem pedagogia eu não gosto de pedagogo porque o pedagogo está associado essa imagem de carrasco ele só te chama agente ali e isso é a grande verdade só chama agente ali quando quer alguma coisa ou alguma coisa que você produz ou pra você concentra alguma coisa pra você fazer alguma coisa ele só te chama quando quer que você produza alguma coisa setor pedagógico nunca me chamou Lá pra mim dar nada de presente nunca cheguei no setor pedagógico e ganhei o Daniela eu estava estudando sua metodologia aqui eu acho que ela parece com você eu acho que ela daria certo pra você aplicar em uma aula prática nunca me deu nada de presente só me cobrou e eu vejo que é também na prática ele não conhece ele nem conhece as pessoas nem a prática pedagógica das pessoas

PESQUISADOR Então digamos que o setor pedagógico não conhece essa forma de ser setor pedagógico essa outra forma?

ENTREVISTADO Setor pedagógico é mais inspetor supervisor e agente os professores fala assim gente o pedagogo se acha se ele for na sala de aula ele tá fudido porque ele não faz nada porque na sala de aula que a diretoria consegue então fica parecendo que o setor pedagógico fica viajando e achando que tudo é muito fácil que tem que fazer mais na prática ele tá longe da prática então o setor cai no descrédito pro professores e muito difícil o professor e Lá pedir ajuda porque ele sabe que ele não vai ter ele não vai por isso ele sabe que ele não tem o setor não tem conhecimento pra ele o setor é de inspeção de supervisão de cobrança e de produção para ele mais pro professor nada então é isso

PESQUISADOR Você falou uma coisa muito importante que é a minha crítica não é em direção as pessoas mas em direção ao corpo que é o setor pedagógico e na verdade você consegue identificar diferentes concepções na pessoas que representa o setor pedagógico

ENTREVISTADO Consigo muito bem as vezes agente usa até isso dependendo da resposta que você quer você sabe quem você deve procurar e isso que agente faz agente usa isso agente já sabe eu sei perfeitamente eu sei quem vai me dar um não e quem vai me dar um sim quem vai apoiar mesmo errada quem eu consigo persuadir quem eu não consigo persuadir eu sei perfeitamente se eu sei meus colegas também sabem eu sei quem é preparado quem é despreparado dentro do setor o setor não está organizado de forma de linha própria de trabalho de pegar exatas concepções essa aqui é nossa cara essa vai ser alinhada de concepção de trabalho interno da escola que um modelo que a escola necessita pra ajudar os professores o próprio setor tá dividido na verdade tem 5 pedagogos tem 5 linhas dentro do próprio setor então o professor vai procurar quem vai ser mais conveniente

PESQUISADOR já tomei muito seu tempo mais a ultima questão que eu queria que você pontue pra mim e qual e a sua noção de currículo como você define o termo currículo

ENTREVISTADO Currículo e a organização sistemática dos conteúdos e e isso a forma que inventaram de colocar as coisas na sequencia que se acha hoje e não e

PESQUISADOR Então eu nem posso mais explorar Dani eu lhe agradeço muito e eu espero que realmente que na minha pesquisa agente consiga aprender coisas e ate de uma forma ajudar melhor vocês beijim pra você

ENTREVISTADO Muito obrigada

PROFESSOR 2

PESQUISADOR

bom agora eu entrevisto o professor fulano e a primeira pergunta e justamente sobre a função dele e formação tempo de trabalho e educação e na educação técnica fala um pouco pra gente

ENTREVISTADO

Sou formado em matemática e licenciado tenho especialização em educação de matemática superior e nesse prazo também educação matemática superior educação matemática tenho experiência na área educacional desde 99 a 12 anos e antes eu já dava aula particular só comecei no ensino médio e minha carreira sempre foi focado na maioria das vezes no ensino médio. De 2003 2004 mais ou menos eu comecei a da aula na faculdade mas nunca no curso de licenciatura em matemática sempre e a matemática aplicada na farmácia matemática aplicada na educação física administração farias coisas uma experiência de mais ou menos 2 anos na licenciatura sempre o ensino médio sempre foi o meu forte ai hoje eu to aqui na escola de ensino médio na faculdade contra extensão de migrar para outra escola.

PESQUISADOR Mas gostaria de trabalhar com a formação publicitária?

ENTREVISTADO Eu não ficava no curso superior por condição financeira era melhor ai eu fui para o curso pré vestibular.

PESQUISADOR Mas ai que o levou você a trabalhar como optar pela profissão de professor?

ENTREVISTADO È que sempre quis, primeiro ao sentir que ao ser professor de física isolado eu falei que ia ser **professor**.

PESQUISADOR Bom sobre e o currículo integrado, o que você entende por currículo integrado

ENTREVISTADO Eu já acho que é difícil definir currículo ne mais tem tanto currículo como numa linha de disciplina uma metodologia disciplinar tudo q se encontra no processo de ensino do conteúdo desse e fazer com que toda trabalhem no mesmo objetivo

PESQUISADOR E como você sugere que como fazer essa integração?

ENTREVISTADO E muito difícil porque pra q eu consiga integrar eu tenho q conhecer muito a disciplina de outros professores pq eu tenho q entender de biologia eu tenho q entender de geografia de historia de sociologia e são conceitos que eu não entendo que eu não conheço bem ne e hoje mesmo o professor dando matriz ai eu fiquei sabendo q o professor de informática estava dando matriz ai eu entrei na sala dele ele tava no momento livre entrei na sala do professor olhei o que eles estavam fazendo ai sua cabeça melhora para planejar para o ano que vem

PESQUISADOR Então e preciso haver uma certa aproximação entre os professores de disciplinas diferentes seria isso?

ENTREVISTADO isso.

PESQUISADOR Dentro da dinâmica da escola como você q isso podia acontecer na pratica

ENTREVISTADO E eu conheço uma coisa que já vem um problema bem completo e fazer um curso de professor discutir quem vai ensinar agora o problema disso e que cada um ta envolvido com alguma atividade seja de aula seja de pesquisa seja de extensão orientação do aluno orientação de monografia de tcc então isso suga da gente e acaba que atrapalha um pouquinho nas preparações dos alunos no instituto.

PESQUISADOR Olha so você tem uma experiência sua em que você e se exita que você começou a colocar uma pequena experiência de entrar na sala do professor e trocar de serie você tem uma experiência em que você baseado nessa troca de idéias executou um trabalho em sala de aula e qual foi o resultado como que foi você tem uma experiência assim

ENTREVISTADO E em montes claros eu dava aula de física e la sou formado em matemática sempre dei muita utiliza e eu consigo fazer essa integração de matemática e física essa vc pegar uma matéria e vc fazer uma jogada meio sutil um pouquinho de química mas e uma matéria meio difícil de fazer essa integração e so eu sofro de uma experiência com o professor roberto que chegou agora de integrar uma matéria técnica logaritmo e fiquei muito curioso q logaritmo não tem essa ligação agente não vê com facilidade e parece que ele achou depois de 10 anos

PESQUISADOR Ele já me prometeu a entrevista rrsrrsrsrs bom olha so pra fiar inicio o que que você já testou ou supõe que seria ganho com esse trabalho mais integrado

ENTREVISTADO Matriz de informática que eu descobrir agora e ensino de derivada com movimento uniforme do primeiro ano consecutivo tem como sinal derivada pros meninos do primeiro ano ao nível deles tem derivada a matéria do ensino superior e tem como relacionar gases de física com equação de matemática tem como relacionar a função afim função quadrática tantos tipos de movimento com lançamento de projétil um lançamento horizontal...

PESQUISADOR E você entende disso um pouquinho?

ENTREVISTADO Fiz de matemática e deixa eu vê mas alguma coisa equação de 1 grau de 2 grau e de perbolis com grades de reta com grades de parábola da hipérboles que são grades que agente esculta desde o inicio

PESQUISADOR E qual e a vantagem de fazer dessa maneira a vantagem do aluno do professor a qualidade de ensino

ENTREVISTADO o aluno sempre se interessa chama mais o interesse dele com impalace no que legal quando você entra na sala fala de gases de química e gases de 1 ano de química de acordo com o vestibular da unimontes mec vestibular seriado ai entra o 2 ano alem deles pegares maturidade maior já terem visto em química a própria ligação e a forma de ser explicado fica mais fácil pra ele geralmente como agente ensina essa matéria eles falam ficou mais fácil que em química mais não e que e mais fácil e por causa dessa serie de consultas

PESQUISADOR Olha só se agente tem dentro da organização institucional e da organização escolar tem grupos que executam o trabalho em função do ensino então por exemplo agente tem a versão que ensina em a função de dar aula mas ela faz o trabalho que repercute na aula

ENTREVISTADO Que trabalho e esse?

PESQUISADOR A equipe pedagógica de certa forma temos uma influencia gestora e as coordenações também e o grupo de gestão de apoio técnico de serviços gerais e toda e essa situação e temos o grupo de professores mas nos também temos o grupo de alunos ne que de alguma maneira ele age pra serve na sua opinião qual que e a função do grupo de gestor do grupo de professores do grupo de alunos para que a integração aconteça o que que eles tem que fazer na sua opinião

ENTREVISTADO De professor ao de montador ter tempo disponível e portanto com esse tanto de projeto e tanto de coisa que agente tem que participar que a instituição federal exige da gente acaba que um ou o outro lado fica mais não leva tempo pra poder dedicar e os alunos eu acho que e mais interesse deles tipo assim interesse do professor eu acho que se o professor fizer os alunos fazem.

PESQUISADOR Eles acompanham?

ENTREVISTADO Eles acompanham que agente pode fazer iniciativa de integrar o ensino de licenciatura no ensino médio de pegar os alunos de lá e colocar aqui no ensino médio pra poder participar que o professor roberto já fez aqui ficou legal eu perguntei pro meus alunos se eles queriam ir de graça eles já se dispuseram a isso eles tem interesse e o pessoal da gestão e de propiciar que isso aconteça como distribuindo corretamente o tempo de serviço para cada atividade que a escola exige e encontrando esse tempo disponível para integração do currículo fazer as reuniões para que isso seja possível ne esses professores das demonstrações do conteúdo que ele administra

PESQUISADOR Olha só eu faço parte da equipe pedagógica da escola e em certo ponto nos da equipe pedagógica somos gestão ne porque agente de certa maneira gerencia algumas tarefas inclusive normas para vocês professores pros alunos e tudo mais nos não criamos isso mais agente gerencia isso sem nenhum problema agente precisa escutar o que que nos devemos fazer para colaborar nesse sentido o que você me diz

ENTREVISTADO Dessa mesma atividade que eu falei propiciar a realidade do professor pra que eles possam seguir

PESQUISADOR Olha so isso seria através de reuniões como agente discute isso

ENTREVISTADO Sim mas a questão e fazer reuniões que o professor seja capaz de resolver isso que por exemplo quando eu vim aqui para escola eu não conseguia entender os horários por semana segunda terca e quarta então eu vim aqui cinco dias pra poder trabalhar quarenta horas e da 24 horários no maximo então eu falei no vai ser o céu facilimo vai ser brincadeira e não e bem assim não e porque eu to com 18 aulas dessas so 6 são do ensino superior e suga muito tempo porque que suga muito tempo e que no ensino médio e muita prova para corrigir muito diário para preencher e que eu não tinha esse abito que a escola tinha uma equipe que fazia isso eu dava 32 horários mas eu não corrigia uma prova eu passava projeto mas corrigia o gabarito que e divertido o diário tinha um setor da escola responsável para preencher o diário porque tinha uma equipe responsável porque na entrada da escola tinha uma catraca e o aluno passava o cartão e sabia que estava presente

PESQUISADOR Essa e uma escola particular

ENTREVISTADO Particular

ENTREVISTADO E a nota que agente estimava era matéria da apostila

PESQUISADOR O professor ficava livre para sentar elaborar copiar algo

ENTREVISTADO inclusive o professor prepara aula e dar aula uma outra vantagem eu dava 32 horários por semana as vezes 32 horários era um 2,3 no maximo 4 aulas diferentes então eu não tinha que preparar 32 aulas eu tinha que preparar 4 aulas porque tinha 5 primeiros anos 5 segundos era a mesma coisa a mesma aula entendeu então isso da tempo pra gente preparar mais a aula pra correr mais atrás de questões de vestibular para aprofundar o conhecimento do professor aqui a gente tem 20 aulas 24 aulas ou 18, mais eu tenho que preparar 18 aulas efetivamente entendeu

PESQUISADOR São turmas, cursos

ENTREVISTADO Cursos de forma alguém diz agente tem que participar, por exemplo, de orientação de aula então agente tem que pegar e 3,4 alunos com licenciaturas e tem que orientalos uma orientação com no mínimo 2 horas por 3x4 não da 8 por semana ai tem um projeto de extensão que agente tem que participar e que e bom agente participar ai já e função de 8 aulas por semana entendeu então acaba que esse conjunto de atividades que agente tem que desenvolver e bem desenvolvido não da oportunidade da gente ta vendo outras coisas fica meio que difícil ,então esse gerenciamento e um gerenciamento meio químico qual e responsabilidade desse professor qual e a responsabilidade na área de outro professor esse professor já ta com a carga horária de projeto de extensão tal ele tem condição de participar de mais uma comissão entendeu ele tem condição de participar de mais uma outra atividade ne eu acho que agente tem que pensar em encaminhar o estilo do professor nos vamos ter agora um professor um professor auxilia que aquele que só vai dar aula só vai dar aula nos vamos ter aquele professor que vai não vou pegar 2 professores da área de matemática e vamos pegá-los para eles fazerem integração do currículo ai diminui um pouquinho as aulas deles diminuiu ainda um pouquinho de um projeto para a participação de uma comissão e conta hora pra ele para ele poder fazer isso

PESQUISADOR Afinal isso e trabalhando mesmo.

ENTREVISTADO E passar isso para outro grupo entendeu enquanto a instituição e é um processo natural isso vai acabar acontecendo mas enquanto a instituição não engatar estruturado um grupo de professor formado e definitivo e que não a essas mudanças que sempre ta acontecendo e difícil acontecer isso mais e um caminho pra começar a ser criado na situação atual todos os professores tem que fazer tudo ai dificulta

PESQUISADOR Então seria um planejamento dessas ações dos professores alias as responsabilidades dos professores contabilizando isso como tempo como desgaste e ai a medida de quanto cada professor pode fazer

ENTREVISTADO E isso basicamente não e um mesmo tanto pra todos professores vai de acordo com estilo do professor as vezes eu não tenho o perfil de dar muita aula as vezes eu não tenho perfil de da bastante pesquisa as vezes eu não tenho perfil de ta passando discussão de conteúdos acho que e de acordo com o perfil do profissional vai adequar

PESQUISADOR Bom olha só você falou pra mim que a sua ultima experiência se acabou entrando na sala de aula de um professor você disse assim que estava num momento num horário vago entre aspas num desocupado ai você foi e teve esse momento de integração você viu como que era a questão do professor dizimando hoje nos temos uma dinâmica dentro deste instituto que e o professor da sua aula e ir embora ate pouco tempo atrás ele ficava aqui o que também tem seus problemas fica aqui o professor precisa de espaço um espaço adequado confortável com uma estrutura que tem que favorecer o professor você acha que essa dinâmica de sair e terminar o planejamento em outro lugar que não seja a escola isso pode dificultar ou não essa integração dessa maneira como você colocou

ENTREVISTADO Eu acho que não faz diferença

PESQUISADOR Um

ENTREVISTADO Porque quando eu tava aqui que agente tinha que cumprir o horário eu ficava 40 horas exata distribuídas em 5 dias agora que eu to com aula efetivamente 3 dias de quarta, quinta e sexta eu to ficando mais de 40 horas porque eu to chegando na escola chegando em montes claros terça a noite ai vou em casa arrumo e venho para o instituto sem causa e fico terça a noite ate umas 9 e pouco 9 e meia de 7 e meia a 9 e meia na quarta eu tenho aula 7 da manha e fico ate 9 da noite na minha aula ate 5 e meia minha ultima aula na quinta começa 7 e meia da manha e minha ultima aula e 10 e quarenta da noite eu so saio 6 horas pra poder tomar um banho e volto e sexta feira de 8 da manha no primeiro horário ate 10 e quarenta da noite eu sou sempre contabilizado de 7 ate a 9 de 7 a 10 e quarenta um ritmo tenso da pra gente ganhar um trocado

PESQUISADORE a pergunta que não que calar você ta mais satisfeito de sertã maneira

ENTREVISTADO Porque se eu quiser sair pra resolver uma coisa eu tenho essa liberdade você não tem como discutir as 40 horas se aparecesse uma emergência agente produzia uma coisa como por exemplo ficar sem convivência com a família que e importante. Ficar sem convivência em ... onde eu tenho mais opções de cursos de palestras de poder participar e a possibilidade de ainda de poder participar de congressos sem atrapalhar a instituição porque eu posso as vezes coincide da palestra ser quinta e sexta

PESQUISADOR Seu dia de aula

ENTREVISTADO Meu dia de aula ai atrapalha a correria pra completar suas 40 horas mas eu posso procurar uma gratificação na segunda e terca

PESQUISADOR Você pode lecionar primeiro seu tempo

ENTREVISTADO Lecionar essas seria minha opção no horário e ate mesmo pra pratica se eu tiver que marcar um medico pra que eu vou marcar um medico quarta quinta e sexta se eu tenho segunda e terca livre ne isso também ajuda e outra coisa eu acho que a escola dentro da escola quem ta mais diretamente com os alunos no dia a dia e o professor e o professor e os funcionários que atuam diretamente no ensino estando mais satisfeitos vai renunciar diretamente pra escola pra completar sua resposta isso e questão de interesse se o professor ficar aqui 40 horas mas não quiser fazer ele não faz se ele tiver liberdade de ir e vir e quiser fazer ele vai fazer e questão de responsabilidade e interesse

PESQUISADOR Olha só agente tem e uma estrutura ne agente tem uma estrutura institucional uma organização que pode ate variar de pleito pra pleito de diretor pra diretor hoje essa estrutura da forma como esta quais são assim as sugestões pensando na integração pensando que agente sempre pode melhorar e deve buscar essa melhora quais são as suas sugestões.

ENTREVISTADO É uma sugestão a primeira sugestão que eu vou te falar e que eu já tinha pensado há muito tempo e que as comissões que os grupos de seleção por exemplo vou fazer um projeto de PIBID de iniciação científica de PIBIC a comissões julgadora tem que ser totalmente isenta deste processo e tem que ser muito diversificada primeiro porque se você colocar locomoção julgadora só matemáticos nos vamos privilegiar os projetos de matemática e porque eu vou puxar pro meu grupo não e porque eu entendo de matemática e vou saber se o projeto é bom ou se é ruim se for de matemática se for um projeto falando do trabalho de sociologia talvez pra mim não tenha o mesmo peso que o de matemática tem então quer perda que não uma área vai ser privilegiada então eu acredito que pra aquelas comissões de iniciação científica de projeto de extensão principalmente de seleção de alguma coisa tem que ser de uma boa comunista que tenha representantes de todas as áreas da escola e de todas as áreas de ensino de matemática de física de veterinária de geografia de história pra que tenha homogeneidade e até uma integração também de saberes necessários.

PESQUISADOR Você falou aí das áreas de ensino o que seria as áreas da escola?

ENTREVISTADO As áreas de ensino existe meios né e as áreas da escola um pouquinho do curso superior um pouquinho do ensino médio um pouquinho da área pedagógica um pouquinho da área administrativa um pouquinho dos setores mais ligados aquele grupo necessariamente

PESQUISADOR Você se sente preparado pra conseguir a integração e uma alta avaliação

ENTREVISTADO Acho que se a pessoa já tá preparada pra fazer a integração ela faz e eu não sei fazer bem feito.

ENTREVISTADO Você não sabe fazer bem feito?

Não, eu faço um ponto aqui um ponto ali mas eu não conheço todo processo eu não sei o que o professor de geografia tá fazendo entendeu se eu tivesse realmente preparado e que eu já ia saber o que de cada matéria da pra fazer isso teoricamente eu já estaria fazendo.

PESQUISADOR Bom essa pesquisa professor tem por objetivo maior dela e que as pessoas pudessem conversar debater sobre o assunto como que agente poderia fazer isso e agente poderia, por exemplo, trazer um grupo vocal né acontece que esse grupo vocal talvez não tivesse a dinâmica de superar o momento certo pra cada assessor falar aquilo que é do dia a dia dela a pesquisa nos também temos uma característica específica que uma pesquisa do cotidiano com o cotidiano o que que é isso e prestar menos atenção nas teorias no que se supõe teórico de lei e mais atenção no cotidiano nisso que você acabou de me dizer que é de repente eu passei e olhei a aula do meu colega fui lá e tive uma informação muito bacana pra fazer integração por conta disso eu resolvi que essa pesquisa seria também estendida ao setores da escola então eu tô só ouvindo só os professores não vou só ouvir só os alunos só os professores gestão mais eu também estou dando voz ou querendo pelo menos dar voz ao setores da escola como você ver isso os setores da escola todos os setores desde o cafezinho até o setor produtivo você acha que eles podem colaborar nesse sentido ou você acha que não cabe outra coisa

ENTREVISTADO É difícil colocar todo mundo no mesmo grupo tem setores que diretamente influenciam mais e tem setores que influenciam menos né e não tô falando em questão de importância

PESQUISADOR claro

ENTREVISTADO Estou falando de realmente estares diretamente ligadas na integração do currículo por exemplo o trabalho das meninas da limpeza e extremamente importante pro funcionamento da escola mais eu aqui de primeira pior que agente acha formas de lei eu pensei nas meninas da cantina aí vem aqui a aula de biologia da pra jogar da sim

PESQUISADOR Bom como eu falei com você o objetivo da pesquisa era esse e se eu conseguir que as pessoas conversem eu posso conseguir isso pegando a voz delas a opinião delas a experiência delas e colocando aqui e esse o objetivo se eu conseguir isso eu acho que eu já vou ter feito um trabalho digamos respeitado e esse um grande policiamento meu e de não colocar aqui simplesmente aquilo que entendi mas aquilo que mim disseram e que eu possa até não concordar mas eu quero que fique como a voz de um professor dos professores dos setores da equipe pedagógica da gestão dos alunos dos pais dos alunos e pra mim é um grande desafio de respeito pra com essa pesquisa e depois de ela pronta o apelo que eu faço como estencao do com que você já contribuiu e que vocês tentem ler e me deem assim uma resposta. Uma hora contribuiu com nada que aí eu de repente capricho numa próxima vez. Então aquilo que pode ter ajudado a idéia que você pegou de fulano e colocou ali e trabalhou e costurou o livro pode ter ajudado então agora nos digamos entre aspas compromisso e dessa leitura

la viu lhe agradeço demais você sabe que você contribuiu mesmo mais ate do que eu esperava porque as vezes agente tem um certo preconceito quanto avisar fazer tudo mais que Deus te abençoe e boa sorte no trabalho

PROFESSOR 3

Pesquisadora: Eu vou conversar com um professor que é professor de matemática e a primeira questão é saber o conceito que você tem a respeito do currículo, para você o que é currículo?

ENTREVISTADO: Currículo para mim é muito amplo, envolve todo o conhecimento que o aluno traz dentro dele e daquilo que a gente vai passando em termo do que quer chegar, até onde o aluno chegue em termo de conhecimento, é muito maior que os conteúdos que a gente está dando, desde a vivência que ele vem trazendo consigo que faz parte da personalidade dele, então acaba tendo algo que não deixa de ter suas particularidades e suas regionalidades em função daquela demanda local. Então eu penso que o currículo de modo geral da escola tem que ter em questão de adaptação com as particularidades de cada região ou cada tipo de aluno que você está atendendo.

Pesquisadora: Então se considerarmos o currículo integrado seria o que?

ENTREVISTADO: O currículo integrado não sei se a definição está dentro do que a gente queria, é tentar pegar as situações cotidianas, vivências que o aluno já tem para facilitar e seguir isso como norte, como forma da gente seguir, é difícil por ex: a gente imaginar as disciplinas trabalhando simultaneamente com o mesmo interesse ou com um para chegar num denominado comum: uma idéia por ex: de matemática que o que eu trabalho e às vezes até nós mesmos educadores temos um certo preconceito sobre currículo integrado deve querer trabalhar em conjunto com as outras áreas por que acha que é auto suficiente que a matemática ali é cálculo, então a gente vai tentando direcionar o aluno para que o que nós professores queremos e a gente não se preocupa por ex: em ter aquela visão ampla do geral do conhecimento como todo, das várias disciplinas e a contribuição que cada uma pode dar. E ai eu comecei a perceber que isso também estava em função de uma defasagem que eles vinham trazendo, então eu falei, bom a primeira coisa que tenho a fazer é tentar fazer um trabalho, de nivelamento de tentar pegar aqueles alunos e que tinha essa defasagem e tentar colocar eles pelo menos num nível mais aceitável dentro do conhecimento da matemática, e ai percebi também que dentro do grupo tinha alunos muito bons, em todas as turmas de um modo geral tinha alunos com desempenho muito bom e no meu entendimento já estavam num nível um pouco acima dos demais, ai eu tive a idéia de primeiramente a minha idéia era de aproveitar os alunos da licenciatura, para poder dar monitoria para os alunos de modo que eles pudessem adquirir uma certa vivência de aula, mas ai começou ter uma certa dificuldade na questão de que teria que organizar alguma coisa melhor dependia dos professores, dependeriam da autorização do próprio instituto para um projeto mais amplo ai como o tempo estava passando e a necessidade era naquele momento então tive a idéia de pegar esses alunos que se destacam dentro da sala que tinha um entendimento melhor da matéria e dividir a sala em grupos e pedi para colocar eles como monitores de cada grupo, com isso a gente dava um certo estímulo, para eles terem condições de obter um bom trabalho ai, os grupos teriam que ser menores, na faixa de 5 a 6 pessoas, por que grupos grandes atrapalhariam, eu estipulei para eles que em 1 hora de aulas eles tinham que ter 1 hora de estudo com o grupo semanalmente, então cada turma eu tenho 3 horas de aula, então eles tinham que estudar semanalmente 3 horas, ai preparamos uma fixa de controle onde os grupos iam colocando as matérias que estudara, e a idéia era principalmente levar os alunos que não tinham o hábito de estudo a criar o hábito de estudo, a maior parte desses alunos vinham de escolas onde eles estudaram só em véspera de provas e às vezes estudaram muito, então não tinham aquele hábito rotineiro de estudo separando um horário diariamente, independente de ter alguma atividade prova a idéia era tentar criar o hábito de estudo naqueles alunos e é lógico todo trabalho você tem dificuldades, tem grupos que funciona muito bom no desempenho houve um crescimento muito grande dos alunos, mas já teve grupos que não teve um funcionamento muito bom no cumprimento da carga horária como no próprio entrosamento do grupo na questão do estudo em si ele não conseguiriam ter um bom desempenho, com isso depois eu reformei esses grupos, trocando membros de um grupo com outro, e vai fazendo uma mudança tudo em comum de acordo a pessoa quanto com o monitor do grupo também para não ter problema nenhum e ai a gente foi se ajustando até que chegou num ponto que está funcionando razoavelmente, então houve uma melhoria significativa em termo de nota mas o principal objetivo meu não era tanto melhoria em nota, mas era na questão de criar o hábito de estudo e também o entendimento da matéria. E aquilo que a gente pode contribuir para a outra disciplina de um outro Técnico 2, então a gente tem muito esta questão individualista, cada professor andando separadamente sem ter essa preocupação mutua do conjunto, então no meu entendimento o currículo integrado é a gente procurar fazer uma participação maior possível entre as várias

disciplinas com objetivo maior de chegar ao conhecimento de levar o conhecimento ao aluno como um todo, não somente na matemática, mas o que a matemática vai contribuir com as outras disciplinas e o que as outras também vão contribuir com a matemática.

Pesquisadora: você falou uma coisa que foi pegar os conhecimentos do cotidiano do aluno e encaminhar; de certa forma potencializar isso, como que você tem feito isso dentro de monitoria, como que tem sido desenvolvido essa monitoria e a esse ponto de pegar o conhecimento do aluno como que é feito isso?

Pesquisadora: Essa idéia de tentar aproveitar o máximo o conhecimento de vivência do aluno, eu peguei ela quando eu trabalhei com o EJA apesar que trabalhei um período curto com o PROEJA, mas trabalhei muitos anos na Pref. De Montes Claros com a EJA e como a gente já pega alunos mais amadurecidos que já tem uma vivência maior, um conhecimento de vida, então comecei a perceber que eu deveria avaliar isso a matemática de forma que eu pudesse aproveitar trabalhando aquilo que eles tinha maior interesse e que seria mais útil na vivência deles para o desempenho da função e tudo para o que eles vem e foi aí que comecei a amadurecer essa experiência e vivenciá-la e trazer bons resultados. Quando eu simplesmente no início eu só tentava passar o conteúdo seco sem trazer essa praticidade que a disciplina pode ser utilizada no dia a dia deles o rendimento não era o mesmo agora com relação a esse projeto que estou desenvolvendo com os meninos da 1ª série, que esse foi o 1º ano que trabalhei foi com eles aqui no instituto também sou recente aqui e aí eu comecei a perceber o seguinte como eles são alunos que veio de várias escolas de vários municípios, então no processo seletivo há uma pluralidade muito grande na questão até da formação deles, tanto por serem alunos de vários municípios, há alunos de escolas particulares tem alunos na grande maioria são alunos de escolas estaduais e alguns de rede municipal e de várias escolas diferentes. Então era termo de conhecimento eles tem situações muito diferentes, aí como eu estava tendo uma certa dificuldade em trabalhar com eles como eu comecei a perceber no início até na forma de falar, muitos falava que eu usava um vocabulário meio complicado que eles ainda não tinham mais técnicos. Eu tenho a idéia, estou tentando amadurecer isso, a idéia de fazer isso com os meninos da licenciatura, mas aí eu já quero fazer diferente, eu não quero fazer como aula de reforço, eu quero que eles desempenham racionais, equações e eles tem dificuldades tipo frações, números racionais, equações e eles trabalham aqueles conteúdos, também não quero que seja ofertado para todo mundo não eu vou tentar separar aqueles alunos que tem a necessidade de fato, por que tem aluno que se você quiser que participe ele participa mas ele não tem essa deficiência essa dificuldade nessa disciplina então, fazer trabalho com os meninos da licenciatura, mas já voltados direcionado para conteúdos que às vezes pode ser conteúdos que eu esteja trabalhando ou não.

Pesquisadora: Você é professor na licenciatura?

ENTREVISTADO Atualmente não, eu fui professor no período passado, que eu trabalhei com as disciplinas geometria espacial no 2º período de licenciatura de matemática agora nesse período não, mas eu tenho um bom relacionamento com os meninos e contou com eles e levei essa idéia para o coordenador que é o Fred. e ele gostou, achou interessante só que ele tem uma carga horária obrigatória que eles tem que ta cumprindo durante o curso da licenciatura e isso aí poderia contar com essa carga horária.

Pesquisadora: Pois é, mas a monitoria seria de quem? Dos meninos do médio ou monitoria dos alunos futuros professores que estaria fazendo uma espécie de laboratório de treinamento ou das duas.

ENTREVISTADO A idéia seria conciliar as duas coisas, os alunos continuaria no processo de monitoria para poder trabalhar aquele conteúdo, reforçando aquele conteúdo que estou trabalhando em sala de aula, e aqueles alunos que às vezes quando você está trabalhando uma matéria e você consegue perceber que eles tem deficiência em matérias mais elementares e aí eu penso que ainda há muita dificuldade na matéria que normalmente muitos tem dificuldades, mas eu tenho avaliado com o andamento do meu projeto que tem ajudado, às vezes a gente na sala de aula usa muito termo técnico, às vezes tem alunos que não consegue entender a matéria em sala de aula, mas consegue melhor desempenho com seus colegas, pois falam a mesma linguagem sem termos técnicos tornando o entendimento mais simples. E aliando as duas coisas fica fácil por que você vem, aplica a matéria, você mostra, aí o monitor vem, trabalha aquela matéria com ele da maneira deles ali já consolida mais um pouco o entendimento, então na outra aula, quando ele chega já vem tirando dúvidas com você e com isso é possível perceber que este aluno evoluiu com este sistema de aprendizagem, mas isso é um trabalho longo e pretendo manter uma avaliação se é positivo, pois vai depender de mais um período e tem 4 meses que criamos nosso grupo que estamos fazendo o desenvolvimento desse trabalho, então ainda está prematuro para poder avaliar essa pré-avaliação que é feita que observei, até então é positiva, tem alguns problemas tem, mas eu acho que vai ser muito bom, a gente tem que ouvir esses monitores, pois eles acham às vezes estressante e pedem para se fazer revezamento e acho que não há problemas , pois estamos adaptando,

existem outros alunos que na 1ª abordagem que fiz percebi que tem capacidade de serem monitores e estou pensando em pegar aqueles que já estão saturados e dar um descanso fazendo revezamento, já tem outros que querem permanecer monitores e não abrem mão, se sentiram valorizados e gostaram da experiência tem uma certa facilidade em ensinar e querem permanecer e eu estou tentando fazer com eles um tipo de acordo para não desgastar ninguém nem ao mesmo tempo não ficar cansativo, ficar algo que acaba prejudicando-os.

Pesquisadora: O conteúdo que eles trabalham é o conteúdo que você percebeu que é necessário para eles.

ENTREVISTADO: Até então estamos trabalhando da seguinte maneira, eles estão trabalhando o mesmo conteúdo que eu trabalho em sala de aula, por que a idéia é exatamente até então e tentar fazer com que eles entendam melhor o conteúdo, e servir mais como reforço.

ENTREVISTADO: Principalmente com o 1º ano, por que eu acho assim, que o 1º ano tem uma série de fatores que o próprio processo de seleção do instituto cria essa diversidade tão grande, ou esse desenvolvimento tão grande que existe, por que como ele é um processo aberto, que pega alunos de vários municípios de várias escolas de várias origens diferentes e com isso acaba tendo uma situação bem desuniforme do conhecimento, então aí é que acontece, se a gente conseguir desenvolver um projeto mais amplo, pegando vários professores da disciplina básica principalmente tentando fazer um projeto conjunto um nivelamento atacando os pontos, aí nós vamos ter menos dificuldades no 2º e 3º ano. Eu percebo por ex: não sei se é uma visão meia que prematura pelo tempo que trabalho, vejo que tem aqui no instituto uma certa evasão da 1ª série, e eu acho que é exatamente pela questão da adaptação que é a principal delas, pois os meninos são prematuros e numa escala de tempo integral, aí acima das escolas que eles estavam habituados e além deles estarem longe de casa, da família, vem a dificuldade da adaptação local e acham que o professor está falando grego.

Pesquisadora: então há um abismo entre o currículo que aquele aluno trouxe e o proposto.

ENTREVISTADO: Sim, então eu vejo que tem que ter um trabalho principalmente com alunos do 1º ano para tentar sanar essa dificuldade, por que tem alunos bons, aí eu percebo o seguinte: no início que eu entrava na sala de aula eu vi que tem a participação de uma ½ dúzia e você vai achando que está tudo bem por que tem gente que está entendendo, mas a grande maioria está passando em branco, e aquele aluno começa a sentir aliado a outras dificuldades que são emocionais principalmente pela mudança totalmente e quer sair da escola, pois isso eu acho que é um aspecto que tem que ser trabalhado, fazer um projeto mais amplo onde envolva mais professores principalmente professores da educação básica, ou seja, da matéria de português, matemática, física e química, no sentido de ao invés de a gente ficar trabalhando, a gente trabalharia tipo uma oficina um trabalho específico daquele conteúdo e separaria ali os alunos que tem deficiência naquela área. Eu teria que fazer essa triagem e perceber esses alunos, independente de que turma que eles estão e a gente faria um trabalho com os alunos da licenciatura ensinando aquele conteúdo que ele tem em defasagem de horário, tentando conciliar as duas necessidades.

Pesquisadora: Olha só, você está fazendo um trabalho que é meio que de resgate daquele aluno que de certa forma está deixando de lado, e de certa forma tem uma dificuldade que ainda não foi sanada. Na sua sugestão, normalmente as instituições normalmente tem uma organização que visa o aluno, que visa inclusive soma essa dificuldade, na sua opinião a organização institucional que nós temos; como que ela tem funcionado para você e que sugestões você daria para funcionar melhor? Se for o caso?

ENTREVISTADO: Eu tenho percebido aqui no instituto principalmente no setor pedagógico ele é bastante atuante, tem ficado bem atento as questões que a gente tem procurado trabalhar e sempre tem dado orientações, agora eu sinto a falta realmente de uma intervenção maior de tentar criar um projeto mais amplo que não envolvesse só o que estou fazendo, pois esta é uma iniciativa minha pessoal, mas que envolvesse todo o aluno, principalmente o aluno do 1º ano, conseguir fazer um nivelamento do conhecimento, isso estaria sendo muito importante para o 2º e 3º ano, pois naturalmente a coisa começa a fluir que chega um ponto que esse aluno é lógico com dificuldades né, mas eu sinto essa falta em fazer um trabalho mais amplo com o 1º ano que é o que eu trabalho e de modo que envolva todos os professores.

Pesquisadora: Isso seria um trabalho pedagógico junto aos alunos ou aos professores?

ENTREVISTADO: Eu acho que este trabalho deveria ser junto aos professores no sentido de desenvolver um projeto maior que envolva boa ou toda parte dos alunos, como se tudo tivesse normal não, é tentar socorrer aqueles alunos que tem mais dificuldades e não são poucos são muitos; a gente percebe que são muitos alunos, agora tem sempre aquele grupo de alunos que vão sempre responder positivamente que querem participar de fato desse processo e tem aqueles que simplesmente não vão participar e não estão interessados.

Pesquisadora: a nossa última pergunta na verdade eu ainda tenho uma outra observação a essas transformações que a gente vem sofrendo de Escola Agrotécnica que éramos para Instituto Federal. O que você aponta pensando no ensino nesses alunos que você colocou estão à margem desse currículo oferecido pela escola, pensando nisso tudo o que você aponta como fatores que beneficiam e fatores que prejudicaram dentro desta transformação.

ENTREVISTADO Na realidade quando eu cheguei eu já peguei instituto, não participei dessa mudança, mas a gente percebe que devido o fato principalmente agora está atendendo não somente a educação básica como também a educação superior que ainda tá num processo de transformação em instituto ele ainda está se consolidando, o novo perfil, a nova carga pois antes ele já tinha seu perfil que era uma escola de educação básica com cursos técnicos, agora ele está amadurecendo, apesar dele já ter as diretrizes e saber como é, eu acho que ainda está havendo amadurecimento na parte do corpo administrativo com do corpo docente, então é algo que para ser consolidado é com o tempo, não vai ser algo de imediato, a medida que o processo for passando com poucos anos terá um objetivo claro do que nós pretendemos com essas mudanças.

Pesquisadora: se gostaria que você deixasse uma mensagem para a gente, pensando que todas as pessoas pudessem ouvir essa sua mensagem, no sentido para que todos trabalhem para que essa seja a melhor escola, e o seu esforço inclusive do seu projeto me parece ser esse, e que essa mensagem fosse para todos os servidores, professores, alunos e toda comunidade pensando nessa escola muito boa que a gente quer construir.

ENTREVISTADO: Olha eu vejo o seguinte, uma escola só se torna uma boa escola quando tem uma participação de toda comunidade envolvida, não somente os professores, a intenção dos professores de querer fazer uma boa escola, se as famílias não se importam, se os alunos não tem interesse, se a gente conseguir transformar aquela escola que já é referência, uma boa escola dentro da região, nisso eu vejo que tem possibilidade dela ser melhor ainda, embora existem algumas questões que tem que ser trabalhada ainda, principalmente a questão de uso de laboratório, para educação básica, são coisas que é de fundamental importância para o desenvolvimento do estímulo do aluno para poder estudar tem vários fatores que a gente pode melhorar, mas a ideia que vejo é o seguinte tem que ter participação e interesse, não somente do corpo administrativo da escola que quer fazer o melhor. A gente vê que todo mundo está engajado, tá procurando, mas principalmente da sociedade, ela tem que se envolver como um todo, a comunidade os pais. Então é importante que todos abracem esta causa para que tenha condições de ter uma escola cada vez melhor, mas a minha expectativa sem dúvidas no Campus de Salinas é que cada vez a educação básica se torne mais fortalecida, com o aparecimento do corpo superior o próprio corpo da escola está amadurecendo e isso só vem a contribuir.

PROFESSOR 4

PESQUISADOR - Bom., eu vou conversar agora com prof. Roberto Marques professor de matemática aqui do instituto e a 1ª coisa que eu gostaria que ele fizesse é justamente ver sobre a função dele a área dele e sua formação prof. Fala pra gente um pouquinho.

ENTREVISTADO - Eu sou professor de matemática aqui no instituto formado pela PUC de Minas no sistema modularProjeto do governo numa época que dava licenciatura a quem não tinha... professores que estavam atuando e não tinham essa condição. Fiz nesse processo modular, fiz licenciatura curta em ciências aqui mesmo em salinas e uma especialização na PUC BH todos no sistema modular.

PESQUISADOR - Há quanto tempo você trabalha como professor?

ENTREVISTADO - 18 anos, saí do ensino médio e ingressei na profissão. Cidade do interior... terra de cego quem tem um olho é rei... rsrs então saí do ensino médio já comecei a dar aula e depois fui pro processo de formação.

PESQUISADOR - E a opção houve uma opção você queria mesmo ser professor? Como vc foi levado a atuar?

ENTREVISTADO - Sou filho daqui desta instituição. Fiz tec. Agrop. Terminei em 1991 aí no último ano meu aqui eu comecei a ter esta ideia e vi que eu gostaria de ser prof. Acho até que influenciado pelos bons professores que tive aqui. Tive excelentes prof. Na minha época acho que isso despertou saai daqui já com essa ideia que eu gostaria de encarar o magistério.

PESQUISADOR – Olha só a nossa pesquisa é sobre Currículo integrado. Qual que é a sua definição de currículo...o que que vc entende por currículo...

ENTREVISTADO - Essa pergunta é meio difícil. Currículo lembra talvez caminhos, que agente tenha que... no caso da escola tenha que trilhar estes caminhos, alguma coisa como uma base onde a gente pode se fundamentar que agente tem que cumprir aquelas coisas aspectos mínimos da educação que agente quer dar pra os meninos isso... tem que ser visto com bons olhos não como algo que está nos ...como agente fala aqui bitolando, mas algo que nos direciona nos que nos coloca a nível de ensino nacional mesmo, você não tá solto num sistema de educação você tem alguma coisa bases pra serem seguidas quando agente pensa num currículo agente pensa isso quais são os caminhos que eu vou trilhar com meu aluno pra que ele esteja realmente formado no âmbito do curso que ele tá pretendendo fazer que a gente se dispõem a fazer com ele.

PESQUISADOR – Olha só Agente tem discutido conversado e eu sei que vc tem algumas experiências que agente pode dizer que são tentativas de integração pelo que eu ouvi mas eu gostaria que vc explicasse uma dessas experiência como está sendo este trabalho seu.

ENTREVISTADO - Aqui no instituto eu trabalho com o 3º ano do ensino médio curso integrado, são três turmas de tec. Agropecuária e uma turma tec. agroindustrial na matemática na disciplina de matemática esse ano tínhamos previsto para trabalhar com duas matérias que são bastante abstratas para os alunos do ensino médio, porque elas não tem aplicação imediata. Questão de Função exponencial e função logarítmica não é não faz parte daquela matemática elementar que vc usa no dia a dia uma regras de três que vc tem que fazer...uma matemática financeira. São conteúdos matemáticos que pro aluno acaba ficando mais abstratos sem uma aplicação prática. Então eu trabalhei da seguinte forma eu apresentei os conteúdos na proposta do livro didático que nós usamos muito bom... apresentei as aplicação propostas no livros só que são aplicações por exemplo logarítmico para escala de terremotos escala richiter ou dencibens escala de som densidade de som.. quer dizer acaba não sendo não tá ainda no nível do aluno... não conhece essas coisas não trabalha isso no cotidiano. Depois de explicar isso eu propus pra eles que eles buscassem no curso de formação deles aonde estes conteúdos se encaixariam.

PESQUISADOR - Especificamente no curso de agropecuária...

ENTREVISTADO – Isso...ou agroindústria. Como ex-aluno de um curso de agropecuária eu sabia que existiam aplicações e como prof. de matemática também agente acaba pesquisando alguma coisa mas principalmente como ex-aluno eu sabia que existiam aplicações práticas então eu propus um trabalho em grupo de no máximo quatro integrantes eles teriam a responsabilidade de pesquisar aplicações para função exponencial e funções logarítmicas. A base da pesquisa seria os próprios professores dos cursos deles pedi mesmo vai atrás de seu professor da área técnica pergunta lá ainda usei esta brincadeira “pra que diabos eu uso logarítmico” e eles foram atrás corream atrás já é o segundo ano que eu faço essa prática ano passado eu fiz também e com os resultados eu repeti este ano e eles foram atrás dos professores e ai saíram projetos excelentes inclusive este ano talvez pela experiência repetitiva a coisa já estava estruturada na minha cabeça os resultados foram melhores acho que eu consegui transmitir melhor a idéia que eu queria que é essa parte de aplicação e aí eles foram atrás dos professores. Professor de irrigação deu uma contribuição, professor de zoo III que é bovinocultura deu uma base pra eles em outro projeto, prof. Zoo I a qualidade de ovos nas granjas segue uma escala logarítmica coisas que até eu mesma não sabia que existia, surgiram lá. Hora de ligar ou desligar os aspersores numa irrigação é movido...por um ... pode ser feito com um cálculo logarítmico, volume de florestas, hoje o instituo tem até um ...tá crescendo esta área de engenharia florestal e tec. Em florestas com os engenheiros florestais aqui os meninos conseguiram...um dos trabalhos foi esse volume de madeira numa floresta de eucalipto por exemplo tendo a área e algumas informações através de um cálculo exponencial, eles conseguiram o volume de madeira. Então trabalhos muito interessantes que os alunos apresentaram se empenharam. E uma outra característica do trabalho é que teriam que pesquisar, teriam uma parte escrita pra mim entregar e o grupo iria apresentar para o restante da turma. Já pensando num pouco de extencionismo que estes meninos próximos a se formar como futuros técnicos...uma das coisas que os técnicos fazem de mais é isso. Pega uma comunidade de produtores rurais vai falar expor suas idéias apresentar alguma coisa, então joguei esta idéia pra eles também que era uma forma de eles perderem a timidez.. então o trabalho foi escrito e apresentado também na sala.

PESQUISADOR – Então eles tinham que identificar formas de aplicação prática.. dos cálculos log....

ENTREVISTADO - ...aquele conteúdo muito abstrato não fazia sentido, não tinha aplicação e aquilo que não tem sentido...aplicação é a coisa mais fácil de esquecer pois não te serve pra nada ...a mente deleta. Se existe alguma coisa que não tem aplicação que não tem necessidade de tá lá. E vários depoimentos nos trabalhos os alunos falavam que realmente, nós vimos que log e expo tem uma aplicação no nosso curso técnico.

PESQUISADOR - Depois desse trabalho vc continuou com o ensino de log e ai vieram as avaliação pra que eles sistematizassem regras formulas, e aí eles já tinham uma base para a aplicação. Vc acha possível que eles criassem uma nova aplicabilidade pra isso a partir desta experiência?

ENTREVISTADO – Eu acho possível, mas acho nós não caminhamos pra isso ainda por que as aplicações demandam conhecimento que ele só vai ter no ensino superior. Criar uma aplicação não é uma coisa fácil. Usa as aplicações que já foram estudadas agora inventar a roda aí ficaria difícil. Algum pesquisador já disse o volume da floresta pode ser trabalho com o logarítimo. MAS é um caminho que ELE pode traçar inclusive, conversando com os professores da área técnica depois que eu tive que conversar um dos professor disse que no doutorado está usando constantemente nos experimentos logarítimo ele jogou todas as avaliações dele pras escalas logarítmicas pra trabalhar com elas. Agora a aplicação como vc está falando é um nível superior desconhecimento que o aluno ainda não possui.

PESQUISADOR - Antes da execução do trabalho no momento do planejamento disso ou conversas entre vc e os professores como se deu esta organização?

ENTREVISTADO Não, foi até uma falha uma falha minha. Eu planejei sozinho e lancei o desafio pra os alunos sozinho, depois de lançado o desafio aí eu procurei os professores da área técnica...

PESQUISADOR - Ou não...

ENTREVISTADO – É não sei qual seria a avaliação, ...entra naquela situação ainda não temos um espaço de dialogo instituído, institucional, institucionalizado em que você sente periodicamente, TODOS os professores onde vc fala vamos trabalhar junto aí? PODERIA SER DISCUTIDO ISSO ANTES E talvez surtiria outro tipo de efeito nesse caso não o trabalho foi feito meu mesmo. Só que depois de proposto fui pedir ajuda as prof. Talvez foi fora de ordem ... deveria ter sido ao contrário.

PESQUISADOR - Vc falou que os professores ainda não tem um espaço institucionalizado uma coisa firmada para este tipo de interação. Que sugestões vc nos dá para criar este espaço. Como vc imagina como este espaço pode acontecer. Claro que não estamos falando do espaço físico mas não podemos descartar a idéia de que se ter o espaço físico também que favorece o espaço de diálogo.

ENTREVISTADO - Para as coisas serem bem executadas elas devem ser bem planejadas acredito que aquelas semanas de reuniões pedagógicas que agente sempre faz aqui no Instituto, seria um momento talvez ideal pra se discutir estes projetos pelo menos para se lançar os fundamentos para o ano todo. Minha disciplina é essa a sua aquela durante o ano agente já pode pensar onde uma coisa encaixa com a outra. Vai depender da visão que prof. já tem eu tenho 18 anos nessa estrada. Então eu sei onde pode encaixar talvez um professor mais novato tivesse pouquinho de dificuldade. Mas é hora de integrar realmente poderíamos pegar um professor mais experiente com um menos experiente, sentar juntos e fazer um planejamento anual, acho que seria ...não já todo detalhado mas pelo menos pontual. Olha é aqui aqui... nos poderíamos caminhar juntos professor de matemática com o de física são áreas afins. Professor da área técnica do médio. Acho que este momento seria interessante. ...e depois de feito esse pontuar de pontuadas estas coisas os professores não precisariam tanto de uma estrutura muito presa já sabendo que eu vou trabalhar com vc agente conversar no intervalo .. num momento.. combina vamos nós dois sentar depois abre espaço ... importante uma primeira conversa sobre isso...pelo menos semestral começo de semestres uma coisa em que todos estejam participando e direcionados pra isso que não adianta fazer reunião e não direcionar, não vai surtir este efeito, acredito.

PESQUISADOR - Bom agente tem uma organização institucional toda escola tem, na verdade não vamos fazer uma avaliação da nossa organização institucional. Nós vamos dar sugestões, apesar de que quando se sugerir de alguma maneira se valia. Qual é sua sugestão, em termos de organização institucional pensando na possibilidade de melhorar esta integração entre as disciplinas, áreas e professores.

ENTREVISTADO - Ai é mais ou menos a idéia que eu tenho é um pouco de repetir vc conseguiu por alguns momentos reunir os professor com essa finalidade e direcionar isso agente tem as pedagogas vocês da área do setor pedagógico direcionar ou induzir pelo menos a princípio acho que essa seria essa a palavra pra induzir par que acontecesse essa integração, ela é positiva, benéfica, interessante mas se ela não for provocada pelo menos a princípio, acho que é o caso nós não temos o hábito de discutir, sentar conversar, ver as coisas onde podem se encaixar, cada um levar sua disciplina da maneira como acha mais conveniente e isoladamente. Então acho que a sugestão é essa que nós . Tenhamos alguns reuniões em que se faça induzir, incutir esta preocupação na cabeça dos professores.

PESQUISADOR – Você está me dando uma idéia de que é o grupo equipe pedagógico mediante essa integração é isso?

ENTREVISTADO - Exatamente, pelo menos a princípio eu acho que se isso se a idéia pega isso depois vai acontecendo com naturalidade mas nós não temos este hábito então a princípio deve ser até mesmo meio forçado mesmo vamos fazer o que tem que ser feito vamos ver o que sai daí. Vão surgir idéias desta maneira mediadas pela equipe pedagógica.

PESQUISADOR - Agente tem grupos que se envolvem em torno da aprendizagem e do ensino. O GRUPO DE

PROFESSORES, GESTORES E a equipe pedagógica que vc colocou pode estar mediando esta integração? Como vc vê a gestão o que seria função da gestão para favorecer a integração deixando de pensar um pouquinho nos pedagogos o que seria papel desta gestão para favorecer a integração?

ENTREVISTADO – Em termos de gestão mais que os pedagogos a palavras do gestor do coordenador do curso, mais que a palavra dos pedagogos acho que seria interessante que os próprios gestores vendessem essa idéia...que existe aquela eterna luta entre professores e pedagogos (não sei se vc foi informada dela rsrsrs) ela deveria transcender a fala dos pedagogos e gestores falarem o negócio funciona assim, é interessante que acho que não seria necessário baixar uma regra uma portaria mas que ele vestisse a camisa e vendesse essa idéia constantemente, por na escola as coisas são repetitivas por que tem coisas que se perdem no processo a idéia tinha que ser abraçada, vendida, difundida, repetida até que ela acontecesse.

PESQUISADOR – então eu não to no caminho errado???

ENTREVISTADO – Na verdade nós temos algumas legislações o decreto 5.154 que sugere a obrigação do currículo integrado apesar que ele não deixa claro formas, alternativas, caminhos pra isso, talvez inclusive por respeitar a autonomia da escola, dos próprios professores da comunidade que vive nesta escola. Mas me diga eu sou uma pessoa envolvida no currículo integrado com esta idéia d que os professores devem conversar ter esses momentos e concordo também que a equipe pedagógica e a mediadora para isso como atingir e seduzir essa gestão

ENTREVISTADO

É um trabalho de formiguinha e talvez mostrando resultados mostrando algo que foi feito que sutil resultados pedindo um espaço no caso a equipe pedagógica o quem acredita na idéia pedindo um espaço por exemplo essa lei que você cita ela pouco conhecida eu vim saber quando você me mandou seu documento que existia a lei eu fui abrir ler e tal então eu acho que pra convencer os descrentes agente tem que mostrar que e uma idéia que vem de nível superior não e idéia que agente vive muito em educação aquela questão do modismo ne eu passei no estado por vários modismos escola sagarana escola não sei o que vários projetos que vem fica um tempo vai e você não sabe o resultado daquilo então mostrar que a integração de currículo ela existe por legislação a uma exigência e os resultados são espetaculares ne você pega um conteúdo via de regra entra e sai sem saber pra que ele funciona como foi o caso do logaritmo e de repente o próprio aluno admite que o conteúdo e extremamente importante na área técnica dele então eu acho que o caminho e bater nessas duas coisas primeiro mostrar a legislação mostrar a necessidade e mostrar que existe ganhos por parte do aluno por parte do professor a instituição como um todo eu acho que seria por ai

PESQUISADOR

Olha so agente esta passando por uma serie de transformações desde 2008 com o advento do instituto federal essas transformações elas vem do mérito vem da reitoria e vem também da decisão dos gestores locais e que vão pontuando vamos fazer assim dessa maneira aparte de agora então essas mudanças da idéia que nos deveríamos nos tornar instituto pensando nessas transformações o que você acha que foi um beneficio ou que você acha que foi prejuízo pra integração

ENTREVISTADO

Olha eu vejo num sei exclusivamente mas benefícios eu vejo na grande maioria benefícios a idéia da verticalização que surgiu que e uma das idéias que são vendidas pelos gestores pelos diretores ela aguça o aluno do ensino médio técnico a buscar um conhecimento mais profundo naquela área eu tive alunos La que invés de ir no professor da área técnica ele foi no graduando da área dele ele foi atrás do engenheiro florestal então a transformação em institutos essa abertura de cursos dentro de uma mesma linha a escola tem essa vertente para área agricula então dentro dessa mesma linha foram criados cursos de nível superior então isso foi extremamente importante uma coisa que eu acredito que vai ser extremamente proveitosa pensando da mesma forma e a criação de um superior na área de computação porque eu vejo os meninos na área técnica de informática ainda sem

referencias o menino técnico agropecuária ele tá se vendo no engenheiro florestal no médico veterinário então essas referencias são extremamente importantes nesse sentido a transformação em instituto foi benéfico a integração porque Lá em cima no ensino superior e que os conteúdos começam na mesma casa você tem Lá você ensina a mesma matéria no ensino superior so que ele tá aplicando isso no curso de graduação aí essa coisa começa a respingar no ensino médio da mesma forma eu vou explicar as coisas no ensino médio básico mas e por causa de necessidades na área técnica isso gera integração e o que acontece muito no ensino superior se eu não estudo nem uma matéria no ensino superior que não seja aplicável você está num curso veterinária você não vai aprender direito criminal você vai aprender as coisas que vão te ajudar no curso de veterinária então essa idéia ela tem que ser transmitida pro médico tem

PESQUISADOR

Olha só as vezes eu converso com pessoas que não são necessariamente da escola e as vezes inclusive com os da escola outro dia desse eu ouvir de alguém da comunidade escolar eu achava interessante que o professor cumprisse as 40 horas dentro da escola agrotécnica como os populares as pessoas mais afastas da escola dizem isso pra mim e importante porque parece que os alunos aprendem mais e melhor dizia a pessoa essa e uma mudança que veio a partir do instituto federal não sei se necessariamente em função do instituto mais veio com datas próximas como que você vê isso essa mudança ela tem problemas ela não tem problemas.

ENTREVISTADO

E a obrigatoriedade de estar aqui com certeza faz com que a pessoa tenha que ocupar seu tempo de alguma forma so que eu não via e eu peguei essa transição eu entrei com carga horária de 40 horas eu não vi exatamente o professor interagindo com os alunos se e essa reclamação que está sendo levantada eu não via o professor aproveitando esse tempo exatamente pra interagir com seus alunos pra provocar integração de currículo o professor ficava aqui preparava sua aula isolado numa sala de professores e os alunos ficavam pra Lá não existia essa integração abrindo o horário de trabalho o professor não vai estar aqui mais ele se houver nos professores o comprometimento ele substitui a obrigatoriedade da presença então se eu tenho um comprometimento de trabalhar com meus alunos alguma questão eu vou marcar um horário extra eu vou vir eu vou combinar com eles porque eu estou a disposição da escola pensando naqueles que tem dedicação exclusiva eu tenho eu substituo essa obrigatoriedade pelo processo de comprometimento dos professores eu acho que isso é suficiente não vejo que houve prejuízo a integralização de currículos o que Lá fazia aqui não era isso

PESQUISADOR

Então o espaço que você falou mas uma vez não se refere ao espaço físico e o tempo necessariamente esse tempo do relógio

ENTREVISTADO

Não é tempo obrigatório e tal mas quando agente fala de ter um espaço e ter um tempo e mais essa idéia conseguir seduzir os outros o espaço e o tempo seria usado pra isso pra motivar os outros a aderir a idéia agora se ele tá aqui 40 horas enclausurado o se ele tá na casa dele ou se ele vai marcar isso na escola fora da escola não vejo que a problema nisso não é problema e conseguir vender a idéia conseguir provocar isso nos professores iniciar né

PESQUISADOR

Quando vínhamos pra Ca eu ouvir uma outra dica de integralização que pode ser integralização que você conversava a respeito da monitoria dos alunos de licenciatura, fala um pouquinho?

ENTREVISTADO

É ainda não é uma monitoria no sentido que está se estruturando com o PIBID onde o aluno de licenciatura vai vir na escola e ter um tempo e abraça os alunos do ensino médio nesse sentido o que aconteceu foi uma coincidência de ementas o que eu tô trabalhando com minha turma de licenciados em matemática conteúdo de álgebra, álgebra linear caso com o professor de ensino médio da matemática do terceiro ano e a mesma pessoa por isso que coso tão bem que não precisou fazer reunião infelizmente agente não pode esperar que só isso baste foi uma coincidência mais não vai acontecer sempre por isso a necessidade de espaço de conversa de vender o peixe e tal porque esse fosse dois professores diferentes isso nunca aconteceria nas atuais circunstâncias mas foi uma experiência muito boa eu terminei a matéria com os licenciados do curso noturno e os convidei para dar o

mesmo conteúdo no ensino médio técnico no sentido de uma aula de revisão eu apresentei o conteúdo no ensino médio são 3 conteúdos matriz ,determinantes ,e sistemas lineares e o superior fez também os 3 conteúdos La na licenciatura a minha carga horária La e 3 pra uma são três aulas teóricas pra uma aula pratica de informação então isso esta La e uma obrigatoriedade minha La na licenciatura provocar um quarto da carga horário provocar praticas de informação dos licenciandos ai eu casei a fome com a vontade de comer qual seria uma das praticas de informação indo numa turma real dar aula pra uma turma real então primeiro eles fizeram um projeto entre eles deram aulas uns pro outros eu dividi em 3 grupos cada grupo deu aula pro restante da sala desse conteúdos e agora um grupo por vez vai visitar o ensino médio num dia que eu vou determinar depois que eu terminei matrizes que o primeiro conteúdo então um grupo de matrizes vem agora e vai dar uma aula pra turma do médio isso a um ganho excelente tanto para os licenciandos eles estão se sentindo valorizados estimulados eles estão tremendo suando estudando a beça eles falam comigo o primeiro que já apresento eu passei a noite dando aula pra mim mesmo na minha cabeça mesmo pra mim preparar pra enfrentar a turma então pros licenciandos tem sido muito bom tem sido bom pra mim porque eu estou cumprindo a minha carga horária realmente com uma pratica de formação que eu considero extremamente valida foi discutida essa pratica de formação com a equipe de supervisão no caso foi com uma das pedagogas essa eu fiz certinho porque eu planejei antes e discutir antes de executar e foi bom pro meninos do médio pelo menos o primeiro grupo que foi eles deram uma aula de revisão e no outro dia era avaliação os temas da revisão automaticamente caíram na avaliação e foram a nota foi ate boa o rendimento da turma foi muito bom inclusive alunos com deficiências em provas anteriores e depois qualquer coisa você deleta o João que e um aluno da turma 3 ano 1 que vinha com tirando código binário 0,1,0,1,0,0,0, ele conseguiu 50% da nota então o crescimento significativo e ele foi um dos que interagiu com os licenciandos a aula de revisão ele foi pro quadro tentou fazer o que elas estavam propondo e na prova ele repetiu o que ele conseguiu aprender então pela primeira etapa vão ter mais duas etapas essa primeira etapa eu estou satisfeito com o resultado

PESQUISADOR

Olha você acabou de me dar uma pista daquilo que você andou falando antes que a equipe pedagógica teria que ser mediadora você falou que essa necessidade de vender o peixe e importante então digamos que a pessoa da pedagoga nesse caso ai ajudou fez alguma mediação digamos assim

ENTREVISTADO

ajudou demais porque existia uma duvida quanto os meninos da licenciatura estariam prontos ou não para encarar uma turma do ensino médio uma turma real porque eles não tão ainda em hora de fazer estagio o estagio vai vir no sexto período então minha duvida meu medo de queimarem os alunos então quando eu procurei vanucia eu fui com essa questão eu estou pensando em fazer isso que você acha sobre isso pedagogicamente falando você acha correto você não acha que eu vou queimar esses alunos então ela pontuou algumas coisas que eu utilizei uma das coisas ela falo que considerava a idéia boa mais que eu corria o risco de ser uma aula morta que ela disse que seria uma aula morta uma aula que não surtisse efeito nenhum nem os alunos aprenderiam nada porque os licenciandos ainda não estavam prontos nem os licenciandos conseguiriam desenvolver nada então eu deveria estar dentro da minha programação essa aula deveria ser uma aula que não me fizesse falta era um teste não poderia ser uma aula crucial que dependo dessa aula pra fechar meu conteúdo ou dependo dessa aula pra avaliação eu já tinha explicado o conteúdo todo já tinha feito exercício então eu seguir a orientação da pedagoga eu levei os licenciandos numa hora em que funcionando ou não faria tanto diferença no resultado dos alunos do médio o que viesse seria lucro exatamente então foi uma das orientações que ela me deu que eu acho que foi extremamente importante e a outra foi essa opinião técnica dela de que apesar de eles não estarem na época de estagio que essa pratica de formação seria benéfica porque ela não via problemas em executar então eu peguei a informação dela e levei pro coordenador do nosso curso que e o professor e com a pedagoga conversei com ela tem essa opinião então foi uma coisa conversada com a coordenação do curso com a área pedagógica acho que ficou bem embasado pra você não assumir uma responsabilidade dessa sozinho você faz uma coisa que e inédita pra você ai o negocio desanda ai divide as contas e os sucessos.

PESQUISADOR

E se agente bem pensar a equipe pedagógica esta ai pra dividir essas responsabilidades mesmo professor agente conversou e eu sei que você trabalha num projeto que envolve as TICs tecnologias em informação dentro da pratica de educar de ensinar e agente estava falando desse espaço desse tempo pra integração que não e esse espaço e esse tempo cronológico e físico que pode ser útil e eu estou pensando aqui que talvez agente não tenha uma resposta pronta pra isso agora mais e um debate que eu gostaria que agente pensasse as tecnologias elas podem assistir nessa integração que transcende o tempo cronológico e espaço físico no que se refere aos professores será que agente pode conseguir isso

ENTREVISTADO

Quanto aos professores de toda forma acredito que sim a um problema em que nos não temos o hábito de novo entra na questão do hábito o instituto tem um sistema de comunicação um chat que eu nunca usei e desconheço alguém que use mas seria uma ferramenta excelente a qualquer hora qualquer tempo vamos marcar em vez de reunir num espaço físico num horário determinado vamos você senta no seu computador eu sento no meu vamos discutir isso aqui vamos trocar essas idéias pra começar estruturar essa integralização de currículo então acho que como as coisas ainda tudo e muito novo dentro do instituto essa ferramenta por exemplo ainda não esta sendo utilizada deveria ser utilizada aí entra volta o gestores deveriam incentivar os pedagogos deveriam incentivar deveriam mostrar a importância da uma cutucada pra vê se como carro antigo que funciona no tranco algumas coisas tem que ser assim e repetir e uma das formas de conseguir água mole em pedra dura.

PESQUISADOR Professor a idéia da minha pesquisa eu nunca quis que fosse um trabalho pra eu conseguir x a mais % no meu salário

ENTREVISTADO certo

PESQUISADOR

O dinheiro é muito importante pra mim também mais eu queria que fosse um instrumento valioso importante digamos que contribui realmente com aquilo que eu estava estudando e por conta disso a idéia da dicertação e que nela esteja as vozes das pessoas envolvidas por isso as pesquisas com professores com a gestao agora a entrevista toda com os setores da escola pensando que cada um tenha participação nisso direta indireta mais ou menos próximo do aluno mais que temos o meu desejo e que realmente seja lida se não toda um pedacinho mais pra contribuir se La não estiver a solução e eu acredito que não terá mas que as pessoas pensem puxa aquela palavrinha que esta La me fez pensa o que eu acho que as pessoas mesmo os professores os alunos os gestores os tecnos todos que vão me contar essa soluções digamos que a pesquisa so vai reunir aquilo que tava na cabeça de cada um então a minha proposta e depois de pronta eu queria merecer a leitura suas.

ENTREVISTADO - Com certeza

PESQUISADOR

E no mais eu lhe agradeço muitíssimo eu espero que eu tenha esse cuidado e consiga fazer essas fozes aparecerem dignamente sem nenhum diz respeito eu lhe agradeço pela colaboração valiosíssima

ENTREVISTADO

Você já pode contar como um ganho porque quando eu fiz esse projeto essa pratica dos meninos do técnico procurarem seus professores me veio na mente seu projeto eu já tinha ouvido então quando você ouve igual você esta falando a existe isso e uma necessidade e uma possibilidade só de você esta levantando o tema você consegue talvez não a débitos totais a sua idéia mas as pessoas que vão da maneira deles trilharem aquele caminho e o que deu certo pra mim não vai dar certo pro outro mas ele pode procurar uma outra forma so de você esta levantando o tema eu acho que já e extremamente importante ainda mais com essa aparado todo colocando tudo que e feito hora que pessoa enxergar tudo que e feito eu acho que ele vai encontrar seu próprio caminho e vai pó em pratica eu acho muito bom a sua idéia

PESQUISADOR

Então muito obrigada boa sorte no seu trabalho

SERVIDOR 1

PESQUISADOR: Vou conversar agora com ENTREVISTADO que é Técnico Administrativo da nossa escola e ele vai falar para nós o que a função dele. A primeira idéia que a gente vai discutir é justamente isso, qual é sua função, qual é a formação que você tem para executar sua função e á quanto tempo você está na escola.

ENTREVISTADO: A minha função é assistente de aluno, a função exige formação de ensino médio, mas eu tenho graduação em história, licenciatura em história e mestrado em desenvolvimento regional e meio ambiente que uma formação adquirida posterior ao cargo que eu desenvolvo essa função, sobre tempo de trabalho tem 16 anos nesta função desde 1995 que eu estou na instituição.

PESQUISADOR: E o que é que você faz

ENTREVISTADO: Eu sou assistente de aluno, para fazer acompanhamento do aluno fora da sala de aula, no espaço escolar que não seja na sala de aula como o próprio nome já diz, assistir as necessidades que ele apresenta fora do espaço da sala de aula, atendimento médio, orientar com relação ao comportamento, princípios de higiene, em fim intermediar conflitos entre os alunos, basicamente essa é a função do assistente de aluno.

PESQUISADOR: ENTREVISTADO, nossa pesquisa na verdade tenta entender como que é, e como se dá nas escolas, como se dá esse curriculum integrado. Para você faça uma definição, fique muito a vontade para isso de curriculum se você quiser estender para curriculum sem problema.

ENTREVISTADO: Eu acho que tenho uma certa limitação para definir curriculum integrado, talvez até curriculum, talvez com o tempo que a gente estudou, que eu estudei essa definição, por não trabalhar especificamente com o tema, mas pelo que vem a mente, curriculum é uma proposta pedagógica né, pretensão de trabalho pedagógico de uma entidade ou de uma instituição que normalmente tende a atender um perfil dos profissionais que elaboram esse curriculum, essa proposta, um pensamento é enfim uma tendência pedagógica de acordo com os profissionais, de acordo com a formação e com o perfil dos profissionais que estão envolvidos na elaboração deste curriculum.

PESQUISADOR: Se entenderia curriculum integrado o que você entenderia por curriculum integrado.

ENTREVISTADO: Talvez curriculum seria, complementação de um curriculum de cunho tradicional de curriculum, proposta com mais alguma coisa que complemente ou associar ao tempo integrado, talvez seria.

PESQUISADOR: Olha só a sua função, como que você vê a sua função ao principal objetivo da instituição que é a educação.

ENTREVISTADO: Eu vejo minha função como uma parcela que complementa o processo de formação dos alunos. Exatamente seria aquela parte não didática propriamente mais de que muitas vezes nem é considerada dentro do curriculum, da proposta pedagógica da instituição. Essa participação às vezes até a gente percebe que não é enxergada como tal, como participante né, mas eu vejo que a contribuição do assistente de aluno é complementar ao que é trabalhado dentro da sala de aula, isso no desempenho das próprias funções do assistente de aluno, nas formação comportamental desses alunos, na orientação de respeito ao outro, ao diferente, da desigualdade, do gênero de cor, de preferência sexual que seja é mais voltado para essa parte de formação desses alunos.

PESQUISADOR: Você se sente envolvido naquilo que amplamente é definido como ensino.

ENTREVISTADO: Sim, dessa forma eu acho que eu considero que não só meu papel, mas como o dos demais colegas do cargo em si como importante que contribui. E tem essa parcela que talvez um diferencial da instituição por ter esse profissional que atua fora da sala de aula dando esse suporte, que a partir do momento que o aluno sai do acompanhamento do professor dentro da sala de aula ele passa a ter esse acompanhamento na construção do conhecimento que não é só esse didático, mas a formação complementar de ser humano para ser humano que eu acho que é nessa parte que o assistente de aluno e eu vejo essa função integrada nesse processo dessa forma.

PESQUISADOR: Olha só a escola tem vários setores; setores produtivos, administrativos setores de acompanhamento ao educando; pensa um pouquinho tenta distanciar um pouquinho do setor de acompanhamento ao educando, setor desse cuidado que você atua, pensa nos outros setores; você acha que esses outros setores também tem uma contribuição para esse ensino? Por ex: setores produtivos ou administrativos.

ENTREVISTADO: Eu vejo que sim é provável que cada profissional tenha uma visão diferente e provável que tem uns, em alguns setores da instituição, pessoas que entende que a participação do aluno no setor é presidencial por que não tem a visão da instituição como ensino, mas na verdade tudo que ta ali, tudo que funciona ali é em função ou processo de formação desses alunos, nós temos uma área de produção de comercialização, ela tem de ser utilizada e eu vejo que ela cumpre esse papel dessa formação, da complementação dessa formação do aluno, ele precisa saber que a produção tem aquela função o que é produzido de que forma aquilo acontece, da mesma forma o que é produzido e comercializado como é esse processo. Acaba se tornando um laboratório do que ele vai vivenciar quando sair da instituição e passar a exercer

a função de técnico, eu vejo os setores integrado dessa forma; de uma forma sistêmica onde todas as partes estavam contribuindo para essa formação.

PESQUISADOR: Você acha que é o que acontece? Na nossa escola?

ENTREVISTADO: Infelizmente eu não percebo de forma sistemática e como eu coloquei anteriormente alguns colegas considera a presença destes alunos prejudicial para o setor, ao meu entender que só existe aquele setor em função do processo de formação desses alunos, que deveria está funcionando como laboratório, talvez essa parte aí seja falho por causa disso; agroindústria por ex: ela tem que ter uma produção, mas o proprietário aqui é que aquela produção esteja exercendo o papel pedagógico, de formação dos nossos técnicos em agroindústria, muitas vezes a gente percebe que a produção, trabalhar o valor daquele produto é muito mais importante que a formação pedagógica, tanto é que em algumas ocasiões a gente percebe comentários que tal produção não está sendo possível por que está dando prejuízo, mas isso é inconcebível, pois o lucro já tá definido, por quê? Por que como laboratório ela vai exercer a função que é de formação dos nossos alunos.

PESQUISADOR: Então esse seria o lucro

ENTREVISTADO: Sim, esse seria o lucro, já não existe prejuízo, o que vir a mais disso aí é um complemento é um lucro excedente, se todo que for gasto não tiver retorno e comunicante financeiramente, mas tiver cumprido a função pedagógica, o aluno passou pelo processo entendeu como desenvolve e for importante para ele, no meu entendimento já tá atendido o que se propõe.

PESQUISADOR: Olha só, você falou que os setores têm uma função que é pedagógica que embora sejam setores de produção, nesse sentido será que, nós podemos entender que os setores de gestão, administrativos também podem ter uma função pedagógica.

ENTREVISTADO: Gestão, seria o que?

PESQUISADOR: Normalmente numa gestão escola, ela tem uma gestão escolar e uma gestão administrativa de organização, você pensa que esses setores de gestão pedagógica e administrativa eles podem ter um cunho pedagógico? Eles podem ensinar?

ENTREVISTADO: Sim

PESQUISADOR: E o que eles ensinariam?

ENTREVISTADO: Por exemplo, o pedagógico ele está em função disso aí, só a própria existência dele, ele vai dar o suporte para todo o sistema, acho que tudo que funciona do diretor até a sala de aula, o faxineiro tudo está em função de ensinar e ensinaria talvez não diretamente com o aluno, mas mediante a participação com o suporte, para com o suporte para o professor dentro da sala de aula, com outros recursos didáticos, projetos pedagógicos, dessa forma que eu imagino a participação do administrativo contribuindo para formação do aluno diretamente, mas ela tem a sua função e tem o seu papel no processo.

PESQUISADOR: E quando você saiu, eu fiquei namorando a biblioteca, achei um monte de livros cada um mais interessante que o outro, um autor ele diz assim: que a escola tem ações que não são pedagógicas, mas que funcionam pedagogicamente por que essas ações ensinam as pessoas. E aí ele chega a dizer o seguinte que é nesse sentido que a escola é uma produção por que se a escola ensinar ao aluno a manter-se inerte dentro da escola a não participar, fatalmente lá fora ele na sociedade ele não participa, nesse sentido será que a gestão pode nos ensinar? Pode ensinar para esses alunos?

ENTREVISTADO: Pesquisador, eu vejo não só dessa forma, não só esses setores específicos que esses autores mencionam, mas a escola em si de modo geral ela pode ter essa função, ter esse papel, eu vejo sim essa participação essa, postura essa indução de comportamento, a possibilidade sim disso acontecer. Determinado segmento de influência da escola pensa de uma forma e determina que o pensamento dos alunos sejam dessa forma eu vejo que isso pode acontecer.

PESQUISADOR: Você tá perto dos alunos e uma posição, por exemplo, nós na pedagogia, nós ter uma posição incisiva, quanto o aluno é chamando para ir a supervisão ele já vai temeroso é a minha prática é a minha experiência lá, como você talvez isso não seja tão comum porque na verdade você é um assistente, você é alguém em que dá ali, talvez a sua função tenha cunho mais próximo de afetividade com o aluno. Os alunos manifestam esse envolvimento maior com a escola com a gestão por exemplo eles, percebem.

ENTREVISTADO: Não é possível identificar pela convivência que tenho não possível identificar essa aproximação não, muito pelo contrario, percebe-se um distanciamento, um afastamento. Tanto pé que os problemas dos alunos que deveria ser resolvido, pela gesta pela administração da escola de um modo geral agente percebe que ta sempre preterido que existe uma reclamação em demasia dos alunos pela demora do atendimento as reedificações que na maioria das vezes são reclamações juntas, e ai que agente pode medir o distanciamento da administração desta gestão com relação ao atendimento as reivindicações dos alunos.

PESQUISADOR: Se na há essa relação provavelmente não há esse ensino ou o ensino é inverso.

ENTREVISTADO: Exatamente, se há esse distanciamento, se não há essa aproximação não há a influencia, se existe uma proposta de influencia agente percebe que positivamente não há essa influencia, talvez exista uma influencia negativa, porque a partir do momento que nós colocamos para o aluno que se ele fizer uma reivindicação ele vai demorar ser atendido e que é normal que / demore de 30 a 60 dias para que ele seja atendido talvez ele vai entender que esse procedimento é um procedimento que terá que assimilar e reproduzir quanto solicitado ou cobrado pela sociedade, reclamado de uma responsabilidade dele que terá um tempo também, da mesma forma ou não terá responder prontamente quanto muitas vezes tem a necessidade de uma resposta imediata.

PESQUISADOR: Ou pior mediante uma situação ele pode ser punido, pois ele vai reproduzir de uma forma você vê assim?

ENTREVISTADO: Pode ser. Pode buscar outro mecanismo né, pra que seja atendida a solicitação dele.

PESQUISADOR: Olha só agente uma organização institucional, como toda escola instituição, essa organização tem pessoas que represente, mas mais de que ter pessoa ela tem uma ta imbuída de uma maneira de agir, agente tem pro exemplo um diretor se agente uma coordenador em cada setor é sim que nos temos que passar pro essa coordenação e ela tem que ser de tal maneira então se existe a coordenação x e porque o x pode ser tratado da maneira como agente ta organizada. Você acha que isso pode ser melhor organizado ou que sugestão você tem, sempre pensando mim ensino de melhor qualidade.

ENTREVISTADO: Eu vejo que a tendência da escola a acentuar a necessidade uma interação maior das coordenadorias ao meu ver a tendência é se isolar e a escola muitas vezes não tem condições de funcionar isolado de modo a cada um resolver seu problema sem verificar as outras situações cada uma pensa de um jeito. Eu vejo que a organização é equivocada de forma que ela não contribui em função disso ai desta separação, deste corte, talvez nem movimente uma interação maior destas coordenações talvez seria uma foram de colaborar e talvez contribuir para que os resultados fossem mais produtivos.

PESQUISADOR: E pensando nas mudanças, você está lá ha mais tempo, você sabe como era a escola agrotécnica e agora instituto, que você aponta com positivo, como negativo, que balanço você faz?

ENTREVISTADO: Eu vejo para região de modo geral ela foi positiva, só que para algumas questões acho que a escola não amadureceu ainda, em termo de estrutura de organização, acho que algumas questões ainda precisa ser melhor definida. Temos ensino médio de nível técnico e de nível superior, são perfis diferentes, pessoas com formação e pessoas em formação, essa questão acho que é preocupante. Há necessidade da interação das coordenações do envolvimento com as pessoas que estão envolvidas com problemas e a discussão dos problemas. Agora essa questão do ensino superior com o ensino, por se tratar de pessoas que se pressupõe já formadas que passou por essa faze de formação, eu vejo que a escola precisa pensar, tanto com relação a festas organização de orientação até mesmo pelo próprio alunos, eu vejo dessa forma.

PESQUISADOR: Você ta a bastante tempo agora eu queria que pensando que todas as pessoas da escola poderia lhe ouvir poderia escutar essa mensagem que você lhe pedir, e pensando que nessa mensagem você poderia falar de coisas que poderiam melhorar toda dinâmica da escola. Que mensagem você deixa para nós.

ENTREVISTADO: Para resolver um problema assim com receita pronta seria um milagre né, porque é muita mais complexa a problemática. O que eu vejo é que é um pegado da nossa instituição hoje, é a falta da interação de participação de pessoas com potencial, da oportunidade destas pessoas de colaborar a contribuir com considerados em detrimento da competência da capacidade o que eu vi para a instituição e a democracia, a prática mais democrática, de valores abril, interesses memores estejam, para atender uma necessidade uma reivindicação maior , que o principal propositos da instituição que é o ensino eu acho que o aluno em todas as instancia tem que ser pensado como faço principal e tudo que existe na escola, como coloquei no inicio da faxineiro ao diretor deve está em prol do aluno e todos os setores tem que pensar desta forma. Em prol do aluno,

não porque eu acho que é importante para mim a determinada pessoa está em determinado lugar, mas antes disso pensar que é uma instituição de ensino e que tudo tem que funcionar em função disso pensar que é uma instituição de ensino e que tudo tem que funcionar em função disso ai, todo está a serviço do aluno, todos nós], todos servidores contratados na instituição independente da função que ele desenvolver ele é um educador e eu acho que a escola tem que ser pensado desta forma. Todo o processo, o currículo, projeto político pedagógico, tudo tem que ser pensado dessa forma, porque é mais fácil trabalhar, vai dar menos trabalho, e mais apropriado para o processo de formação do aluno. Que venha contribuir, para a construção desse conhecimento de fato eu penso que tem que ser dessa forma. Ser existe uma proposta que tenha essa visão que considere, todo processo que tem que ser trabalhado tem que direcionar para esse fim eu acho que essa pessoa vai atender que seja dirigente que seja coordenador, se ele pensar dessa forma eu acho que o propósito da escola a política, a missão da escola poderá ser atendida assim eu penso.

SERVIDOR 2

PESQUISADOR Oi agora eu vou conversar com uma servidora que tem um setor que é bem próximo do aluno e a primeira questão que agente vai discutir é justamente isso qual que é sua função o que faz como que isso

ENTREVISTADO Você quer saberá minha função que eu to exercendo agora ou a minha função na escola

PESQUISADOR Você pode falar das duas coisas porque normalmente isso é pensado um caminho que você passou pela escola

ENTREVISTADO Eu sou assistente na iniciação eu sou do quadro administrativo da escola e hoje eu to ocupando a função de coordenação geral desse ensino estudantil.

PESQUISADOR Qual que esse seu trabalho como que é isso

ENTREVISTADO E se relacionar com os alunos né que assistência dos alunos em modo geral na verdade nesse termo de assistir o aluno na instituição e de modo especial aqui são todos os alunos na instituição mais de um modo especial aqueles alunos que moram na opção residência e serem residência que são os que moram dentro da instituição passam o dia aqui na instituição

PESQUISADOR O que você faz pra exercer a função

ENTREVISTADO As ações que o instituto desenvolve aqui nós temos que é a moradia alimentação que são que são acentos de mais peso que o que agente as ações principais que na verdade para os alunos de fora que não são de salinas os que vem estudar aqui eles vem e pra manter na instituição e por conta da casa seria alojamento e alimentação principalmente né porque se não estariam estudando aqui

PESQUISADOR Então permanece aqui na escola e isso

ENTREVISTADO Se agente fizer uma pesquisa entre eles 98% não estaria aqui se não tivesse essas duas ações mas aí além dessas ações né a assistência agente tem serviço de psicólogo de nutricionista de assistente sócia

PESQUISADOR o atendimento odontológico.

ENTREVISTADO Odontológico sou assistente dos alunos faz parte também do setor o refeitório a cozinha e a padaria que também faz parte

PESQUISADOR Então essa são realmente ações decisivas para esses meninos?!

ENTREVISTADO Sim com certeza muitos dependem disso.

PESQUISADOR E qual que é a sua formação? Agente é inclusive... essa foi uma fala de um dos servidores daqui e um outro servidor que não era professor que me disse assim olha agente não forma só na escola né então qual que é a sua formação incluída de escola também

ENTREVISTADO E minha formação é magistério nível segundo grau eu não tenho formação superior por enquanto e é magistério mesmo a formação minha e essa é o mais fiquei sabida aqui na instituição mesmo e eu to aqui a 26 anos na instituição

PESQUISADOR Eu ia te perguntar isso

ENTREVISTADO Esse ano eu faço 27 anos que eu to aqui setembro agora se deus quiser e sempre atuei nessa área mais ligada ao aluno eu não sei não e desviar da minha função porque eu sou assistente da iniciação eu posso assistir em qualquer área aqui mais sempre trabalhei nesse tempo todo trabalhei na secretaria escolar depois trabalhei fases no ensino principal da escola e depois quando eu tava sendo transferida pela primeira vez ai eles me chamou pra ir pro CIEC que era uma coordenação sempre preocupada com o professor também e que depois ele me chamou me colocou no administrativo la eu tive no cargo por 4 anos mais e foi quando ele me chamou pra vir pra cá.

PESQUISADOR Esse tempo aqui quanto tempo

ENTREVISTADO Vai fazer 4 anos em dezembro agora finaliza

PESQUISADOR Olha a minha primeira pergunta mais direta sobre o meu tema não e pra assustar pelo contrario porque na verdade eu não posso esperar que um zootecnista faça a definição do currículo que a semelhança o que e feito por um pedagogo são áreas diferentes mas eu também não posso esperar que um zootecnista não saiba fazer essa descrição porque ele sabe e eu tive definições assim fantásticas conversando com pessoas não so daqui da escola mas conversando com pessoas que tem quarta serie que tem terceira serie que tem quinta serie e fizeram definições apartir da vida deles da experiência deles porque que eu to te dizendo isso porque que na verdade eu comecei a falar com você que alguém me disse que a formação não so se adquire so na escola e realmente digamos que esses 26 anos 27 anos seus de conhecimento da escola eu não posso dizer que alguém que acabou de se formar em pedagogia que veio pra cá agora que essa pessoa tem o conhecimento maior que o seu ao contrario talvez o conhecimento dela seja mais teórico e se isso tem la seu valor os seus 27 anos com certeza também tem então a idéia e essa pra você com a sua experiência escolar e não escolar o que você define como currículo

ENTREVISTADO Na instituição eu acho que a forma que a instituição define ne eu não sei nem te dizer direito porque o currículo eu sempre achei que o currículo escolar que deveria ser eu acho que o currículo escolar nosso aqui na instituição já e mais regional mais dentro da experiência dos alunos eu acho que o currículo e isso e a soma das disciplinas as matérias uns conhecimento que a escola quer transmitir pro alunos a equipe define como agrupar isso como vai ensinar isso eu acho que tem uma parte não sei muito conhecimento em currículo assim oficial mas eu acho que tem uma parte dele que e obrigatória pelo ministério da educação e tem essa outra parte que os educadores podem ta fazendo alterações adequando a cavidade cada tipo de escola ne de nível escolar

PESQUISADOR Mas na sua opinião você acha que esse currículo só acontece la dentro da sala de aula ou dentro da escola ou a pra outros cantos que pode

ENTREVISTADO Não eu acho que o currículo ele tem sobre agente e a idéia que todos também ta consciente disso porque as vezes os professores também acha que por exemplo ele ensina matemática que eu tenho que ensinar só matemática e que o resto ai e o outro professor eu acho que o currículo ele tinha que ter uma ligação todas as matérias por exemplo teria que ter uma interação uma com a outra essa responsabilidade de ensinar de educar eu acho que e de todo mundo não so dos professores no caso nosso aqui mais de todos nos que estamos aqui na instituição e que isso também deveria ser acho que ate um termo seu ai integrado mas integrado no sentido de essa participação de todos.

PESQUISADOR Pensando nesse termo que você usou ai que você disse que e meu e integrado que relação que você faz com seu trabalho em seu trabalho e o ensino propriamente como que você vê o seu trabalho mediaria de ensino ele interfere ou não interfere.

ENTREVISTADO Eu acho que interfere muito porque ne eu sempre uso aqui com os meninos as vezes parece que alguns ne outros outro dia um mesmo que veio me falar que ele não veio pra cá pra poder ficar lutando quadrática pra poder ficar fazendo essa outras coisas que ele veio pra estudar e eu costumo dizer a eles que não que eles vem pra cá não so para aprender português matemática mas aprender a ser cidadão ne e que faz parte não e so agente a pessoa pode ter uma formação escolar de doutor de mestre doutor na verdade a não ser uma pessoa que vai sobressair na sociedade que vai conseguir uma boa colocação profissional porque não basta so isso agente tem que ser um cidadão completo então não adiante eu ser boa demais em matemática mais eu não sei nem cuidar de mim direito acho que não, é importante por exemplo eu ter uma boa higiene ter uma saúde legal ter cuidado com minha saúde porque no futuro isso pode então eu acho que

PESQUISADOR Qual a reação deles sendo mais franca que você fala se opõe assim que esses alunos dizem

ENTREVISTADO Eu acho que é mais de repulsão porque eu observo o seguinte assim entre os adolescentes principalmente os que agente tem ligação que eles tão muito assim sabe de boa como eles dizem né mais assim eles não pensão muito no que está fazendo tudo quanto a eu fiz porque eu não pensei mas você tem razão realmente e dessa forma tem que ser assim mais agente é inconsequente agente não pensa nas consequências agente não tá pensando a minha mãe se preocupa a minha mãe fica chamando atenção mais eu acho que é a hora dos adolescentes começar a ter essa

PESQUISADOR Então assim nesse sentido que você colocou e essa limpeza de quarto esse cuidado é um currículo que a escola também oferece

ENTREVISTADO Sim é uma formação porque o menino que vem pra cá ele sabe que os que moram aqui dentro da instituição ele chega aqui como eu disse de uma forma e sai com outro pensamento porque

PESQUISADOR Com currículo diferente

ENTREVISTADO Diferente porque, por exemplo, tem muito aluno que aqui que na casa deles nunca arrumou a cama aí ele chega aqui ele tem que arrumar a cama ele tem que limpar uma vez por semana o quarto ele limpa na casa dele ele nunca fez isso na casa dele a mãe nunca ensinou e as vezes chega aqui que a hora do pessoal soltar absurdos não sabe e tem a maioria não sabe e em casa problemas de família também juntam os pais

PESQUISADOR Esse trabalho é com certeza você já deve ter pensado nisso teve ter contato com isso esse trabalho chega a ser um trabalho que prejudica os estudos na sua opinião você acha que é uma coisa que atrapalha

ENTREVISTADO Não muito pelo contrário eu acho que ajuda a pessoa eu acho que a pessoa organizada em todos os sentidos se ele é organizado né eu falo com a equipe se eles são organizados aqui no quarto dele com as coisas dele no armário isso e refletir lá na sala de aula se eles dormem bem se tá com o quarto limpinho pra você dormir num quarto limpinho cheirosinho banheiro limpo deu descarga tranquilo vai dormir mais cedo no outro dia o rendimento na sala de aula vai ser diferente aí vem o profissional aí mais fulano de tal tá dormindo aqui o que tá acontecendo no alojamento aí quando você chega aqui passou a noite fazendo bagunça você não sabe vai dormir tarde o quarto desarrumado bagunçado o lençol são coisas assim que se você não for lá de vez enquanto e dar uma olhada porque agente tem a coxa que põem por cima exatamente por ser duas coisas pra gente ter certeza que pelo menos toda semana troca a coxa mas o lençol se você não for lá de vez enquanto olha eles ficam com o lençol sujo aí meses eu acho que isso também interfere na aprendizagem que ele está na vida dele do modo geral

PESQUISADOR Aprender a conviver com o negócio sujo e aprender a não limpar também.

ENTREVISTADO E também pra amigo porque você é a pessoa que ele chega na sala que ele dormiu numa cama suja ou ele não dormiu direito porque o quarto tá todo sujo cheio de poeira ele fica espirando a cabeça dói influência.

PESQUISADOR Eu estou te perguntando isso porque eu tive em pelo menos em 4 escolas técnicas diferentes e a sempre um medo muito grande de colocar o adolescente pra fazer um determinado trabalho até nas aulas práticas e que algumas escolas chama de aula prática outras chama de aula de campo eles tem medo a um respeito de colocar o aluno pra fazer essa aula de campo porque isso pode ser confundido como trabalho porque ele é estudante não é literalmente remunerado e como você vê isso você acha que essas aulas práticas que os alunos tem partindo da experiência você em algum momento já deve ter tido contato com o professor ou os alunos e deve ter conversado sobre isso como que você vê essas aulas práticas aqui da escola

ENTREVISTADOR Olha hoje eu acho que antes quando eu cheguei aqui, por exemplo, as aulas práticas eram bem mais puxadas eram práticas mesmo você via eles no sol mais hoje parece uma coisa bem mais tranquila e eu não vejo essa parte que eu acho tudo tem que ser esclarecido eu acho que o aluno vem fazer um curso técnico ele tem que ter a prática porque se não ele não vai aprender só aprende a teoria e a prática

PESQUISADOR Você acha que essa mudança hoje mais leve né você acha que essa mudança foi bom ou ruim

ENTREVISTADO Eu acho que bom por um lado porque eu acho que também ser muito puxado ter muita atividade porque a escola nossa já é diferente o aluno quando ele vem pra cá ele tá acostumado a estudar uma parte do dia só aí chega aqui o nosso curso é integrado e o dia todo principalmente esses que tem mais nas práticas atividades que cansa então o aluno já chega e tem aquele choque com esse currículo que é maior com a

carga horária bem maior numero de disciplinas maior também porque tem aparte técnica além do médio tem o técnico então já e mais puxado agora eu acho que não atrapalha em nada essas aulas praticas

PESQUISADOR Então talvez por questão de quantidade mais de como explorar esse momentos

ENTREVISTADO E isso as práticas as atividades que eles fazem aqui no alojamento, por exemplo, isso ai também quando eles chegam eles já sabem por que a instituição hoje já tem 8 anos que a escola não cobra taxa nenhuma de aluno aqui nenhuma taxa cobrada a única coisa que e cobrada deles e que eles tem que fazer a limpeza do quarto e não e nem da área que eles usam todos não e do quarto onde ele moram o quarto e banheiro e isso e feito cada aluno faz uma vez por semana

PESQUISADOR então nesse sentido dessas colocações que você nos vez de ta orientando o aluno pra esses cuidados você se sente assim envolvida com o ensino?

ENTREVISTADO Muito

PESQUISADORE muito rrsrrsrrs

ENTREVISTADO Não e só assim e tudo que eu faço eu me envolvo muito e tudo e assim eu nunca pensei que ia trabalhar aqui ta com a faca e o queijo na mão agora assim e uma coisa difícil de passar então vamos lembrar que a vida já teve um excesso de oportunidade de ta organizando um setor que tava meio assim meio fora de controle muita reclamação que ta tudo bagunçado complicado mais assim as vezes eu me emociono assim porque eu falei eu não do conta porque eu me envolvo muito então assim as vezes eu vejo que eu preocupo mais com a situação deles as vezes por exemplo ta numa situação que por qualquer problema disciplinar que tiver eles vão perder o alojamento e eles continuam fazendo coisas que são coisas que são prejudiciais ai você vê um aluno que ta no terceiro ano e ele ainda não entendeu que ele não pode danificar um patrimônio publico que e uma coisa que ele ta usando aqui agora mais que vai vim tantos outros que vão usar nos temos alunos hoje aqui alojados que ta dormindo na mesma cama que o pai dormiu

PESQUISADOR Nossa que significativo

ENTREVISTADO Então assim esse espaço e muito importante e as vezes eu fico assim ate triste quando eu vejo abrir hoje um monte de campos e não ter alojamento porque isso e tirar oportunidades de pessoas de estudar tirar oportunidades de pessoas que não tem condições financeiras de freqüentar uma escola boa ter um ensino de qualidade igual agente tem aqui pouco mais que agente tem a propor que agente tem dificuldade mas essa instituição nossa aqui e uma

PESQUISADOR E uma benção

ENTREVISTADO E uma benção aqui na região e que forma um monte de pessoas pra vida mas isso agente sempre vai ter eu nem sei nem te dizer no popular isso chama de espírito de porco parece que

PESQUISADOR um espírito de destruição

ENTREVISTADO De destruição de desprezar de estragar e assim eu fico triste com essas coisas porque você fica lutando por uma coisa eu falo com eles aqui nossa parece que eu não to com alunos to sozinha lutando por uma coisa pra vocês mais vocês não tão valorizando porque já pensou se fecha um alojamento desse já ate falou disso aqui antes tempos atrás de diminuir vagas eu acho que e tirar de outras pessoas essa possibilidade você vê menino chegando aqui que chega no 1 ano aqui que ele nada nem um lençol e não tem condições de comprar aquele mínimo que a escola pede pra uma pessoa vim morar fora eu sinceramente gostaria achar uma formula de acertar isso ai

PESQUISADOR Primeiro você precisa saber que você tem uma contribuição imensa nisso você tem dado ana como eu to te dizendo e preciso que você entenda isso que você tem a sua contribuição e se ela não e reconhecida por todos ou dado momento eu acho que ter isso em mente e o suficiente

ENTREVISTADO Não pra mudar isso eu acho que não precisa de reconhecimento não eu acho que agente faz por eu só muito consciente da minha função eu sou servidora publica e eu acho que tem que fazer da melhor forma possível eu acho que ate falta isso nas pessoas ter essa consciência

PESQUISADOR Olha essa oportunidade de conversar com vocês e um momento da minha pesquisa mais e um momento que eu não consigo dissociar de mim da minha pessoa agora e minha vez de ficar emocionada ana porque quando eu quis ta aqui na escola eu quis porque eu via um lugar onde as pessoas poderiam crescer não to falando do profissional unicamente não onde as pessoas futuramente ate meus filhos onde meu marido teve estudando e que poderiam estudar e isso e uma fonte de transformação pra tudo pra toda região pras famílias pra tudo e ai eu vim fiquei um tempo como professora quando eu fui embora já como efetiva não mais como professora e a primeira oportunidade eu falei com ele eu quero voltar e eu quero voltar porque eu quero fazer parte desse crescimento eu penso que eu posso contribuir de alguma maneira para esse crescimento que pode ate inclusive o crescimento que vai auxiliar meus filhos minhas filhas na época eu já tinha duas no futuro e ele me respondeu não no que depender de mim agente vai poder trabalhar sim conforme as vagas que tiver ai quem sabe você vem sim vim to aqui quando eu pensei na pesquisa eu pensei meu deus eu não quero um trem que eu vou fazer um pacotinho que fique dentro de uma gaveta e que me de um titulo me faça um aumento generoso no salário e pronto eu não queria isso eu me lembro que conversando com alguns colegas me disseram assim eu não conheço a sua escola mais você sabe que isso vai ser trabalhoso que as vezes você vai deparar com frustrações que as pessoas podem não gosta eu falei gente eu sei disso mais eu to indo com muito respeito pelo trabalho das pessoas salvo os meus defeitos normais e as vezes a poxa vida mais fulano podia fazer diferente fala porque e desse jeito que eu penso que e reações no dia a dia o objetivo de vir conversar com cada um era em respeito com o trabalho de cada um me dizia assim poxa vida eu to vendo que você ta fazendo desse jeito mais será que o que eu to vendo e tudo será que inclusive a minha crise dizia assim podia ser assim não podia ser assado e tudo a melhor maneira alem de observar que eu to dentro da escola e eu observo e conversar com a pessoa e olhar olho no olho e as vezes se ater testemunhas das lagrimas então foi por isso quando você fala eu ate gostaria de alguém me dizer como fazer melhor e mais o objetivo da pesquisa e esse não que alguém vai te ditar e assim e assado não e por ai mais o objetivo da pesquisa e juntar todas as idéias todas as emoções de todo mundo e o sentimento e os desejos e colocar num papel e ai e depois de tudo pronto eu quero fazer isso e deus a de me dar forcas pra fazer isso que e dizer olho ta aqui fulano porque a pesquisa e resultado de tudo o que vocês me deram as palavras, as lagrimas que me falaram de todos os outros setores essa vai ser minha pesquisa se deus quiser inclusive dos alunos dos professores e eu inclusive quero conversar com alguns pais então nesse sentido a pesquisa talvez ajude a discutir não e dar uma solução pronta porque você sabe que e impossível então pensando nisso ainda você acha que esses setores nossos você acha que esses setores podem contribuir diretamente no ensino a sua visão você acha que tem contribuído

ENTREVISTADO Não eu acho que tem contribuído por causa de muito mais eu acho que o trabalho ele tem que ter ligação uma coisa com a outra em tudo aqui porque por exemplo não tem como o professor trabalhar na sala de aula com os alunos sem ter essa ligação com a parte se ele não valorizar a outra parte que a parte administrativa da escola porque da uma olhada o professor não da aula sem as pessoas que ta la ajudando quem tira a copia quem paga o salário la na frente tem que ter esse envolvimento e enquanto não estiver todos conscientes disso da mesma forma que não vamos ter assim no ensino não vai ser de qualidade enquanto todos os profissionais na instituição não de o devido valor porque tem um valor que se agente for ver aqui na verdade nos estamos aqui eu trabalho você trabalha todo mundo trabalha aqui porque tem aluno se não tiver aluno você chega a escola vai acabar

PESQUISADOR Acabou o efeito

ENTREVISTADO E às vezes você inda vê pessoas o aluno e de qualquer forma so que dar aula e não e indiferente ao que esse aluno ta passando porque as vezes quando agente ta distante você tem a menor idéia porque que fulano ta tendo tal reação porque que fulano ta dormindo na sala de aula ai você não sabe quando você vai ver atrás ai chama o fulano ta reclamando que você ta dormindo na as o que ta acontecendo com você a porque minha família ta passando por aquilo minha mãe ta internada e agente vai vendo que a coisa ela não pode ser assim aquela coisa só técnica se tem que ta sabendo o que ta acontecendo com a pessoa também porque as vezes pode ser malandragem mesmo molecagem

PESQUISADOR Também pode ser como que você pensa que pode

ENTREVISTADO PESQUISADOR

Como eu tava falando na verdade pela sua fala eu percebo que tem algumas dificuldades pra coisas entrarem nos eixos ne pra os alunos entenderem como preservar como cuidar as pessoas entenderem algumas razoes que os alunos tem pra não ofertar tanto em termo de rendimento como você acha que isso pode fazer acontecer como nos podemos fazer acontecer isso

ENTREVISTADO Eu acho em relação aos alunos eu acho que falta assim de sala de aula que agente mais vê pelos menos pra mim as vezes reclamam direto e que das dificuldades que os meninos tem na sala e que eu acho assim as vezes eles pensam que tem alguma coisa relacionada ao alojamento aqui e que na maioria das vezes e que eles moram aqui e as vezes vai essa questão que o aluno ta desinteressado ta conversando muito que ta dormindo ne a maioria ta dormindo e agente sabe que aqui no alojamento agente tem essa dificuldade primeiro por morar junto uma turma grande no quarto as vezes não dormem direito outros atrapalham então tem essa questão e mais eu acho que eu não sei eu não vejo muito assim as vezes muito envolvimento assim do profissional com o ensino assim dessa forma mais global eu acho que e mais ligada assim a diciplina dele que ele ta aqui pra ensinar e pronto e encerra ali então eu acho mas nos temos muitas pessoas alguns que envolvem mas nos temos um grande numero que ainda ta meio assim

PESQUISADOR Como você acha que isso poderia atingi-los essas pessoas sensibilizadas pra voltar pra essa integração de ta prestando atenção no aluno seria uma troca de informações

ENTREVISTADO Eu acho que sim eu acho que conversa falar isso diretamente porque também as vezes eu não sei eu não participei de reunião de professor na sei se isso e pedido se e colocado

PESQUISADOR Talvez uma idéia fosse propor essa participações pelo seu fluxo de trabalho

ENTREVISTADO Eu não sei se tem muita gente que muito ligado a minha obrigação e essa se não e obrigação minha não ta escrito la que eu tenho que fazer isso a mais se tem essa questão

PESQUISADOR Numa das escolas que eu estive existiam inclusive eu comecei a comentar com soraia e a moca ficou de passar depois o projeto que na verdade os canais dos outros e jogar na gente indiscriminadamente não se não funciona e eles trabalhavam num projeto de núcleo pedagógico pelo que eu entendi porque eu não cheguei a ler o projeto na verdade eu fiquei uma semana na escola e ai fui pegando os fragmentos fazendo entrevistas conversa e tal e fui pegando os fragmentos pelo que eu entendi por exemplo c g a e a sua coordenação junto com a coordenação de ensino e ai iam juntando elegiam um representante do grupo pra fazer um grupo pequeno e ai avia essa troca de informações essa e a realidade deles eu ate pedi o projeto pra gente ver pra gente discutir ate porque eu acho que favoreceria também na compreensão da minha dissertação mas talvez uma coisa pra gente discutir futuramente essa e a proposta da pesquisa bom uma outra coisa nos já estamos no final nos temos uma organização institucional tenho conhecimento de uma listinha que tem uma organização um coordenador uma espécie de organograma apesar que ele disse que parece que vai ter alterações contra reitoria e ai essa forma como esta organizada em setores tal pessoas em tal tarefa pelo que você conhece dos outros setores essa forma como esta que sugestões você vê como necessárias pra melhorar eu digo isso sempre lembrando que agente tem 52 ,53 de escola então assim essa forma como esta ela funcionou e tem funcionado agora agente ta recebendo um grupo de alunos cada vez mais diferentes as famílias são diferentes dessa forma como esta você sugeriria alguma coisa

ENTREVISTADO Não eu não acho ruim não eu acho que a forma organograma da escola eu acho que e bom

PESQUISADOR Eu não sei se e bem o organograma do que eu to falando eu disse assim essa divisão em setores em coordenadorias isso e chamado de organograma

ENTREVISTADO E organograma institucional da instituição e, mas eu acho que e dividido certinho por setor mesmo eu acho que tem que ser assim.

PESQUISADOR Ate porque não da pra um toma conta de tudo

ENTREVISTADO E eu acho que tem que ir centralizando ne uma instituição deste tamanho você ficar livre de poucas pessoas só centralizar alinhar alguns ai fica difícil o trabalho de funcionar porque as vezes quando você vê que não centrou demais ai não anda

PESQUISADOR É a penúltima pergunta a outra e só um comentário e agente tem passado por uma transformação danada o instituto federal meio que revirou um pouco as vidas das escolas o próprio organograma parece que vai ter algumas alterações pelo que o próprio DG comentou essas mudanças apartir da reitoria e tudo mais como que você vê isso que ponto positivo que ponto negativo você percebeu apartir dessas mudanças do instituto

ENTREVISTADO Eu percebi que depois assim agente tava naquela expectativa se vai transformar o instituto se vai acontecer de novo eu vejo que uma das coisas assim que eu não achei muito legal que ficou assim que as

vezes atrapalha um pouco e essa perda de autonomia né porque agente era a tarquia e agora nos estamos quando aqui podia decidir tudo agora agente já não pode mais tema reitoria tem que passar por lá então acho que isso atrapalhou um pouco pras instituição que já estavam lá mais tempo quem tá começando agora não tá começando então começa tudo ali junto né com essa nova modalidade mais pra quem já tava eu acho que isso interrompeu um pouco eu acho que sabe coisa que você já estava fazendo de muito tempo agora você tem que aguardar um ok da reitoria e aí eu acho que nesse sentido não foi legal agora já vejo por outro sentido que as vezes muitas cobranças que hoje a reitoria cobra tem hora que agente acha que tá demais mais eu acho bom porque eu acho que vai organizar mais tem uma outra pessoa lá cobrando as vezes coisas que as vezes te cobram e e pra fazer isso agora aí daqui uma semana depois não isso aí não vai funcionar não vamos fazer de novo vamos fazer de outra forma então eu acho que tá todo mundo assim meio que agente se sente até meio perdido no meio da coisa trabalha depois você vê o que vez vai que precisa deixar de lado você faz aquilo de outra forma porque talvez não vai funcionar então tem os pontos negativos mais aí eu acho que no final das contas depois que acertar tudo que eles lá também tiver todo mundo tá começando agora eu acho que o início sempre é assim mesmo eu acho que vai ser legal mais pra mim o que eu acho que foi pior foi essa perda de autonomia

PESQUISADORA Na última coisa que eu vou precisar de você é que na verdade você imagine que você está conversando com toda a escola imagine que você vai passar nesse momento um sentimento uma sugestão uma mensagem que você gostaria de passar pra toda escola e pode até ser toda escola ou todo o instituto e o que você gostaria que as pessoas pensassem analisassem o que você gostaria que elas pensassem que mensagem você manda pra nós

ENTREVISTADO Eu gostaria de ver todos os colegas vestindo as mesmas camisas assim como aluno eu falo que tem uma coisa que sempre me às vezes agente dá vontade de desistir mais eu pensei

até agora em pedir pra não trabalhar mais com alunos eu pedi pra dá um tempo pra descansar mais tem uma coisa nos alunos que me chama muita atenção eles tem muito orgulho da camisa federal que eles vestem assim eu sei que pra eles é muito que leva muita vantagem pede carona de graça isso e aquilo que os outros lá estudou numa escola federal mais eles tem muito orgulho de vestir a camisa do instituto e eu acho que todos nós aqui nós devíamos ter esse orgulho de vestir mesmo a camisa de não ser só um lugar pra você trabalhar ganha dinheiro pra sustentar sua família mais que tivesse mais um pouquinho de envolvimento de amor a instituição eu acho que isso facilita tudo quando eu nesse tempo todo sempre foi assim quando eu entro daquele portão pra cá as vezes eu lembro lá de casa de alguma coisa que tá lá quando eu tinha minhas meninas pequenas que as vezes você deixava uma pessoa mais mesmo assim eu tentava me desligar tentava deixar lá o máximo organizado possível e amparado possível pra hora que eu tivesse aqui eu está aqui mesmo da mesma forma que eu quero deixar tudo aqui o máximo que eu poder do dia feito e arrumado pra hora que eu estiver lá que é a menor parte do dia que eu passo e lá de passar bem tranquilo lá então e até uma forma de ver isso de ver o assim envolvimento de todos os profissionais assim com a instituição com o ensino e não achar não ter colegas pra nessa área administrativa que achar que não é obrigação dele de tá ensinando o aluno de tá cobrando de tá chamando atenção se for preciso ou de tá comunicando a outra pessoa que tá acontecendo tal coisa olha gente eu vi isso acontecer isso vamos ver o que tá acontecendo então e isso é um desejo meu de ter pessoas envolvidas com o que tá fazendo aqui pra gente conseguir passar isso pros alunos porque as vezes agente reclama que não tão nem aí mais agente também não passa pra eles.

PESQUISADOR Que agente também é um currículo

ENTREVISTADO Que agente tá aqui que agente tá trabalhando por amor também e não só lógico pelo salário e nós todos estamos aqui por conta dele também mais acho que agente tem que dá uma resposta pra quem paga o salário nosso também que agente tá fazendo nossa parte perfeita e ensina o povo aí com qualidade

PESQUISADOR Beleza agente encerra por aqui eu agradeço muito inclusive as lágrimas elas falam bastante e muito obrigada

SERVIDOR 3

PESQUISADOR Nós vamos começar o serviço que é com Servidor trabalha na chamada 01 que é um setor de agricultura 1 e ele vai falar pra gente sobre a função dele inicialmente

ENTREVISTADO Eu sou hoje na verdade aqui no setor o coordenador produção 1 essa coordenadoria demanda participações práticas do aluno e de quatro pessoas terceirizadas

PESQUISADOR Qual que é sua formação

ENTREVISTADO Formação escolar e tenho segundo grau completo

PESQUISADOR E a quanto tempo você trabalha aqui aurelio

ENTREVISTADO Desde 1996 ou seja 16 anos já

PESQUISADOR Já é um trabalho de adolescente então bem a primeira pergunta que agente tem e justamente sobre o tema currículo integrado o que pra você é isso currículo integrado

ENTREVISTADO Como eu já vinha conversando pra mim um currículo integrado e essa condição de valor ter oportunidade de conhecimento teórico integrado com a pratica daquele conhecimento

PESQUISADOR Olha só eu preciso que você fale pra mim sobre sua função e qual é a reação dessa sua função com o ensino que é ofertado pela escola

ENTREVISTADO A minha função eu sou auxiliar em agropecuária e a minha condição aqui hoje é coordenar o setor de produção elevar que o aluno conheça na pratica quais são os processos caminhos da produção começando desde o semeio o transplante uma adubação uma preparação de covas uma capina uma colheita uma seleção de produtos pra comercialização pra uso domestico no caso uso da escola desde isso tudo levado do nosso aluno tenha uma interação disso integrado o conhecimento que eu tenho em sala ele vai aprender fazer fazendo conhecer e experimentar isso na pratica

PESQUISADOR Você sabe dizer ou quer me dizer qual que seria a função do professor nesse momento você falou da sua parte qual que seria a função do professor

ENTREVISTADO Transmitir o conhecimento teórico das varias línguas como conhecimento sobre as variedades de culturas as variedades culturais onde e quando quais são os períodos que elas tem quais são os intervalos que são períodos de produção de cada um apra que o aluno conheça isso também ai ele pode ir fazer a pratica lá nos semeamos, por exemplo, a cenoura são um ciclo de 110a 120 dias ela tá sendo colhida mas como que é isso no passo a passo primeiro se semeia depois se faz a desbaste depois faz uma adubação depois faz uma adubação depois faz uma cobertura pra que essa planta se desenvolva ate concluir seu ciclo como também o alface que tem seu ciclo menor talvez uma das menores de 30a40 dias que se colhe então todo esse passo a passo ele recebe o conhecimento do professor a teoria sobre isso ai quando vem pra cá aplica essa teoria nas praticas

PESQUISADOR Então considerando isso você se sente eu quero na verdade a sua opinião você se sente envolvido nesse processo de atividade de ensino

ENTREVISTADO Ensino sim todas as vezes que nos vamos fazer as praticas qualquer questionamento dentro do que eu conheço e posso ajudar eu dou o maior interesse e fico feliz que alguém se interessou por isso e uma unidade de produção onde se produz o básico onde a pessoa não sair da escola sem conhecimentos e formações acadêmicas que vai levar e pra um curso talvez superior ele possa sair daqui com uma vivencia pratica que na vida cotidiana possa ser aplicada

PESQUISADOR Então parece que seu setor tem uma relação mais próxima com o ensino e isso

ENTREVISTADO Eu acredito

PESQUISADOR Mais e os outros setores ainda na sua opinião você acha que tem algum envolvimento com processo de ensinar e aprender

ENTREVISTADO Olha aqui eu vejo que todos tem relação direta indiretamente tem agora o envolvimento direto com o aluno eu vejo que algumas das vezes nem sempre faz mas na minha opinião que deveria envolvesse nos estamos numa escola um instituto onde tem informações conhecimentos que vai ajudar as praticas porque agente já tem o conhecimento vivencial de nosso país só vai melhorar só vai crescer mais valores do que agente já faz enquanto isso acontece eu acho que é dominar aquilo que se faz ai você vai ter uma visão a onde você que chegar e como você vai chegar

PESQUISADOR Você disse assim que nem sempre acontece esse envolvimento porque na sua opinião nem sempre acontece

ENTREVISTADO E porque eu tenho visto algumas áreas da nossa formação alguns setores de produção dentro da nossa escola o aluno pouco participa não e porque aqui agente trabalha com aluno de 1 ano que tenha mais

participação mais eu vejo áreas nas zootecnia pouco se faz com o aluno de 3 ano e ele já tá saindo pra vivenciar isso na vida útil dele muito pouco eu acho que se faz deveria ter uma maior participação

PESQUISADORE essa maior participação ela pode influenciar na qualidade do ensino

ENTREVISTADO Tranquilamente porque toda vez você envolve mais em experiências pratica todo conhecimento torna vivenciado transparente onde a pessoa pode levar para o resto da vida dele aquelas experiências

PESQUISADOR Então cita pra mim uma forma que você imagina que possa acontecer uma forma pratica de envolver alguns setores de fazer os setores colaborarem nessa qualidade de ensino

ENTREVISTADO No passado nos tínhamos uma escola as monitorias o aluno de 3 ano ajudava junto com os professores acompanhar essa unidade de produção hoje nos não temos mais essa experiência de monitoria dentro da escola devido algumas situações que aconteceu eu na sei te dizer o que aconteceu foi acabando com esse programa mas eu acreditava que isso levava porque o aluno tivesse mais responsabilidade quando ele esta frente com outros alunos de nível de conhecimento menor que ele teria que mostrar algum serviço desde que ele fizesse com responsabilidades eu acredito que isso crescia muito a eles pelo menos muitos que passaram aqui no passado hoje são referencia de técnicos atuantes ne de pessoas que estão vivenciado isso

PESQUISADOR Você foi ex-aluno?

ENTREVISTADO Não mas nos temos ai casos de ex alunos atuando dentro do nosso instituto hoje

PESQUISADO Então olha só como que na verdade agente tem uma organização institucional pensando assim sessão organização institucional que sugestões você daria para ver acontecer essa integração com essa qualidade de ensino os setores todos

ENTREVISTADO Nos já temos uma organização como a senhora sita ai coordenadoria ou seja PP coordenaria geral produção em pesquisa eu acho que ela se dinamizasse essa coordenadoria todo mundo queria ta mais integrado porque se você tem conhecimento eles também iriam administrar de uma forma mais colegiada mais participativa então teria que ter mais envolvimento dos outros ate mesmo pra ajudar porque não e tão simples assim nos conhecemos hoje comunidades de produção e as vezes quando agente pede o material chega La no setor de compras fala ai mais isso aqui tem que comprar o mais barato e não atende o que agente ta pedindo se eles conhecesse eles iam saber e tal produto assim e assado e esse que atende a necessidade de lá. Não porque tem um principio ativo hoje nos não podemos citar e nem listar nem um produto de marca mas agente sita um principio ativo que ta em tal produto e ele só vai dar o efeito que agente espera para que tem um outro que tem o outro principio ativo e uso domestico uso veterinário outro uso medicinal que as vezes tem um principio ativo ou não tem a definição de que e aquilo então se eles tivessem envolvido não aconteceriam isso já ouve nos nossos setores aqui de compra, compra de coisas que agente não pediu mas o principio ativo era

PESQUISADOR Então na verdade na medida em que eu vou conversando com os servidores eles vão apresentando opiniões e sugestões que se entrelaçam que se cruzam. Eu já fiz outras entrevistas e alguém disse que era seria interessante que cada servidor pudesse experimentar no setor do outro ele disse assim eu não sei direto como isso poderia acontecer qual que e sua opinião em relação a isso

ENTREVISTADO Acho interessante quando agente ta de fora as vezes você ver coisa que você não ver quando agente ta no dia a dia e o outro ta vindo de fora tentando nos ajudar ele vai falar olha isso aqui você ta vendo as vezes agente cai numa rotina faz coisas ate que não era o ais indicado mais agente vicia naquilo ali e quer fazer só por ali as vezes ta de fora vê as vezes agente se tivesse essa oportunidade talvez poderia ajudar somar quando agente ta fora de um movimento você ta vendo ate mais do que agente a vivendo todo dia agente cai num rotinismo ali não faz nem o que precisava ser feito

PESQUISADORA nossa penúltima pergunta e a partir de uma afirmação a escola desde a transformação pra instituto federal ela tem passado por grandes mudanças são mudanças em função da legislação em função da própria concepção da gestão da gestão local da gestão reitoria quais dessas mudanças você entende que beneficiaram ou não o andamento do processo de ensino e aprendizagem.

ENTREVISTADO São tantas coisas eu não saberia dizer para a senhora isso ou aquilo, mas eu vejo com uma grande abertura oportunidades de oferecer dentro da escola esse cursos superiores essa área de abrangência crescer como cresceu eu vejo isso como um ponto importantíssimo não sei dizer para senhora o que isso no

conjunto todo esta influenciando, mas acredito a abrisse um leque tão grande que agente fica perguntando hoje agente não conhecem nem os colegas quanto mais os alunos em outro tempo agente conhecia os meninos do primeiro ano do segundo ano e terceiro ano hoje tem terceiro grau e outros cursos mais que agente as vezes nem conhece nem os colegas tanto da dimensão que cresceu

PESQUISADOR Bom a ultima pergunta agora e a ultima pergunta na verdade e um pedido de fale sobre uma mensagem que você gostaria de dizer em relação a escola em relação a vivencia o que você gostaria de deixar como sua mensagem

ENTREVISTADO Eu aqui nesta área ano passado tínhamos um dizer uma frase aqui agente aprendia pra fazer e fazia pra aprender e acho que esse e um dilema mas que isso tem um grande significado se você aprender a fazer e fazer pra aprender você vai alem de conhecer o que esta fazendo você ta experimentando na pratica isso e pra mim isso que vim de uma origem fazer ,fazer sem nem muito conhecer mais que o outro conhecia e falava que tinha que ser assim isso e um coisa que tem uma significação muito grande e as pessoa hoje que conhece e faz o que conhece erra se quiser

PESQUISADOR Boa, muito obrigada já foi de grande valia, agora e a minha parte como **pesquisadora** ne

ENTREVISTADO Espero que a senhora tenha uso da sua sensibilidade e escreva o que foi melhor que achar que pode ajudar se eu pude ajudar eu agradeço também ter oportunidade de participar desse trabalho da senhora

PESQUISADOR Obrigada.

SERVIDOR 4

PESQUISADOR Eu vou começar conversando com e eu e a primeira coisa eles falarem sobre suas funções formação tempo de trabalho

ENTREVISTADO Técnica Eu sou eu trabalho como técnica administrativa nos laboratórios de análise sensorial e metodologia eu trabalho aqui a um ano e oito meses e tenho formação em tecnologia e produção de cachaça

PESQUISADORE ex-aluna da escola que ótimo

ENTREVISTADO Meu trabalho envolve diretamente alunos e professores na organização do laboratório nas aulas praticas auxiliar os alunos nos estágios obrigatórias pesquisas

PESQUISADOR Então e um auxilio direto

ENTREVISTADO minha formação e técnico em contabilidade técnico agroindustrial e técnico na produção de cachaça

PESQUISADOR Outro ex aluno

ENTREVISTADO Trabalho aqui no instituto a 16 anos na área de agroindústria na parte de laticínios a 12 anos trabalho na questão de instrução dos alunos na questão das aulas praticas preparo das aulas e também orientado os alunos na parte de estagio obrigatório no coso do curso de agroindústria

PESQUISADOR Como que e esse preparo das aulas o que você prepara para acontecer nas aulas

ENTREVISTADO Olha bem de acordo a demanda da aula subsequente por parte do professor ele vai me passar o que eu devo fazer, por exemplo, cada tipo de produto que e processado no laticínio e lixo uma dinâmica diferenciada pasteurizar o leite já deixar pronto pro aluno já chegar já ta tudo pronto o leite pronto os ingredientes prontos para que seja feito os queijos

PESQUISADORE no estagio como vocês auxiliam os alunos no estagio

ENTREVISTADO No estagio agente trabalha da seguinte forma agente vai ta com eles fazendo todos produtos que processar no setor desde o inicio ate o produto final desde o processamento do leite desde o processamento do produto em si a ate a embalagem do produto final

PESQUISADORE você Técnica

ENTREVISTADO No meu caso eu trabalho com os alunos agente vê o que os alunos aprenderam no decorrer aquele período que eles ficaram aqui nas aulas com o professor e cada uma daquelas praticas agente refaz as praticas eles acompanham como funciona a organização do laboratório como que e a procedência da pessoa no laboratório essas coisas trabalhar com os equipamentos o aluno ele vai ta revisando o que o professor passou pra ele só agora comigo

PESQUISADOR Olha só não tem jeito vocês colaboram direto com as aulas

ENTREVISTADO Diretamente

PESQUISADOR São sim professores em uma boa medida apesar da formação a responsabilidade principal do professor vocês estão envolvidos nisso

ENTREVISTADO Em termos práticos trabalha diretamente com ensino

PESQUISADOR Olha só o que pra vocês e currículo

ENTREVISTADO Técnica Por exemplo o meu currículo agente vai colocar os dados pessoais e onde você tem seus dados você coloca sua formação com quem você trabalha diretamente eu acho que e isso e um documento como se fosse um documento

PESQUISADOR Então olha só quando vocês preparam o laboratório organizam os materiais técnicas interceptam os alunos vocês tem que fazer assim assado esse aqui primeiro isso vocês tem idéia que vocês tão compondo um currículo naquele sentido de que vocês estão selecionando coisas conteúdos saberem que embora práticos os alunos vão aprender então vocês montam um currículo

ENTREVISTADO Não deixa de ser um currículo

PESQUISADOR Não deixa de ser um currículo então olha só esse currículo ele e importante pra formação do aluno vocês conseguem assim imaginar o ensino sem esse currículo que vocês montam seria possível formar um técnico agrícola

ENTREVISTADO Eu acho que não porque apesar de o professor ter um amplo conhecimento na área tanto pratica mais teórica do que pratica o técnico a função dele e ta diretamente no dia a dia com a consistência produção do setor e professor não ele ta mais dentro da sala então a dinâmica pratica dentro do setor eu acho que nesse ponto o técnico ta bem inserido nessa questão do currículo ai

PESQUISADOR Então não da pra dispensar os técnicos de jeito nenhum agora pensa comigo os outros setores vocês trabalham diretamente de agro indústria os outros setores também tem o momento em que os alunos por exemplo a horta o setor de suinocultura e bovinocultura dos outros cursos e tem momentos em que eles se envolvem vocês acham dispensáveis e possível dispensar esse envolvimento dos outros setores e ai eu queria que vocês pensassem também em setores como almoxarifado o setor de Rh setores que não estão envolvidos diretamente na produção

ENTREVISTADO De forma alguma tem que ta um andando ao lado do outro não tem como ser dispensado

PESQUISADOR Olha so agente tem toda escola tem uma organização institucional uma forma de conduzir as coisas isso envolve as definições de horários de setores de coordenadores de funções pra cada pessoa pra cada servidor pra cada coordenação pra cada setor do maneira como esta vocês conhece essa formação que sugestões vocês dão pra melhorar

ENTREVISTADO Ou seja a questão por exemplo coordenação mudança de coordenação

PESQUISADOR Também horário mudança de coordenação mudança de forma de coordenar mudança de função ou forma de executar essa formação

ENTREVISTADO O que eu vejo assim apesar de não ser da minha ossada muitas vezes existe gente que não tem tanta competência numa certa coordenação de algumas partes do setor da escola não desmerecendo quem me colocou La tem os critérios de quem me colocou La mas de qualquer forma vamos dizer assim entre aspas merece mais que aquelas pessoas que estão lá existe muitas pessoas competente e as vezes não são unidos estimado competente essa pessoa eu acho que ele deveria ser mais aproveitado nessa questão de coordenação de maior envolvimento diretamente com alguns setores do instituto

PESQUISADOR Qual é a principal falta que você sente na pra que a coisa ande tranquilamente o que lhe mais faz falta?

ENTREVISTADO Na minha opinião uma política mais democrática nessas questões democracia as vezes eu acho que as coisas meio entre aspas meio arbitrárias na minha opinião

PESQUISADOR E como que isso poderia ser mais democrática assim de que forma aconteceria isso como

ENTREVISTADO É meio complicado porque a ordem vem de cima então os maiores eles tem total autonomia nessa questão de distribuição coordenação como por exemplo nos citamos aqui agora então pra gente que tá de fora e vem de cima não tem como agente pode até cobrar alguma coisa mais quem determina e quem tá de cima que tá no topo

PESQUISADOR O que você acha Técnica

ENTREVISTADO Eu acho em que alguns casos tem não sei uma certa distancia entre professores e técnicos algumas vezes que não devia existir o professor acha que manda no técnico não vê ele como um colega vê ele como um serviçal seu e isso eu acho que é muito errado porque muitas vezes acaba um afastando um do outro e o técnico ele tem que ser colega do professor porque juntos eles vão ter as deficiências vão ver onde tá acertando mais onde tá errando mais pra mudar algumas coisas e aqui na escola agente vê muito isso eu também não sei porque antigamente a escola era um pouco menor tinha menos pessoas aí depois a medida que foi crescendo alguns foram perdendo um pouco do espaço e isso foi afetando não sei o ego de cada um e é muito importante que todo mundo seja colega e não rival

PESQUISADOR Você acha que pode atrapalhar o ensino a qualidade do ensino como

ENTREVISTADO Pode atrapalhar os alunos porque por exemplo você não tem uma boa relação com seu técnico seu professor muitas vezes falha na comunicação entre eles e o aluno que o técnico percebeu que tá precisando de alguma coisa talvez o técnico fica com receio de falar com o professor o aluno tá com essa deficiência tenta ensinar de uma outra forma dá um reforço a mais e o professor acha que você tá cobrando que ele não trabalha bem isso pode acontecer

PESQUISADOR O técnico pode perceber coisas que o professor pode não perceber

ENTREVISTADO E também o professor pode achar algumas falhas no técnico por causa dessa distancia e não queira falar e o aluno que vai tá perdendo

PESQUISADOR Então é uma relação também afetiva de conversa democrática como Zé colocou olha pessoal a nossa penúltima pergunta e desde a instituição como escola agrotécnica federal ela se transformou em instituto e houve várias mudanças que foram impostas pelo MEC que foram impostas pela reitoria pela própria direção como que vocês avaliam que mudanças que vocês podem dizer que são positivas e quais negativas

ENTREVISTADO Na minha opinião a questão positiva disso tudo aí foi a questão de ampliar essa parte de ensino enquanto escola agrotécnica era mais limitada a questão de ensino era menos gente estudando era menos funcionários aqui trabalhando então de forma geral isso aí contribuiu bastante não só economicamente mas socialmente pra gente pro outro lado é um ponto negativo que as vezes você esbarra muito na burocracia que é muito centralizada na reitoria por eu tô aqui a meses sem fazer determinado produto porque queimou uma bomba de meio cv que é uma mixaria pra arrumar e depende de liberação de reitoria uma série de processo a burocracia é muito demorada coisinhas mínimas acontecem traves para tudo no setor de produção na minha opinião e por aí

ENTREVISTADO Técnica Eu concordo com ele porque a dependência da reitoria é complicado as vezes coisas mínimas que agente resolvia tão facilmente aqui na escola agora agente depende da autorização deles e por terem outros demora um pouco pra dar assistência e o crescimento da escola foi excelente tanto pra cidade pra pessoas que tão trabalhando aqui agora muito curso oportunidade pra muita gente

PESQUISADOR Bom agora é a última mesmo a ideia é a seguinte embora não apareçam os nomes de vocês a ideia é agente leva a voz de vocês agente entende que dessa maneira funciona melhor e eu entendo que isso é legítimo porque vocês tão lidando diretamente com aluno com professor com a instituição vocês tem competência técnica pra isso e convivem nesse ambiente então agora agente vai pensar que todos vão ouvir vocês embora não saibam que são vocês e aí eu queria que cada um deixasse uma mensagem ela pode ser um apelo uma explicação ela pode ser um convite ela pode ser um desabafo fiquem a vontade pensem que todos os

servidores inclusive os gestores professores alunos a reitoria porque vai cair na dissertação então a reitoria pode te excesso a isso também digam

ENTREVISTADO Bom na minha opinião eu o seguinte como eu frisei anteriormente acho que existe muito bom funcionário que da a vida pelo instituto cuida melhor do setor dele no meu caso setor de produção melhor as vezes que a casa dele e muitas vezes não e reconhecido no seu local de trabalho você e simplesmente mais um que ta La em cima não quer saber se você preocupou em gastar menos água menos energia se você preocupou em ficar mais tempo aqui no trabalho não se preocupou em sair um pouco mais tarde 11,30 5,30 eles não querem saber disso infelizmente aquele que da mais o seu sangue não tem tanto valo vamos dizer dessa forma

PESQUISADORE o que você diria para essas pessoas pra ela darem valor a isso

ENTREVISTADO Para olhar mais apesar do instituto ser muito grande e muito difícil você controlar muitas coisas procurar conhecer mais os setores o que ele produz o que ele tem potencial para produzir como e que ta produzindo de que forma que ta fazendo pra produzir mais então e procurar conhecer mais os setores e as pessoas que estão inseridas nesses setores

PESQUISADOR

ENTREVISTADO Eu acho que agente tem que fala e mostra pra toda escola professores os alunos os técnicos que ninguém deve ser concorrente que todo mundo tem que ser colega amigo e todos tem que se unir pro uma causa que e da escola a do ensino pra melhorar isso porque mais afastadas as pessoas mais difícil fica pro aluno aprender pra aluno conhecer despertar pra vida porque afinal de contas não e só passar de ano ele vai escolher uma profissão ele vai escolher o futuro dele então agente tem que caminhar junto com o aluno tem que ser mais amigo

PESQUISADOR Por isso que agente ta tentando ensinar um currículo integrado então gente eu agradeço muito eu espero que eu possa leva a fala de vocês assim com respeito com cuidado pra que não seja mal interpretada esse e um grande desafio na pesquisa e eu quero que depois de pronta vocês possam ler nem que seja um pedacinho que critiquem olha não ficou legal se agente não puder alterar mas agente pode alterar no registro a e dizer não houve isso de engano de erro porque a proposta e realmente que agente faça isso a muitas mãos através das minhas mas passando peã opinião suas muito obrigada

SERVIDOR 5

Hoje eu vou conversar com duas profissionais importantes no que se refere ao currículo e ao ensino principiante, a primeira delas é Técnico 1 que é a psicóloga da escola que faz também a orientação educacional junto aos alunos e a 2ª é a pedagoga Técnico 2 e ela também é a supervisora da escola e acompanha também alunos e professores, mas de forma mais indireta.

PESQUISADOR: a minha 1ª pergunta é sobre o que vocês entendem por currículo. Na sua opinião diz para a gente o que é currículo na sua opinião.

Técnico 1: Curriculum para mim são todas aquelas matérias que são ministradas para os alunos num determinado período de tempo.

PESQUISADOR / Técnico 2: Técnico 2, como técnica disse né, o currículo são todas as matérias que são trabalhadas no período de tempo, então no momento o que a gente entende por currículo integrado é a função e a integralização é trabalhar um conjunto aquilo que faz parte da base nacional comum e aquilo que é do profissional como no nosso caso que nós trabalhamos com cursos profissionalizantes e o que eu penso, eu não penso integrado também dissociando da interdisciplinaridade entre todos os conteúdos trabalhados.

PESQUISADOR: Técnico 2, como que você acha que isso pode acontecer, como poder, amamos nos organizar para trabalhar essa interdisciplinaridade e esse currículo integrado?

Técnico 2: Acho que uma das primeiras ações é um trabalho uma reunião com os professores, pois não é possível trabalhar pelo currículo Integrado, sem que os professores sentem e discutem com a equipe técnica pedagógica então não é possível um currículo integrado sem essa discussão e um planejamento em conjunto.

PESQUISADOR: Na sua opinião a gente exercita isso hoje?

Bom a gente tem duas áreas do ensino que estão voltadas para o aluno, mas a gente sabe inclusive que outros setores que não lidam tão diretamente com aluno e com professor.

PESQUISADOR Eu queria que vocês conversassem comigo sobre a função de vocês, me digam qual é a função em termos práticos e qual é a relação com o ensino.

Técnico 1: Bem, a função da psicologia no setor o atendimento às vezes é clínico, quando os alunos procuram, no período de adaptação, às vezes aparecem deprimidos, principalmente os alunos do 1º ano, o 3º ano geralmente para orientação profissional ou a gente acaba trabalhando a questão profissionalizante aqui da escola, a orientação profissionalizante em 2 meses, os alunos são encaminhados para o setor de psicologia pelos professores, quando está acontecendo algum tipo de problema eles acham que a gente pode ajudar daqui, quando para contribuir o aluno estando bem a chance dele arrepender é melhor.

O setor de orientação dá que estou nos dois setores trabalha em conjunto com a psicologia às vezes nem dá para separar muito e isso facilita o trabalho pois quando o aluno é encaminhado à psicologia ele vai com um certo receio pois acha que é doidinho e quando é chamado pelo setor de orientação eles aparecem mais abertos para conversa e isso facilita a investigação no que pode está atrapalhando, que vivência que está tendo que pode tá atrapalhando ele arrepender direitinho e trabalhando em conjunto a psicologia com a orientação o resultado fica mais positivo, Então atinge a qualidade de ensino neste sentido.

PESQUISADOR: Você falou uma coisa interessante que quem está num atendimento psicológico é considerado doidinho né, você tá me dizendo que há uma certa rejeição, as pessoas tem um certo medo disso.

Técnico 1: Hoje eu falo que isso já melhorou bastante, mas no início em 2004 quando eu vim trabalhar aqui, a questão da psicologia era visto para quem tem problema mental, então tinha sim uma resistência grande ao setor de psicologia, mas hoje eles sentem mais a vontade a procurar o setor, mas eu acredito que eu estando junto com o setor de orientação os dois setores num só, isso facilitou muito meu trabalho. Aqui na escola, abri mais as portas.

PESQUISADOR: Técnico 2, a gente tem (tá em construção) o NAPNE que é um instrumento de inclusão, então a minha pergunta é, em que você acha que o NAPNE (inclusive de atendimento a pessoas com especificidade) em que ele pode ajudar para que a gente tenha um currículo mais significativo, mais integrado.

Técnico 2: Bom o NAPNE está se estruturado né, então é uma coisa nova em todos os institutos, mas eu acho que o NAPNE pode contribuir muito, não só com os alunos com necessidades especiais, mas os nossos alunos que tenha uma dificuldade talvez com algum conteúdo, ou uma necessidade de uma adaptação, momentânea, então eu acho que o NAPNE pode sim ajudar a partir do momento que ele já estiver estruturado é um núcleo que tem uma diversidade de profissionais, psicólogo, pedagogo e psicopedagogo pode colaborar com o trabalho do professor sim.

PESQUISADOR: Das conversas que estou tendo com outros setores as coisas não emergindo, por isso é que às vezes eu to fugindo do roteiro, pegando uma reposta de vocês para encaminhar para outra. Que tipo de intervenção você acredita que a equipe pedagógica, as pedagogas, os pedagogos, a supervisão e até a psicóloga pode fazer no sentido de integralizar esse curriculum, o que se pode fazer?

Técnico 1: Às vezes nas conversas com os alunos no conselho de classe quando são chamados a pedido dos prof. Uma coisa que eles reclamam muito, eles tem a teoria na parte técnica e às vezes nem a própria teoria está de acordo com a prática que eles estão tendo, às vezes eles reclamam assim, tem uma aula por ex: na área de jardinagem e o que eles vinham fazer (varrer) então nem era sobre o jardim da parte que eles estudaram (teórica) então se dentro da própria disciplina tem esta distância não se vê, mas outras disciplinas tipo, biologia, química, física que deveriam está integrada nas outras matérias práticas. E tem um distanciamento que é igual, Técnico 2 falou que há poucas disciplinas do ensino médio que são ligadas à parte teórica do ensino profissionalizante.

Técnico 2: Eu vejo a equipe pedagógica como o elo de ligações do prof. Com o aluno então coloca sobre o conselho de classe, muita coisa que o aluno não tem coragem de chegar para o prof. E dizer, eles dizem para a gente quando a gente vai à sala conversar com eles. E a gente consegue no conselho de classe no pré-conselho de classe ou em conversa com o professor a gente consegue colocar isso pra ele de uma forma que a gente não constrange o professor na frente dos demais colegas e de uma forma mais tranquila sem criar um atrito entre professor e aluno e da mesma forma a gente puxa do prof. aquilo que ele pode ser feito com o aluno e agente

consegue sugerir alguma coisa pra ele e que esta sugestão seja colocada em prática e que aja uma melhoria neste processo ensino aprendizagem.

PESQUISADOR: Nós enquanto equipe pedagógica somos esse elo de ligação? Olha só eu gostaria que vocês deixassem por um minuto de pensar na posição dos setores de vocês nós temos vários setores desde manutenção, produção no campo, setor administrativo e eu queria que vocês pensassem na função desses setores e me dissessem vocês se vocês acham que eles podem interferir ajudar nessa qualidade de ensino eles tem uma finalidade para eles dentro desta busca por qualidade e como seria isso?

Técnico 2: Eu acho que sim, a gente sempre discute isso sempre ouve isso desde quando fala em educação desde o roteiro que está lá ... ele é também um educador no nosso caso aqui, nos nossos setores nas unidades educativas de produção tem sempre um técnico que acompanha o prof. ou que está participando de uma prática com os alunos; então eu vejo que todos são educadores e fazem parte desse processo e são importantes na melhoria ou na qualidade dessa educação que nós ofertamos aqui.

PESQUISADOR: Na prática como que nós poderíamos aproximar esses setores?

Técnico 1: Agente às vezes vê as pessoas falam eu trabalho na parte administrativa, mas a gente precisa ver que a gente está numa escola. Então como podemos trazer o pessoal a trabalhar junto com a gente? Quando a escola faz algum projeto que envolve a escola toda que eles participam eles também estão abrindo espaço para eles participarem da vida do aluno ex: um aluno que vai lá no protocolo, no setor financeiro então quando eles chegam lá eles também estão aprendendo alguma coisa e faz com que aqueles setores também se incluam e passam a sentir-se incluídos no processo esse pessoal tem muita coisa a oferecer também então eu acho que um fator toda um lado que a gente pode explorar é justamente quando os projetos que envolve mais para questão da educação e os alunos acabam ganhando com o desenvolvimento deles ali.

Técnico 2: Técnico 1 colocou isso aí eu fiquei me lembrando quando a gente realizou o 1º encontro estadual dos NAPNE para a gente foi um grande evento e agente chamou para essa organização, todos os setores tinha gente do técnico administrativo, tinha prof. então a gente percebeu como que as pessoas sensibilizaram e passaram a conhecer e entender o que é o NAPNE e querer conhecer, então são esses encontros que trazem para mais perto da ação educativa o técnico administrativo.

PESQUISADOR: Bom, alguns autores eles dizem que as questões de currículo envolvem grupos sociais grupos que são excluídos historicamente do processo de educação, do processo de produção e reprodução da cultura, do processo de produção e reconhecimento do conhecimento e por isso nas escolas se ensinam sempre aquilo que o grupo dominante determina. Então eu vou dizer alguns grupos e o que vocês acham da inserção desses temas e desses grupos no currículo da escola no conteúdo a se ensinar, 1º grupo índios e a afrodescendente, 2º grupo homossexuais, 3º grupos deficientes aí nós incluímos deficientes mais polemicas como o problema mental as questões de ordem emocional que às vezes a escola até tem.

Técnico 2: Eu até me sensibilizo muito, gosto quando se toca nesses assuntos, com eu acho que os institutos estão trabalhando muito no sentido de inserir isso no currículo seja por se sensibilizar mesmo com a causa, ou seja, por ter que se cumprir uma lei como no caso da questão étnico racial que já existe esta lei onde nós temos que integrar isso no nosso campus o quanto estas questões já tem fluído e já tem sido abordadas como a construção do núcleo de atendimento as pessoas com necessidades específicas muito lentamente a gente tem começado a sensibilizar dentro do campus e lá fora também na comunidade quando a gente se organiza que vai divulgar o dia do autismo e a gente vê os alunos vindo atrás querendo saber e querem também uma fitinha azul que coloca naquele dia porque todo o país está usando aquilo para alertar as pessoas a querer saber o que é o autismo. Quando a gente desenvolve o projeto africanidades mexendo raízes resgatando memórias que envolvem toda a instituição todos alunos e professores e até o pessoal do administrativo com apresentação de músicas de poemas, de danças resgatando mesmo essa cultura afro-brasileira, e agora fomos agraciadas de participar do projeto mulheres mil, então desenvolvendo estas ações inclusivas que não estamos ainda desenvolvendo as 14, mas já existe alguns projetos sendo desenvolvidos, tem já uma professora na área de filosofia e história que vai desenvolver um projeto com os alunos sobre a homofobia e a gente fica feliz em saber que já estamos conseguindo fazer alguma coisa no nosso campus.

Técnico 1: Igual Técnico 2 falou, já começamos a desenvolver, é um trabalho delicado porque nem todos aceitam, estamos tentando começar nosso trabalho no NAPNE a gente ver ao conversar com os professores que eles têm a vontade de ajudar, mas ainda se sentem bastante inseguros, despreparados. Se falando das pessoas com deficiência, numa pesquisa que eu fiz com eles a 3 anos atrás, nós tínhamos apenas 2 professores da época que tinham preparo (curso de formação) para trabalhar com pessoas com deficiência ou outros não tiveram,

mesmo os que fizeram licenciatura, então a falta de preparo do professor, gera dúvida como não receber um aluno com deficiência, como vou trabalhar com esse aluno? Mas o lado positivo é que todos são a favor da inclusão, todos estão dispostos a trabalhar. Apesar da insegurança eles estão dispostos a trabalhar com a gente, então tem os projetos e a gente tem esperança que vai dar certo e o trabalho com a homofobia eu acho que é urgente, a gente tá vendo à noite o quanto estas pessoas estão sofrendo preconceito, portanto, eu acho que estes, têm uma certa urgência de ser trabalhado lá.

Técnico 2: Outro projeto que acaba puxando estes assuntos também é o projeto anti Bullying não é? Pois a gente acaba abordando estas questões também de respeito, do não a violência seja por qualquer motivo, discriminação de cor, raça, de opção sexual. E o projeto anti bullying, a gente já viu que teve um resultado positivo. Inclusive a escola já foi convidada a participar em outras escolas, apresenta o projeto a outras escolas com professores e alunos, como ex. já estamos desenvolvendo um minicurso na área destinado a professor do ensino básico.

PESQUISADORA pergunta agora é toda instituição, tem uma organização, uma forma de conduzir os trabalhos e ela inclusive organiza isso a partir de coordenações. A idéia é o que vocês acham, como que vocês sugerem para que essa organização acompanhe essa evolução que a gente está começando a perceber. Que sugestões vocês tem para que essa organização seja parte do avanço quanto ao currículo integrado?

Técnico 1: O primeiro passo na escola com esse tanto de funcionários tanto na parte pedagógica quanto administrativa é tentar de alguma forma incluir todos ex: se tem um projeto, se tem alguém que vai ajudar que seja tanto da parte pedagógica quanto da parte administrativa para que todos se envolvam porque aí a contribuição com certeza vai ser melhor.

Técnico 2: Eu vou usar umas palavras do diretor de ensino. Ele disse uma vez que ele desconhece quando a gente ouve isso e eu acredito nisso, pois a gente conta com esse trabalho da equipe multidisciplinar, as psicólogas, assistente social e uma equipe de pedagogas então o trabalho flui e tem tudo para ser bem feito com essa equipe, porque quantas escolas gostariam de contar com apoio de um psicólogo, ou de uma assistente social e não tem então a gente tem uma equipe muito boa e é o que faz com que o trabalho aconteça.

PESQUISADOR: Agora é uma questão que nós já estamos envolvidos a algum tempo, a questão do instituto, quando começamos como instituto a gente não sabíamos como seria e o que faria isso. Desde esta transformação de escola para instituto o que vocês assinalam como mudanças que beneficiam o ensino e mudanças que prejudicam?

Técnico 2: Eu acho que quem mais ganhou com essa transformação foi a comunidade, pois a instituição cresceu muito, passou a oferecer muitos cursos a partir desta transformação, acho que isso foi um ganho muito importante para instituição e para comunidade local e regional, ganhou em profissionais e isso reflete na qualidade do ensino e na aprendizagem do aluno. Às vezes percebo que a instituição perdeu um pouco da autonomia que ela tinha quando ela era escola agrotécnica, pois hoje ela precisa consultar a reitoria para tomar as decisões.

Técnico 1: Minha opinião é a mesma de Técnico 2, ganhou na questão dos cursos, na questão física dos institutos, aumentou o número de laboratórios de sala de aula, aumentou o número de vagas para alunos. Mas perdeu algum curso, algum projeto, principalmente quando envolve a questão financeira aí fica um pouco mais complicado de conseguir.

PESQUISADOR: A escola sempre reclama da participação dos pais, da participação da comunidade que a comunidade deixa muitas vezes a responsabilidade só para escola. Como que vocês sugerem que a gente consiga trazer essa comunidade para trabalhar esse currículo que é o currículo de conhecimento, mas tem outras coisas também no currículo. Eu me lembro que alguém aqui disse que além de ensinar matemática existem valores que a gente pode ensinar nossos jovens, como que a gente pode trazer a comunidade lá de fora, os pais principalmente para ajudar no trabalho com o currículo.

Técnico 2: Eu acho que uma das atividades que a escola já faz são os encontros de pais e mestre, que é a oportunidade que tem q às vezes agente faz, Técnico 1 já coloca umas questões de valores com os pais na abertura deste encontro então uma das ações a gente já faz e é isso, mas realmente é um desafio para qualquer instituição essa parceria, esse trazer os pais para dentro da escola, e outra forma é esses projetos que são desenvolvidos, então é convidar mais os pais quando a realização destes projetos, convidar e convocar os pais para estarem presentes.

Técnico 1: E por mais que a gente faça alguma coisa, sempre que tem alguma novidade a gente que manda através de ofício para todos os pais, e aqui nós enfrentamos algumas dificuldades é que muitos alunos de ofício para todos os pais, e aqui nós enfrentamos dificuldades é que muitos alunos não são daqui, o que dificulta os pais de está participando com mais frequência, mas apesar disso ainda tem uma participação boa, eles ligam, eles vem à escola, precisa melhora um pouquinho, mas a dificuldade é essa pela distância de alguns pais aqui da escola mesmo.

PESQUISADOR: Cada um de nós temos uma idealização da escola, de como organizar a escola e do que ensinar na escola, a gente acredita que desta forma faria uma escola perfeita ou no mínimo muito legal, eu queria nesse momento cada um de vocês colocasse para mim uma mensagem que traduz essa escola ideal ou como atingir essa escola ideal e essa mensagem é para todos poderem ouvir, imagine que todos, reitor, servidores, colegas, professores, pais, alunos, técnicos, toda comunidade escolar pudessem ouvir, que mensagem você deixaria Técnico 2.

Técnico 2: Bom eu acho que a coisa mais importante da gente dizer é desrespeito à diversidade porque a gente pega as questões que você colocou que não fazer parte do currículo a gente lembra dos nossos alunos de como ensinar para cada um deles como Técnico 1 disse, que são alunos que vem de diversos lugares de uma forma diferente, então acho que vale lembrar nessa escola é o respeito à diversidade.

Técnico 1: E eu deixo a mensagem que às vezes eu falo com os pais no encontro de pais e mestre como nossos alunos a maioria mora aqui na escola que os pais tem que está junto com a gente, não pode apenas colocar os filhos aqui, eles precisam está presente de alguma forma, porque nós aqui sozinhos não vamos dar conta, no mundo hoje a escola está muito complicado da conta sozinha.

Neste trecho, transcrevemos conversas informais, que embora gravadas, não foram levadas na dissertação como dados da pesquisa, embora fossem bastante relevantes. Os trechos constam como informações acessórias para futuras outras pesquisas.

ALUNOS

ENTREVISTADOR: Eu vou agora conversar com um grupo de alunos do instituto, alguns já formandos.

ALUNO 1: Minha participação na escola e principalmente com gincana, palestras e outros e as vezes em reuniões o os alunos podem participar eu também acho que a comunicação entre alunos e escolas não estão muito boa já que os alunos não pode participar das decisões, acho que a escola deveria enfocar de algumas maneiras para o os alunos participar mais, mesmo que muitas vezes os alunos não tem interesse de participar, bom acho que deveria ter essa motivadas .

ENTREVISTADOR:

Olha só vocês estão sugerindo, instrumentos de incentivo para vocês participar a escola tem uma organização, toda escola tem uma organização, pensando na organização como esta hoje, o que vocês sugerem para melhorar.

ALUNO 1: Acho q mais participação dos alunos mais decisões em reuniões, tipo um representantes de cada sala.

ENTREVISTADOR:

em que reuniões por ex.

ALUNO 1 : Ex. decisões sobre o calendário, nesta ultima reunião escolheu apenas um aluno e acho que não e suficiente e dois também, eu acho que devia soltar mais as informações de modo q os alunos interessados pudesse participar, talvez nem precise dar opiniões mas para assistir sobre as decisões, para ficar por dentro dos assuntos da escola.

ALUNO 2: O que aluno 1 falou foi interessante porque o que aconteceu agora que foi a questão da greve, eu acho q deveria ter tido a comunicação, porque os professores deveriam esta avisando os alunos bem antes do acontecimento para que os alunos pudessem prevenir alguma coisa para minimizar seus prejuízos, os professores. Deveriam com antecedência ter explicado para os alunos o porque estaria entrando em greve, qual o motivo da greve, o que estava levando eles não fazer aquilo, assim talvez os alunos e nem a cidades como todo teriam pensamento ao contrario do que foi de fato porque muitas pessoas estavam achando que a greve era só por questão financeira salarial, dos professores.

Por conta disso acho que deveria ter tido essa comunicação com os alunos para melhores esclarecimentos, com isso talvez teria evitado estas indecisões que ocorreu.

ENTREVISTADOR:

Olha só vocês passaram pela experiência de escola agrotécnica em transformação para instituto, com isso o que vocês percebem de diferença entre o que era agrotécnica e o q e instituto. Vocês podem indicar coisas positiva q vocês verem em quantos institutos ou negativa que vocês vêm com ele.

ALUNO 2: Uma coisa que eu percebi a poucos dias e que do 1 a 3 ano agente conhecia o quase todo mundo aqui na escola, no entanto enquanto instituto vieram muitas pessoas diferente de lugares distante, com novas culturas novas maneiras de ver novos pensamentos, e acho que isso contribui muito para a formação do aluno na maneira desses pensarem, maneira de agir diante de todas as situações porque são novas aprendizagens e isso é bom. Até agora não dá para ver os pontos negativos porque a escola está ainda em fase de construção e não deva para transformar completamente em instituto ainda, acho q deverá vir novos prédios, novos prof. E a partir de então q poderá aparecer mais pontos negativos e isso e porque não deu tempo de forma o instituto completamente.

ENTREVISTADOR:

Vocês falaram algo interessante é que poderão vir novas culturas e isso vai ensinar agente não vai aprender não e só dentro da sala de aula.

ALUNO 3: Não acho q convivência contribui bastante, por exemplo, maneira diferente de ver alguma matéria, talvez até facilite a aprendizagem porque eu falo como experiência própria, ma minha sala tem gente de vários lugares e agente esta fazendo como sempre fez e talvez a maneira diferente de ver dos que vieram pode ampliar nosso jeito de pensar, nossa visão.

ALUNO 2: Também concordo c ela em relação pontos positivos e também acredito q não tem ainda Esso de pontos positivos ainda porque está passando por um processo de transformação muito recente, mas a escola valorizou, trazendo os cursos superiores e isso valoriza mas só a escola mas cidade onde se consiste a escola dando oportunidade mas só para as pessoas de fora como principalmente p os q estas na cidade, q muitas vezes não tinham essa oportunidade tinha só o curso técnico mas não tinha essa concorrência agora no meu entender já oferece a faculdade evitando a saída das pessoas da cidade para buscar o futuro em outras cidades dessa forma ficam aqui em sua própria cidades promovendo o desenvolvimento legal regional.

ALUNO 1: Eu penso que a transformação da escola agrotécnica em instituto foi bem rápido mas a escola não estava estruturada p receber transformação rápida, então eu acho que a escola deveria se estruturar primeiro, por ex: estrutura não suporta tantos alunos, ela continua a mesma estrutura só q com mais pessoas a crianças de novas salas é um ponto positivos, o corpo docente também e um ponto positivo, pois com vinda de professores novos trazem novas experiências e entendem o lado do aluno e não ficam presos ao método tradicional. As principais melhorias da escola foram a construções de novos prédios acadêmicos e especialização dos professores. Com cursos de mestrado, doutorado e a vinda de novos professores. Com novas experiências e culturas e novas convivência eo olha negativa é esta questão da escola não está estruturada p a implantações de novos curso e a juntas de tantas pessoas em tão pouco espaços de tempo sem estrutura ao adequada.

ENTREVISTADOR:

Ele falou sobre novas metodologias, eu queria que vocês fizessem uma espécie de viagem não memória, eu gostaria que vocês falassem independente do professor. Da disciplina em aulas prazerosa, vocês conseguem se lembrar de alguma aula assim descreve para mim um pedacinho dessa aula como que era, como vocês aprendia com ele era desenvolvida e como acontecia.

ALUNO 1: Bom a aula que eu mais aprendi foi aula de zootecnia com o professor. Professor pois ele mostrava muita imagem e vídeos e além disso mostrava toda a aula exposta na sala na forma de aula prática, agente não ficava muito preso a leitura e sim á prática junto c o professor. No entanto tudo que víamos na prática in estava detalhado nas apostilas que ele nos fornecia.

ENTREVISTADOR:

E o que vocês aprenderam, fale um pouco do que vocês aprenderam.

ALUNO 1: Aprendi de todas as matérias um pouco de zoo 1 por ex., sobre codorna, peixe tudo que mandar falar eu consigo, não como algumas matérias q muitas coisas eu esqueci e de muitas coisas eu posso dizer que não vou ter a mínima idéia pois o que o professor. Falava eu não aprendi, as vezes dentro do contexto do que os professor. Falavam haviam palavras que agente não conhecia e isso fazia com que agente mas se interagisse no conhecimento da disciplina, deixando agente meio perdido na metodologia de ensino do professor.

ENTREVISTADOR:

Veja se vocês conseguem associar o que vocês aprenderam em zoo com outros conhecimentos de outras disciplinas em outras aulas

ALUNO 1: Por ex. o professor. Além dele falar de sua disciplina ele associava na oportunidade sobre assuntos de outras matérias, quando ele falava de peixe por ex. ele entrava na disciplina de suíno associamos as vantagens de um setor ao outro, com isso deu p perceber q quando ele falava da disciplina ativa ele comentava também em associação c disciplina do ano seguinte.

ENTREVISTADOR:

E os outros esta lembrados de alguma aula?

ALUNO 4: Eu lembro de uma aula q é de microbiologia e que o professor. fez questão de trocar de lugar com agente, agente passou uma semana explicado a matéria e isso ainda muito, porque quando agente vai passar a matéria no primeiro dia agente fica nervoso, e acabar q agente não passar tudo q agente sabe e com o tempo

agente vai perdendo mais a timidez o q ficou p traz agente acaba passando no dia seguinte, acho que esse tipo de aula havia bastante a visão que o professor. Tinha sala, quando algum colega atrapalhava, isso faz com a agente sente na pele o quando agente atrapalha c conversas paralelas, com isso agente acabava entendendo melhor a matéria, pois agente tinha uma semana para preparar tudo e entender da matéria além de aprender com os colegas no momento de tira duvidas na sala pode dizer que isso é trocar de papel com o professor. e isso ajuda muito pois, mas próximas vezes q agente ia explica a matéria agente ta adquirindo alguns método de ensinar e acabava aprendendo mais, esse método de aprendizagem faz com que eu aprenda para o resto da vida.

ALUNO 2: concordando com aluno 1, sobre as aulas do professor. Professor o bem professor. tem que falar, mostrar e provar, Professor era um tipo de prof. que explicava através de slide...o professor. Professor se colocava no lugar do aluno se interagir com o aluno, mostrando na prática como funciona não prendendo se na teoria, fazia com que o aluno 3 tivesse mais interesse com a disciplina deixando uma aula prática bem explicativa concreta de forma que o aluno se prendia cada vez mais á matéria.

ALUNO 1: Me lembrei de uma aula de biologia e o professor. que é uma aula descontraída a estilo da turma (jovem), sabendo entender o lado do aluno lembrei também dia aula sobre leite da professor. Daniela, ela se procura com o aluno passando saber se houve algum problema em casa com o aluno quando ele chegava na sala cabisbaixo, ela instrutiva o aluno a estudar, passa algumas histórias de vida bacana antes da aula, é muito exigente mas aulas práticas mostrando o que acontece mas empresa, fazendo c o agente tenha maior responsabilidade na aula, fazendo com que agente se sinta como se estivesse uma empresa.

ENTREVISTADOR:

Ninguém se lembra de uma aula do ensino médio

ALUNO 2 :

Aula de física com o professor. gera, apesar deve se prender muito ao tema teórico, ele era um prof. a buscam entender o lado ao aluno, de vez em quando ele trazia umas brincadeira que estava relacionada c a matéria é isso fazia com que o aluno fizesse sempre na expectativa de novas brincadeira da próxima aula fazendo com que o aluno se interagisse cada vez mais.

ENTREVISTADOR:

Além do ambiente sala de aula vocês aprendiam em outros ambientes, no inicio da entrevista vocês haviam falando da aprendizagem nos setores como acontecia isso.

ALUNO 3:

Ma sala vida a matéria teórica, no entanto na prática a convivência com os objetos e insumo que agente maneira faz com que agente fixa muito mais os temas da disciplina, e pode se observar que a interação dos administrativos dos setores no dava muito confiança na aprendizagem proposta, pois toda essa aprendizagem se dava na prática.

ALUNO 2:

Os administrando que tomava nos setores nos proporcionava muito mais aprendizagem, pois eles nos mostram tudo que vimos em sala de aula ma prática, demoro que conforme agente manuseia os produtos e equipamentos se torna mais fácil a discução do tema exposto durante a demonstração que o técnico ao ministro mostrava em acompanhamento as aulas praticas.

ALUNO 1: O que percebe e que a impressão que e passada e que na escola o que mais conta e o diploma, pois novos sem experiência pratica nos deixa inseguros nas informações que nos e passada. Muitas vezes víamos que nos setores enquanto fizemos estágios percebemos que os técnicos administrativos com muito mais tempo de trabalho conseguiram passar para a gente as informações das disciplinas que os professores. Os professores por serem novos e com pouca experiência pratica não conseguem passar segurança para gente.

PESQUISADOR – Pedimos que citassem aulas em que tivessem aprndido muito e de uma maneira prazerosa, descrevam

ALUNOS: o professor mostrava imagens e vídeos e faziam teoria e prática e gravávamos tudo em questão da metodologia de imagens

PAI 1

PESQUISADOR Como se dá sua participação na escola

ENTREVISTADO normalmente eu vou só nas reuniões bimestrais que tem, quando eles mandam correspondência...quando vão entregar notas saber como está o rendimento do aluno...quando eu vou levá-lo e sempre pergunto algum professor...

Mas elas demoram a escola poderia ter outras pessoas qualificadas inspetores para atender agente pra não perder tanto tempo... pois demora muito...

PESQUISADOR Por que escolheram esta escola?

ENTREVISTADO 1º conversamos com ele se ele tinha interesse de ir pra lá... foi mais decidido por isso devido a escola ser de referência federal que pode dar uma condição melhor pra ele foi decidido por isso...

PESQUISADOR O que vcs sugerem para melhorar a escola?

ENTREVISTADO Alguém da escola ou mesmo de fora para avaliar o ensino pra acompanhar uma aula dentro de sala de aula pra ver se está tendo bagunça do aluno... pra saber se a deficiência é do professor ou do aluno ... o que eu vejo é que existe bons professores na escola ... mas também tem uma parte de não tem muito interesse não... uma pequena parte...

PESQUISADOR seu filho faz dois cursos vc haja que os dois tem a mesma qualidade?

ENTREVISTADO eu percebo que pra ele não dá valor no outro ele gosta mais do ensino médio

PESQUISADOR deixe uma mensagem sob a visão da escola, como ela pode influenciar na comunidade?

ENTREVISTADO ela é uma escola que tem potencial tem mais de 50 anos e a expectativa é que ela realmente melhore o ensino ...

PESQUISADOR O que vc entende por currículo acompanhamento que a escola faz durante o ensino

PESQUISADOR Por último eu peço que vc deixe uma mensagem e sua expectativa sobre a escola

ENTREVISTADO bom... é uma boa escola senão já teria fechado a expectativa que eu tenho é que ela continue e que ela possa trazer outros cursos ...na área de 3º grau pra que nossos filhos não precisem estudar fora

PESQUISADOR Então eu lhe agradeço pela participação e se você tiver mais alguma coisa a dizer fique a vontade

ENTREVISTADO Eu é que agradeço o papo agradável

PAI 2

PESQUISADOR: Eu vou conversar agora com uma Pai que Pai que agora é prof. PAI e Aluno que é a filho que é T no instituto, a primeira idéia que agente vai discutir um pouquinho é o que vocês entendem pro currículo. O que vocês já ouviram falar de um currículo?

PAI: Eu acho que currículo são as disciplinas e tudo que envolve dentro da escola é o currículo a forma de como a escola trabalho as disciplinas, como entra o trabalho de supervisão direção, professores, tudo isso entra também como parte do curriculum, não soas as disciplinas, mas tudo que envolve o dia a dia o cotidiano da escola faz parte do curriculum da escola.

PESQUISADOR: Então quando você participa de reuniões os pais também vão lá, então isso seria? E vocês participam?

PAI: Sim Então todas as reuniões da escola eu participei.

PESQUISADOR: Quais as que você participa Aluno

Aluno: Eu foi colocada como líder da sala então todas reuniões que era para o presenteando sala eu participava, normalmente para resolver alguma problema com alunos.

PESQUISADOR: E quais foram essas revinão do conselho disciplinar?

Aluno: Sim, é essa reunião mesmo.

PESQUISADOR: E lá você discutir o assunto, votava e ajudava a tornar decisões?

Aluno: Sim, e isso mesmo, na construção do regulamento.

PESQUISADOR: E no conselho de classe você participa? Você sabe como participa na escola? Você acha que um aluno deveria participar?

Aluno: Acho que sim, para reivindicar, o que que ele acha que está errado o que ta precisando o que acha que deve melhorar.

PESQUISADOR: Olha para você vê um conselho de classe é para avaliar o aluno, você acha que o aluno deve avaliar ele mesmo?

PAI: Eu acho que deveria também, a conduta pelo menos né, parece o 1º ano por ex: que teve a sala questionar numa matéria que não ia bem porque a turma não deixava o professor da aula.

PESQUISADOR: Uma auto avaliação

Aluno?

PAI: Sim, uma auto-avaliação, porque o conselho de classe não já ali para discutir nota de Aluno né! Acho que conselho de classe é para ver o pedagógico para ver o que ta acontecendo com o aluno o que pode melhorar o que não ta indo bem? O que precisa ser mudado? É não discutir: eu tive 3 alunos com nota vermelha e tal e esse aluno são indisciplinados, mas é isso só, acho que conselho de classe é discutir o que esta errado o que não está funcionando, por ex. se acha que não esta funcionado a a parte da avaliação! E sentar com a prof. E setor pedagogia e discutir que maneira vai mudar aquilo, aprendizagem, porque não esta acontecendo em determinadas disciplinas discutir tudo junto, a experiência de um professor e não precisa ser nem na mesma área a troca de experiência entre profissionais. Tudo isso ajuda, então eu acho que conselho de classe não é ficar ali discutindo aluno que perdeu nota não. Acho que é isso ai é ver como prof. Melhora ver o que a escola precisa buscar para que realmente a aprendizagem aconteça.

PESQUISADOR: Aluno você já imaginou participando de um conselho de classe desse modo, como sua Pai falou?

Aluno: Como eu posso dizer, para falar o que eu acho das aulas, ver o que pode melhorar.

PESQUISADOR: Você já deu essa idéia lá não olha às vezes a gente participa ou não, e tem razões em participar ou não, o que te impede de participar.

Aluno: Nada

PESQUISADOR: Tem também aquela questão ne PAI, na verdade, às vezes agente chama muito pais para a hora do boletim.

PAI: Mas isso é uma questão que a escola também faz errado assim, não sei como é a forma lá errado no meu ponto de vista porque são tanto prof. E tantas Meira de pais que nos não damos contra de visitar e conversar com todos os prof. Nomes no dia eu nunca consegui falar com a metade dos professores O Aluno tem, então eu priorizada as matérias que ela estavam maiores dificuldades.

PESQUISADOR: Então precisariam que tivesse um outro horário?

PAI: Sim, não sei com mas acho que sim, acho que a escola poderia reunir por turma entendeu? E nesta reunião estar todos professores presentes, porque ali daria conta da gente conversar com eles a respeito de todos os assuntos.

PESQUISADOR: Você sabe que isso uai render muito dias de reunião porque são muitas turmas.

Mas mesmo assim eu acho que deve ser principalmente as o que estão dando mais trabalhado no 1ª ano a turma de Aluno era tachada como a turma que dava mais trabalho na escola e eu nunca foi chamada para uma reunião, eu foi lá de intrometida e foi intrometida porque eu vi que não estava havendo aprendizagem numa das disciplinas ai foi lá saber o que estava acontecendo. E ai que fiquei sabendo que a turma dela estava insuportável e que não deixava o professor da aula, eu não sentir uma abertura para esta participação não entendi porque eu nunca fui chamada na escola se minha filho dava tanto trabalho na escola? E isso eu questione lá, ai falara não era o caso dela, mas para mim quando juta a culpa é para todos, e por isso que estou falando se o conselho de classe fossem direciona por turma, na questão de as turma não estão aprendendo porque o aluno não esta deixando o professor da aula, estas turmas problemáticas, pois se os alunos não estão aprendendo a filho pode ser da escola também, as reuniões do modo que esta sendo continua falhando porque os pais não tem como falar com o prof. E quando ele chega no prof. A fila ta enorme para falar com o prof. E talvez o prof. Nem fale tudo que deveria falar naquele momento, a escola poderia também chamar os pais para reunir com as turmas de alunos problemáticos, porque nos pais para reunir com as turmas de alunos problemáticos, porque nos pais trabalhamos dia inteiro fora de casa e não temos tempo para acompanhar de perto nossos filhos, e a escola passa mais tempo na escola que como agente em casa, então se a escola não convida os pais para saber da contudo do filho na escola como que os pais vão ficar sabendo.

PESQUISADOR: Você falou comigo sobre a questão do pai que trabalha o dia inteiro que horário que momento que você acha que seria mais fácil, você deu uma de atrevida e é seu direito você sabe disso.

Havia um problema e eu ouvia saber o que era.

PESQUISADOR: Olha só que horário, como poderia facilitar esse acesso? Tem um horário? Que facilitar a isso?

PAI: Eu acredito que poderia fazer um levantamento pro turma, mandar um recadinho para os pais pedindo opinião a maioria.

PESQUISADOR: O que faria isso, qual profissional:

PAI: eu acredito que seria o setor pedagógico da escola.

PESQUISADOR: de que maneira ele se responsabilizaria?

PAI:Eu acredito que sim ou esta até fazer o que? A aparte pedagógica poderia também convidar pais para fazer parte disso ai.

PESQUISADOR: É uma espécie de conselho de pais?

PAI: Sim como pais o representasse os outros pais, pois há muito pais de outra região.

PESQUISADOR: Olha só o aluno tem que ter sim a critica da escola, porque nada sem malícia não funciona bem, até muitas vezes agente tem que se atualizar justamente porque é preciso, então pesando nessa escola e até nas criticas que agente pode fazer, porque foi escolhido esta escola, que encolheu.

Aluno: Eu ai escolhi, e escolhi porque meu irmão falava que era muito bom e ele fazia agropecuária e demonstrava um ensino de vida, Anderson falou que ele gostava do curso que fazia o curso de informativa com um ano e meio mais era integrado estão resolvi entrar e tiver o apoio de mentir para convencer minha Pai. Ai comecei o curso e gostei muito, principal de ficar o dia todo na escola embora muito me diziam eu ia causar, no entanto agente não cansar pois agente sempre estar pertos dos amigos e eles me da o maior apoio em momentos de dificuldades tipo quanto agente tira notas baixa. Na escola era o dia todo, mas parecia que era só uma turma igual qualquer outra escola, para mim foi muito bom estudar na escola agrícola.

PESQUISADOR: Porque você não queria Pai?

PAI: Porque na realidade ela queria a escola agrícola porque achava que o ensino lá era bem melhor que o do colégio e a realidade é essa. Como Antonio Augusto já tinha estudado na escola agrícola e a parte pedagógica e já tinha visto acompanhamento em revisão e tudo não tento que reclamar da parte técnica que nem Antonio Augusto, mas agora a ensino médio eu até falei com ela há diferença entendeu ela ia sair de uma escola que ela achava que lá era bem diferente e eu ia não concordava com ela porque eu já tinha uma outra experiência com

Antonio augusto entendeu? Mas ela bateu que ela queria por causa do técnico também porque ela queria fazer o técnico em informática e foi o que mim convenceu, porque se fosse só o médio para ela ficava dois turno eu não deixaria, porque pra mim não tava fazendo muita diferença entre o médio do colégio e o médio da escola agrícola.

PESQUISADOR: A que você assoai essa você ta dizendo que não há diferença do médio se comprando a outras escolas, porque qual você acha é problema que você acha.

PAI: Eu acredito que seja problema de prof. querer ou não inovar? Pelo fato de serem efetivo e complicado por que já está garantido a vaga dele ali e ele continua dando a aula sempre da mesma forma e acha o que ia aprender. Eu não entendo porque os professores da escola agrícola geralmente todos estava fazendo mestrado e até doutorado e porque a cabeça não muda, e não acredito que uma pessoa que está inovando fazendo cursos ela tinha que ter uma cabeça aberta para mudança eu vejo essa parte, no ano que Antonio Augusto estudou teve problema com espanhol ou inglês aula de inglês, eu já achava tudo isso meio estranho, pois mesmo que ela tivesse Aluno infelizmente o sorriso dela que queria fazer informática e quanto ela fornecer o ensino médio ia fazer arquitetura e a base de arquitetura e matemática e física.

Aluno: meu sonho maior Pai é engenharia mecatrônica

PAI: acontece a base física e matemática, para matemática ela estará tendo aprendizado mas física não havia, e o que aconteceu na escola. O primeiro não foi o mesmo professor do segundo ano eles não mudaram que deveria trocar de professor conseguiram ter uma aprendizagem, por que física em conteúdo depende do outro de ver uma defasagem, ta virando uma bola de neve muito grande, eles não aprenderam muita coisa no 1º dia do ano, quando chegou no 2º ano, para aprender a matéria do 2º depende do 1º e ta indo. Quando chegar no 3º ano a mesma coisa.

PESQUISADOR: olha só você me disse, que dentro da escola parece que as pessoas se achavam com a efetivação, existem outras escolas públicas que também são efetivas isso é geram na escola pública?

PAI: não posso falar que é geral, mas não vou falar que é exceção não, porque do mesmo jeito que você vê numa escola particular trabalha professor da escola pública mas não é da mesma forma. Rariscimos os professores que dá mesma forma que ele trabalha na escola particular trabalha na pública, tem acomodação sim. Infelizmente tem que não deveria ser.

PESQUISADOR: na verdade o curso de Aluno é um curso integrado e agente falou de currículo, agora pense nesse mesmo currículo que você falou que vocês duas descrições muito consciente muito importante boas, pense no currículo integrado o que seria isso.

PAI: no currículo integrado ela vai ter mas matérias do ensino médio com o técnico ela já sairia com uma profissão não é?

PESQUISADOR: é o caso dela não é?

PAI: além dela fazer o ensino médio ela sai com uma profissão que é de técnico em informática né?

PESQUISADOR: você tem alguma curiosidade a respeito?

Aluno: risos...

PESQUISADOR: olha só essa é uma das razões que pedi esta entrevista com você, pois na verdade o pai e a mãe que vê ali, ele faz uma contribuição para o filho mas faz também uma contribuição para a escola, e aí é uma contribuição para uma sociedade inteira, então você presta atenção o que você sente falta em termos de conteúdo, falta um conteúdo, para corresponder à expectativa que você tinham?

PESQUISADOR: Olha você tem uma série de disciplinas dentro dessas disciplinas tem uma série de conteúdos, materiais como você gosta ou chamar matérias não é, faltou alguma matéria?

Aluno: Sim, faltou arte e espanhol, porque tipo assim você tem espanhol no 1º ano não tem inglês, mas agente tinha como o curso de informática, para você fazer um programa, para instalar programas muitos só vem em inglês e não tinha uma chamada de inglês instrumental só que inglês instrumental não tinha teoria no inglês instrumental, mas tinha com traduzir um texto para saber as palavras a que significa o que se entende e eu achava errado porque colou aula de relações interpessoais só a eu achou que variações interpessoais e o mesmo

que filosofia e agente tinha isso na semana ao invés de pegar esta relações interpessoais e colocar uma matéria que era português instrumento que agente precisava disseram que não podia que tinha professor, mas na realidade havia prof. só não sabemos se o professor tinha tempo se ele podia pegar as aulas.

PESQUISADOR: Olha só que você diz para mim que parece que arte era aula de filosofia parece que misturava as coisas um pouco você Mem falou também que me parece que a aula de inglês instrumental se misturava com outra disciplina

. **Aluno:** Não, eu quis dizer assim, que relações interpessoais, era a mesma a coisa de filosofia pois o que agente estava aprendendo em filosofia, aprendia também em relações interpessoais em tão misturava, ela não ia ao ponto da matéria ele ficava pegando mais na filosofia, aí ficava como se tivéssemos duas aulas de filosofia no decorrer da semana já inglês instrumental no 1º ano não tinha inglês mas tinha espanhol, aí agente aprendia um pouco de espanhol e não 2º anos corta espanhol e coloca inglês, isso que eu não tendendo, nós tinha uma base +/- de inglês por causa da técnica porque precisava do inglês para os programas a instalar no computador, durante instalação tinha algumas coisas no computador em inglês e agente tinha que saber o que era para ver se estalava certo era nossa dificuldade. Eu penso assim em vez de colocar duas disciplinas parecidas podia colocar uma matéria que agente precisasse, tipo quanto agente foi a uma palestra, o professor deu uma palestra e ele mostrava na slide as matérias que a gente iria ter no 2º ano, quanto ele deu esta palestra foi no 1º ano para explicar o que era um estágio que não precisava preocupar tanto assim, ele falou que muito ia a sala dele fazer perguntas sobre estágio então resolver revisar todo e explicar

PESQUISADOR Você comentou alguma coisa de artes, vamos falar disso.

PAI A respeito de arte... não vai ter aula de arte? Em tempos de Enem é preciso... Como o inglês. A necessidade de acomodar turmas de cursos diferentes traz um problema uma turma fica defasada por que para o ensino médio elas juntam mesmo que tratam de cursos diferentes e quando

ALUNO Deveria ter todos os anos inglês e todos os anos espanhol

PESQUISADOR Sobre o estágio fale um pouco

PAI

ALUNO No estágio vc pode escolher o que vc quer estudar O estágio pra mim era pra eu ver o que eu não tinha aprendido na sala e não ficar só na teoria.

PESQUISADOR Como eram a relação com aqueles professores “preferidos”

PAI

ALUNO era por causa da linguagem agente aprendia brincando ...

PESQUISADOR Mas e aí querido, vc falou que estas aulas eram interessantes o que elas tinham uma a ver com a outra?

PESQUISADOR Sua mensagem final... querido

ALUNO Minha mensagem é ... se eles querem reivindicar o que tá errado não tenham medo ... por que tudo eles pensam que vai ser suspenso... mas eles tem que correr atrás...

PAI você tentar fazer uma pessoa ver diferente é muito complicado... mas eu acho que é uma coisa que precisa urgente na escola é isso aí que o professor use o que ele está aprendendo no mestrado no doutorado e aplique na sala de aula... eu acredito que devam trazer os pais pra dentro da escola que eles sejam ouvidos... quando você vai na escola você é tido como chato mas eu acho que precisamos reivindicar os direitos... vê o sistema é integrado mas não priorize só o técnico... a arte não tem valor mas o aluno tem que saber pra o vestibular o Enem...o aluno tem que saber... quantos alunos do médio estão reaproveitando o curso superior...No médio parece que as matéria estavam soltas... Um professor me falou que os alunos não sabiam fazer sínteses críticas e aí eu disse não é passar a bola pra frente é descascar o abacaxi... e eu acho que funcionou quando eu falei com o professor... ele trabalhou e deu resultado.

o ensino médio deles é nesta escola eles deveriam ser os alunos do superior... acho importante ..tá na hora de a escola aproveitar esta parte aí... A escola que tem o ensino médio tem que fazer de tudo pra reaproveitar os

alunos no superior ... não é justo outros virem pra ocupar as vagas ... mas o curso de ensino médio tinha que dar suporte pra isso.. que a maioria dos alunos querem também o curso superior.. tá na hora de a escola aproveitar isso!!!!

PESQUISADOR – Nós encerramos por aqui e eu agradeço imensamente.